

Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

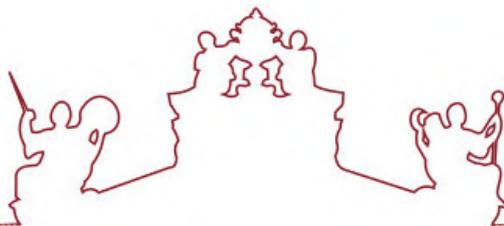
Dissertação

Educação e Recreação nas Cidades: o Jardim Infantil do Bairro da Malagueira: Projeto participado por crianças na recuperação de um espaço lúdico subaproveitado

José Miguel Alves Barata Ribeiro de Albuquerque

Orientador(es) | João Gabriel Soares

Évora 2025



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

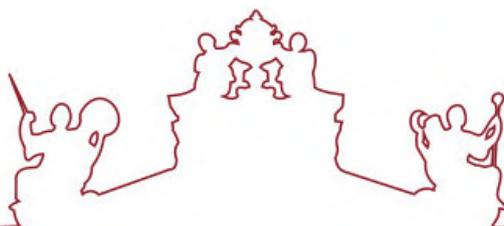
Dissertação

Educação e Recreação nas Cidades: o Jardim Infantil do Bairro da Malagueira: Projeto participado por crianças na recuperação de um espaço lúdico subaproveitado

José Miguel Alves Barata Ribeiro de Albuquerque

Orientador(es) | João Gabriel Soares

Évora 2025



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Pedro Guilherme (Universidade de Évora)

Vogais | Ana Pellitero (Universidade de Évora) (Arguente)
João Gabriel Soares (Universidade de Évora) (Orientador)

Educação e Recreação nas Cidades

O JARDIM INFANTIL DO BAIRRO DA MALAGUEIRA EM ÉVORA

Projeto participado por crianças na recuperação de um espaço lúdico subaproveitado

Tese de Mestrado em Arquitetura
Universidade de Évora

José Miguel Alves Barata Ribeiro de Albuquerque (n.º 33795)

Presidente do júri

professor doutor Pedro Miguel Hernandez Salvador Guilherme

Vogais

professor doutor João Gabriel Candeias Dias Soares (Orientador)

investigadora doutora Ana María Moya Pellitero (Arguente)

Tese corrigida segundo alterações sugeridas pelo júri nas prova públicas realizadas no dia 01 de Abril de 2025, Biblioteca Jorge Araújo (Colégio dos Leões, UÉvora).

Este trabalho obteve a classificação final de 20 valores.

Abril de 2025

Agradecimentos

Ao Jardim-Infantil Pestalozzi.

À Associação Os Pioneiros de Portugal, onde se aprende a Participar.

Aos companheiros de luta.

Ao Sacadura Cabral.

A todos os artistas que fazem sonhar.

Aos amigos.

Ao Alcides, aos Guias e à Adoração em Árgea. À Ana Bela Garcia e Helena Garcia, Maria Teresa Pinto e Maria Luísa Lima, ao Rui Manuel Albuquerque e José Barata. À Rute Garcia, ao Mário Melo, ao João Mendonça, à Filipa Albuquerque, à Paula Albuquerque, ao António Varela e Joaquim Tvarberg. Ao Artur Melo, Eunice Mendonça, Frederik Tvarberg, Tiago Varela e Tomás Varela. Belos dias os da infância.

À Marta Garcia, pelo apurado sentido estético, pela alegria de viver e toda a confiança, sempre. Ao Rui Albuquerque pelo sentido crítico sobre a Cidade e todas as coisas. Ao João Albuquerque que me acompanha e não me deixa só.

Às Bibliotecas consultadas.

Ao professor orientador deste trabalho, arquiteto com quem se deliniou fulcrais abordagens de intervenção.

Aos professores, colegas e funcionários da Universidade de Évora. Especial agradecimento ao Departamento de Arquitetura.

Aos Serviços do Arquivo Municipal de Évora (CME).

À Cooperativa Giraldo Sem Pavor, que cedeu as suas instalações no dia do passeio.

À Marta Oliveira que se empenhou neste projeto.

À Clara Saracho que soube chegar no momento certo e trouxe o que era preciso conhecer.

À Sónia Barata pela experiência incansável na correção das escritas e tudo, sempre.

Especial agradecimento ao presidente Abílio Fernandes que acreditou na Malagueira. Ao arq. Álvaro Siza Vieira e ao arq. Nuno Ribeiro Lopes pela obra conseguida. A todos agradeço o valoroso contributo.

Aos professores da Escola Básica Conde Vilalva e especial agradecimento a todas as crianças que participaram neste projeto.

Aos que lutam por um mundo sem desigualdades,
A todos os que brincam e vivem na Cidade.

Pelo direito a Participar.

ÍNDICE

Resumo | Abstract

Problematização – motivação e pertinência

Metodologia – Cidade, sala de aula e o jardim infantil

Objeto

Objetivo

Constituição da República Portuguesa – enquadramento sobre a infância

PARTE I INTRODUÇÃO - Cidade Industrial, Saúde e Participação das crianças na Cidade

Revolução Industrial, Cidade e Urbanidade, Natalidade	25
Pedopsiquiatria, Motricidade Humana e Antropologia do Espaço	29
A importância de Brincar para a aprendizagem - brincar, jogar, rua, parque infantil, sala de aula	33
Cidades Amigas das Crianças e a Cidade Educadora - promover a Cidade como instrumento de conhecimento e Participação	37
Elvira Leite - Metodologia de ensino participado pelas crianças e jovens, na cidade e no museu	41
Entrevista ao presidente Abílio Fernandes	47
Entrevista ao arquiteto Álvaro Siza Vieira	49

PARTE II As cidades e a Participação, a Escola e a Sala de Aula

Escolas e Arquitetura - <i>Kindergarten</i> , <i>Open Air Schools</i> , Escola <i>Montessori</i> e “edifícios monumentais”	54
<i>Fuji Kindergarten</i> , Tóquio, 2007	55
<i>Corona Avenue School</i> , Los Angeles, 1935	59
Escola <i>Montessori</i> de Delft, Países Baixos, 1966	63
Escola Primária da Quinta do Cedro 1959	66
Jardim de Infância João de Deus, Penafiel, 1991	69
Instalações efémeras em contextos urbanos por meio da participação ativa - democratizar e ensinar a arquitetura	72
Entrevista ao arquiteto Álvaro Siza Vieira	76

PARTE III O BAIRRO DA MALAGUEIRA E O JARDIM INFANTIL

78	Álvaro Siza Vieira, obra e método projetual
80	Processo SAAL e a participação popular
84	O Bairro da Malagueira
92	Jardim Infantil da Malagueira
94	Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana, Arquivo Municipal (CME)
98	A Conduta e a zona do jardim infantil
101	Fotografias do passado
102	Esquissos do arquiteto Álvaro Siza Vieira
105	Documentos digitalizados pelo Arquivo Municipal (CME)
114	Fotografias do Jardim Infantil da Malagueira
121	Fotografias retiradas da internet
122	Entrevista ao presidente Abílio Fernandes
125	Entrevista ao arquiteto Nuno Ribeiro Lopes
128	Entrevista ao arquiteto Álvaro Siza Vieira

PARTE IV

AULA DE CAMPO E MAQUETES PARA O JARDIM INFANTIL DA MALAGUEIRA

Intervenções que antecederam a maquete	134
Levantamento do Jardim Infantil da Malagueira	139
Plantas e Cortes do Jardim Infantil da Malagueira	142
Alçados dos edifícios envolventes ao Jardim Infantil da Malagueira	144
Maquete - fotografias da sua montagem e transporte	145
Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade	147
Atividades desenvolvidas no dia do passeio	149
Fotografias do Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade	152
Caderno Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade	166
Resultado global das atividades propostas e dos exercícios e Inquérito incluídos no caderno	168
Trabalho em sala de aula e o Plano de intervenção para as maquetes formado por grupos de trabalho	173
Esquema das salas de aula na Escola Conde Vilalva em Évora	175
Grupos de Trabalho	176
Produção e resultados finais das maquetes	182
Resultados finais	194
Entrevista ao arquiteto Álvaro Siza Vieira	199
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos	201
Bibliografia	202
Anexos	
Certificados de participação em seminários	207
<i>Caderno Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade</i>	212

Utopia, José Afonso (1983)

Cidade

Sem muros nem ameias

Gente igual por dentro

Gente igual por fora

Onde a folha da palma

Afaga a cantaria

Cidade do homem

Não do lobo mas irmão

Capital da alegria

Braço que dormes nos braços do rio

Toma o fruto da Terra

É Teu a Ti o deves

Lança o Teu

Desafio

Homem que olhas nos olhos que não negas

O sorriso a palavra forte e justa

O homem para quem nada disto custa

Será que existe lá para os lados do Oriente

Este Rio este Rumo esta Gaivota

Que outro fumo deverei seguir

Na minha Rota?

Resumo

As crianças são seres em desenvolvimento que necessitam de um ambiente propício ao seu crescimento saudável, onde possam brincar e aprender. Nas cidades contemporâneas, moldadas predominantemente pelos paradigmas da Revolução Industrial, os espaços públicos frequentemente excluem a participação infantil. A predominância do Valor de Troca sobre o Valor de Uso no contexto das cidades capitalistas fomenta a especulação imobiliária, impactando negativamente no desenvolvimento social e educativo das crianças e das próprias sociedades urbanas. O modelo urbano vigente acarreta consequências para a saúde física e psíquica dos cidadãos. Privadas de autonomia e mobilidade, as crianças passam grande parte do tempo distantes dos espaços exteriores e da vida urbana, confinadas em salas de aula inadequadas às suas necessidades. Este trabalho aborda, na sua vertente teórica, temas como a evolução das cidades, as arquiteturas escolares e oficinas criativas em contextos urbanos participativos, envolvendo crianças e jovens. Na componente prática, o estudo centra-se no Jardim Infantil da Malagueira, em Évora, local selecionado para o projeto final. Nele, as crianças da Escola Conde Vilalva em Évora foram convidadas a desenhar e maquetizar um novo espaço lúdico para o jardim.

Resume _ *Education and Recreation in Cities; the Malagueira Playground; Project participated by children in the recovery of an underused play space*

Children are developing beings who require an environment conducive to their healthy growth - spaces where they can play and learn. In contemporary cities, predominantly shaped by Industrial Revolution paradigms, public spaces often exclude children's participation. The prevalence of 'exchange value' over 'use value' in capitalist urban contexts promotes real estate speculation, negatively impacting both children's social and educational development and urban societies as a whole. The current urban model generates consequences for citizens' physical and mental health. Lacking autonomy and mobility, children spend most of their time disconnected from outdoor spaces and urban life, confined to classrooms that fail to meet their needs. The theoretical dimension of this work examines themes such as urban evolution, school architecture, and creative workshops in participatory urban contexts involving children and youth. The practical component focuses on the "Malagueira Children's Garden", one Playground in Évora, the selected site for the final project. Here, children from Conde Vilalva School in Évora were invited to design and create scale models for a new recreational space in the garden.

Problematização – motivação e pertinência

Há que atender à necessidade de responder a uma questão que fundamenta esta tese: porquê a relação entre as Crianças e a Cidade?

De acordo com o programa das Cidades Amigas das Crianças, UNICEF 2019, o desenvolvimento saudável das crianças é crucial para o futuro de qualquer sociedade urbana. As crianças são seres individuais, com direitos próprios que não estão plenamente garantidos.

Elas deverão ser membros activos da sociedade - pela promoção da cidadania, pelo reforço da coesão social e dos valores democráticos. As crianças estão numa situação mais vulnerável às condições em que vivem, à violência, à qualidade da habitação e do meio ambiente, atmosférico e urbano; são afetadas pela ação ou inação dos decisores políticos – as crianças não votam e não têm quem as represente nas assembleias públicas – pelo que a sua Participação seria aconselhável para influenciar decisões nas freguesias, nos municípios e nos governos.

A população e as crianças apresentam sintomas cada vez mais graves de falta de harmonia psicológica e social.

No decorrer deste trabalho, entender-se-á que muitas cidades quebram as ligações ancestrais à necessidade dos seres humanos contactarem com ambientes exteriores e com a natureza. As cidades, em vez de criarem comunidades, fragmentam-se e segregam

a população, semeando o ódio e a revolta numa sociedade já estratificada em classes sociais.

Por estas razões se entende a necessidade das crianças poderem expressar a sua opinião sobre a cidade em que vivem, onde possam usufruir de serviços públicos de qualidade, com equidade no seu acesso, bem como na educação, na alimentação e na saúde. É, portanto, fundamental garantir o acesso a água potável e saneamento básico; à saúde; à protecção contra violências e maus-tratos, abuso ou exploração; ao desporto; à participação em eventos culturais. É um direito consagrado passear na rua em segurança, e usufruir de espaços verdes e de lazer; viver num meio ambiente não poluído e saudável ao desenvolvimento infantil, enfim, Participar e viver em Cidades e Comunidades Sustentáveis.

Pensar nas cidades para as crianças é uma opção política que determinará a qualidade dos percursos, das brincadeiras, da paisagem urbana e da vida (em geral) das crianças – parques e jardins com infraestruturas que lhes são dirigidas, campos desportivos cuidados, seguros e vigiados, são um garante de brincadeiras saudáveis e atentas.

Nas deslocações dentro da cidade é importante que as crianças realizem de forma autónoma os percursos Casa - Escola - Casa. Uma cidade pensada também para as crianças será uma cidade mais segura concedendo as ferramentas para que estas sejam autónomas, acrescentando novas possibilidades de percursos como Casa - Escola - Jardim - Casa ou Casa - Escola - Biblioteca - Jardim - Casa, entre outras

possibilidades de programas.

As crianças podem ser um indicador sensível sobre a Saúde de uma região urbana ou cidade. Se num território forem encontradas crianças a brincar e a passear sozinhas, esse indicador visível reflete a autonomia e independência dos cidadãos mais jovens, algo que se verifica em algumas cidades no Norte da Europa, principalmente quando neva, como refere Aldo Van Eyck.

Uma cidade onde as crianças passeiam sozinhas corresponde a uma cidade segura, com forte potencial integrador social e intergeracional, isto porque, uma cidade amiga das crianças é uma cidade amiga de todos.

O Urbanismo e a Arquitectura são instrumentos que motivam uma organização social. Por de trás de cada linha pelos arquitectos esculpida, há um ideal de como se vai habitar o espaço projetado, um ideal de comunidade e de relações interpessoais com o espaço proposto.

Metodologia – Cidade, sala de aula e o jardim infantil

Aproveitou-se a Liberdade para estudar os temas de Lutas Sociais e Arquitetura e criticar a realidade em que se vive. Há um certo choque ao entender-se, através de Henri Lefebvre, no livro *Direito à Cidade* (2008), que a Avenida dos Champs Elysee em Paris não é mais que uma máquina de guerra muito ornamentada. Decidiu-se então inserir uma crítica às cidades desenvolvidas a partir da Revolução Industrial - período que se inicia na segunda metade do século XVIII.

Irá entender-se que o desenvolvimento Liberal em curso nas Cidades desta Idade Contemporânea, que os Historiadores identificam como ainda vigente, retira protagonismo aos seus residentes. Direccionam-se os interesses prioritários para as máquinas (indústrias e automóveis), para o consumo, para as finanças e a especulação imobiliária, tendo como consequência demográfica o decréscimo da natalidade.

O tema sobre as Cidades e as Crianças é cativante pela abrangência dos temas envolvidos. Os caminhos possíveis para a resolução dos problemas que se vão enunciar são vários e a Arquitetura e o Urbanismo têm grande responsabilidade na matéria. Será necessário construir as infrasestruturas necessárias para acolher iniciativas como as Cidades Educadoras.

Recolhida matéria de estudo em número suficiente, decidiu-se trilhar o caminho assinalando os maiores problemas apontados às crianças nos dias de hoje. Em

Portugal, já não se põe o problema do trabalho infantil, nem o problema do analfabetismo - o grande problema é o Sedentarismo e o desuso do espaço público por parte das populações urbanas infantis .

Como será uma Arquitetura do Sedentarismo? Vai ter semelhanças com o tema “Habitar Mínimo” ou será literalmente como no filme *Wall-E* (2008) da Walt Disney, onde a Humanidade acaba a “existir” em permanência numa esferoide planadora?

Que não se queira ter de responder a esta pergunta.

A pergunta terá de trilhar caminhos mais desafiantes: Como pode a Arquitetura e o Urbanismo combater o Sedentarismo? O ser humano, assim como todos os mamíferos, brinca de forma espontânea e naturalmente. A resposta não deve andar longe.

A componente teórica da presente dissertação segue a seguinte ordem de pensamentos:

SAÚDE

Antropologia de espaço, Pedopsiquiatria e Motricidade Humana;

EDUCAÇÃO

Elvira Leite, espaços de ensino e a sala de aula, Open Air-Schools, Maria Montessori;

PROGRAMAS INSTITUCIONAIS

Cidades Educadoras e Cidades Amigas das Crianças;

BAIRRO DA MALAGUEIRA

Operações SAAL e o arq. Álvaro Siza Vieira; o Jardim Infantil da Malagueira

PARTICIPAÇÃO

Projeto participado por crianças para reativar um espaço lúdico subaproveitado

Na componente prática foi desenvolvido um projeto com a participação de crianças de uma escola pública de Évora.

O projeto teve como espaço de intervenção o Jardim Infantil da Malagueira, toponímia registada nos Arquivos Municipais (DORU/CME).

Na placa de toponímia o espaço identifica-se como “Parque Desportivo Avenida do Escurinho”. Nome que não se utilizou por não terem sido encontradas mais referências a ele associadas no Arquivo Municipal CME.

Projetou-se uma Aula de Campo intitulada Passeio (Cri)Ativo pela Cidade. O percurso fez-se a pé, entre a Escola e o Jardim Infantil. Pretendeu-se revitalizar um Espaço Lúdico, subvalorizado, com Atividades planeadas in situ.

Para este passeio foi elaborado um Caderno que se entregou a cada criança antes de se iniciar o percurso. No caderno inclui-se um Inquérito. Na sequência do passeio, as crianças foram convidadas a realizar maquetes conjuntas, em contexto de sala de aula.

O final de cada uma das cinco partes que compoem a dissertação, é rematado com um excerto transcrito da entrevista ao Arquiteto Álvaro Siza Vieira. No final da primeira e terceira parte, inclui-se a entrevista ao antigo presidente da CME, Abílio Fernandes. No final da terceira parte a entrevista ao arq.to Nuno R. Lopes.

Objeto

A presente dissertação teórico-prática tem como preocupação principal as Cidades, as Escolas e o crescimento saudável das Crianças. Defende-se a participação das populações no momento de pensar a Cidade e o Espaço Público. Toma-se como matéria de estudo as Cidades e as Escolas, dividindo-se o texto fundamentalmente em quatro partes:

(Componente teórica)

. Introdução em que se apresenta uma crítica à Cidade Industrial e às consequências nefastas para a Saúde de quem a habita - teses defendidas pelo professor Carlos Neto e o pedopsiquiatra Pedro Strecht. Toma-se o trabalho realizado pela professora Elvira Leite como uma possível resposta aos problemas que foram sendo enunciados;

. Estudam-se correntes pedagógicas no mundo que deram um contributo para a desconstrução do espaço de ensino, com especial foco nas salas de aula - Open Air Schools e Escola Montessori. Analisaram-se dois casos em Portugal;

. O processo SAAL depois da Revolução do 25 de Abril, como operações que democratizaram a participação; metodologia do arquiteto Álvaro Siza Vieira e o projeto para o Bairro da Malagueira; o Jardim Infantil da Malagueira;

(Componente prática)

. Projeto participado com crianças, in situ e em contexto de sala de aula, na promoção de um espaço lúdico para a Cidade de Évora.

Objetivo

No trabalho que se apresenta nesta dissertação, procurar-se que a faixa etária mais jovem seja considerada e tenha a capacidade de participar no momento de planear e intervir na cidade, de modo a que os espaços públicos sejam capazes de responder às necessidades desta população que é mais vulnerável. Uma vulnerabilidade inerente à infância, que se afirma, também e não só, pela perda de autonomia e mobilidade na cidade, pela sua maior fragilidade física e cognitiva sobre as condições em que nascem e vivem, pela maior suscetibilidade às opções urbanísticas e arquitetónicas adotadas e pela maior suscetibilidade às acções ou inacções dos decisores políticos e autarquias, que atualmente regulam e definem as condições e respostas que têm de ser alcançadas.

Entendeu-se pretinente compreender o modelo de cidade e de escola (sala de aula) que perdura desde a Revolução Industrial.

Prentende-se alcançar a Participação das crianças. Usar a cidade como território de conhecimento, de estudo, de participação e de brincadeiras. Foi proposto a dois grupos de crianças que elaborassem pensamento (desenhado e maquetado) sobre o Jardim Infantil da Malagueira, reativando este espaço que está atualmente subvalorizado.

Constituição da República Portuguesa – enquadramento sobre a infância

Tomou-se como referência a Constituição da República Portuguesa (2005) VII revisão constitucional.

Portugal democrático rege-se, desde 1976, sobre uma carta fundacional do nosso sistema político e social, estabelecida no pós-revolução de 25 de Abril de 1974. A Constituição da República Portuguesa (CRP) inscreve um conjunto de direitos e deveres dos cidadãos portugueses, direcionando o sentido geral da sociedade, assim como estabelece que a República se baseia na «dignidade da pessoa humana e na vontade popular» e que se empenha na «construção de uma sociedade livre, justa e solidária».

Para a presente tese, considera-se de especial pertinência que a CRP inscreva artigos onde refere que «é garantida a participação dos interessados na elaboração dos instrumentos de planeamento urbanísticos e de quaisquer outros instrumentos de planeamento físico do território». (Artigo 65º (Habitação e Urbanismo), ponto 5)

De forma recorrente está explícita a ideia de «aprofundamento da democracia participativa» (Artigo 2º (Estado de direito democrático)); «Participação na vida pública; protecção legal contra qualquer forma de discriminação» (Artigo 26º (Outros direitos pessoais), ponto 1); «Direito à liberdade e segurança.» (Artigo 27º (Direito à liberdade e à segurança), ponto 1)

Sobre a infância, embora seja um artigo relativamente curto com apenas três pontos, entende-se que as crianças gozam de uma protecção especial uma vez que «têm direito à protecção da sociedade e do Estado, com vista ao seu desenvolvimento integral, especialmente contra todas as formas de abandono, de discriminação e de opressão (...)». (Artigo 69º (Infância), ponto 1)

É importante o crescimento saudável e ativo das crianças, porque, logo de seguida, no ponto da Juventude, estabelece-se como «objetivos prioritários o desenvolvimento da personalidade dos jovens, a criação de condições para a sua efectiva integração na vida activa, o gosto pela criação livre e o sentido de serviço à comunidade». (Artigo 70º (Juventude), ponto 2)

De importância singular para esta tese é o Artigo 73º, relativo à Educação, Cultura e Ciência, onde se define que, «o Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida colectiva.» (Artigo 73º (Educação, cultura e ciência), ponto 2) - um contributo que, para as disciplinas da Arquitetura e Urbanismo, poderá ter especial relevância quando se definem metodologias, programas e espacialidades.

Está também descrito que «o Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural». (Artigo 73º (Educação, cultura e ciência), ponto 2 e 3), algo que não é concretizado, uma vez que são encontradas carências de espaços para eventos culturais, espaços para reunião, oficinas e ateliers para trabalho individual e, desta forma, se concretizar o

direito de «liberdade de criação cultural». (Artigo 42º (Liberdade de criação cultural)).

Se é efectivamente uma cidade com modelos democráticos que queremos construir e coabitar, há que ter um enquadramento diferente da mobilidade na cidade, em prol da sustentabilidade social e ambiental. Há que, desde logo, respeitar a ordem de prioridades sobre o uso dos solos nas vias públicas. Será necessário inverter a hierarquia que prioriza os veículos motorizados, definir claramente quais são os objetivos e as prioridades dos espaços públicos. Na hierarquia de uso dos corredores urbanos, será necessário pôr em primeiro lugar os mais vulneráveis, os pedestres, velhos, crianças e ciclistas, numa aposta séria em passeios públicos confortáveis, com ciclovias; de seguida, apostar numa rede intermodal ampla de transportes públicos; e, por fim, os veículos individuais motorizados.

Assim, se notando um conjunto de matérias sobre as quais a CRP pretende dar resposta, será preciso atender aos problemas das crianças, deixando-as comunicar e participar, porque é na infância que se preparam os cidadãos para a vida ativa – usar a Cidade, por meio de escolas e outros meios formativos ou associativos, enquanto instrumento de mudança de atitudes, pela emancipação dos seres individuais e progresso da sociedade.

Numa entrevista ao arquiteto Alexandre Alves Costa, presente no documentário “As Operações SAAL”, este afirma que a questão colocada em Portugal no

período histórico em que ocorreram as intervenções, “era saber se se institucionalizava a Democracia Representativa ou se avançávamos para um esquema diferente de poder popular e Democracia Participativa. (...) Percebeu-se que a Revolução Portuguesa estava condenada e com isso estávamos nós também”. (A. A. Costa em *As Operações SAAL* (2007) de João Dias)

PARTE I

INTRODUÇÃO - Cidade Industrial, Saúde e Participação das crianças na Cidade

Na Cidade na Idade Contemporânea - estagnação do Humanismo nas cidades, causada pela Revolução Industrial - as crianças são esquecidas enquanto grupo etário capaz de intervir no enquadramento urbano.

O enquadramento urbano da Infância, do Lúdico, e da Educação, problemática apresentada por Carlos Neto e Pedro Strecht.

A Cidade, Participação e Método como solução para o Sedentarismo e a falta de população nas ruas.

*«O crescimento das cidades operou-se desordenadamente, constituindo-se mero subproduto do desenvolvimento capitalista.»
(Alexandre Alves Costa, A experiência do Porto (2009) pág. 83, revista estudo prévio)*

A cidadania tem origem nas cidades, caracterizadas pela densidade, a diversidade, o autogoverno, as normas não formais de convivência, a abertura, o exterior. O “ser” da cidade é o intercâmbio, comércio e cultura. A cidade é a urbe, a “urbs”, concentração física de pessoas e edifícios, diversidade de usos e de grupos, densidade de relações sociais. É “civitas”, lugar de civismo, onde se dão processos de coesão social e se percebem os de exclusão, de normas culturais que regulam relativamente os comportamentos colectivos, de identidade que se expressa material e simbolicamente no espaço público e na vida da cidade. E é polis, onde os cidadãos se realizam mediante a participação nos assuntos públicos, a cidade é historicamente lugar da política, do exercício do poder, é anterior ao estado e provavelmente destinada a durar mais que os Estados nas suas formas actuais. (Jordi Borja em “Design de espaço público: deslocação e proximidade” (2003), pág. 19)

A premissa fundamental deste texto é que uma cidade para as crianças é, também ela, uma cidade para os cidadãos das restantes faixas etárias. As mudanças à escala urbana deverão desenvolver-se tornando as Cidades mais inclusivas nos planos Económicos, Ambientais e Sociais.

Para tal é necessária vontade dos atores intervenientes, das populações e das entidades públicas, fortalecendo e desenvolvendo políticas públicas com programas que respondam às aspirações das populações, voltados para a melhoria das condições de vida de todos.

Diversas pesquisas científicas apontam para a importância da interação com a Natureza para o correto desenvolvimento social, físico e mental na infância. A realidade aponta para uma população cada vez mais

afastada do mundo natural, das ruas, dos vizinhos e amigos.

A escala dos nossos aglomerados urbanos divide o mundo humano (artificial) do mundo selvagem (natural), não podendo esta diferenciação de deixar de ser sentida pela população.

Nos contos infantis, e outros meios de difusão cultural, romantiza-se uma imagem da Floresta como um local inabitável, de ruídos sinistros, com animais selvagens e seres perigosos, local sombrio e húmido; por outro lado, a Cidade é entendida como um lugar seguro, onde se desenrola a vida comum e serena, estabelecendo relações de amizade, onde os protagonistas se encontram e convivem. A realidade comprova o contrário do que é fantasiado nas histórias. Para as crianças, a cidade é tida em conta como o espaço onde vai poder existir “quando for grande”, mundo do caos criado pelos adultos, de ambiente hostil, agressivo, perigoso, onde elas não participam nem são autónomas.

A Cidade é hoje necessariamente descontínua, não tem um centro. Deverá ter tantos quantos os necessários para responder de forma apropriada à criação de comunidades. Dimensionar e flexibilizar a relação entre elas é vital para a Cidade. (Álvaro Siza em “Uma Certa Harmonia – notas sobre arquitectura, urbanismo e saúde mental infanto-juvenil (2011) pág. 10 e 11)

Em grande medida no tecido urbano, os passeios junto aos edifícios são separados por estradas alcatroadas, com filas de estacionamento para veículos motorizados. Não há estímulos físicos ou cognitivos para quem passeia, para a prática de desporto ou criação e fruição



Imagens retiradas da obra cinematográfica *Nuovo Cinema Paradiso* (1988), de Giuseppe Tornatore.

O enredo confronta dois períodos distintos da vida do personagem principal (Salvatore), infância e fase adulta. Ao longo da obra encena-se uma praça onde decorrem importantes momentos do filme e do seu enredo.

Uma evolução que corresponde à gradual perda da praça para a população como local de encontro, de convívio, de brincar, em virtude do progresso industrial.

de arte. A Rua não é um espaço de permanência confortável, nem para as crianças nem para os restantes moradores. Nos pisos térreos, os edifícios abrem comércio com montras para os transeuntes consumirem e, raras vezes, haverá comércio que interesse à população mais jovem.

Nas deslocações com os pais às compras, em balcões de atendimento, filas de espera, muitos são os momentos de pausa em que é pedido aos cidadãos que fiquem sossegados e ordeiros. Os espaços de domínio e uso público não estão minimamente pensados para o uso de toda a população. Em relação às crianças, seria desejável considerá-las e dedicar-lhes áreas de brincadeira, de leitura, para que possam abstrair-se da situação em que por vezes se encontram.

Numa das obras consultadas, “Porque Pintamos a Cidade? Uma abordagem etnográfica do Graffiti Urbano” (2010), identifica-se o graffiti como uma das formas mais contestadas pela população e pelas autarquias, com punição legal, enquanto expressão das culturas juvenis urbanas. A arte urbana é encarada de forma negativa, embora represente a caracterização do espaço público por parte das pessoas que o vivem. Estabelecemos vínculos sociais, afetivos e simbólicos com os corredores urbanos e a nossa relação com o espaço pode exprimir-se através da arte, expondo as realidades em que as populações vivem. No graffiti, a cidade é usada para a afirmação de identidades, para a marcação territorial ou, simplesmente, para uma proclamação de existência.

o paradigma dominante ou a cosmovisão cartesiana e newtoniana

Transcrição a partir da obra de Jacinto Rodrigues (1992), “Álvaro Siza / obra e método” pela profundidade do pensamento e capacidade de síntese histórica.

De Copérnico, de Galileu, de Descartes até Newton, estabelecem-se as bases lógicas do mecanicismo da Modernidade. Mais tarde, com o positivismo de Comte pretende-se alargar o monismo determinístico às Ciências Sociais, procurando-se assim estabelecer uma física social. Este paradigma filosófico consiste em alargar a lógica mecânica e determinística a todos os sectores da realidade: a complexidade do real reduz-se, então, a uma visão totalitária e unidimensional.

Este casualismo linear pretende estabelecer leis universais tendo em vista uma previsibilidade total. Numa palavra, pretendem-se Conceitos/Modelos/Logotipos, que se possam reproduzir algoritmicamente. A Natureza passa a ser separada do Homem. A mater natura torna-se na passiva res extensa. Durante o séc. XVII e XVIII consolidam-se os modelos na ciência e na estética. Na arquitectura, os tratados aparecem como codificações. E, no séc. XIX, a estética do neoclassicismo identifica-se com a cosmologia de Newton. A Mathesis Universalis passa a ser parâmetro dominante.

Este paradigma arquitectónico teve sobressaltos e oposições. A exaltação sensorial do Barroco a sensibilidade da estética romântica foram contrapontos à hegemonização progressiva dos cânones tipificadores. Pouco a pouco, porém, as forças estetizantes do sentimento são hegemonicamente domesticadas pelo processo produtivo tecno-industrial, que por todo o lado impõe a máquina como alma mater do novo mundo. Se a obra de Boullée é apenas símbolo dessa Mathesis, Durand adopta o símbolo como operacionalidade, rapidez de montagem e facilidade de reprodução. A lógica lucrativa da indústria crescente exige reprodutibilidade, standardização, medição. Do tratado de Durand à arquitectura do ferro, da Werkbund ao Esprit Nouveau até ao International Style, dão-se os saltos necessários que levaram a reprodução simples à reprodução alargada, na construção das casas e na edificação das cidades. Se quisermos fazer uma leitura, tomando apenas

as grandes linhas de força, poderemos ver como a componente vitruviana de Palladio, Serlio, Blondel e Vignole, veio subalternizar a abertura poética existente em Alberti, Scamozzi e Perrault.

A partir do séc. XIX, a sociedade disciplinar, como diz Foucault, vai fundamentar-se no vigiar e no punir, inscrevendo esta mesma lógica no topos. Bentham, com a proposta do panóptico, prolonga Newton na organização espacial. Assim, o urbanismo de Haussmann, Menier, Henard, Tony Garnier, Soria y Mata e Cerda, afirmam esta linha produtivista e disciplinar. E, ainda que se tenham oposto Camilo Sitte, Ebenezer Howard e Patrick Geddes, a hegemonização industrial não se compadeceu com as propostas de cidades-jardins. Assim, a estética do princípio do século rasgava-se entre as grandes polaridades que Subirats alegoricamente definiu como a contradição entre a flor e o cristal.

Le Corbusier e o Esprit Nouveau formulam o paradigma da casa como máquina de habitar. E o congresso de La Sarraz torna-se em 1928 expoente dessa arquitetura. O CIAM de 1933, com a carta de Atenas, veiculava o tema da cidade moderna industrial. A casa-máquina alargava-se também à cidade-máquina. Tomar Corbusier como responsável desta orientação é naturalmente reducionismo esquemático. Nalguns casos encontramos elementos susceptíveis de simplificação: A casa Domino de 1915 abre a porta para um reducionismo nos 5 princípios abstractos da arquitectura moderna. O plano Voisin esquece os valores naturais e históricos. É claro, no entanto, que Le Corbusier não deixou de ser o grande arquitecto que foi. A qualidade plástica nunca lhe permitiu escravizar a obra ao primarismo de alguns dos seus discursos.

Também hoje, nós, detentores de uma hermenêutica compreensiva, podemos melhor explicar, interpretar e compreender o carácter polémico do seu discurso, face aos adversários academizantes do seu tempo. Bastaria recordar Ronchamp, La Tourette Chandigarh

para que se esvasse o carácter maquinista e redutor dos seus escritos. O paradigma tecno-funcionalista sofreu várias críticas na linha de Patrick Geddes, Lewis Mumford e Jane Jacobs. Com a problemática ecológica, abria-se uma nova frente: afinal o crescimento económico e tecnológico não se traduzia automaticamente em emancipação e progresso social. Assim, os últimos anos do CIAM assinalam-se por uma crítica crescente ao modelo moderno. O papel do Team Ten tem aqui um lugar relevante. Em 1953 iniciam-se as críticas de Aldo Van Eyck, Peter Smithson e Alison E. E, em 1956, em Drubovnick começou a derrocada do ideário redutor da carta de Atenas que culminaria em Otterloo. (...)

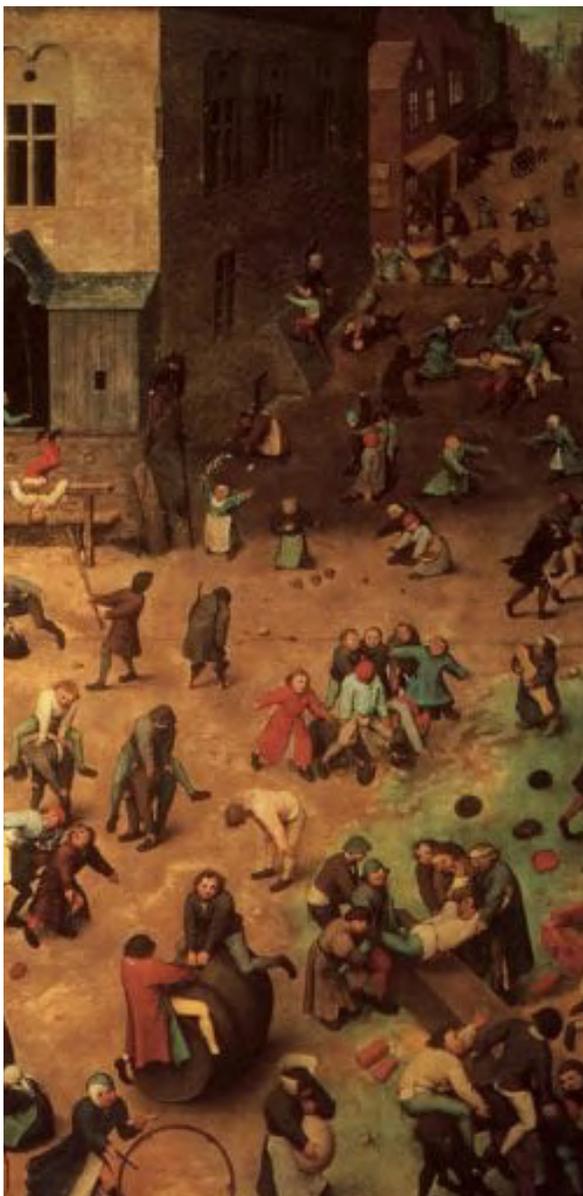
Nos anos sessenta e setenta, o paradigma moderno recebe os golpes mais fortes. Simbolicamente, Charles Jencks considera a data final do moderno com a demolição de Pruitt Igoe, em 1972. Este moderno alojamento social, construído em St. Louis por Yamasaki, na estrita obediência às teorias de Corbusier e do CIAM, fora pensado como paradigma da habitação moderna e de progresso social. Porém, na realidade tornava-se afinal num edifício degradado e inabitável.

O ideário progressista autoritário, abstracto e tecnicista - tornava-se impróprio para a vida comunitária. Esta metáfora, embora possa revelar um excesso de simplificação de análise de Jencks, não deixa, no entanto, de se tornar emblemática como fim duma contra-utopia que vinha já de longe: além dos críticos do Team Ten, há que assinalar as próprias viragens dos mestres como Corbusier e Gropius.

Por outro lado, os textos de Venturi e outras alternativas da arquitectura - Frank Lloyd Wright, Alvar Aalto, Khan, etc. - constituem rupturas.

(Jacinto Rodrigues (1992) pág. 12 e 13)

Revolução Industrial, Cidade e Urbanidade, Natalidade



Pretende-se enquadrar historicamente a problemática da evolução das cidades que condicionam os comportamentos humanos e sociais, entendendo que as cidades resultaram de processos de transformação e evolução seculares. Henri Lefebvre, na sua obra *Direito à Cidade* (1968), teoriza sobre a Industrialização, enquanto processo que moldou a sociedade urbana, é a expressão da Idade Contemporânea – a Urbanidade.

A evolução das cidades até à Idade Contemporânea, período iniciado na segunda metade do séc. XVIII, foi um processo que durou centenas e/ou milhares de anos. As cidades que resistiram aos tumultos da História, e que hoje sobrevivem, são os testemunhos vivos de diferentes sistemas políticos e sociais, de costumes e culturas que existiram no passado.

Na Europa ainda existem cidades bem conservadas de praticamente todos os períodos dos últimos mil anos. Abundam cidades medievais que se erigiram livremente e cidades medievais planeadas. São múltiplas as cidades renascentistas e barrocas, as cidades das primeiras fases da industrialização, as cidades-jardim inspiradas pelo romantismo e, em particular, as cidades funcionalistas, dominadas pelo automóvel, dos últimos cinquenta anos. Hoje é possível comparar e avaliar o formato destas cidades numa base relativamente uniforme, dado que elas ainda são utilizadas. (Jan Gehl (2017) pág. 39)

Pieter Bruegel, *Children's Games*, (1560).

Pormenor da pintura;

Nesta composição assistimos a uma cena fervilhante de mais de duzentas crianças distribuídas em mais de oitenta jogos, num tema alusivo aos jogos infantis vividos na rua.

A partir do séc. XVIII, com a Revolução Industrial, inicia-se um processo de transformação, social e urbana, que descaracteriza particularmente as cidades ao obrigar à renúncia do seu sentido humano e histórico – Participação e Cidadania.

Henri Lefebvre teoriza uma crítica política apontando as mudanças urbanísticas preconizadas pelas alterações no tecido social - morte da Cidade Medieval e surgimento da cidade Industrializada. O autor, escreve então sobre os Senhores (nobres) no Regime Feudal que possuíam uma «civilização e um estilo para que as riquezas provenientes do labor desse povo fossem investidos em obras. O período burguês põe um fim a essa tradição milenar. Ao mesmo tempo, esse período traz uma nova racionalidade, diferente da racionalidade elaborada pelos filósofos desde a Grécia» (Henri Lefebvre (2008) pág. 28).

A Cidade, enquanto pólo urbano, concentra população, conhecimento, mercadorias e riquezas. O crescimento das cidades foi acentuado exponencialmente com o Êxodo Rural, o surgimento das grandes fábricas, mecanização da agricultura, indústria e dos meios de transporte. H. Lefebvre teoriza que durante a Idade Média os espaços urbanos eram moldados pelos moradores da cidade num processo directo de construção da cidade.

Ao longo da obra, o autor aponta a perda do *Valor de Uso*, pelo *Valor de Troca*, nos imóveis, bens e mercadorias com prejuízo para a Sociedade Urbana.

Com a deslocação de grandes massas populacionais, a cidade teria de crescer e segregar a população

Local de residência (NUTS-2013)	Área predominantemente urbana	Área medianamente urbana	Área predominantemente rural
Portugal	7 556 803	1 467 359	1 274 090
Continente	7 236 287	1 377 845	1 187 996
Açores	109 800	63 836	68 565
Madeira	210 716	25 678	17 529

População Homem e Mulher, residente (N.º) por Local de residência, Tipologia de áreas urbanas; 2020
 «População residente (N.º) por Local de residência (NUTS - 2013), Sexo e Tipologia de áreas urbanas; Anual - INE, Estimativas anuais da população residente», INE, 2021

Local de residência (NUTS - 2013)	Área predominantemente urbana	Área medianamente urbana	Área predominantemente rural
Portugal	8.9	7.0	5.5
Continente	8.9	6.9	5.4
Açores	9.6	8.6	7.3
Madeira	7.5	6.8	5.7

Taxa bruta de natalidade (%) por Local de residência (NUTS - 2013) e Tipologia de áreas urbanas – 2020

Territórios	Taxa bruta de natalidade	
Anos	1981	2022
Alentejo central	-	7.2
Évora	16.4	7.9

Taxa bruta de natalidade - Onde nascem mais e menos bebés por 1.000 residentes

proletária, uma vez que «a sua posição no próprio coração da cidade punha em sério perigo o sistema social». (Marcella Delle Donne (1990) pág. 146)

Para minimizar o perigo de colapso das classes dominantes, por contestação de enormes massas de pessoas por melhores condições de vida e de trabalho, decompôs-se a cidade em várias unidades de escalas menores, ligadas entre si por eixos rodoviários.

É preciso não esquecer que se pode dividir e atenuar a violência das pessoas fraccionando a cidade enorme, demasiado vasta, em paróquias bem distintas umas das outras (...) e de constituírem em comum um desdobramento de sentimentos hostis e de preconceitos (...), adquirem o hábito de considerar de maneira diferente a ordem mais próxima e mais interessante que as rodeia. (Marcella Delle Donne (1990) pág. 146)

Exemplo notório da decisão urbana tomada nesse sentido, com objectivo de contenção das populações, dividi-las e distribuí-las segundo critérios de segregação de classes, é o plano para a cidade de Paris, França (1852-1870), tomado a cabo pelo Barão Haussmann que intervencionou no tecido medieval da cidade, fraccionando e/ou destruindo, implantando novas avenidas e edifícios para a burguesia. Deste modo, afastou do centro da cidade a indústria e os seus trabalhadores, conseguindo tornar o espaço urbano mais higiénico, seguro, eficiente e elitista. Desta forma assegurou os interesses dos mais afortunados. Esta “nova” classe social que surgira, libertou a Europa do Regime Feudal, trouxe interesses financeiros e estabeleceu novas trocas comerciais. «Esta classe enquanto tal não mais cria; substitui a obra pelo

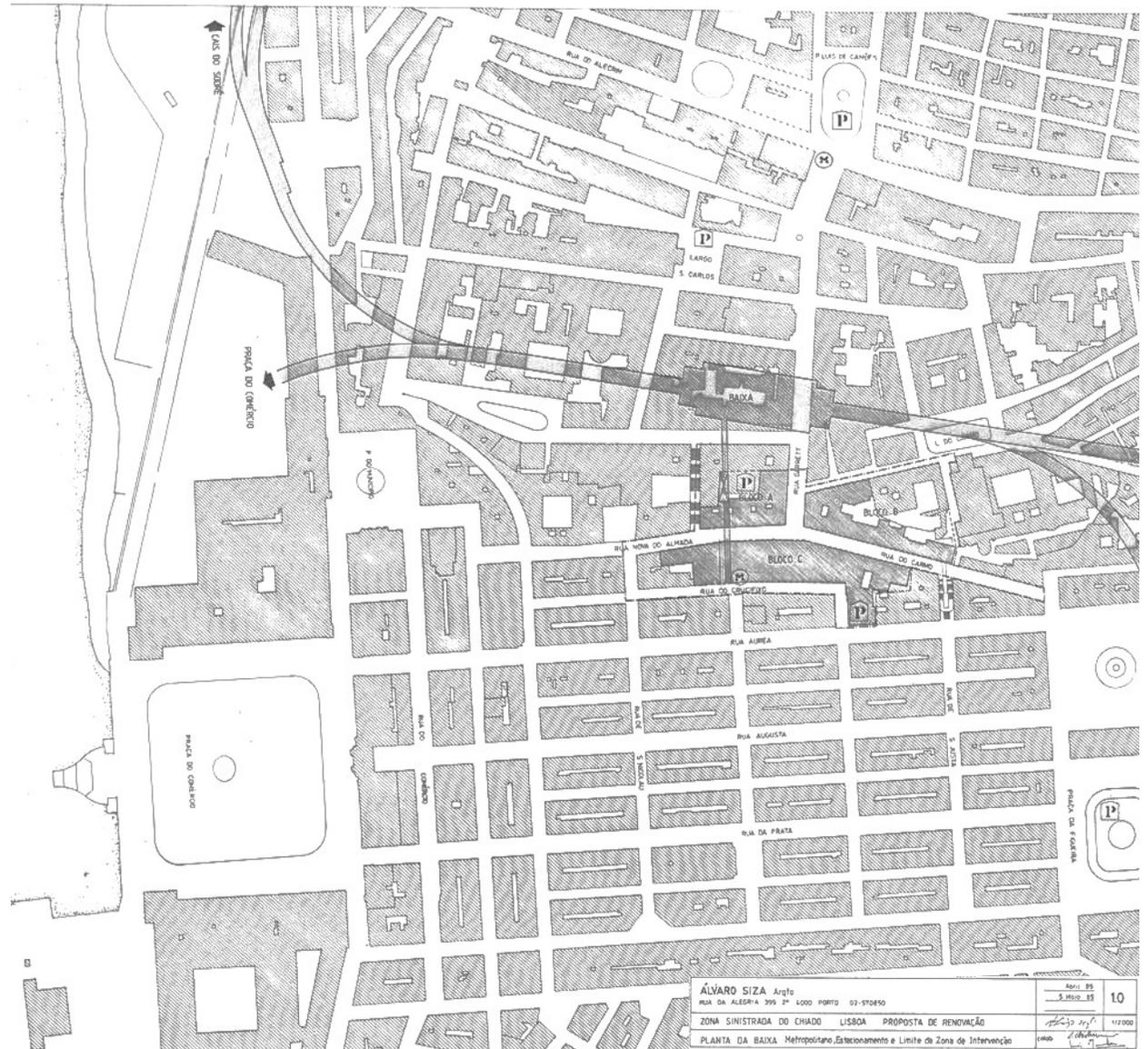
produto». (Henri Lefebvre, 2008) pág. 22).

Ao implantar compridas e largas avenidas, Haussmann pretendia abrir a cidade a possíveis intervenções militares – como veio a acontecer mais tarde, com a Comuna de Paris em 1871, fruto do desânimo das populações, pela fome e as condições no trabalho, mas também, pelo facto de terem sido afastadas do centro da cidade.

A maioria dos autores que estuda os fenómenos urbanos considera assim que os actuais processos de crescimento da cidade – baseados na dispersão, na especialização funcional e na fragmentação – levam a que a cidade perca densidade, pluralidade e mistura de funções, não satisfazendo critérios de integração social, cultural e espacial nos moldes em que a cidade tradicional o fazia. (Rodrigo Coelho, *Desenhar o vazio metropolitano: notas sobre a dimensão lúdica do espaço público*, incluído no livro *Ludic Architecture* (2017) pág.109)

Fracionando a cidade num modelo policêntrico, os problemas e descontentamentos da população seriam circunscritos à escala do bairro. Ditadas as premissas iniciais, a autora ainda relaciona Industrialização e Segregação, onde será importante concluir duas ideias presentes entre Henry Lefebvre e Marcella Delle Donne:

- 1) a Industrialização caracteriza a Sociedade Urbana;
- 2) A Cidade preexiste à Industrialização e caracteriza-se pela concentração dos meios de produção, ferramentas, matérias-primas, mercadorias, mão de obra e conhecimento. As cidades no período industrial estão em constante crescimento num processo de



Planta da autoria do arq. Álvaro Siza para a *Recuperação do Chiado* (1988-1998). Desenho para uma infraestrutura subterrânea (metro de Lisboa) com representação da planta da Cidade Pombalina em Lisboa. (Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, 1758) Na planta é explícita a transição dos quarteirões históricos e a proposta racionalista, Iluminista. Planta original digitalizada durante a exposição Siza, Fundação Calouste Gulbenkian. (2024)

duplo sentido entre industrialização e urbanização, trabalho e vida familiar/social.

Em Portugal, foi a partir do séc. XX que a migração de população do mundo rural para as áreas predominantemente urbanas, teve maior expressão. Nos dias de hoje, mais de metade da população portuguesa (e mundial) vive nas cidades, correspondendo a aproximadamente 74% da população nacional.

Este dado é relevante porque permite o entendimento de que a maior parte das crianças, nos dias hoje, vivem em ambientes urbanos.

A cidade e os centros urbanos são, em Portugal, cada vez mais lugares elitizados - processo que os decisores políticos não condenam, estimulando até o modelo liberal a que as cidades foram submetidas – modelo político nascido na Cidade Industrial que tem como perspectiva o desenvolvimento especulativo e capitalista da cidade, dos edifícios, dos vazios urbanos, dos serviços, mas também do acesso à educação, à criação e à fruição cultural, ao desporto e a tantas outras actividades que necessitam de infraestruturas urbanas.

The modern city of asphalt does not tolerate a wild space where boys can play Robinson Crusoe, nor does it tolerate a quiet corner for the dreamlike play of smaller children. The tightly planned flats do not allow for children's noise; lanes and streets have become enemies of children. The streets no longer belong to the playing child and the adult pedestrian. The "homo faber", the working man, is the key-person for town-planners. The "homo ludens", the playing person, is left to the realm of the philosophers. (Alfred Lederman

(1968) pág. 6)

Uma preocupação transversal em diversos autores é que, no desenvolvimento da Cidade Industrial, se tem como parâmetro para a estruturação urbana uma Humanidade estéril: adulto, sem filhos, trabalhador, motorista e saudável. Em pouco ou nada as crianças, as grávidas, os velhos, pessoas com deficiência ou minorias étnicas são consideradas no planeamento dos tecidos urbanos e suburbanos.

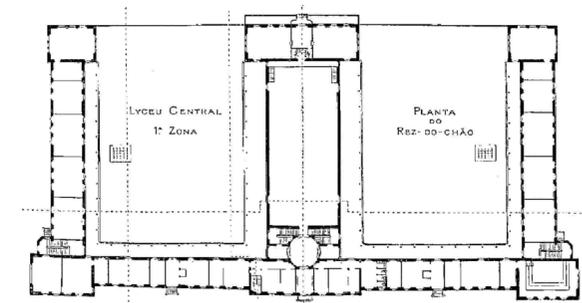
Citando Marcella Delle Donne, na sua obra "Teorias sobre Cidade" afirma que: «o liberalismo provocou um desejo de progresso em todos os campos e um ideal individual que se substitui ao ideal colectivo. Para ascender, e porque os filhos não facilitam na ascensão da escala social, é importante que estes sejam pouco numerosos». (Marcella delle Donne (1990) pág. 78)

Ao serem ignoradas as necessidades das famílias, resultado das cidades não promoverem a Participação, menores são os direitos dos cidadãos que se deslocam a pé, e através de outros modos de mobilidade suaves, esquecidos os transportes públicos, as escolas e creches, parques e áreas de promoção e criação cultural, espaços desportivos e de lazer.

Estas carências de estruturas e infraestruturas públicas, de qualidade, no meio urbano conduzem, também, a perda de qualidade de vida e é uma das causas de decréscimo da população portuguesa.

É imperiosa a criação de cidades e ambientes urbanos propícios ao crescimento saudável das crianças, que lhes garanta mais segurança e autonomia, pela

emancipação do ser humano, da educação, pela democratização dos espaços de brincar nos edifícios e nas ruas.



Antigo Lyceu Camões, planta piso térreo, Lisboa, 1907
Arq. Miguel Ventura Terra (1866-1919)

Planta de uma escola pública no início do séc. XX, em forma de E, desenho regular e simétrico que dividia os sexos. Notam-se as salas protegidas por galeria, que se desenvolvem em volta de dois pátios. Edifício de dois pisos com esquema em tridente. (José-A. França, (1990) pág. 149)

Durante a Primeira República impulsionaram-se os primeiros programas de democratização das escolas - também o arq. Fernando Távora irá projetar um escola com planta idêntica.

Pedopsiquiatria, Motricidade Humana e Antropologia do Espaço

A oposição entre lugar antropológico e não-lugar situa-se no interior de uma reflexão que visa a cultura contemporânea e aquilo que nela é radicalmente novo. Para caracterizar essa nova realidade, [Marc] Augé propõe a noção de sobremodernidade. (Filomena Silvano (2017) pág. 95)

Os problemas relacionados com o correto crescimento físico, psicológico e cognitivo das crianças e jovens em ambientes urbanos é um tema recorrente por entre pedagogos (educação) e urbanistas (cidades), sendo que a questão é alargada também a pedopsiquiatras e especialistas em motricidade humana (saúde).

O caso é alarmante pelas consequências nefastas dos modelos de cidade, nos quais hoje habitamos, que não propiciam plena desenvoltura da infância e da juventude. As cidades são uma barreira ao correto crescimento e desenvolvimento das crianças e jovens. Isso está a modificar os nossos comportamentos primordiais e ancestrais - «o cidadão deserdado dos alicerces da sua narrativa psíquica (...) é confrontado com um percurso anónimo em que, não raramente, a saída fácil para a agressão que sente é tornar-se um novo agente agressor» (Pedro Strecht (2011) pág. 23), denuncia o Psiquiatra da Infância e Adolescência, Pedro Strecht (n. 1966), na sua obra, “Uma Certa Harmonia – Notas sobre arquitectura, urbanismo e saúde mental infanto-juvenil”, com prefácio de Álvaro Siza Vieira. O autor refere ainda que «muitas cidades e os seus locais habitacionais quebraram duramente as ligações fundamentais de equilíbrio emocional, individual e social e, mais do que existirem para integrar pessoas em comunidades, ergueram-se teias de isolamento e

segregação subtis para as isolar e revoltar». (Pedro Strecht (2011) pág. 22)

É curioso notar, a relação entre a constatação de Pedro Strecht e a tese de Marcella Delle Donne, em “Teorias Sobre a Cidade”, onde defende que a evolução das cidades, desde a Revolução Industrial, nos seus processos de Dispersão e Fragmentação, conduziu ao modelo liberal e racional em que hoje se encontram.

Filomena Silvano, antropóloga e professora da FCSH, no seu livro “Antropologia do Espaço”, ao analisar a obra de Claude Lévi-Strauss, no subcapítulo, “O espaço enquanto garante da identidade”, a autora refere existir «um laço indissociável entre a estrutura do espaço e as identidades colectivas». (Filomena Silvano (2017) pág. 25) Contudo, ao analisar o capítulo “Jean Rémy e Liliane Voyé: A urbanização”, a autora afirma que, «a especialização espacial, e a mobilidade a que obriga, vai repercutir-se sobre os sistemas sociais, culturais e de personalidade (...), dando forma a um estilo de vida próprio. O acesso à mobilidade é no entanto desigual. Depende de condições materiais e culturais, e por isso a cidade urbanizada deixa uma parte da sua população no exterior desse sistema de vida. Uns por opção e outros por exclusão». (Filomena Silvano (2017) pág. 60 e 61)

Filomena Silvano, ao analisar as noções teóricas de Marc Augé sobre um mundo “sobremoderno”, com excessos de espaço, destaca os “lugares antropológicos” e os “não-lugares”, que são de maior pertinência para esta dissertação, uma vez que, estes espaços ganham cada vez mais destaque nos tecidos

urbanos, restringindo a ocupação e o uso dos espaços públicos, por parte da população; «O não-lugar será então um lugar que não é relacional, não é identitário e não é histórico. Materializa-se nas auto-estradas, nos aeroportos e nas grandes superfícies. (...) os não-lugares revelam uma nova forma de viver o mundo, mas aparecem sempre em relação com espaços que parecem estar mais próximos da tradicional noção do lugar». (Filomena Silvano (2017) pág. 100)

Dando continuação à linha de pensamentos apresentados, e com estes conhecimentos antropológicos, poder-se-á pegar nas palavras do doutor Pedro Strecht que veem reforçar a ideia com a antítese entre:

«cidades que oprimem, abafam, cortam o limiar de visão, induzem sentimentos de perda e desreferência, desumanizam, levam a que o homem fique progressivamente mais distante de si próprio e dos que o rodeiam. (...) cidades bafientas (...) sem espaços públicos dignos de assim serem chamados, com poucos passeios, sem parques ou jardins. (...)» (Pedro Strecht (2011) pág. 19).

e:

«Mas há igualmente cidades (ou bairros) de uma organização harmónica, aberto a luz e a Visão dos olhos do Homem comum». (Pedro Strecht (2011) pág.20)

Pedro Strecht afirma ainda que uma realidade urbana pode ser diferente: «onde as crianças ou adolescentes que nelas habitam podem ser mais livres e saudáveis, já que a sua existência é visivelmente reconhecida na sua vida e textura, as necessidades pensadas de

acordo com os diferentes aspetos do crescimento físico e emocional» (Pedro Strecht (2011) pág. 23).

Está patente a preocupação do autor, médico, com a qualidade dos espaços que as cidades propiciam, tanto na escala urbana como na doméstica, ao não propiciarem o combate ao sedentarismo: «(...) pode dizer-se sem exagero que a vivência do espaço e do tempo nestas cidades e suas casas se tem tornado causa direta de psicopatologias diversas, potenciando ainda outra já diferente em forma larvar» (Pedro Strecht (2011) pág. 24).

A este respeito, Carlos Neto, professor da FMHUL, numa entrevista a um canal televisivo de desporto, a respeito da importância da prática desportiva na infância, nas escolas e nas cidades, defende que há um «desaparecimento progressivo da cultura de jogo de rua e contacto com a natureza, colocando as experiências espontâneas de vida, das “culturas de infância” em vias de extinção. As ruas desapareceram como local de jogo livre. O brincar no exterior tem sido rapidamente substituído por comportamentos sedentários dentro de casa», e também afirma que vivemos numa sociedade que não promove a autonomia e a independência na mobilidade das crianças «andam todas agarradas pela mão, com uma superproteção parental muitas vezes patológica». (Carlos Neto (2024) entrevista *A Bola*)

A equipa em que trabalha o professor Carlos Neto, tem vindo a desenvolver uma investigação ao longo de 48 anos que permite chegar a uma “conclusão alarmante”: como os adultos não permitem as crianças brincarem em liberdade, estas «estão a tornar-se totós, verdadeiros analfabetos a nível motor». (Carlos Neto (2024)

entrevista *A Bola*) Sem possibilidade de usufruir de espaços exteriores de qualidade, com segurança e em contacto com a Natureza, sem espaços que estimulem a imaginação, a criatividade e o desenvolvimento físico, há hoje numa parte significativa da população uma “iliteracia motora gritante”, que é visível nas provas motoras como alunos do 1º ciclo não serem capazes de completar uma cambalhota simples - “superproteção patológica” é uma expressão várias vezes empregue pelo autor na sua obra de 2020, “Libertem as crianças – A urgência de brincar e ser ativo”.

Segundo Pedro Strecht, é nos países desenvolvidos que os problemas de desequilíbrios do foro psicológico são mais sentidos, ocupando «lugar de destaque nas causas de morbilidade em muitos dos países mais civilizados» (Pedro Strecht (2011) pág. 24). São referidas doenças como depressão e ansiedade – neurose de angústia e perturbações fóbicas – e perturbações psicossomáticas – cefaleias, problemas osteo-articulares, doenças do foro respiratório e dermatológico. O doutor indica que o consumo de psicofármacos é avassalador, estando em segundo lugar no grupo de vendas a nível mundial – à frente de antibióticos e apenas atrás de analgésicos.

Estas podem ser as consequências do espaço urbano sem realidades dinâmicas, sem vida, sem cultura.

A respeito da falta de espaço público e consequente aumento do sedentarismo, podemos recorrer aos pensamentos de Jean Remy, citado por Filomena Silvano em “Antropologia do Espaço”, que refere a «estabilização do espaço social depende então da

compatibilidade de dois planos, [densidade material e densidade moral] sendo a anemia característica dos períodos de transformação de um de entre eles ou de incompatibilidade entre eles» (Filomena Silvano (2017) pág 20). De forma silenciosa e alienada nas cidades, as crianças e jovens são levados a esquecer a importância de ocupar as ruas e restante espaço público, por falta de “densidade moral”, esqueceu-se a promoção da “densidade material”.

A este respeito, o professor Carlos Neto diz que «centramos a nossa atenção apenas em produtos, apenas nos êxitos, e não no processo, não naquilo que é o significado da prática da atividade física, da prática do jogo, do desporto, que tem para as crianças e jovens uma forma de criação de identidade» (Carlos Neto (2024) entrevista *A Bola*).

Citado por Filomena Silvano, Halbwachs defende um diálogo entre o grupo que molda o espaço e vice-versa; «logo que o grupo é inserido numa parte do espaço, transforma-a à sua imagem, mas ao mesmo tempo submete-se e adapta-se a coisas materiais que lhe resistem» (Filomena Silvano (2017) pág.20), tendo referido que «o equilíbrio mental resulta em boa parte, e antes de tudo, do facto de os objectos materiais com que estamos em contacto diário (...) oferecerem uma imagem de permanência e estabilidade» (Filomena Silvano (2017) pág.20).

O professor Carlos Neto refere que «hoje temos um problema muito sério de saúde mental e saúde física e (...) uma percentagem de crianças e jovens que estão em grande sofrimento, porque - de facto, todos os especialistas o demonstram - estes jovens vivem

atormentados com vários problemas no seu quotidiano. Não só em relação ao bullying e cyberbullying, problemas de ansiedade, de depressão e até de sentimentos de suicídio. É preciso ter aqui a ideia de que o desporto é o melhor antidepressivo. É melhor que a droga, ainda por cima de borla, que pode ajudar estas crianças e jovens a terem prazer - jogar, brincar e fazer desporto é a procura de prazer e a procura de superação». (Carlos Neto (2024) entrevista *A Bola*)

É comum referir-se o uso dos ecrãs e telas digitais como o principal responsável pelo sedentarismo, a falta de prática desportiva, ou a inexistência de crianças a brincar e jogar nas ruas – mas será mesmo assim? A este respeito, Carlos Neto aborda o problema acusando as cidades de não serem suficientemente estimulantes e inclusivas para as crianças e para que estas saiam de casa. Refere como constrangimento à vida quotidiana, «o tempo passado a ver televisão e vídeo, utilizar telemóveis, jogar jogos electrónicos, utilizar o computador, consultar a internet, contacto com as redes sociais, jogos online, etc.», reconhecendo também que há a «diminuição do nível de independência de mobilidade, isto é, a autonomia de circulação das crianças no espaço urbano alterou-se de forma significativa nos últimos anos, percursos, percepção do espaço físico e possibilidades de ação» (Carlos Neto (2024) jornal *Observador*).

Relata o aumento do tráfego automóvel e das zonas urbanizadas como sendo prejudicial para as crianças até aos 10 anos, uma vez que «não possuem capacidade biológica para terem um comportamento sistematicamente seguro nas ruas» e não são

capazes de adotar comportamentos que respeitem as «limitações impostas pelo seu nível de maturação» (Carlos Neto (2024) jornal *Observador*). Refere também que há uma «diminuição do espaço livre (...) e a reduzida e institucionalizada política de equipamentos de espaços de jogo para a infância não favorecem o desenvolvimento de experiências de jogo e aventura». (Carlos Neto (2024) jornal *Observador*)

A partir de um artigo publicado no jornal *El País*, intitulado “Te falta calle”: ¿y si el problema no es el exceso de pantallas, sino el escaso tiempo al aire libre?”, percebemos que há um aproximar de ideias, em volta da denúncia na falta de independência e autonomia por parte das crianças como o principal fator do seu afastamento das ruas. O artigo refere que, a partir de 2010, o problema de saúde infanto-juvenil em meios urbanos veio agravar-se fortemente. «Las tasas de depresión y ansiedad entre adolescentes se dispararon un 50%. Las de suicidio lo hicieron en un 32%. Los miembros de la generación Z — nacidos a partir de 1996 — empezaron a padecer ansiedad, depresión y otros trastornos mentales, alcanzando niveles más altos que cualquier otra generación en la historia. Uno de cada 10 niños y jóvenes — o lo que es lo mismo, 293 millones en todo el mundo — empezaron a desarrollar un trastorno mental, según un estudio publicado en la revista *JAMA Psychiatry*» (Enrique Alpañés (2024) jornal *El País*).

O artigo revela outro estudo, desenvolvido pela Universidade Dragvoll, na Noruega, onde participaram 800 crianças dos 10 aos 16 anos, e se determinou

que «la prevalencia de la ansiedad y la depresión ha aumentado. También lo ha hecho el uso de las redes sociales. Por eso mucha gente cree que tiene que haber una correlación. Pero este estudio indica que no es así» (Enrique Alpañés (2024) jornal *El País*). É reconhecido que é um assunto de debate entre a comunidade científica, a infância e o uso de tecnologias, existindo o ponto de concordância sobre o efeito negativo das telas digitais quando substituem as brincadeiras e as atividades ao ar livre. «No es el exceso de móvil, es la falta de calle» (Enrique Alpañés (2024) jornal *El País*). Centrando-se no caso espanhol o artigo refere que, as ruas, hoje, são muitos mais seguras hoje que no passado, embora actualmente haja apenas 27% de crianças a jogar na rua, contra 71% dos nascidos entre 1946 e 1964. Discrepâncias idênticas são sentidas pela sociedade portuguesa que vê as redes sociais virtuais ganharem terreno, em detrimento das redes sociais reais – Carlos Neto, na entrevista ao canal televisivo *A Bola*, refere que “73% dos portugueses não fazem atividade física de forma regular sistemática”. (Carlos Neto (2024) entrevista *A Bola*)

Quer o artigo do jornal *El País*, quer Pedro Strecht, quer Carlos Neto denunciam: o sedentarismo e a proteção parental excessiva sobre as crianças, e alertam os pais e familiares para a importância do jogo físico. «El juego es el trabajo de la infancia, y todos los mamíferos jóvenes trabajan a destajo: de esta forma conectan sus cerebros jugando, practicando los movimientos y habilidades que necesitarán de adultos. (...) Los niños juegan para practicar sus habilidades físicas, los adolescentes lo hacen mediante el deporte,

aumentando la competitividad e introduciendo interacciones sociale (...) Muchos estudios demuestran cómo los mamíferos - desde los ratones hasta los monos - se deprimen cuando se les priva del juego.»

(Enrique Alpañés (2024) jornal *El País*)

Pedro Strecht escreve que a «arquitetura e urbanismo, ao influenciarem decisivamente a qualidade de vida das pessoas, são fatores directamente responsáveis pelo reforço da saúde mental das populações ou, pelo contrário, desencadeantes de fragilidades específicas diversas. Logo, não é possível pensar a paisagem urbana sem introduzir a necessária modelação humana, como idealizou o filósofo Emanuel Kant: «a unidade da humanidade é o derradeiro horizonte da espécie humana»» (Pedro Strecht (2011) pág.25).

Será curioso pensar nesta “unidade da humanidade” que vários autores referem, como a *Mathesis Universalis* «totalitária e unidimensional», apresentada por Jacinto Rodrigues, em “o paradigma dominante ou a cosmovisão cartesiana e newtoniana”.

Não será demais relembrar as palavras do arquiteto Mies Van der Rohe na escola Bauhaus: «Less is more». Pedro Strecht refere que «construir casas e cidades para o futuro é saber dotá-las de uma interpretação profundamente humanista das pessoas e, sobretudo, das crianças e dos adolescentes» (Pedro Strecht (2011) pág. 28). O autor fala numa sociedade que não possui “literacia emocional”, de uma forma generalizada, incapaz de desenvolver um “investimento afetivo continuado”, afirmando que as crianças demonstram essa capacidade desde uma idade precoce, com

sensibilidade especial para a arquitetura e o urbanismo. É repetidamente referido na obra, mas também em Carlos Neto, a necessidade do crescimento infantil em contacto com a natureza e a importância do jardim no espaço público: «no espaço urbano, o papel do jardim, do parque ou da valorização do contacto fácil com elementos naturais presentes na cidades, (...) são ainda pouco ou nada dignificados, mesmo quando é sabido que do ponto de vista civilizacional correspondem a necessidades tão antigas como vitais» (Pedro Strecht (2011) pág. 53)

O professor Carlos Neto aponta que brincar é aprender, é um comportamento espontâneo, de adaptação ao meio em que se creche, um comportamento inato anterior à cultura. Defende que uma criança saudável brinca, de forma regular, em diversos contextos.

Por último, é bom reforçar que brincar é uma competência de todos os mamíferos nas suas primeiras fases do desenvolvimento cognitivo e motor. É uma forma de prepará-los para a vida adulta. E, como diz o prof. Carlos Neto, no jornal *Observador* (2024), «as cidades do futuro devem dar mais importância às crianças e jovens, que na maior parte dos casos estão excluídos de participar na construção e na vida urbana. As cidades deverão apresentar projetos participativos para permitir a disponibilidade de “pulmões verdes”, oportunidades de brincar livre, criativo e desafiador, espaços de jogo exteriores inclusivos e naturalizados nas escolas e espaços públicos, lugares de encontro para toda a família, através de um planeamento urbano integrado, dinâmico e participativo». (Carlos Neto (2024) jornal *Observador*)

A importância de Brincar para a aprendizagem - brincar, jogar, rua, parque infantil, sala de aula

No hemisfério Norte, até ao surgimento dos primeiros espaços infantis, em contexto escolar, as crianças eram obrigadas a trabalhar (no artesanato, nos campos, nas minas ou nas fábricas). Só a partir do séc. XIX surge uma preocupação acrescida com a infância e o correto desenvolvimento dos corpos que promova a escola e o brincar.

A evolução dos cuidados com a infância (os tempos-livres e a instrução) pode ser dividida em dois momentos ao longo da evolução das sociedades urbanas capitalistas: primeiro, durante a segunda metade do séc. XIX, na Alemanha e Estados Unidos da América, como resposta à Revolução Industrial; mais tarde, de uma forma democratizada, a seguir à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a crescente preocupação do cumprimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

O crescimento acelerado das cidades e da sua população levou ao desenvolvimento das áreas do conhecimento das Ciências Humanistas - Psicologia, Pedagogia e Educação; das Artes, do Urbanismo e da Arquitectura; estas disciplinas apresentam uma nova e acrescida preocupação com as crianças, a infância e o seu correto desenvolvimento.

A abolição do trabalho infantil e a consagração dos Direitos das Crianças são duas das mais importantes conquistas que demonstram como as sociedades alteraram as prioridades em relação às crianças e jovens - particularmente com a criação da UNICEF pelas Nações Unidas (1946), que trouxe mais qualidade de vida para a generalidade desta população, pela preocupação crescente com o seu bem-estar

individual e familiar, com o correto desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social.

Em 1948 dá-se o reconhecimento de direitos e liberdades das crianças e adolescentes com a aprovação da Declaração Universal dos Direitos Humanos e, por fim, em 1959, a adoção unânime da Declaração dos Direitos da Criança. A partir daqui, fora lançada a semente que germinaria em todo o mundo do direito à educação, à saúde, à habitação, a brincar e aos tempos livres vividos com qualidade e segurança.

As crianças sempre brincaram. Se for preciso referências para afirmar tal pressuposto evidente, basta ler o professor Carlos Neto em qualquer uma das suas obras ou entrevistas. Para esta dissertação uma ideia será clara, Brincar é coisa séria. Embora seja uma atividade “não-produtiva” ou “inútil”, como refere o professor. A Arquitectura é a disciplina que define os ambientes para a promoção desta dimensão do desenvolvimento humano. Brincar permite àquele que está em desenvolvimento aprender a incerteza e complexidade do mundo que o rodeia e em que se insere.

A arquitetura do brincar, do lúdico, de recreio, de reunião, é uma arquitetura que promove a atividade física e criativa, que promove a interação social. O participante num espaço lúdico é um participante ativo, que coloca as estruturas em desafio, toca, agarra, salta, escala, escorrega, chuta. A arquitetura lúdica deverá permitir o desenvolvimento dos músculos e habilidades sociais, fertilizar a atividade cerebral expandindo e favorecendo conexões entre pessoas. «Ao brincar ativamos o lado



(Imagem retirada de Carlos Neto (2023) pág. 25)

direito do cérebro, que está ligado à criatividade, à emoção, à imaginação, à intuição e à subjetividade», como escreve o professor Carlos Neto, na sua obra “Libertem as crianças – A urgência de brincar e ser ativo” (Carlos Neto (2020) pág.15)

Nesta mesma (h)o(b)ra, Carlos Neto afirma que brincar é a «procura de liberdade de agir e de pensar», num processo em que se vai aperfeiçoando a autonomia, o risco e a segurança – afirma também que «a criança saudável tem os joelhos esfolados» (Carlos Neto (2020) pág. 59) e «o risco oferece segurança» (Carlos Neto (2020) pág. 97).

Saúde envolve interação com o ambiente exterior, o risco superado (medido e calculado) permite criar jovens mais capazes de enfrentar desafios. «Brincar

implica o uso do tempo e do espaço em diferentes formas de ação, ensinando a viver em vários contextos e interações.» (Carlos Neto (2020) pág. 16)

Importante será identificar o conteúdo das palavras «Brincar», que o professor identifica como um «fenómeno que ocorre em todas as espécies animais», e «Jogar», faculdade dos humanos e «maior parte dos mamíferos», podendo ser também observada em alguns répteis. Brincar é algo imaturo, um comportamento inato que acompanha o crescimento das crianças, nas primeiras fases da vida, à medida que se vão «complexificando de acordo com o desenvolvimento das estruturas internas do corpo (...) e a tomada de consciência da complexidade ambiental». (Carlos Neto (2020) pág. 16) Aquele que brinca, brinca para aprender sobre a incerteza dos elementos que o rodeiam.

Jogar é um comportamento mais complexo que envolve estratégia, técnica, participação e socialização. A necessidade de jogar e de desenvolver atividade física, «atinge o nível mais elevado por volta dos 5-8 anos do desenvolvimento humano». (Carlos Neto (2020) pág. 16) Através do jogo procuram-se recolher um conjunto de experiências que se empregam para a vida.

A necessidade de brincar para o ser humano transformou esta ação num direito. Brincar é uma descoberta. Tanto brincar como jogar são uma forma de alcançar autonomia. O professor defende que precisamos de libertar as crianças para que estas possam «brincar mais tempo e de forma livre: em casa, na escola, na rua e na cidade», e que este «“brincar livre” seja promovido pelas escolas na formulação de

«pequenos pesquisadores a aprender para um futuro incerto» (Carlos Neto (2020) pág. 35 e 36)

No capítulo “Cidades, ruas e famílias ativas, participação e políticas públicas”, o professor identifica a vida sedentária, o stress emocional e os maus hábitos como características da sociedade pós-industrial. Relata o nascimento de uma sociedade de informação e digital onde se procuram novas estratégias para interpretar as estruturas sociais – a família, a escola, o trabalho e a comunidade. (Carlos Neto (2020) pág. 181 a 197)

O professor aponta que nas cidades do futuro terá de se renovar a rua como lugar de encontro e recreio, com qualidade ambiental. É referida a dialética entre corpo e espaço, onde existe permanente organização de atitudes e comportamentos de acordo com o equilíbrio entre o ser e o espaço/ambiente em que se insere. «Corpo e espaço são uma e a mesma coisa». (Carlos Neto (2020) pág. 182)

A realidade do espaço está na relação entre a Arquitetura, os elementos que compõem o espaço e a forma como estes são percecionados.

São identificados um conjunto de restrições que dificultam a liberdade de ação das crianças, sendo de relevância para esta dissertação, a «mecanização crescente dos estilos de vida», «competição, consumismo, a par de uma excessiva concentração populacional e urbanística», degradação ecológica que compromete a «homeostasia funcional e psicológica das pessoas», «política de urbanização deficientemente planificada», «política de lazeres muito comercializada que atrai o indivíduo para prazeres passivos e fúteis

– o Homem converte-se num produto a consumir» e «deficiente organização da atividade laboral». (Carlos Neto (2020) pág. 182)

Refere que a vivência das primeiras idades no espaço urbano é uma vivência ferida, por «um modelo normativo, controlado, padronizado, limitativo, desigual, por vezes proibitivo e regulado pela estrutura familiar, escolar e social. Observa-se de forma preocupante o aumento desta vivência fragmentada do conhecimento da cidade (percepções e representações) pelas crianças, através da substituição da locomoção (caminhar, correr, andar de bicicleta) pela ditadura da utilização do automóvel como forma de deslocação privilegiada». (Carlos Neto (2020) pág. 183)

É necessário criar condições para romper com o sedentarismo e promover a vida ativa, com educação e cultura, onde a cidade preocupada com as crianças, com as suas necessidades de mobilidade e autonomia, torna o «ambiente acessível a experiências lúdicas e sociais». (Carlos Neto (2020) pág. 185) Lê-se ainda que se torna «urgente devolver a rua às crianças» e «preservação e reabilitação de espaços privilegiados para as crianças e jovens, tornar as ruas circuláveis para todos, consideração pela vida animal e vegetal e acesso à diversidade de ação no espaço Público». (Carlos Neto (2020) pág. 185)

O modelo de parques infantis existente, «formatados e estruturados», leva as crianças, ao fim de algum tempo de utilização, a esgotarem a sua capacidade de exploração, «porque são espaços de jogo que não apresentam valor funcional, lúdico e de risco», que impõem os comportamentos predeterminados pelas

tipologias padronizadas dos equipamentos existentes. (Carlos Neto (2020) pág. 185)

«Deveriam ser constituídas equipas multidisciplinares para trabalhar em projetos de espaços de jogo destinados a crianças e enquadrados nos objetivos de uma cidade educadora». (Carlos Neto (2020) pág. 189) Defende também que no futuro as autarquias «deveriam fazer uma revisão mais aprofundada das alternativas de reformulação deste tipo de espaços de jogo e recreio, e optar, no futuro, por designs mais adequados às expectativas das crianças elaborados com a sua participação, em conjunto com a comunidade». (Carlos Neto (2020) pág. 187)

É criticado o facto de não existirem mecanismos de participação interdisciplinar de técnicos e especialistas ligados à infância, para que os referidos projetos tenham significado e a adesão esperados. Os espaços de jogo para crianças são negociados com todos os interessados «no processo de seleção e aprovação de projetos (...), quanto à forma do espaço, aos equipamentos, superfícies de impacto e modelos de organização, manutenção e funcionamento». (Carlos Neto (2020) pág. 189) O trabalho lúdico e recreativo, centrando no «brincar não estruturado e não supervisionado» garante que as crianças podem atuar livremente, de forma individual e em grupo, desenvolvendo capacidades de resolução de problemas e habilidades sociais. (Carlos Neto (2020) pág. 191) Será para isto necessário que no futuro, seja possível transformar os espaços de jogo e recreio elaborados com os equipamentos padronizados, substituindo-os por espaços participados e mais

imaginativos, com recurso às pedras, à areia, à água, aos troncos de madeira, a vegetação. É claramente proposto que as crianças participem na cidade, que a cidade seja usada como mote de conhecimento, na criação de espaços que «suscitem os comportamentos de cooperação, de risco, sentimentos de pertença e de cidadania». (Carlos Neto (2020) pág. 191)

O professor Carlos Neto propõe ainda algumas soluções para implementar nos meios urbanos, por forma a «tornar as cidades mais habitáveis e desenvolver hábitos de jogo de atividade física», assim como: «criar legislação adequada para prever a existência de espaços de jogo e recreio em áreas residenciais novas ou reabilitadas»; «promover modelos de contenção de tráfego em ruas residenciais, permitindo o jogo entre as crianças, e a criação de zonas pedestres comunitárias para todos os residentes»; «desenvolver centros de jogo e aprendizagem seguros em escolas e locais comunitários de fácil acesso às crianças»; «repensar as barreiras arquitetónicas à acessibilidade de crianças e jovens mais vulneráveis ou com necessidades especiais»; entre outras. (Carlos Neto (2020) pág. 196)

Em “Brincar em Todo o Lado” (2023), o autor referencia Huizinga, na obra “Homo Ludens”, quando este afirma que «o brincar é anterior à cultura». (Carlos Neto (2023) pág. 17) Está demonstrado que brincar, durante os primeiros anos de vida, traz vantagens para o desenvolvimento humano, «na estruturação do cérebro e respetivos mecanismos neurais; (...) capacidade de adaptação física e motora; na estruturação cognitiva e resolução de problemas; nos processos de socialização

e, finalmente, na construção da imagem de si próprio, capacidade criativa e controlo emocional». (Carlos Neto (2023) pág. 17)

A ocupação e usufruto dos espaços públicos é essencial para a identificação e entendimento sobre o território em que a criança se insere. À medida que as explorações na cidade vai acontecendo, novas formas de interagir com os espaços acontecem. Estes processos vão «possibilitar à criança criar um sentido de identidade de lugar próprios, no seio das culturas de infância». (Carlos Neto (2023) pág. 95) «Com o passar do tempo, através da progressiva conquista de independência de mobilidade para esses espaços e exploração lúdica, a criança vai transformando os espaços abstratos em lugares concretos» (Carlos Neto (2023) pág. 96).

De forma repetida vão sendo enunciadas as necessidades de brincar nas ruas e algumas estratégias são apresentadas, tais como, “um bom ambiente de vizinhança”, permitindo o crescimento em comunidades; que as crianças conciliem as relações entre elas nos espaços públicos, decidindo como brincam nos diversos lugares de brincadeira; procurar possibilidades de brincadeira nas cidades e permitir o ancestral contacto com a natureza.

Ainda na mesma obra, o professor Carlos Neto indica que «70% das crianças portuguesas brincam menos de uma hora por dia e passam uma grande parte do dia sentadas e quietas em casa e na escola». (Carlos Neto (2023) pág. 47). Revela ainda que «atualmente os prisioneiros têm mais tempo livre fora das celas nas

prisões do que as crianças no seu cotidiano». (Carlos Neto (2023) pág. 47) Fala no «desaparecimento progressivo da ‘cultura de jogo de rua’, colocando as experiências espontâneas de vida das ‘culturas de Infância’ em vias de extinção.» (Carlos Neto (2023) pág. 48)

Várias investigações científicas revelam a relação positiva entre atividade física e desempenho académico, contando-se com diferentes experiências onde se pretende transformar o «paradigma clássico de pedagogia para modelos mais dinâmicos de ensino-aprendizagem dentro da sala de aula», permitindo que as aprendizagens sejam mais ativas. (Carlos Neto (2023) pág. 69)

As mudanças à escala da cidade terão de ter características vincadamente transformadoras, de forma a que se alcance a tão desejada autonomia pessoal na cidade, o direito a brincar e a participar. A cidade do futuro terá de incluir a socialização nas ruas, nas praças, nos parques e jardins, como lugares de encontro, de aventura, de jogo e de festa, com qualidade ambiental e infraestruturas de qualidade capazes suportar a permanência nos espaços.

Mesmo que na História nas cidades e das sociedades hajam retrocessos civilizacionais, na cidade do futuro não haverá qualquer tipo de discriminações.

A respeito de “*A dimensão lúdica na aprendizagem*”, um capítulo de Elvira Leite, presente na obra de Marco Ginoulhiac (2017), a professora revela ter fomentado esta forma de ensinar e de aprender, em que as regras do jogo emergiam do próprio jogo. Ao longo da sua vida

profissional, em oficinas de expressão plástica livre, a professora revela que o lúdico conduzia o sentido da atividade e muito satisfazia as crianças.

Procurou trabalhar por projetos em que os conteúdos programáticos incluídos, intensificaram a relação com a comunidade, na escola e/ou fora dela. O projeto iniciava-se com uma problemática a resolver, decompondo as turmas em grupos de trabalho, com trabalho de campo e em sala de aula, «privilegiando-se uma abordagem prática que levava a teorias oportunas» (Marco Ginoulhiac (2017) pág. 145). Um dos temas abordados foi “como integrar colegas cegos na sala de aula e na escola?”, um problema real para muitas crianças. Depois dos trabalhos em grupo, foram desenvolvidos debates abertos, participados por todos: alunos invisuais, professores e, como convidados, especialistas na matéria. Resolveu-se através da «construção de jogos de percepção tátil projetados e construídos nas oficinas pelos alunos da turma, apoiados por colegas cegos e contando com intervenção minha quanto a ensinamentos oportunos (...)». (Marco Ginoulhiac (2017) pág. 145)

Para desenvolver os referidos jogos, os jovens vendavam os olhos. Programou-se no final um evento com uma exposição de trabalhos visuais/táteis e um lanche entre os alunos que realizaram a oficina e todos os alunos invisuais. O evento foi publicado num jornal de notícias da cidade. «Trabalhar por projetos centrados na resolução de problemas era verdadeiramente lúdico, responsável e frutuoso». (Marco Ginoulhiac (2017) pág. 145)

A professora revela que para se ver e aprender é preciso sair da sala de aula, algo também desejado pelos alunos. «Sair da escola, fazíamos-lo muitas vezes, preparados para observar, escrever, desenhar, fotografar, conversar, aprender de forma apelativa. Víamos o geral e o pormenor. Ver de cima para baixo, de baixo para cima, de frente, ver ruas, praças, sentir o movimento, os sons, os cheiros, as cores, os edifícios que marcavam épocas diferentes, edifícios em construção, casas destruídas, bairros, acessos por escadas e rampas. Ver com os olhos de quem quer saber mais. Depois de apontamentos tirados e breves conversas, regressávamos à escola. A partir daqui desencadeava-se todo um percurso de trabalho em sala». (Marco Ginoulhiac (2017) pág. 147)

Este método vai-se revelar importante para a conceção do Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade, e do seu caderno, projeto desenvolvido na componente prática desta dissertação e que mais à frente se relatará.

Cidades Amigas das Crianças (UNICEF) e a Cidade Educadora (ACE) - promover a Cidade como instrumento de conhecimento e Participação

A Escola Peripatética (336 a.C.), trata-se de uma primordial referência na ligação entre a cidade e o ato de ensinar, de estudar, de aprender. “Peripatético”, origem etimológica do grego *peripatetikós*. É relativo ou pertencente a Aristóteles, à sua filosofia. Fundada por Aristóteles na Antiguidade Clássica, na cidade de Atenas, a escola Peripatética segue um método de ensino deambulante, itinerante. Imagina-se a passagem de conhecimento entre o mestre filósofo e os seus discípulos, tendo debates, fazendo descobertas, enquanto percorrem as ruas, os edifícios, os templos; estudando empiricamente os elementos que compõem o mundo e o espaço, tendo por base a Experiência e a Observação. Já na antiguidade Aristóteles imaginara uma cidade educadora. (Enciclopédia Larousse, Dicionário Houaiss)

Las nuevas urbanizaciones se construyeron con esta idea en mente, añadiendo un espacio de juego acotado y cerrado. Empezaron a popularizarse las actividades extraescolares para proporcionar un ocio productivo y seguro a los niños. En la década de 1990, los padres empezaron a meter a sus hijos en casa o en el polideportivo. Un informe del Ministerio de Cultura ya estableció en 2009 que el 90% de los alumnos de primaria (6-12 años) dedicaba sus tardes a actividades deportivas, idiomas, música o baile. No fue un cambio positivo. “La privatización de los espacios no favorece tanto los vínculos y las relaciones”, explica Marín sobre esta nueva realidad. Las amistades son más homogéneas y la posibilidad de hacer nuevos amigos es mucho más limitada que en un espacio público. Las clases extraescolares pueden ser divertidas y positivas para el desarrollo del niño, pero en ningún caso son un sustituto del juego. (Enrique Alpañés (2024) jornal El País)

Nesta ideia citada, Enrique Alpañés com a palavra “privatización” refere-se aos processos de restrição livre a um bem comum, como o acesso à luz natural, ao vento, à natureza, às ruas, à cultura, etc. - e demonstra como procuramos planificar os espaços infantis de forma funcional: espaços que sejam relativamente seguros, encerrados e artificializados. Aliás, uma tendência para a artificialização que se sente logo à nascença, com uma percentagem elevada de partos a ser agenda por forma a tornar mais rentáveis os serviços de maternidade e os seus recursos humanos.

Inundadas de um espírito mercantil sobre as nossas vidas, as cidades desenvolvem o setor dos serviços de ocupação dos tempos livres, da cultura, da arte ou do desporto, promovendo-se o princípio do utilizador-pagador, aplicando-o também aos cidadãos menores de idade que estão no cumprimento da escolaridade obrigatória. Para dar um exemplo, no Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade, que mais à frente se relata, os estudantes foram impedidos de usar as instalações sanitárias da estação rodoviária de Évora, uma vez que a sua utilização era permitida unicamente a quem tivessem dinheiro. Que condições têm as crianças e jovens para serem autónomas nas cidades?

As cidades industrializadas, as cidades modernas e as “sobremodernas” (Marc Augé), as cidades contemporâneas, do ponto de vista da sustentabilidade económica, não são amigas das crianças. A sustentabilidade é uma “triunidade” (A. Jacinto Rodrigues), um conceito que equilibra Ambiente, Sociedade e Economia.

(...) com a generalidade das unidades privatizadas, temos um serviço mais caro para o utente, com a introdução do postulado do utilizador/pagador e, um serviço de pior qualidade, com uma gestão focalizada na eficiência financeira, ou seja o lucro máximo.

Exemplos desta afirmação não faltam, basta verificar o que se tem vindo a passar em sectores como: os transportes, as telecomunicações, no abastecimento de água onde o sistema foi privatizado, na distribuição postal, nos notários, entre outros. (...)

(Jorge Pires (2014) jornal avante!)

A respeito das cidades amigas das crianças é importante destacar que há hoje estratégias e planos em ação, que procuram pôr em prática as melhores estratégias para transformar a Educação e as Cidades em paralelo, de forma articulada. Entre planos municipais, governamentais, europeus, Nações Unidas e cooperação internacional, contam-se vários projetos que procuram promover a educação em interação com ambientes urbanos, espaços públicos e suas infraestruturas. Nesse sentido, parece importante abordar dois programas internacionais que Portugal assinou e se comprometeu a cumprir: *Cidades Amigas das Crianças*, UNICEF e *Associação Cidade Educadora*.

Construir Cidades Amigas das Crianças, Um Quadro Para a Ação, UNICEF (1996)

O plano de ação elaborado pela UNICEF Portugal contou com uma primeira edição em novembro de 2015 e uma segunda edição em janeiro de 2019. Tem como documento de referência a Convenção sobre os

Direitos da Criança, carta adotada pela Assembleia Geral da Nações Unidas, em 1989, e ratificada por Portugal em 1990. Esta Convenção estabelece que «os Estados que a ela aderirem devem assegurar que todas as crianças – sem qualquer tipo de discriminação – beneficiem de medidas de proteção (...), para que possam viver, crescer, aprender e participar na vida da sociedade (...). A convenção mudou a forma como as crianças são encaradas – não mais como seres humanos passivos (...) mas como atores intervenientes nos processos de mudança que construímos nos países onde vivemos». (UNICEF (2019) pág. 7)

A propósito da Conferência Habitat II (Nações Unidas, 1996) lançou-se a iniciativa Cidades Amigas das Crianças, onde foi declarado como princípio: «o bem-estar das crianças é o indicador por excelência de um habitat saudável, de uma sociedade democrática e de boa governação». (UNICEF (2019) pág. 9) É um programa voltado para os governos e administrações locais, pela «adoção de políticas administrativas e de gestão territorial que promovam o bem-estar de todos os cidadãos e em particular das crianças, bem como, criem condições favoráveis ao desenvolvimento saudável e incentivem a participação dos cidadãos mais jovens na vida da comunidade». (UNICEF (2019) pág. 9)

Este programa interessa a esta dissertação pela possibilidade que traz na transformação dos espaços públicos em espaços mais inclusivos e participados, no respeito pelos Direitos da Criança. Porque são fundamentos para a construção de Cidades Amigas das

Crianças: «A não discriminação»; «O interesse superior da criança»; «Sobrevivência e desenvolvimento»; «Ouvir as crianças e respeitar as suas opiniões». (UNICEF (2019) pág. 10 e 11)

Em Cidades Amigas das Crianças (2019) os projetos são iniciados sem uma forma pré-estabelecida no arranque dos trabalhos: «A experiência tem demonstrado que o processo de construção pode ser iniciado de diversas maneiras: do topo para a base – mediante uma decisão dos órgãos máximos do município, (...) ou da base para o topo – a partir de uma ou várias iniciativas existentes, nomeadamente ao nível das escolas, de projetos ambientais ou de organizações locais, incluindo aquelas que, tendo sido iniciadas pelas próprias crianças e jovens, demonstrem potencial para se expandir a toda a cidade». (UNICEF (2019) pág. 10)

Uma ideia fundamental para esta dissertação que destaca as escolas como um agente dinamizador ativo, pela transformação urbano-social. Defende-se que «o desenvolvimento saudável das crianças é crucial para o futuro de qualquer cidade ou sociedade», e que as crianças são perfeitamente capazes de contribuir para a cidade, com «competências para participarem ativamente na sociedade, e essa participação promove a cidadania, reforça a coesão social e os valores democráticos no território». (UNICEF (2019) pág. 11)

Os aliados das crianças terão de ser um conjunto alargado de grupos sociais e profissionais, que vão desde a família, passando pelos amigos e professores,

entre outros, até aos técnicos, onde se incluem arquitetos e urbanistas.

«A participação é um processo através do qual as crianças, juntamente com outras pessoas (pais, professores, educadores, polícias, técnicos, dirigentes políticos), debatem temas que afetam as suas vidas, tanto nas esferas privada como pública. Esta interação entre crianças e adultos, (...) potencia o desenvolvimento de aptidões e competências de comunicação, reflexão, análise e negociação, com vista a alcançar objetivos comuns». (UNICEF (2019) pág. 15)

O programa tem como pilar da sua estratégia a «Análise do Impacto», onde se exige um «processo de avaliação sistémico do impacto das políticas e práticas (...) antes, durante e após a sua implementação». (UNICEF (2019) pág. 17 e 18)

Carta da Associação Internacional de Cidades Educadoras (AICE)

É por meio da escola que se estuda, aprende e se estreitam amizades para a vida. Nas Cidades Educadoras, a cidade é o pano de fundo de um teatro dinâmico, em que o palco é uma escola deambulante, onde se desenrola a vida e o conhecimento.

A AICE foi fundada em Barcelona, no ano de 1994, e constitui-se como uma associação sem fins lucrativos, assente na ideia de que a cidade é um agente educador.

A associação está organizada em colaboração entre os governos locais (membros) que se regem pelos princípios inscritos na Carta das Cidades Educadoras. A Carta da AICE baseia-se na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), na Convenção Sobre os Direitos da Criança (1989), entre outros.

No ano de 2023, o número de inscrites ascendias os 500 municípios, distribuídos por 35 países do mundo. Portugal conta 96 cidades inscritas neste programa, onde se destaca a participação de cidade de Évora como uma Cidade Educadora. Lê-se no site da Câmara Municipal de Évora (CME): «a Cidade é, necessariamente, educadora: a planificação urbana; a cultura; os centros educativos; as questões ambientais, desportivas e de saúde, as económicas, as que se referem à mobilidade e segurança; a cidadania e a participação; os diferentes serviços como a comunicação, a cultura, o património, têm, todos eles, uma potencialidade educadora permanente». (página de internet da CME (2023))

Na Cidade Educadora, a educação ultrapassa as paredes da escola e dispersa-se por toda a cidade. A Cidade Educadora tem como finalidade a construção de uma sociedade responsável e solidária, capaz de conviver na diferença. Procura-se «conciliar a liberdade com a responsabilidade, despertando o sentido da interdependência entre as pessoas e a natureza como forma de habitar a cidade e o planeta; fomentando a reflexão e o pensamento crítico, a capacidade de compreender problemas complexos; incentivando a participação corresponsável (...)». (Carta das Cidades

Educadoras (2020) pág. 5)

Na carta da AICE é entendida a preocupação de educar pelo bem das democracias e das futuras gerações: «As pessoas devem ser formadas para poder compreender o momento político, social, económico e ecológico, e para escolher livremente como querem habitá-lo. Devem desenvolver competências para lidar com a cultura “presentista” ou “do instante”, para intervir desde o mundo local na complexidade global e para manter a sua autonomia e o espírito crítico perante uma torrente de informações controlada por centros de poder económicos e políticos.» (Carta das Cidades Educadoras (2020) pág. 6) «Promoverá a participação de todos os cidadãos, desde uma perspetiva crítica, construtiva e corresponsável, na gestão municipal e na vida comunitária, divulgando abertamente os processos de tomadas de decisão.» (Carta das Cidades Educadoras (2020) pág. 13) «As crianças, adolescentes e jovens serão reconhecidos como cidadãos do presente, com direito a participar na gestão e melhoria da vida comunitária, em igualdade de condições com os adultos, disponibilizando-se os canais e ferramentas adequados.» (Carta das Cidades Educadoras (2020) pág. 13)

No livro de Maria Belén Caballo Villar, “A Cidade Educadora, Nova Perspectiva de organização e intervenção Municipal”, temos acesso a um conjunto de informação mais pormenorizada sobre a AICE e a sua Carta. «Uma cidade que possibilita às crianças saírem sós à rua e adquirirem autonomia na sua relação com ela é então uma cidade sã e bem desenhada».

(Maria B. C. Villar (2001) pág. 26) No mesmo parágrafo acrescenta-se ainda que as vantagens destes atributos não são «só para as crianças mas também para os anciãos e especialmente para os adultos». (Maria B. C. Villar (2001) pág. 26)

O professor Carlos Neto na sua obra “Libertem as crianças – A urgência de brincar e ser ativo”, a respeito dos parques infantis estandardizados, propõe o método a partir da Cidade Educadora, referindo: «o melhor procedimento seria abater os espaços e equipamentos e fazer tudo de novo, tentando equilibrar os critérios de concessão e construção: espaço natural/ construído; imprevisibilidade do espaço/espaço previsível; aventura e risco/espaço padronizado; limite possível/ imposto; ser ativo/passivo; projeto participado/imposto. Deveriam ser construídas equipas multidisciplinares para trabalhar em projetos de espaços de jogo destinados a crianças e enquadrados nos objetivos de uma cidade educadora» (Carlos Neto (2020) pág. 189)

Patente na obra de Carlos Neto, reforçada pelo projeto das Cidades Educadoras, está a defesa do autor pela possibilidade das criança estarem sozinha, ou com os seus pares, deslocando-se, brincando, jogando, criando, com autonomia no espaço público.

Reconhecer o direito a brincar livremente no espaço público é a «condição de base para a criança exercer o seu direito à participação». (Carlos Neto (2023) pág. 105) Ao retirar autonomia, exclui-se o «corpo lúdico em movimento pelo espaço público e contribui para a alienação das crianças e jovens relativamente aos

assuntos da sua cidade». (Carlos Neto (2023) pág. 105) É referido no capítulo “A Criança no Espaço Público e a Cidade Educadora” que os municípios são obrigados a olharem para as crianças e jovens enquanto «atores sociais participantes (...) a participação infantil ao nível escolar e municipal tem que ser preparada dentro de um enquadramento teórico e metodológico robusto». (Carlos Neto (2020) Pág. 105)

É defendido que a inclusão das crianças e jovens em processos participativos sobre a cidade real e a cidade ideal, ou desejada, «deverá ser escutada através de um processo de recolha de dados sobre as diferentes possibilidades de ação e experiências do lugar nos diversos espaços urbanos», posteriormente esta informação deverá «fazer-se representar nos processos de planeamento urbano, em conjunto com os profissionais e técnicos responsáveis». (Carlos Neto (2020) Pág. 105)

Elvira Leite - Metodologia de ensino participado pelas crianças e jovens, na cidade e no museu

Maria Elvira Vieira Pereira Leite, nascida em 1936, é professora, pedagoga e artista da cidade do Porto. Estudou pintura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, terminando o curso com nota final de dezanove valores, decorria o ano de 1962. Ainda como estudante participou em todas as Exposições Magnas, obtendo o prémio Rodrigo Soares. Em 1965, representa Portugal na VIII Bienal de São Paulo, obtendo o Prémio Nacional de Pintura em 1968.

Embora todo o seu mérito e reconhecimento artístico, Elvira Leite optou pela carreira de professora, terminando o curso de Ciências Pedagógicas da Universidade do Porto, em 1964. Uma mulher com ideias progressistas, que desde 1960 lutou pela mudança do país, contra a pobreza, pela alfabetização, acreditando que a escola deveria desenvolver-se por práticas criativas e ligadas à arte.

Nos anos que se seguiram a revolução portuguesa desenvolveram-se atividades e oficinas com crianças, que reivindicavam melhores condições de vida e habitação. No seguimento da extinção do SAAL, em 1977, destaca-se o projeto artístico e criativo com a população infantil moradora do Largo de Pena Ventosa, no bairro da Sé, no Porto, intitulado “Quem te ensinou? – Ninguém”. Trabalho esse que foi apresentado em exposição, em 2016, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, originando no mesmo ano a publicação de uma obra editada pela Pierrot Le Fou, com o mesmo nome da exposição. Esta exposição seguiu para as cidades de Nova Iorque e Paris.

Professora do ensino básico e secundário, entre 1965 e 2000, trabalhou com a UNESCO enquanto consultora para o ensino artístico em países de expressão portuguesa, onde se destaca o trabalho em Timor, Cabo Verde e Angola. Coordenou ações de formação com mulheres imigrantes portuguesas, em vários países europeus, de 1977 a 1990, pelo Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas. Foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, na área artística, e consultora em várias instituições: Fundação para o Desenvolvimento do Vale de Campanhã, 1998 a 2002; Museu Nacional de Soares dos Reis, 2000 a 2001; Centro Regional de Artes Tradicionais, 2003, e Serviço Educativo da Fundação Serralves (1999-?).

Em 2004 foi condecorada, pelo Presidente Jorge Sampaio, com a Ordem do Infante D. Henrique. Responsável pela publicação de várias obras em co-autoria, para esta tese destacam-se: “Habitar Serralves: 2001 e 2002”; “quem te avisa teu amigo é: promover a cidadania”; “Lugares imaginários: utopia transição”; “Quem te ensinou? -ninguém”; “Trabalho de projeto”; “Espaços de criatividade: a criança que fomos/a criança que somos... através da expressão plástica”.

A sensibilidade de Elvira Leite para as problemáticas da Cidade, como é explicado pela própria no livro “Quem te ensinou? – Ninguém”, nasce durante a sua infância com a educação dos seus pais. Fazia passeios com o seu pai e conversavam sobre o Porto, sobre a História da cidade. Relata que paravam junto da Ribeira, onde abriam a pasta de materiais para trabalhar e

desenhar, depois levavam os esboços para casa onde continuavam os desenhos. A autora descreve o seu pai como um homem de «interesses contagiantes», que a situava no contexto político da época - «falta de liberdade de expressão, desigualdades socioculturais e da necessidade urgente de mudar o regime político que as mantinha». (Elvira Leite (2023) pág. 127)

Já depois da sua infância após o 25 de Abril, Elvira Leite passa a integrar a actividade política, e, no contacto com a população sente que uma «energia vital enchia as ruas», crescendo em si uma vontade de intervir e percorrer os espaços públicos de debate de ideias. Estava organizada com outras pessoas que reuniam para intervir e lutar mas não lhe seduzia «(...) a militância partidária. Estava mais vocacionada para trabalhar no terreno, em projectos de intervenção local». (Elvira Leite (2023) pág. 128)

Os inquéritos fornecidos pelo Serviço Educativo da Fundação de Serralves às escolas, contemplando as questões

No Espaço, Casa, Escola, Bairro:

O que gosto mais?

O que gosto menos?

- Para mim a cidade é:

Quais são os meus Lugares na Cidade? (respostas em texto)

'A minha Casa' (respostas em desenho ou em pintura)

'A minha Cidade' (respostas em fotografia)

A ficha de identificação do inquérito tinha as indicações do nome e endereço da Escola, do número da turma e ciclo de escolaridade, o nome do aluno e a sua data de nascimento.

(Elvira Leite (2002) pág. 22/26)

Com uma visão integrada e holística sobre o ensino, e a escola, o seu «activismo político situava-se nas lutas para a construção de uma boa escola para todos: uma escola aberta, acolhedora, atenta às diferenças, enfim, uma escola criativa, democrática, competente, organizada em projeto, que facilitasse o trabalho interdisciplinar. A prioridade era resolver os problemas do momento». Afirma que naquele momento foi o momento de deixar a sua solitária arte de pintar de lado, passando a estar focada numa arte social, no coletivo.

Com esta breve introdução à personalidade de Elvira Leite, partimos para o estudo de dois momentos de trabalho da artista que distam um do outro em vinte e cinco anos. Embora em contextos diferentes, há uma linha transversal em ambos – a participação da população.

Quem te ensinou? – Ninguém

Porto, 1976

A obra com o título “Quem te ensinou? – Ninguém”, relata um exímio projeto de intervenção participado pelas crianças, em meio urbano, no Bairro da Sé, no Porto. Elvira Leite participava das brigadas e assembleias populares do Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL). Com o seu precoce final, sentiu a desilusão generalizada das populações moradoras de bairros degradados.

O projeto de actividades de expressão criativa acima referido é especialmente relevante, pois a autora soube

agarrar o momento para, junto dos moradores mais novos, refletir e intervir no bairro. Esta ideia partira de uma necessidade que a população naquele período sentia de uma «creche para acolher as crianças que andavam pelo bairro desprotegidas». (Elvira Leite (2023) pág. 129) Foi uma luta a que se associou sem obter os resultados desejados, pelo que parte ela própria para um «levantamento dos modos de vida dos moradores e das brincadeiras de rua dos miúdos». (Elvira Leite (2023) pág. 129) Relata que a «criança de 6, 7 anos se entretinha usando a rua para as suas brincadeiras» (Elvira Leite (2023) pág. 129) e que, ao «questionar as crianças sobre os seus sonhos, diziam que não os tinham, só pesadelos». (Elvira Leite (2023) pág. 130) Na relação com os moradores da Penha Ventosa, na Sé, depois da desconfiança inicial, a autora afirma ter feito amizades e que, a partir desse momento falava com as pessoas sobre um possível projeto “meu – nosso”, que terá sido bem recebido por envolver uma componente social e uma componente de produção manual e artística.

Revela que em casa fez um esboço do projeto para apresentar aos seus companheiros de viagem, a “miudagem”. Voltou ao Largo, onde reuniu o maior número de crianças e mães, e apresentou o esquema que não era definitivo, seria para ser «discutido dentro do contexto da cultura local, da realidade, das vontades, das possibilidades e dos desejos». (Elvira Leite (2023) pág. 130) Seriam necessárias salas de trabalho que não havia. Desse modo o projeto artístico teria de acontecer nas próprias ruas, nos patamares, nos degraus, no largo, nas casas, no fontanário.

«(..) de olhos bem abertos e sorridentes aceitaram a ideia com toda a confiança. O projecto era nosso». (Elvira Leite (2023) pág. 131) Ficou decidido que as actividades teriam de envolver pintura, desenho, construção de papagaios, construção de carrinhos de rolamentos, teatro de fantoches e música. Todos os materiais ficaram a cargo da autora e os horários seriam, quartas e sábados, quando Elvira Leite não dava aulas e caso não chovesse. Ao longo do processo, os trabalhos eram guardados nas casas das crianças participantes, com idades compreendidas entre os 4 e os 13 anos.

O processo demorou dois anos. O desenho no chão, a giz branco, foi a primeira etapa. Sem tema imposto todos sabiam o que desenhar – nas fotografias vêem-se paredes e escadarias repletas de desenhos de casas e pessoas, árvores e animais. «O desenho no chão era arte efémera na paisagem urbana». (Elvira Leite (2023) pág. 132)

De seguida, partiram para as pinturas sobre papel. Elvira Leite ensinou os participantes a fazer as suas próprias tintas de água. Sem temas impostos, a dinamizadora apoiava nas técnicas a quem pedisse ajuda: «os mais velhos fizeram cartazes para as manifestações; pintavam-se paisagens, casas e mais casas, quartos, muros, céus, coisas estranhas, enfim, uma autêntica explosão. (...) Tinham autonomia». (Elvira Leite (2023) pág. 132)

Para a sessão de teatro de fantoches houve uma sessão prévia de debate político, revelando o quanto estas crianças estavam informadas, «o quanto sabiam

e queriam saber». (Elvira Leite (2023) pág. 132) As narrativas desta actividade partiram da vida real de cada uma daquelas crianças. Fizeram-se três peças de teatro onde entraram também as músicas. Elvira ensinou-lhes algumas melodias na viola e as canções foram gravadas no gravador. Para percussão houve «latas, bacias de chapa e de plástico, paus de madeira e pregos grandes». Houve também que construir a caixa de madeira para o teatro onde o grupo pode contar com a participação do arquitecto Henrique Carvalho. «Não havia uma autoria, mas sim co-autoria e pluralidade. (...) os textos eram muito críticos». (Elvira Leite (2023) pág. 133)

A autora relata que a corrida de carrinhos de rolamentos foi um grande sucesso. As crianças organizaram-se sozinhas, trabalhavam «fora de horas e dias extra. Conceberam um projecto dentro do grande projecto. Em todos os bairros da cidade sabia-se da corrida e os miúdos estavam a preparar-se para participar (...) constituíram um júri, decidiram as regras e divulgaram a mensagem». (Elvira Leite (2023) pág. 133) Por fim, houve construção de papagaios de papel que foram lançados ao vento levando desejos escritos em papéis, agarrados às caudas. O fim do projeto concretizou-se com um almoço no Largo da Pena Ventosa, com toalha estendida no chão. «Foi possível cumprir um sonho. Não há impossíveis. Querer é poder.» (Elvira Leite (2023) pág. 133)

Neste projeto entende-se que Elvira Leite considera que todas as crianças carregam um artista de si, capaz de transformar o seu mundo, o seu bairro, a sua rua.

A autora soube aproveitar as potencialidades das crianças, organizando-as para que fossem elas um motor útil à comunidade em que estavam inseridas. «No conceito de 'utilidade' parece-me estar implícito uma dimensão política de activar públicos arredados da arte a envolverem-se em formas de acção participativas, criativas. Estes projetos são mobilizadores - não para servir o artista -, mas para partilhar valores e formas de intervir sobre questões político-sociais. O sentido do colectivo no projeto artístico conta com a aproximação ao outro, promove a integração dos outros na obra, que é em si política, resultante de um trabalho conjunto. Há o sentido de apropriação de algo que antes não existia. As crianças e os jovens falam através dos seus desenhos, das suas pinturas, quando têm liberdade e condições para o fazer. Se não forem ensinadas e obrigadas a seguir as regras impostas pelos adultos, falam de si e dos acontecimentos que as afectam. São perspicazes, são observadoras, críticas. Sem ruído, talvez tenham algo a dizer sobre si. Saibamos ouvir.» (Elvira Leite (2023) pág. 135)

Desta forma tão poética, quase parece utópica, Elvira Leite alcança um projeto de singular importância para as crianças urbanas num contexto político e social difícil. Todos os momentos da História são difíceis e terão os seus desafios, o que importa é saber responder, sabendo integrar e unir as pessoas em torno de uma causa comum.

Esta dissertação propõe que sejam criadas as ferramentas para que a educação e participação estejam ao alcance de todos, em diversas vertentes disciplinares, onde se inclui a Arquitectura e o Urbanismo, onde as crianças têm de ter uma voz ativa.



Elvira Leite (*Quem te ensinou? Ninguém*, 2023)



Serviço Educativo da Fundação Serralves

Enquanto artista e consultora dos Serviços Educativos da Fundação Serralves, Elvira considera fundamental a reflexão e «familiarização com a linguagem artística contemporânea, na perspectiva de apoiar a sua compreensão e interpretação e, a um nível mais próximo, desbloquear barreiras que possam limitar a criatividade» (Elvira Leite (2009) pág. 8) Enquanto pedagoga, considera que é importante para a Fundação Serralves conhecer mais as escolas para complementar o ensino e formação das crianças e jovens, «para estimular a curiosidade pelo que não se conhece, para motivar o interesse por temáticas inscritas na vida contemporânea». (Elvira Leite (2009) pág. 8)

O método de Elvira é a procura da experiência através do trabalho individual e em grupo, trabalho de estudo e de pesquisa, trabalho manual - que sejam concretizadas as ideias com independência criativa, sendo o adulto, ou o monitor, um ajudante nos estudos e nas técnicas adotadas. (Elvira Leite (2009) pág. 9)

É uma profissional do ensino artístico que tem a sensibilidade de propor temáticas «provocadoras, questionadoras e apelativas, para que a informação se transforme em saber e este em atos de criação». (Elvira Leite (2009) pág. 9)

Defende que o trabalho por projetos - onde se define um tema, estudando-o e trabalhando de forma criativa o conhecimento adquirido – é uma forma de aprendizagem pela prática onde a própria criança faz

a «reflexão avaliativa sobre o que e como se faz». (Elvira Leite (2013); pág. 20) Considera importante que hajam tempos definidos para cada tarefa, que estes não devem ser ultrapassados, e o processo passa por saber selecionar as ideias. «Em suma, o desejável questionamento treina-se; as respostas constroem-se e os resultados são previsíveis». (Elvira Leite (2013); pág. 21) Os temas escolhidos para as oficinas são campos de trabalho desdobráveis, ou seja, «há um tema de motivação que lança pistas para diferentes caminhos – a cidade, a arte contemporânea, o ambiente». (Elvira Leite (2013); pág. 22) Há um conjunto de indicadores que apontam para a configuração global das propostas, antevendo processos e resultados. De seguida são os «projetos derivados» concebidos em grupo onde se procurará uma «unidade na diversidade», nunca perdendo o sentido da «aventura, improvisos, desvios oportunos, que em projeto são valorizados. O processo flui». (Elvira Leite (2013); pág. 23) As oficinas do serviço educativo foram direcionadas para as escolas, com professores e alunos, orientados por arquitetos, artistas, educadores, biólogos, cientistas.

Oficina e Projeto de expressão criativa - “Meu Lugar, Minha Cidade – Habitares Serralves”

Sentir. Pensar. Imaginar. Transformar Espaços. Projecto com Escolas 2001 e 2002. Elvira Leite e Samuel Guimarães. Esta oficina, promovida pela Fundação Serralves, foi desenvolvida para as escolas, tendo como público-alvo crianças e jovens do pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico e secundário. Funcionou durante dois anos, nos períodos compreendidos entre

Março a Setembro de 2001, de Outubro de 2001 a Setembro de 2002. Num outro momento, também proporcionou a frequência de professores numa ação de formação.

A oficina teve como objectivos: «educar para a cidadania; contribuir para o reconhecimento e salvaguarda do património local - arte, arquitectura e paisagem; sensibilizar a criança e o jovem para o sentido de pertença ao lugar que habita, como contributo para a sua integração social de forma crítica e participativa - responsabilidade cívica; mobilizar e desenvolver o potencial criativo de crianças, adolescentes e jovens na realização de projectos; mobilizar a intercomunicação na acção educativa entre Escola e Fundação de Serralves - Museu e Parque.» (Elvira Leite (2002) pág. 32 a 83)

Percecionar os espaços envolve a relação entre o ser visitante e o ambiente que o circunda. Os dados sensoriais são fontes de receção que podem ser de ordem visual, auditiva, tátil, quinestésica, térmica, olfativa, gustativa. Nesta oficina procurou-se «sentir as qualidades e os desajustes do espaço» físico e relacional para conceber ideias criativas, para consequentemente «intervir tendo em conta as necessidades, os desejos, os sonhos, as fantasias férteis» desta população. (Elvira Leite (2002) pág. 32 a 83) É assinalado que «a relação que a pessoa estabelece com os lugares depende do modo como os seus sentidos foram condicionados». (Elvira Leite (2002) pág. 32 a 83) Para combater condicionalismos foi «preciso estimular e enriquecer

as informações sensoriais para cultivar a cultura pessoal, para desenvolver no indivíduo capacidade crítica e de intervenção». (Elvira Leite (2002) pág. 32 a 83) Uma reflexão sobre o espaço urbano, sobre os habitares, recolhendo opiniões pessoais, com «olhar pesquisador». (Elvira Leite (2002) pág. 32 a 83)

Pretendeu-se que os mais novos comunicassem como é a «sua vivência no espaço urbano; pôr em jogo o espírito crítico e criativo; propor uma forma de convivência (...) através da leitura; através do desenho, da pintura, da fotografia, da construção tridimensional». (Elvira Leite (2002) pág. 32 a 83)

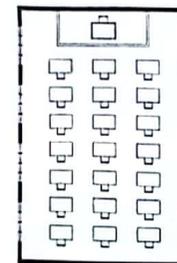
Esta oficina realizou-se através de actividades para os alunos, na Fundação Serralves contou-se com conferências e debates, «oficinas para a criação de símbolos da cidade em forma de cata-ventos e papagaios de papel»; nas escolas os professores dirigiram oficinas de escrita e de construção tridimensional - "A Cidade imaginada" -, fizeram-se teatros - "Maria, a formiga" -, distribuíram inquéritos e trabalharam na apresentação final dos trabalhos. Este projeto culminou com exposições e festas no parque da fundação, em ambos os anos em que decorreram.

Comunicações e Seminários

- . Aurora Carapinha (arquiteta paisagista) – *“De uma reflexão sobre a paisagem”*;
- . José Gigante (arquitecto e docente Universidade de Coimbra);
- . Nuno Grande (arquitecto e docente Universidade de Coimbra) – *“O Porto na miragem da “cidade sustentável”*;
- . Rui Macelino Leal (docente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra) – *“Meu lugar, minha cidade, rumo a Ítaca – de um mundo à procura de sustentabilidade”*;
- . Elvira Leite (professora e consultora do serviço educativo da Fundação Serralves) – *“A escola, o museu de arte contemporânea e o parque de Serralves”*;
- . Marina Lencastre (docente da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto) – *“Entre a ciência, a natureza e a cultura – perspectiva para a educação”*;
- . Albano Lemos Pires (Comunicação educacional multimédia, técnico superior do Instituto Politécnico do Porto) – *“Educação para os media, educação pelos media...”*
- . Milice Ribeiro dos Santos (Professora na Escola Superior de Educação do Porto, Terapeuta familiar, Interventora sistémica) – *“Uma carta a propósito de parcerias”*
- . Elvira Leite + Milice Ribeiro dos Santos – *“Projectos em movimento”*

(Elvira Leite (2002) pág. 32 a 83)

ESPAÇO A



Aula tradicional: o mobiliário (de preferência carteiras) deve estar fixo e colocado de modo a definir filas. Espaço rígido, condicionado pelo equipamento, dificultando a mobilidade.

ESPAÇO B



Sem qualquer equipamento. Vazio. Será, de preferência, a área correspondente à de uma aula prática (de Educação Visual, por exemplo). Deve permitir a movimentação livre do grupo mas não ser demasiado grande para evitar dispersão.

ESPAÇO C



Aula com equipamento móvel: 4-5 mesas, 16-20 cadeiras. Espaço não organizado previamente: varia conforme as situações que se forem criando. Espaço criativo, a organizar por quem o utilize.

Espaço-tipo sala de aula, três organizações diferentes. (Elvira Leite (1983) pág. 18)

Entrevista ao presidente Abílio Fernandes

Presidente Câmara Municipal de Évora, 1977 a 2001;

Deputado CDU à Assembleia da República, 2005 a 2007;

Grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, 2007;

Doutoramento *Honoris Causa* atribuído pela Universidade de Évora, 2021;

Medalha de ouro da cidade de Évora, atribuída por unanimidade, 2024.

(A conversa realizou-se no dia 28 de Janeiro de 2025 na APA, em Évora. Procurou-se conhecer como foi vivida a infância em Moçambique e como foi a vinda para Évora.)

JOSÉ A. Como foi crescer em Moçambique?

ABÍLIO F. Nasci em Inhambane na “Terra de Boa Gente”, segundo o Vasco da Gama. Cresci em Quelimane, que era a terceira cidade de Moçambique nessa altura. O meu pai era um pequeno comerciante e vivíamos com algum desafogo, embora com muito trabalho, muito trabalho, muito trabalho.

Estive lá até aos dezoito anos, fiz toda a minha juventude em Moçambique.

JOSÉ A. Brincava na rua?

ABÍLIO F. Sim. Andávamos descalços muitas vezes. Eu até não era obrigado a andar descalço, os rapazes nativos é que andavam sempre descalços. Eu já tinha sapatilhas, sandálias. O clima era quente. Brincávamos muito com a bicicleta, tínhamos um grupo e andávamos pelo mato, junto das palhotas, aquilo era uma vida desafogada.

Lembro-me que chorei muito quando entrei para a escola, chorei como um desalmado. Tive uma professora branca, europeia, que me tratou com carinho, deu-me um daqueles lápis vermelho de um lado e azul do outro. Foi um bonito gesto. Mesmo com estes anos todos passados, nunca me esqueci dessa imagem.

Depois tive de deixar os meus pais em Quelimane e fui para Lourenço Marques, atual cidade de Maputo.

Uma vez que o meu pai era comerciante e eu era o filho mais velho, fui tirar o Curso Comercial para depois continuar a carreira do meu pai. Quando cheguei ao último ano tinha sido um bom aluno. Tivera também um professor branco, europeu, que me convidou para organizarmos a biblioteca da escola comercial. Durante esse convívio, na organização da biblioteca, o professor disse-me: “- tu já reparaste que se fores trabalhar sem ser para o teu pai, se tiveres de ir para outro emprego qualquer, um branco que tenha as mesmas condições que tu, ou até menos, passa-te à frente?”

Em Moçambique o racismo não era ostensivo como na África do Sul, onde o Apartheid era fortíssimo e assumido pelo Estado racista. Isso refletia-se em tudo. Em miúdos sabíamos que em Moçambique não havia essa discriminação oficial, mas havia um racismo latente.

Cheguei a Portugal e cá não havia racismo nenhum. Em Moçambique havia conflito de interesses, cá o Matateu era um jogador de futebol negro apaixonado por todos. Percebi logo que o racismo não tem nada haver com a cor da pele, mas sim, com a classe económica em que as pessoas vivem.

Tirei o Curso Superior de Finanças, no atual ISEG. Dediquei-me à gestão de empresas e tive a sorte de ter um professor muito bom. Quando acabei o curso, trabalhei com esse professor na organização administrativa de empresas privadas e empresas públicas. Percebi bem como é que o

sistema capitalista funciona na sua base para as empresas privadas.

Entretanto vim para Évora dar aulas no Instituto Superior de Economia de Évora, que era da responsabilidade dos padres jesuítas, em 1967.

Deram-se as últimas eleições legislativas durante o fascismo em 1973. Eu já conhecia as realidades alentejanas. Para essas eleições, participei na elaboração de uma tese. Fui convidado por um grupo de alentejanos por causa das minhas ideias progressistas. Preparámos uma tese para o III Congresso da Oposição Democrática em 1973, intitulada “O Regime Antidemocrático é Responsável pela Má Situação Sócio- Económica no Distrito de Évora” - uma denúncia do fascismo aplicada a Évora.

Depois veio o 25 de Abril, houve uma revolução dos estudantes, afastaram os padres jesuítas da gestão do Instituto porque queriam ter uma direção eleita democraticamente – elegeram-me a mim.

Durante a Reforma Agrária eu era do MDP e encontrei no Partido Comunista uma coerência muito grande. O sistema do latifúndio é um sistema repressivo. Nós denunciámos a repressão, as más condições de vida dos trabalhadores e a ostentação dos grandes proprietários que quase não trabalhavam.

Convenci-me que o PCP era uma organização

virada para a transformação material da sociedade. O racismo para mim passou a ser a luta de classes.

Acabei por aderir ao PCP e logo a seguir fui candidato às primeiras eleições autárquicas – 12/12/1976. Fomos eleitos com maioria relativa, a coligação chamava-se FEPU. Entretanto o PS queria mandar, começou a instigar o PSD a pedir a demissão para fazer cair a câmara. Conseguiram fazer cair a primeira câmara a nível nacional. Queriam alterar o nosso rumo, a nossa política, qual não foi a surpresa quando, logo a seguir, tivemos a maioria absoluta.

Nós começámos a trabalhar em 1977, foi nessa altura que discutimos qual deveria ser o plano para a zona Oeste de Évora, toda a zona da Malagueira.

Entrevista ao arquiteto Álvaro Siza Vieira

(A conversa seguia a respeito do Bairro da Malagueira. Foram abordados temas relativos a esta primeira parte da dissertação.)

(...)

JOSÉ A. (Assinala-se o espaço do jardim infantil no Plano de Pormenor do Bairro da Malagueira, Gabinete de Apoio Técnico às Autarquias Locais (CME) (consultar pág. 88), e relaciona-se com um esquisso do arquiteto (consultar pág. 100 e 101)). A Sudeste do bairro, cruzando o jardim infantil, passa também uma linha de água. Nas conversas com os moradores foi referido um antigo ribeiro que por ali corria. Nos seus esquissos para esta zona, nota-se que o arquiteto implanta das ruas respeitando a linha de água.

ÁLVARO SIZA Claro. Houve dois elementos base do plano: um foi o ribeiro, que já vinha especificado no plano geral de Évora; o outro, foi recuperar uma rua do Bairro de Santa Maria, já com várias construções, todas clandestinas. A administração fechou os olhos à construção clandestina, era um sítio que não se via da estrada.

Évora que não teve uma industrialização, era uma zona de grandes propriedades e poucos proprietários, explicando-se o estado de conservação em que estava a cidade. A cidade era a joia destes poucos proprietários, que queriam manter a beleza de Évora. A cidade manteve o perfil do passado.

(Assinalando a urbanização a Sul da Avenida do Escurinho, edifícios em X numa planta geral de Évora) Já tinha sido feito um Plano anterior com

edifícios de sete pisos que tapavam o perfil da cidade de quem vinha na estrada. Essa foi uma das razões, para um novo plano de expansão na zona Oeste de Évora, que contou com o apoio ativo dos grandes proprietários e parte da população que não queriam criar edifícios que tapassem a vista sobre a cidade. A população também não estava habituada a apartamentos. Os poucos programas de construção económica anteriores, dos anos 40, na periferia de Évora, são de casas baixas, casas individuais, dois pisos em geral.

Aí houve uma convergência de opiniões, uma das grandes decisões anteriores foi de só fazer dois pisos, outra foi de manter o ribeiro com uma linha verde em seu redor.

Foi opção do plano (1977) manter o arruamento que já tinha vida própria. Contava com um muito precário fornecimento de equipamentos. Tinha uma mercearia, o correio, um café, tudo clandestino. Foi decisão do plano manter e recuperar o existente, simultaneamente, fazer o plano das novas construções.

(Assinala o Bairro de Santa Maria) Outra grande opção do plano foi ligar esta população que ia a pé para o centro, tinham de atravessar o ribeiro. Foi decidido reforçar a linha de água por causa das descargas da piscina. Isto foi ideia do paisagista que eu então convidei para participar no plano. Foram estas as grandes linhas. (...)

JOSÉ A. O arquiteto vê com bons olhos que um grupo de crianças proponha Programa e Espaço por cima de um plano traçado por si?

ÁLVARO SIZA Claro que vejo, foi feito para isso. É feito para as crianças, não foi feito para mim. As crianças acho ótimo, os arquitetos não acho.

Os Direitos de Autor já não existem, como sabe. A história da Malagueira é uma vergonha, mas não é nada ao pé da vergonha que se passa. Já não há direitos de autor, a obra pública é feita por concurso entre construtores, sabe disso. Já não existem regras que impeçam a confluência corrupta que há hoje, e que é livre. Isto tudo vem da Comunidade Europeia. Da parte dos arquitetos mostra-se uma entrega absoluta. Eu acho que muitos estão insatisfeitos com o sistema atual.

Faz parte das competências do arquiteto o Diálogo. No SAAL discutiu-se os projetos com a população que ia ser utente. Isso não criou problemas à Qualidade da arquitetura. Quem diz que o arquiteto é um ser antidemocrático, mente.

O advento da Arquitetura Moderna vem de uma geração que tinha uma ideia nova, trabalhar para o grande número. Os grandes projetos na História da Arquitetura dos anos 20, 30 são projetos de habitação económica. Uma das características da nova arquitetura foi esta convicção de que a arquitetura tem de ser de qualidade para todos, porque se não há qualidade na cidade... o

que interessa fazer uma obra-prima “aqui”, se depois à volta é o caos? De maneira que há uma distorção completa, que retrata o arquiteto como um profissional caprichoso, incómodo, exigente, caro. Eu mantenho este escritório porque tenho trabalho na China e na Coreia, e um pouco no Japão também, se não, já tinha fechado este escritório. Não estava disposto a trabalhar nestes moldes.

(...)

JOSÉ A. As Cidades são amigas das crianças?

ÁLVARO SIZA Nem sempre. Os problemas da densidade e do trânsito dos veículos trazem alguns perigos, não falando de perigos maiores. A Cidade traz perigos para as crianças e para os adultos também.

JOSÉ A. Entretanto recebeu mais alguma proposta, algum desenvolvimento para a Malagueira?

ÁLVARO SIZA Maiorias políticas e o retrato da Malagueira... não querem desenvolver nada. A atitude depois que saiu o (antigo presidente) Abílio, que teve uma ação fantástica em relação a tudo isto, foi o absoluto abandono e a aceitação do pior. Ligo isso ao prazer de aceitar o pior.

JOSÉ A. O prazer de aceitar o pior.

ÁLVARO SIZA Sim. Repare, tudo o que aparecer

com qualidade é um ataque, uma coisa a cortar, a abater, e depois vê-se a diferença, não tenho dúvidas sobre isso.

JOSÉ A. O arquiteto defende que a metodologia da participação popular devia ser continuada?

ÁLVARO SIZA É evidente que sim. Naturalmente em moldes diferentes, porque uma das coisas especiais e que não se repete é a situação da Revolução. Mas há outros meios. A qualidade não é só obtida por Revoluções.

JOSÉ A. Esta tese propõe a participação das crianças a trabalhar o espaço público.

ÁLVARO SIZA As crianças não estão a trabalhar, estão a divertir-se e a formar-se.

O trabalho que fiz na Holanda ou na Alemanha incluía a participação das cooperativas. Houve diálogo com pessoas de várias origens: indianos, sul americanos, portugueses, holandeses, e havia diálogo com apoio do governo de Haia, que tinha de acompanhar o processo com vários assistentes sociais e fazer a organização e tradução do debate, para diferentes línguas - havia gente que ainda não falava holandês, eu próprio, projetista.

Portanto, isso é perfeitamente possível, não há é vontade política.

JOSÉ A. No Liceu fundado por Aristóteles na

Grécia Antiga, Escola Peripatética, a Cidade era matéria de estudo e as aulas eram lecionadas de forma deambulante, através da Experiência e da Observação.

José Saramago escreveu num livro, “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

O mestre, arquiteto e professor Álvaro Siza Vieira, é um ávido defensor da Viagem e recorda a importância de Ver, para um estudante de arquitetura.

Considera que a ideia de que temos de aprender vendo, observando, tocando, deambulando, é compatível com o esquema de sala de aula? Considera que o trabalho de Elvira Leite tem interesse para a arquitetura?

ÁLVARO SIZA São coisas independentes e dependentes de quem pensa e promove as atividades. Depende do intercâmbio cultural e profissional. Há muita gente lúcida que tem de saber trabalhar com as dificuldades que temos aqui falado, em relação à arquitetura. É claro que o trabalho de Elvira Leite tem interesse para a arquitetura. Ela trabalhou com vários arquitetos.

JOSÉ A. Sobre o processo criativo que desenvolve, sobre o Brincar e o Lúdico, brincar é uma receita para a longevidade?

ÁLVARO SIZA Brincar desenvolve o espírito da personalidade de cada um. Quem não brinca é porque tem problemas próprios ou alheios. Brincar é a coisa mais espontânea e natural que há.

Todas as crianças brincam e os adultos também.

JOSÉ A. O arquiteto lembra-se, em criança, de jogar na rua, que brincadeiras ou jogos praticava?

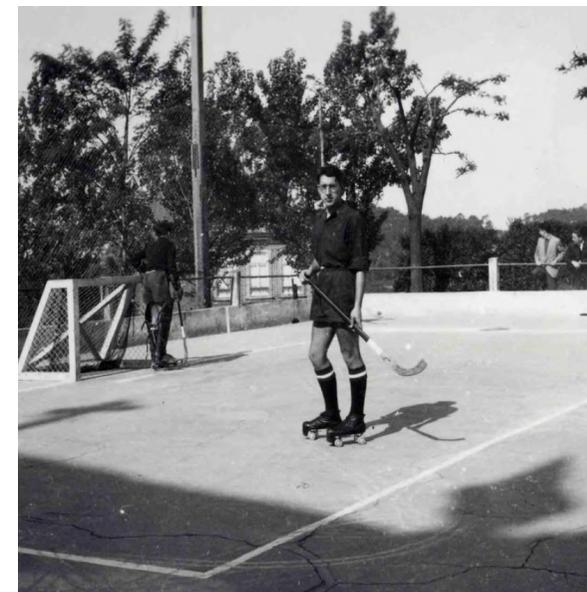
ÁLVARO SIZA Lembro-me, mas nessa altura era muito acompanhado. A minha família tinha muito cuidado. Lembro-me que quando o tempo mudava, a mãe lá obrigava a meter uma camisola interior. Cuidados com a saúde, com o trânsito. Não havia muita liberdade de andar na rua. Não havia muitos jardins infantis.

Eu vivi em Matosinhos, o convívio entre crianças era muito nas relações de família, os amigos, a vizinhança imediata – uns vizinhos tinham um jardim grande, galgávamos o muro e íamos brincar. Havia uma setorização dos espaços da cidade para determinados tipos de famílias, as ruas dos mais ricos, classe média, e a pobreza.

Em Matosinhos havia um parque infantil, também lá fui algumas vezes com alguém da família, onde fazíamos construções com pedras e pauzinhos.

Durante a guerra fazíamos jogos de guerra. Os presentes que as crianças tinham era os soldadinhos. Havia soldados de chumbo e depois em massa. Em Portugal, que foi relativamente neutral, havia os soldadinhos alemães e os soldadinhos aliados e, conforme a família, formavam-se grupos que faziam a guerra simulada no jardim, às vezes davam umas discussões.

Mas em geral era fazer construções e desporto, no pátio. Patinava-se.



O jovem-adulto Álvaro Siza Vieira na prática do hóquei em patins. (Jornal Público, 18 Set. 2019).

PARTE II

As cidades e a Participação, a Escola e a Sala de Aula

Exposição dos casos de estudo; *Kindergarten*, *Open Air School* e as *Escolas Montessori*, como espaços elaborados para as crianças aprenderem em modelos alternativos ao modelo tradicional.

Apresentação das críticas às escolas e às salas de aula, nas obras de 2000 e 2008 de Herman Hertzberger.

Casos de estudo de duas escolas em Portugal edificadas, apesar das críticas apontadas ao longo de mais de um século.

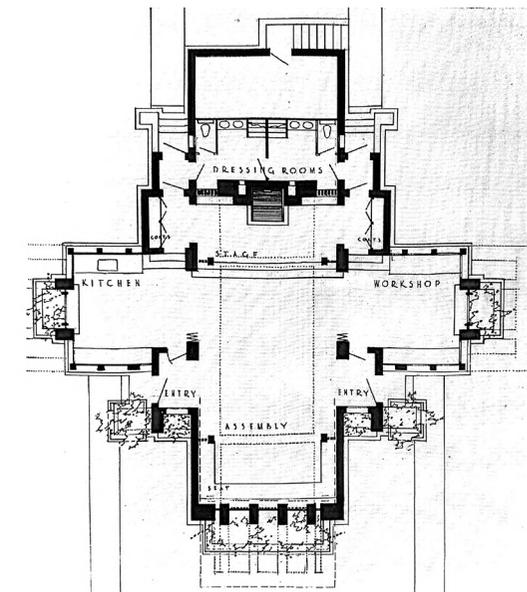
Escolas e Arquitetura - Kindregarten, Open Air Schools, Escola Montessori e “edifícios monumentais”

Aproveitando uma parte do texto e estudo sobre Playgrounds (Espaços de Recreio ou Jardins Infantis), entretanto retirado desta investigação, transpõe-se a seguinte ideia: a infância é um período de descoberta, um momento na vida em que estamos encantados pela natureza, o reino animal e vegetal. Dos 6 aos 12 anos, as crianças estão geneticamente predispostas para explorar e entender a natureza, o mundo que as rodeia, isto associado ao desenvolvimento de instintos e capacidades de sobrevivência. As crianças beneficiam da sua interação com paisagens naturais para o seu desenvolvimento físico, mental, ético, moral e emocional. (Designing Outdoor Environments for Children (2006) pág. 1 a 3)

As salas de aula oferecem as condições necessárias para que o professor esteja numa posição dominante sobre o espaço. É desejado que as salas de aula ofereçam as condições para o mínimo de distrações. Hoje é sabido que cada criança tem o seu ritmo e forma de aprender. Os Países Baixos foram pioneiros no interesse pela simbiose entre Educação e Arquitectura, começando por estabelecer diferentes tipologias de edifícios educativos durante um mesmo período. Embora os resultados destas experiências não tenham sido os melhores, este «Heroic Period» (Herman Hertzberger (2000) pág. 16) trouxe algumas linhas-guia às tipologias escolares que se seguiram (algumas ainda perduram). Entre os anos 20 e 30 do séc. XX, relatam-se os primórdios das Open Air Schools, escolas que seguiam o modelo Montessori e Dalton (estas, mais especificamente, na cidade de Amesterdão) e os “edifícios monumentais” (que configuram um modelo

idêntico ao de muitas escolas atualmente) - a grande diferença entre estes dois métodos é que o Montessori propunha adicionalmente uma cozinha na sala de aula e um espaço para descansar. A primeira escola Montessori (Corellistraat) começou a ser construída em 1923 na cidade de Amesterdão, cidade que investiu nestes equipamentos tornando-os públicos. O arquiteto Michel Polak (1885-1948) foi encarregue de projetar mais de 200 escolas para esta cidade (Herman Hertzberger (2008) pág. 26).

Num capítulo intitulado “The Classroom Dethroned” (“o destronar da sala de aula”), o arquiteto Herman



Planta da *Avery Coonley Playhouse* by Frank Lloyd Wright, Riverside, Illinois, 1912.

O programa desta escola previa uma cozinha com bancadas à altura das crianças e um palco com camarins. A lareira por detrás do palco, funcionou como cenário e símbolo do edifício. (Mark Dudek (1996) pág. 59)

Hertzberger explica que o propósito dos edifícios escolares será o de encaixotar as salas de aula dispostas ao longo de grandes corredores. «The basic principle behind the physical make-up of schools was and still is a series of autonomus spaces separated from each other and reached from often long corridors (...)» (Herman Hertzberger (2008) pág. 24)

As arquiteturas escolares procuravam acompanhar e responder às necessidades das pedagogias escolares que se desenvolviam, mas, por imposições estatais, os projetos não poderiam progredir: «Formal frames of reference, usually imposed by the local government inspectors, such as the orientation of classrooms, continued to dominate the designs. (...) Their internal arrangement has always been the same: classrooms as opaque boxes off long straight corridors purely for circulation and for hanging coats. And though new ideas on education emerged, unrelievedly calling for greater independence among pupils and expressing increasing doubt about traditional teacher-fronted lesson, these never resulted in breaking down the classroom as a self-contained bastion». (Herman Hertzberger (2000) pág. 13)

Kindergarten

O conceito de Jardim Infantil, kindergarten, foi primeiramente desenvolvido por Friedrich Froebel (1782-1852) para aplicar numa escola em Bad Blankenburg, na Alemanha. Foi a primeira experiência de espaço concebido para crianças com idades até aos 7 anos. F. Froebel embora não tenha terminado

o curso, foi estudante de arquitetura. Trabalhou com Pestalozzi e foi com ele que desenvolveu o seu método que proponha a criação de jardins e hortas e o desenvolvimento criativo através da brincadeira.

Estes parques, inseridos num recinto escolar, defendem uma pedagogia que incentiva o “free play”, jogos, músicas, histórias e trabalhos manuais, em proximidade com o ambiente natural, arbóreo e vegetal, procurando-se estimular a imaginação e apostar no desenvolvimento físico das crianças.

O programa do kindergarten baseava-se numa abordagem “self-activity”, em que são as vontades das crianças que conduzem os seus interesses e a sua forma de aprendizagem. O professor passou a ter um papel importante e crucial de acompanhante do estudo das crianças.

Fuji Kindergarten, Tokio, 2007

Tezuka Architects

When I go to internacional conferences about pedagogy (...) presenters often show classroom with computer screens and playgrounds with soft, colorful antibacterial plastic. If you look at many of the latest school designs, the modern school buildings is getting bigger and bigger and looking more like an IT company's headquarters. (...) Many people believe that this is the future but I am always against this choice for children. (Tezuka Architects, pág. 26)

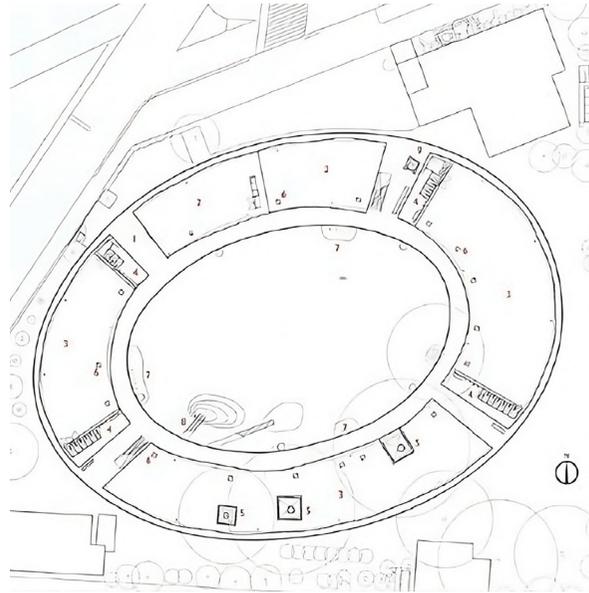
A escolha da equipa de arquitetos que projetou Fuji Kindergarten, Japão, recaiu sobre o escritório Tezuka Architects, depois destes já terem desenhado a Roof

House em Hadamo (2001) – uma casa com cobertura plana, ligeiramente inclinada, que permite a sua utilização. Foi desejo para esta escola possuir uma cobertura que pudesse também ser habitada.

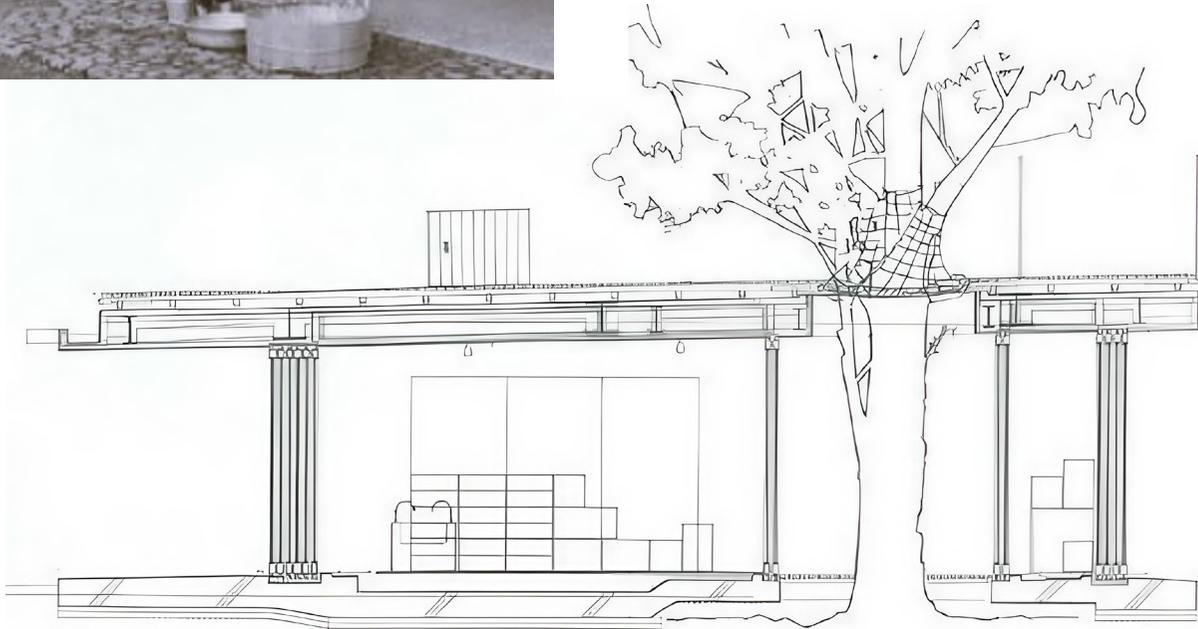
A Fuji Kindergarten é a maior escola primária do Japão, projetada para a utilização de 600 crianças, e foi desenhada de acordo com os princípios de Friedrich Froebel e Maria Montessori. O edifício pretende ser apelativo para as crianças, criando diversos momentos arquitetónicos que estimulam um sentido lúdico pelos elementos que compõem o espaço. A escola desenvolve-se em forma de anel oval, encerrando um pátio aberto.

The Montessori methodology states that satisfaction, contentment and joy are encouraged when children are able fully to participate in daily activities, individually and collectively, in a place where they can understand, engage with and control their own environments. (Rob Gregory (2007) pág. 32)

Este edifício, dedicado ao ensino primário, foi projetado considerando as crianças, as suas necessidades e a sua escala, de forma a promover a brincadeira, o desporto, o movimento, despertando os sentidos, como a audição. As áreas que complementam o programa da escola, colocadas por baixo da cobertura, sucedem-se sem paredes, permitindo que o som se propague. Um piano é usado, mesmo nos momentos em que estão a decorrer as aulas, verificando-se que este elemento não perturba mas, antes, promove a concentração. «While one class is learning basic mathematics, another class is playing piano nearby. (...) It is not natural to be in



Tezuka Architects; Fuji Kindergarten (publicação do atelier de arquitetura)



complete silence». (publicação Tezuka Architects, pág 3)

Foi ideia inicial desenhar um edifício em forma de pista de corrida. As crianças sentem prazer a correr, e oanel proposto permite-lhes correr sem parar. A proposta pedagoga e arquitetónica foi desenvolvida pensando também nas crianças autistas. «The principal (o diretor da escola) has told us that these children do not show obvious signs of autism. A scientist we know has found that his has to do with background noise. When he provides white noise at a frequency of more than 20 kilohertz, the children no longer show symptoms. This is the kind of background noise that happens naturally at Fuji Kindergarten». (publicação Tezuka Architects, pág. 3)

A mistura dos sons que se propaga pelos espaços sem paredes permite resultados vantajosos para todos, em comparação com os modelos de sala de aula tradicionais.

O clima na cidade de Tóquio permite que as salas de aula possam estar abertas para o exterior de Abril a Novembro. As janelas interiores, que olham para o pátio, são amplos panos de vidro deslizantes. No interior, o piso está desimpedido, sem paredes, as divisórias do espaço são os módulos em madeira que fazem as estantes e os bancos - programa escolar distribuído em volta do pátio central. «The distinction between where outside stops and inside starts doesn't apply. There are no walls between spaces and therefore no boundaries. There are only boxes that are used as furniture to indicate areas». (publicação Tezuka Architects, pág. 3)

A implantação do edifício considera as árvores Zelkova preexistentes, respeitaram-se as suas raízes - a laje do pavimento prevê espaço para os troncos. Também o peso do edifício foi direcionado para não criar pressão nas árvores.

O arquiteto indica que, a partir da arquitetura, procura-se a descoberta do "bom senso" e da igualdade - o arq. Tezuka refere o "common sense" como os valores da sociedade humana que são imutáveis. Não há hierarquias dos espaços ou das salas (de aula). Não existe o interior ou o exterior. Existe espaço que é para todos. O edifício da escola desenvolve-se ao longo de um só piso e é aproveitada a cobertura como espaço de recreio onde as crianças podem correr livremente.

Três árvores da espécie Zelkova atravessam as salas de aula e a cobertura, através de vazios, que iluminam e renovam o ar dos espaços cobertos. Nos espaços entre a cobertura e as árvores, foi colocada uma rede (com grelha de quadrados de 0.06 x 0.06 metros) que protege as crianças do vazio por baixo, permitindo que elas se aproximem das árvores para subi-las. Também a guarda da cobertura, com balaústres metálicos afastados 0.11 metros, permite que elas possam sentar-se no limite da cobertura com as pernas ao ar. Na cobertura, as crianças aproveitam para escalar e alcançar as copas das árvores, não há equipamentos de brincar na cobertura, este espaço já é por si apelativo para o exercício físico, para brincar ou jogar. O acesso à cobertura é feito por duas escadas. Uma, junto à sala dos professores, e outra, no pátio elevada por um monte de terra com um metro de altura. Para

sair da cobertura, as crianças podem escorregar por um tobogã metálico que segue até o pátio central.

As salas têm claraboias que permitem entrada de luz e, a quem está na cobertura poder olhar para o espaço coberto em baixo.

As lâmpadas dos espaços cobertos acendem-se puxando uma corda que funciona como interruptor. «Children gather in the places where the lights are turned on, like a campfire space». (publicação Tezuka Architects, pág. 22)

O mobiliário em madeira da escola, bancos e estantes, formam-se a partir de módulos simples. Foi escolhida a madeira Paulownia (asiática), quase tão leve quanto a balsa - a resistência dos módulos é conseguida através das espessuras das lâminas. As formas e medidas dos módulos de madeira variam entre os cubos (0.3 x 0.3 x 0.3 metros e 0.6 x 0.6 x 0.6 metros) e os paralelepípedos (0.3 x 0.45 x 0.30 metros e 0.3 x 0.6 x 0.3 metros). O módulo maior serve de estantes. São estes módulos que dividem as amplas salas em espaços mais pequenos. Os cantos do mobiliário foram arredondados para prevenir acidentes.

Também os caixilhos em madeira, das janelas deslizantes, estão afastados entre si de forma a que ninguém fique com os dedos entalados. Nos espaços exteriores, os lavatórios estão distribuídos ao longo da escola como espaços de diversão e reunião. As torneiras são flexíveis e permitem direcionar o fluxo de água, inclusivamente, para fora do lavatório. Na cobertura, as águas pluviais recolhidas são encaminhadas para cinco gárgulas criando quedas de água que hidratam cinco canteiros de betão no pátio (canteiros).

Open Air Schools

As Open-Air Schools representam as escolas que privilegiavam a relação entre os espaços interiores-exteriores, na sua configuração espacial, de edifício e de sala de aula. Defendiam um método de ensino em contacto com a natureza, espaços interiores onde abundasse a luz e grande preocupação com a higiene. As open air schools iniciaram-se na Alemanha em 1904, cidade de Charlottenberg, com o objetivo de instruir combatendo a tuberculose e a anemia, que teriam como tratamento a exposição ao ar livre e um regime de dieta com exercícios físicos. (Thomas S. Hines (2002) pág. 10)

Os educadores, preocupados com as crianças, propõem contornar as limitações do modelo da sala de aula em espaço fechado. Partiram então para uma experiência, rompendo a ideia de edifício, ocupando áreas abertas e verdes para lecionar as aulas. Mais uma vez, os modelos impostos de aprendizagem mantiveram-se e os alunos acabaram por ter de ficar ordeiramente sentados, dispostos em frente de um quadro preto. Esta abordagem acabou por se mostrar ruinosa, uma vez que o estado do tempo impedia o decorrer normal das aulas professadas e os alunos mostravam sinais de maior distração.

O arq. Herman Hertzberger indica que foi a pensar nos filhos do proletariado que nasceram estas escolas: «Now that the focus was on the less able and neglected children of the disadvantaged urban proletariat, the first proviso and obvious task of a school was to work on

redressing their poor physical condition.» (“Open air school in the dunes” em Herman Hertzberger (2000) pág. 54) O arquiteto refere também que a ideia por de trás destas escolas era a de *Mente sã, Corpo sã* - «healthy mind, healthy body». (Herman Hertzberger (2000) pág. 54) Estas escolas foram populares e realizaram-se este tipo de equipamentos inicialmente na Alemanha, expandindo-se depois para os Países-Baixos, França, Estados Unidos da América, e outros.

A Open-Air School (1929-1930), do arquiteto holandês Duiker, em Amesterdão, é um dos casos de estudo mais referenciados no panorama das arquiteturas escolares desta cidade, pela sua transparência e pureza, mas não foge dos padrões de sala-de-aula. Um edifício em



Open Air School in the dunes, Escola de Scheveningen, Haia 1908. (Herman Hertzberger (2008) pág. 15

altura afasta as crianças do solo. O arquiteto procurava a higiene como condição para o bem-estar corporal, por isso a permeabilidade da luz e a procura de formas puras, com os espaços interiores desenhados com o mínimo de cantos e de forma a que não houvessem bactérias ou pó acumulados.

O autor e arquitecto Herman Hertzberger defende que este movimento foi caprichoso na Forma e pouco ambicioso no Conteúdo, sobrepondo a procura do belo à ruptura dos modelos escolares impostos. Embora estas escolas tenham sido consideradas uma rutura com o existente, o arq. Herman Hertzberger não deixa de lhes apresentar uma forte crítica: «Modernist architects were most concerned instead with larger



Amsterdam Open Air School (1927-1930) Países Baixos Arq. Jan Duker (Hidden Architecture; Open Air School)

windows and greater transparency, chiefly oriented to the world outside. Open-air schools were popular among architects, probably because they were an excuse for using masses of glass, but they brought no change to the authoritarian proportions of time-honoured orthodox education. Clearly, architects however progressive were simply not concerned with renewal in teaching and learning. » (Herman Hertzberger (2008) pág. 13)

Corona Avenue School, Los Angeles, 1935 **Arq. Richard Neutra (1892-1970)**

Depois das Open Air Schools terem iniciado na Alemanha, com objetivo de instruir e combater a tuberculose e a anemia, os educadores norte-americanos ter-se-ão entusiasmado com as pedagogias e abriram a primeira escola na cidade de Nova Iorque, no ano de 1908. Em 1912 já se discutia a possibilidade destas escolas serem alargadas também às crianças saudáveis. O número de inaugurações destas escolas duplicava a cada ano. O sucesso também se explica pelo fator de baixo custo.

A partir dos anos 20, este tipo de escolas começa a ser atacada e contestada pelas inspeções, referindo estas últimas que os propósitos das Open Air Schools não servia as crianças.

Toward the end of the 1910s and early 1920s scientific evidence contested the curative claim of the open air schools. "A critical inspection of these claims," a research study found, "reveals that they are largely claims and nothing more. Open-air schools are such a radical departure that their very novelty appeals to radicals

and enthusiasts. This alone might account for the rapid spread of the idea. ("Mental and Physical Effects of Fresh Air" (1922) em Alejandro A. Huerta (2002) pág. 12)

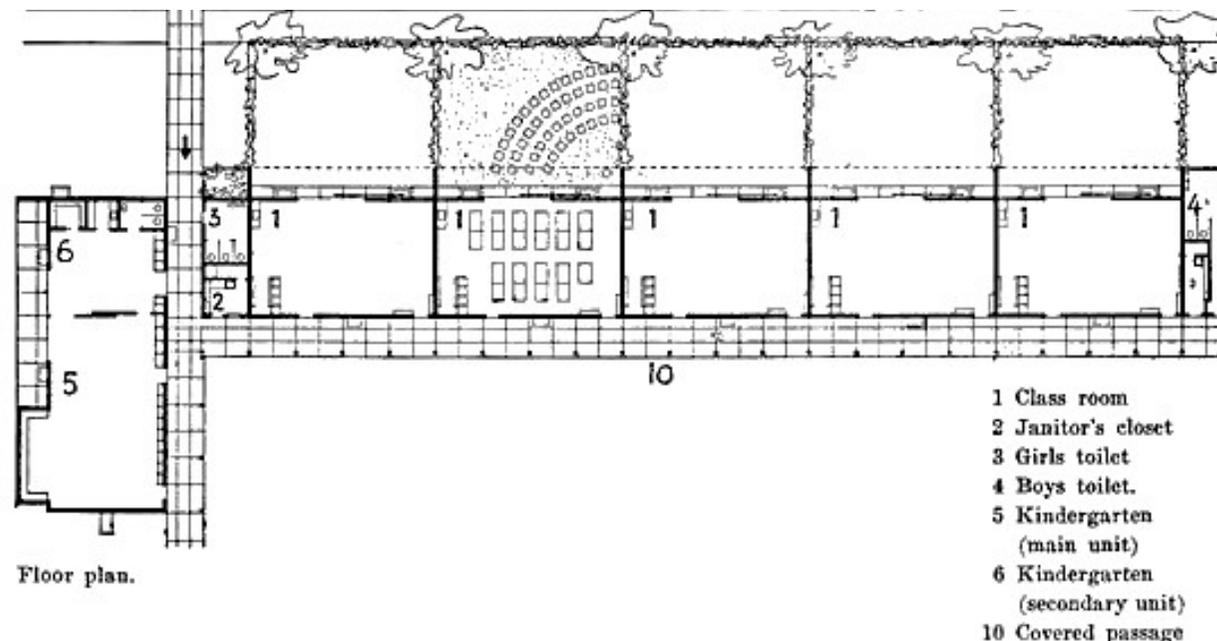
Com imposições agravadas, as Open Air Schools passaram a ser consideradas como as escolas de "janela aberta" («"open-window" schools»). Embora o modelo possa ter caído no ridículo, este período experimental entre arquitetura e educação serviu de inspiração para o arquiteto Richard Neutra projetar a Corona School, entre outros equipamentos escolares. (Alejandro A. Huerta (2002) pág. 11 a 13)

Richard Neutra (1892-1970) foi um arquiteto austro-americano que trabalhou grande parte da sua carreira na cidade de Los Angeles, por todo o Estado da

Califórnia e no mundo. Depois de extintas as Open Air Schools, o arquiteto replica um Tipo de escola que também prevê espaços exteriores em comunicação direta com a sala de aula.

Depois de um terremoto em 1933, o arquiteto desenvolve uma proposta tão simples como original. E aqui entenda-se "original" como uma consequência das imposições sistêmicas. Como o arquiteto Álvaro Siza refere, sobre as barreiras impostas na educação, na entrevista mais à frente nesta dissertação: «isso é uma verdadeira luta». Edifícios de um só piso terão sido a opção para evitar danos sísmicos.

Richard Neutra previa a qualidade espacial considerando o conforto para todos os utilizadores.



Planta Corona Avenue School, Los Angeles, 1935

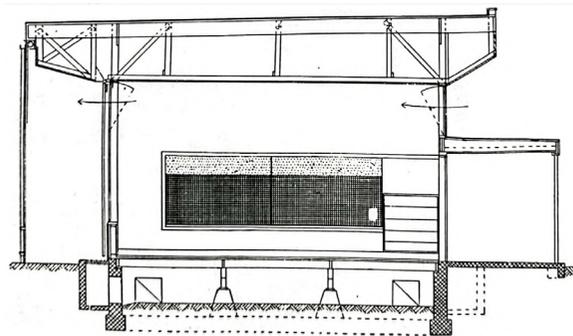
Imaginaria também uma escola capaz de formar os futuros cidadãos e que para isso seria necessário a arquitetura saber tirar o seu potencial espacial e comunitário: «El interés dedicado por Neutra hacia el Bienestar de sus clientes también estuvo dirigido a los niños. (...) Esas mismas ideas también las puso en práctica en los proyectos de colégios y bibliotecas». (Manfred Sack (1994) pág.87)

The modern active school has to take over the responsibility for such education, where the solving of practical problems, the working together, the sharing with others and considering the welfare of others becomes a concrete experience and where the children do not learn, through reading and listening alone, what others have done. (Citação de Richard Neutra, em Alejandro A. Huerta (2002) pág. 20)

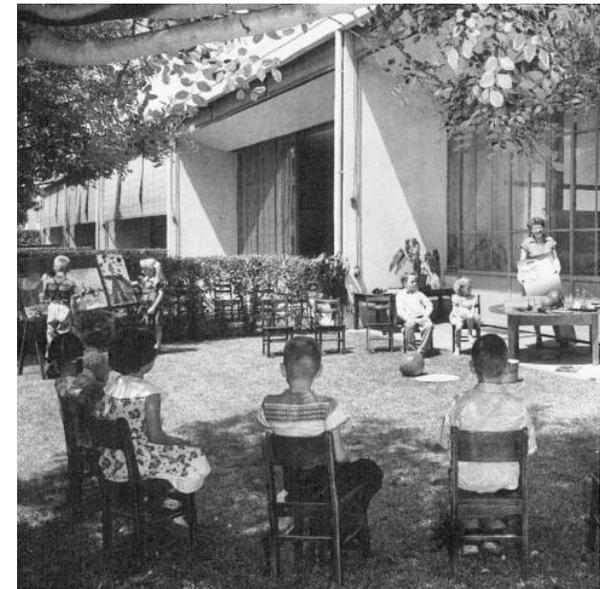
A disposição entre as partes da escola procura a harmonia e composição. Os edifícios são em betão armado, com estruturas de madeira. O grande vão nas salas de aula permite o contato direto com o exterior, promovendo metodologias de ensino livres, podendo as aulas ser flexíveis, abrindo-se totalmente nos dias de bom tempo. No desenho da planta da escola é possível entender o cuidado com a proporção e o seu simples funcionalismo. Os espaços ao ar livre são um prolongamento da sala de aula. O bloco mais alongado corresponde ao volume que incorpora cinco salas de aula (7 por 11 metros cada, com pé direito alto), conectadas por galeria traseira. Os pátios de cada sala de aula fazem a frente da rua, afastando as salas do passeio e da estrada. Cada sala de aula poderia acolher 40 crianças para idades entre os 8 e os 10

anos. O bloco secundário é para uma sala polivalente. (Manfred Sack (1994) pág.89)

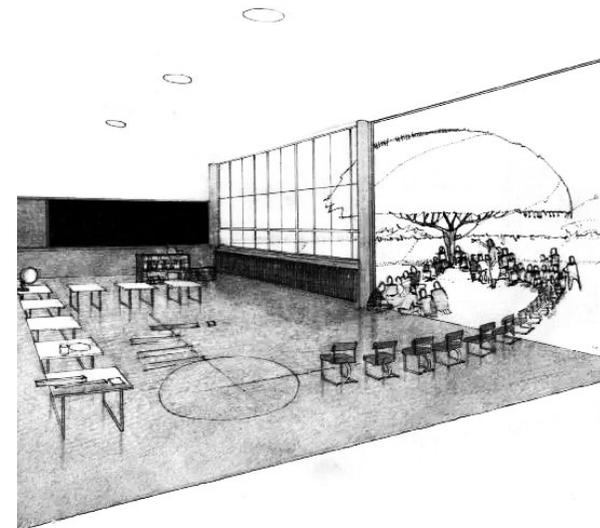
As ideias de ensino desejadas pelos educadores, bem como, pelo arquiteto Richard Neutra, permitiram o confluir de uma série de decisões projetuais que garantiram a permeabilidade das salas, bem como proteções arquitectónicas ao clima. Devido às elevadas temperaturas que se registam na cidade de Los Angeles, foram elaborados sistemas de ventilação e isolamento natural para tornar o espaço mais confortável possível. A estrutura em madeira na cobertura, serve como uma ampla caixa de ar. Também debaixo do pavimento é possível verificar uma outra caixa de ar, aproveitando o ar fresco vindo da superfície da Terra, de forma a climatizar o espaço.



Corte da sala de aula com caixa de ar na cobertura e no pavimento de forma a climatizar o interior



Corona Avenue School, Los Angeles, 1935
Arquiteto Richard Neutra



Perspetiva interior da sala de aula, onde a lição poderia ser prolongada para o pátio exterior da sala.

Método Montessori

Maria Montessori (1870-1952) foi uma educadora, médica e pedagoga italiana que desenvolveu o “Método Montessori” (1912), cuja perspectiva educacional tem como objetivo a promoção do desenvolvimento e crescimento da criança, compreendendo que o desenvolvimento acontece por fases, em que a cada fase, as crianças alcançam um novo patamar de independência em relação aos adultos.

A Escola Montessori reconhece que as crianças precisam, de além de espaços de estudo e trabalho, de beber água, comer, usar instalações sanitárias e dormir. Estas necessidades devem estar presentes nos projetos de arquitectura de forma a que os espaços

sejam dinâmicos e estimulantes. O edifício e o programa de uma Escola Montessori responde às necessidades básicas das crianças, como a acessibilidade, tornando-as seres mais autónomos. O mundo deve estar preparado e organizado também para as crianças, o pensamento das escolas Montessori passa por criar mobílias à sua escala e medida.

Em relação aos espaços comuns, estes devem ser amplos e iluminados, capazes de absorver atividades de grupo, não devendo ser hiperestimulantes. Estes devem estar pintados com cores neutras e claras, o cuidado e limpeza têm de ser participados também pelas crianças. As escolas devem promover espaços verdes e o contacto com a natureza. Nos anos 90 do séc. XX, Steve Lawrence estabeleceu dez características das Escolas Montessori na obra “Montessori Architectural Patterns” (2018). É objetivo

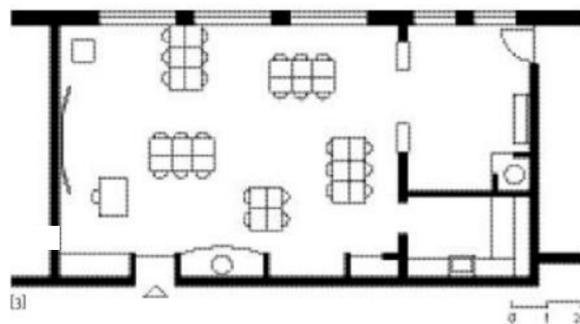
desta publicação encontrar os padrões identificáveis para as arquiteturas das Escolas Montessori, num momento em que começaram a estabelecer-se este tipo de escola e pedagogia por todo o mundo. A obra divide-se em quatro critérios que organizam a publicação: 1) considerar as quatro fases do desenvolvimento humano: «infancy; childhood; adolescence; maturity»; 2) inclusão de casos de estudo em três continentes; 3) exemplos de Escolas Montessori e reconversões de antigos edifícios; 4) projetos elaborados por homens e mulheres de diferentes etnias.

Numa sala de aula Montessori, as crianças são livres para se movimentarem, gerindo o “autocontrolo inato”, em vez de impor o confinamento a um único local. Enquanto no ensino tradicional o professor é o foco da atenção, no método Montessori são as crianças o principal foco. Estas diferenças na forma de aprender (e de ensinar) obrigam ao repensar do espaço escolar com formas e programas diferentes das escolas que seguem o modelo tradicional.

A educação Montessori propõe que a sala de aula seja como uma sala de estar e a escola como uma casa. Os edifícios devem estar abertos e acessíveis, sem grandes distâncias, com áreas que se distribuem em torno de um amplo espaço central, como uma praça urbana onde os alunos possam convergir, fazer apresentações e exposições, um lugar para resolver situações que afetam todos os estudantes e/ou a comunidade escolar. É proposto que as salas de aula recebam crianças com idades diferentes, formando de grupos de acordo com as quatro fases de desenvolvimento: 0-6 (infancy); 6 – 12 (childhood); 12 – 18 (adolescence); 18 – 24 (maturity).



Primeira Escola Montessori, Corelistraar, Amesterdão, 1927 (Herman Hertzberger (2008) pág.27)



Primeira Escola Montessori, Corelistraar, Amesterdão, 1927 (Herman Hertzberger (2008) pág.27)

A pedagogia Montessori deriva da observação do relacionamento da criança com o ambiente para si preparado.

The prepared environments (...). The first step that the child must take, is to find the way and means of concentration, which establish the foundations of the character and prepare for (the) social behaviour. (...) In normal schools children are generally accepted after the age of five years, that is only when they have already finished the first and most important period of formation. (...) The first idea has been to enrich the environments with a little bit of everything and leave the children to choose what they preferred. We saw that they took only some objects, while others were not used; and these have been eliminated. (Citação de Maria Montessori em Arthur Waser Foundation (2018) pág. 10)

Estas experiências foram realizadas em escolas por todo o mundo, assegurando que os objetos que preenchem os espaços das Escolas Montessori foram os escolhidos por crianças de todo o mundo. Depois, desses objetos escolhidos, foram poucos os exemplares adicionados a cada sala de aula de forma a que as crianças pudessem aprender a esperar e a partilhar.

Esta metodologia critica a escola que segue o modelo tradicional, com os seus espaços de ensino replicados (salas de aula), conectados por longos corredores, onde as crianças saltam de sala em sala conforme as disciplinas e o horário. «This system is about administrative convenience for the adult, it's about external control of the child and adherence to that controlling framework by the child». (Arthur Waser Foundation (2018) pág. 10)

De acordo com a publicação “Montessori Architectural Patterns” (2015) propõe-se 28 princípios (“patterns”) aos quais a arquitectura das escolas Montessori terão de dar resposta. Os primeiros três princípios são os mais importantes, e a partir deles derivam todos os outros. «The sequential order of the patterns has been put together to serve as a checklist during the design process». (Arthur Waser Foundation (2015) pág. 8)

Os princípios foram hierarquizados e dispostos sobre uma forma triangular. O triângulo divide-se em seis pisos, sendo eles (ordenados por ordem de importância): princípios gerais do projeto (“general design principles”); primeiro plano (“foreground”); configuração do espaço de aprendizagem («learning space configuration»); Elementos do espaço de aprendizagem («learning space elements»); proximidade («adjacencies»); mais

acessibilidades («further accessibilities»). (Arthur Waser Foundation (2015) pág. 43)

Montessori Architectural Patterns

- pattern 01: A Hierarchy of interconnected spaces;*
- pattern 02: Different heights for floors and ceilings;*
- pattern 03: Use of indigenous materials;*
- pattern 04: Orientation of the entrance;*
- pattern 05: Connecting function of the greeting space;*
- pattern 06: Avoidance of doors;*
- pattern 07: The articulation of places;*
- pattern 08: Use of the floor as worktop and playground;*
- pattern 09: Accessibility for children of different ages;*
- pattern 10: Right quality of the acoustics;*
- pattern 12: Proportion of walls to include storage;*
- pattern 13: Organisation of open storage space;*
- pattern 14: Observation without intrusion;*
- pattern 15: Offer of seclusion;*
- pattern 16: Placement of window seats;*
- pattern 17: Importance of daylight;*
- pattern 18: Activity based lighting;*
- pattern 19: Meaningful access to water;*
- pattern 20: Understanding of toilets as part of education;*
- pattern 21: Transitional spaces between in- and outside;*
- pattern 22: Inclusion of children's kitchen;*
- pattern 23: Creation of an everyday theatre;*
- pattern 24: Integration of spaces for gross motor development;*
- pattern 25: Provision of walking on the line space;*
- pattern 24: Role of the school as habitat for animals and plants;*
- pattern 26: The west-side location of the children's garden;*
- pattern 27: Workshop – making materials;*
- pattern 28: Flexibility to re-arrange furniture.*

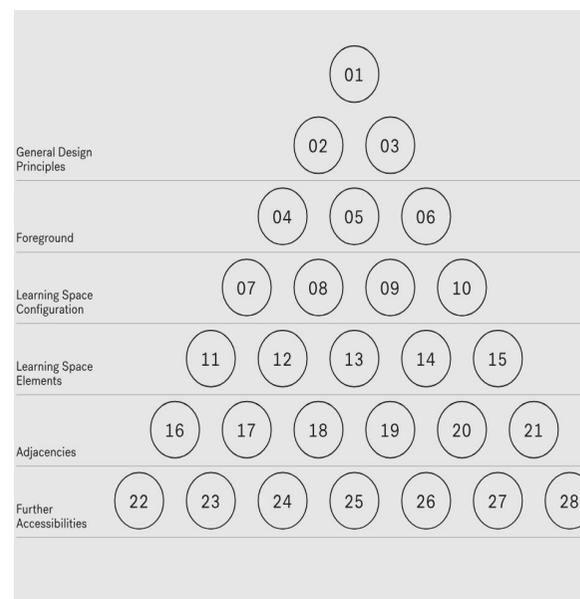


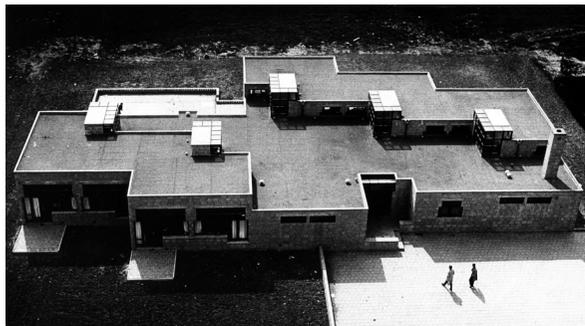
Diagrama hierárquico dos princípios para uma escola Montessori

Escola Montessori de Delft, Países Baixos Arq. Herman Hertzberger, 1960-1966

A obra do arquiteto Herman Hertzberger é aqui relevante pela forma como concebeu os espaços na intersecção com os princípios da pedagogia de Maria Montessori. O arq. H. Hertzberger, na sua obra *Space and Learning - Lessons in Architecture 3*, demonstra a sua insatisfação com o modelo de sala de aula que apenas deve promover a concentração e o silêncio do aluno. No projeto para a Escola de Delft, é possível compreender como os espaços arquitetónicos podem ser projetados de forma a promover um ambiente educacional que estimule a aprendizagem, a autonomia e o desenvolvimento integral das crianças.

A escola Montessori de Delft, projetada entre 1960-66, foi a primeira concebida por Herman Hertzberger. Nela houve a preocupação de prolongar o espaço exterior para o espaço comum do edifício.

A entrada dá-se a partir de um espaço que se estende ao longo da escola - corredor, um atrium largo e amplo que articula diagonalmente as salas de aula. Este amplo espaço central, que serpenteia a escola,

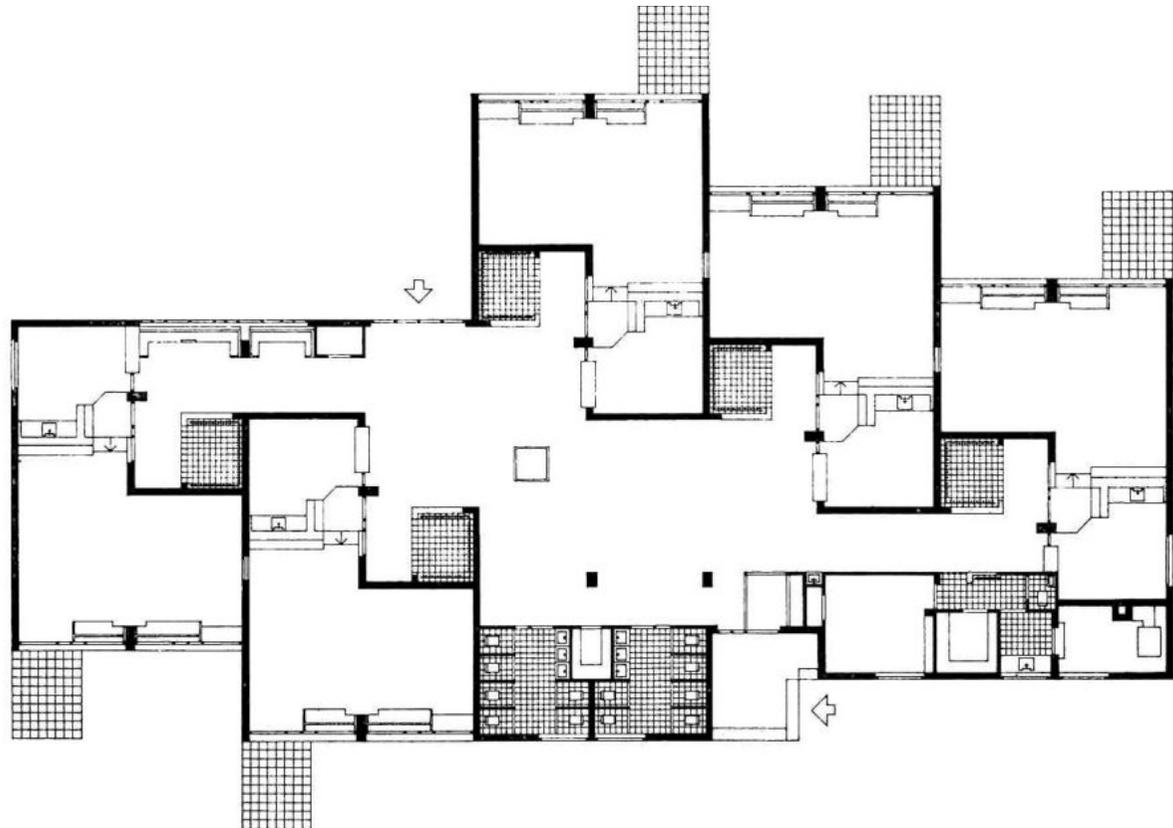


Vista geral

é entendido como uma extensão da rua, concebido com intensão de estimular os estudantes, para que se sintam confortáveis e com gosto por estar na escola. «(...) In the Montessori School the communal hall has been conceived in such a way that the hall relates to the classrooms as a street relates to the houses». (Herman Hertzberger (2005) pág. 62)

As salas de aula «home base», em forma de L, são antecedidas por antecâmara «threshold», procurando responder a diferentes propósitos e funções. No seu interior articulam espaços mais íntimos de trabalho.

A conceção de diferentes ambiências num mesmo espaço - para trabalhos individuais ou de grupo - inseridos numa mesma sala de aula, são exemplo de como a arquitectura, ao diversificar e desenvolver espacialidades, possibilita diferentes métodos de aprendizagem. A antecâmara é um espaço entre as salas de aula e o corredor, serve como espaço de transição entre áreas com diferentes naturezas - espaço comum e espaço de trabalho. «According to the Montessori method, children generally work individually on self-chosen activities. The necessary concentration



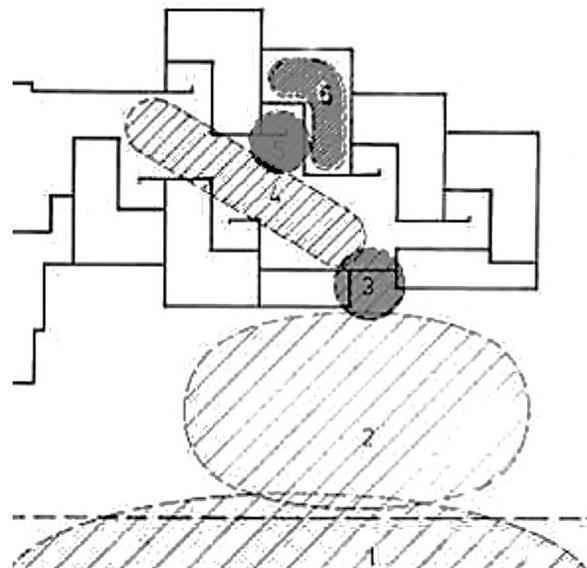
Imagens retiradas da obra de Herman Hertzberger (2008), pág.22 a 25; 31 a 38

Planta Escola Montessori de Delft, 1966

in one pupil is not the same as that in another». (Herman Hertzberger (2008) pág. 31)

As salas de aula são como casas - unidades autónomas - em que os ambientes são personalizados e cuidados pelos alunos e pelos professores; cada sala de aula possui vitrine que se abre para a rua comunitária, onde são expostos os trabalhos de cada turma para a restante comunidade escolar. Foram também introduzidas diferenças de nível nos pavimentos, no interior das salas de aula de forma, a que se criem diferentes ambientes numa mesma dinâmica coletiva. Por imposição governativa, as instalações sanitárias foram obrigadas a ser separadas entre as de rapazes e de raparigas.

Em relação aos espaços exteriores, é de assinalar o esforço para diluir a fronteira entre a escola e restante cidade, onde é possível encontrar-se o parque infantil da escola aberto para todas as crianças da cidade. (Herman Hertzberger (2008) pág. 31 a 38)



“An unarticulated rectangular classroom lends itself best to instruction, the unidirectional transfer of knowledge that forms the basis of teacherfronted lessons. This primitive paradigm gives teachers the ideal overview of their pupils. An articulated space by contrast is less easily surveyable and provides more places for different groups or individuals to engage in different activities simultaneously in a room without being unduly distracted by each other. So the number of options are greater here, there being several centres of attention rather than just the one.” (Herman Hertzberger (2008) pág. 24)

“(…) The spatial relation between class-rooms and hall and the shape of the hall were conceived as the ‘communal living-room’ of the school. The experience of how his functions in the school can, in turn, serve as a model for what could be realized in a street.” (Herman Hertzberger (2005) pág. 62)

Esquema de distribuição dos espaços desde a rua (1), o “playground” para a cidade em frente da escola (já não existe) (2), a entrada (3), espaço amplo para trabalhos comuns, apresentações, “communal street” ou “learning street” (4), antecâmara “threshold” (5), e sala de aula “home base” (6). As salas de aula, em forma de L, articulam espaços mais pequenos para concentração e melhor proveito do estudo ou atividade que os estudantes desenvolverem para proveito próprio. (Herman Hertzberger (2008) pág.32)

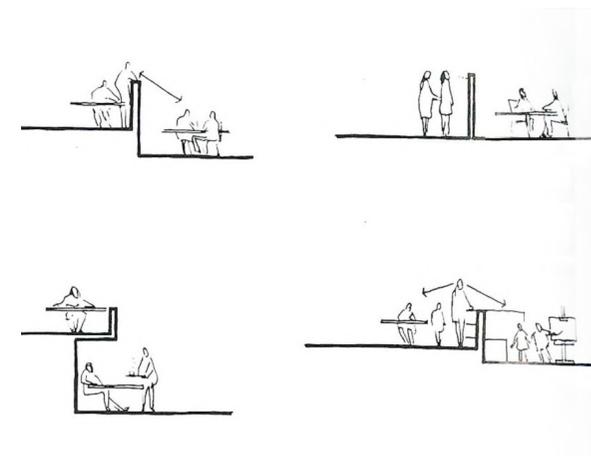
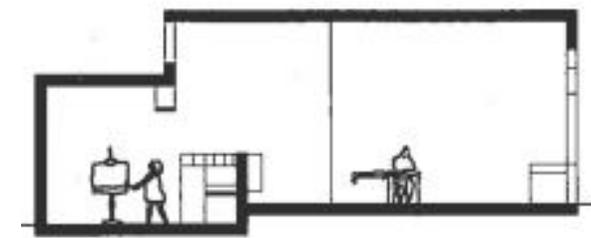


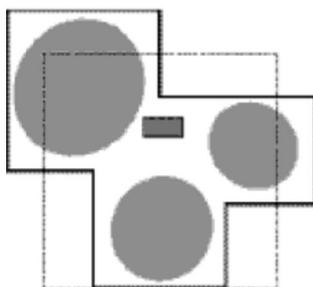
Imagem retirada da obra de Herman Hertzberger, “Lessons for Students in Architecture” (2009), pág.202)



Corte da sala de aula da Escola de Delft (Herman Hertzberger (2008) pág.32)

A arquitetura de Herman Hertzberger propunha a desconstrução da ampla sala de aula em vários espaços mais reconfortantes para estudar e trabalhar. Os desenhos propõem um esquema onde são representadas diferenças de cotas nos pavimentos e atendidas as permeabilidades às vistas.

Representação de uma sala de aula convencional (Herman Hertzberger (2008) pág.24)



Sala de aula articulada onde se prevê a posição equidistante da posição do professor em relação às diferentes áreas de trabalho dentro do mesmo espaço. (Herman Hertzberger (2008) pág.25)

Edifícios monumentais

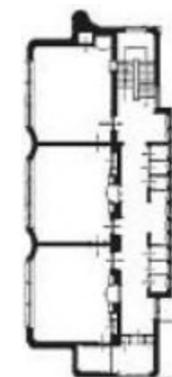
No caso das escolas que se configuram como “edifícios monumentais”, este Tipo de arquitetura parece conservada no tempo, definida e inalterada desde o século XIX. Com o desenvolvimento de técnicas construtivas com o betão e ferro, as escolas elevaram-se em altura e foram trabalhados os alçados de forma a identificar estas infraestruturas, que, aos poucos foram ganhando presença em todas as cidades, na Europa e no mundo.

De forma transversal pelos Países Baixos, este tipo de edifício escolar conseguiu manter consistência nas formas e nos materiais que os compunham. Edifícios com prevalência de disposição horizontal dos pisos e dos vãos, pontuados pelas caixas de escadas envidraçadas nos topos ou ao centro da planta. Estes edifícios monumentais abriam grandes vãos para as zonas de circulação, como as caixas de escadas. Os pisos apresentam formas alongadas, com corredor à sombra, que distribui para as salas de aula que estão orientadas para o sol. Estas escolas implantam-se entre a rua e os espaços de recreio, passando este tipo de equipamentos a fazer parte do dia-a-dia da Sociedade Urbana nas cidades neerlandesas, mas também em cidades Europeias e Norte Americanas. (Herman Hertzberger (2000) pág. 12)

Public Works, School for bargee children, Droogbak, Amsterdão, 1925 ((Hermanh Hertzberguer (2008) pág 12)

The school building's organization but also its outward appearance, helps in every respect to lend weight to this principle of education. The work of the architect represents in concrete form this education paradigm, which seems nineteenth-century to us though it is still found today all over the world. (citação de Robert Doisneau, retirada de Herman Hertzberger (2000) pág. 54)

A arquitetura destas escolas tornou-se numa arquitetura de desenho dos alçados, uma vez que, em planta e corte, o Tipo é similar. Embora hajam diversos estudos e pesquisas que apontem para a necessidade de novos espaços de ensino nas escolas, a sala de aula pareceu imutável.



O caso português

Durante as leituras e estudos sobre o arquiteto Álvaro Siza Vieira, o Jardim de Infância João de Deus apareceu referenciado em algumas obras bibliográficas. As plantas desse espaço de ensino denunciaram salas de aula com acessível abertura para o exterior, antecâmaras e uma ampla sala. Foi decidido estudar esta obra como caso de estudo pela abordagem do arq. Álvaro Siza aos pontos que têm sido enunciados.

Durante a entrevista ao o arq. A. Siza, este refere-se à escola Primária da Quinta do Cedro do arq. Fernando Távora. A decisão de incluir este caso de estudo nesta tese surge da semelhante abordagem do arquiteto às sala de aula nas Open Air Schools. Percebeu-se que, também aqui em Portugal, houve restrições e que este projeto em específico é prova disso mesmo. O arquiteto fizera um pedido para o seu projeto de arquitetura moderna ser aprovado, sem obedecer às ordens vingentes durante o fascismo, desejo que fora concedido. Embora isso, o regime não tenha permitido um edifício com um só piso e salas de aula a comunicarem diretamente com o exterior. Este continua a afirmar-se como um projeto com qualidade desmantelada, com «potencial emancipador da modernidade». (“Sobre o ‘Projeto-de-Arquitetura’ de Fernando Távora” (2015) pág. 388)

Para este “caso português”, estudou-se também, pela Participação dos estudantes, o projeto educativo in situ/ (CEACT/UAL).

Escola Primária da Quinta do Cedro Arq. Fernando Távora, Vila Nova de Gaia, 1957-1959

O arquiteto e professor (ESBAP) Fernando Távora (1923-2005) é responsável por projetos para diferentes tipos de construções com a mestria da racionalidade da Arquitetura Moderna. Entre eles, está o equipamento escolar em Vila Nova de Gaia.

Na sua obra “O Problema da Casa Portuguesa”, o arquiteto sintetiza o que intitulou de Terceira Via:

«Eu proponha uma terceira via que, embora radicada na realidade portuguesa, excluía o folclórico. Na minha opinião, as outras duas, a nacionalista e a internacionalista, pecavam por formalismo, o que não resolvia nada». (As Raízes e os Frutos (1986) pág. 12)

Em “Fernando Távora Obra Completa” (2005), no capítulo “La terza via”, são identificados os projetos do arquiteto que descrevem esta filosofia. A mesma obra revela a sua participação nos CIAM de 1951, 1953, 1956 e 1959 e que integrou o SAAL-Norte, como coordenador em projetos para Miragaia e Prelada (Porto). (António Esposito (2005) pág. 90 a 98)

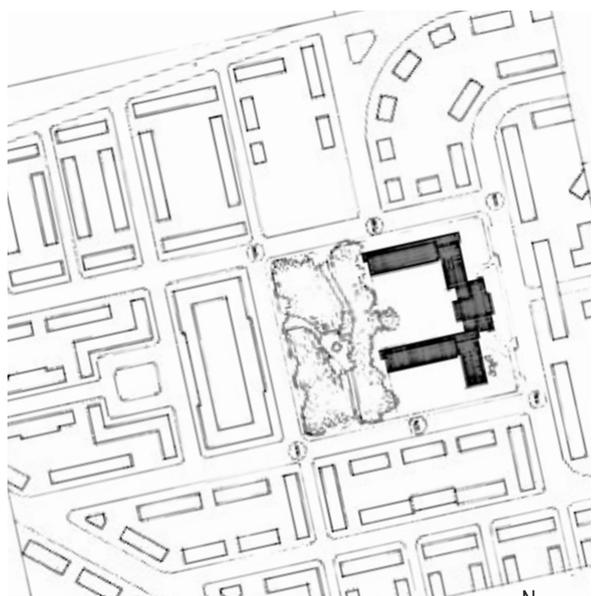
O projeto para a Escola Primária Quinta do Cedro foi realizado após o arquiteto ter participado no “Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa” (Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961), na segunda metade da década de 50, na Zona do Minho. (João Leal (2009), pág. 7)



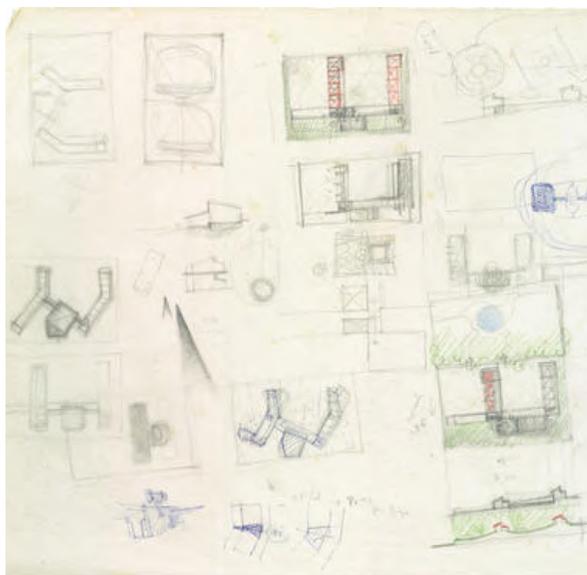
Vista exterior da Escola Primária do Cedro (Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva)

Foi também um exercício de afirmação da Arquitetura Moderna, 10 anos após o “I Congresso Nacional de Architectura” (1948). O Sindicato Nacional dos Arquitectos foi o promotor do evento, que decorreu na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, de Maio a Junho, e é considerado um importante momento de contestação aos ideais fascizantes, sobre a cultura material e imaterial das diferentes populações, culturas e territórios que compõem o nosso país.

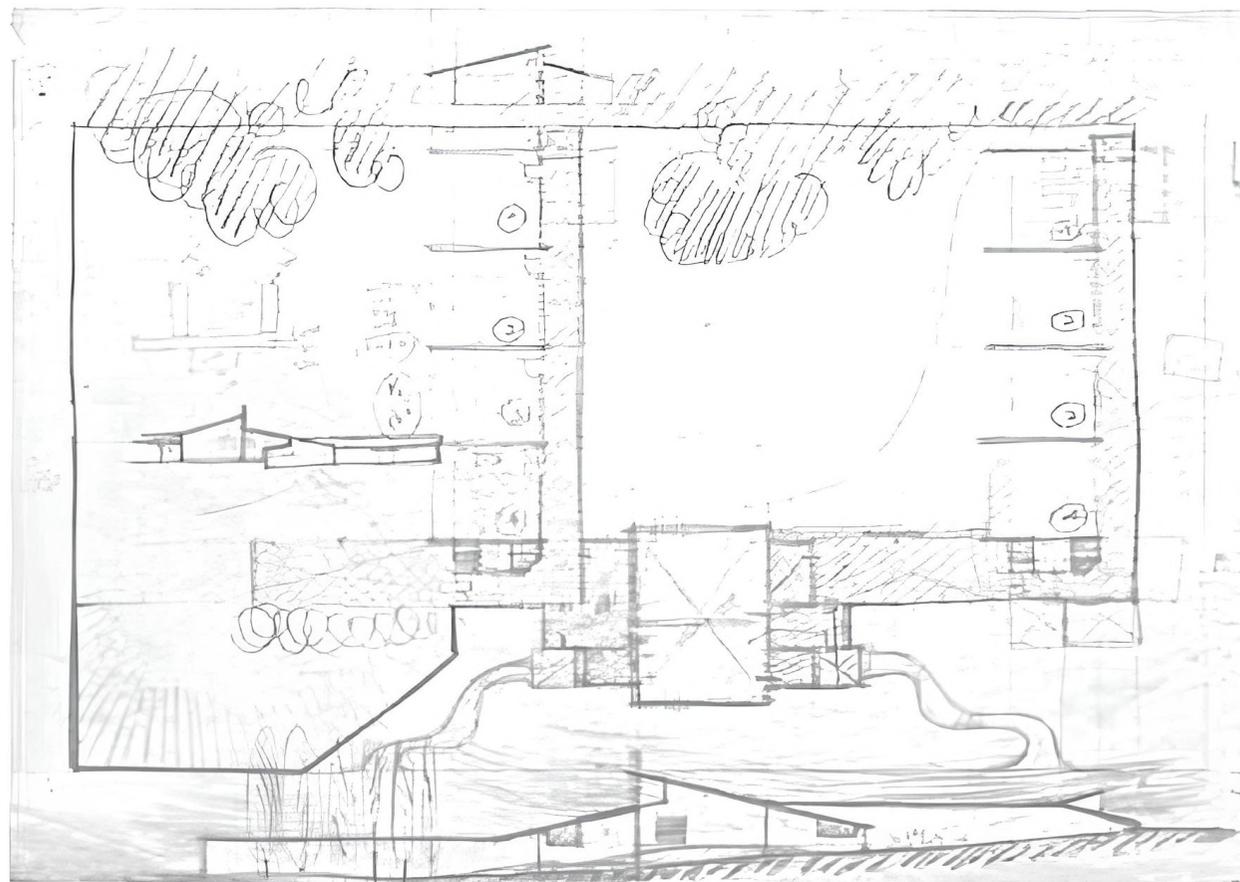
Neste congresso, os temas abordados foram “A arquitetura no plano nacional” e “O problema português da habitação”. Os debates e as resoluções do Congresso reivindicaram o racionalismo da “Carta de Atenas”, exercendo influência dentro da classe profissional para a produção arquitetónica nas décadas



Planta de implantação urbana da Escola Primária da Quinta do Cedro (Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva).



Estudos para a implantação da Escola Primária Quinta do Cedro, 1957. (Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva)



Proposta para a Escola Primária Quinta do Cedro onde as salas de aula abrem diretamente para o exterior e se previa um edifício de um só piso. Projeto não realizado. 1957. (Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva).

seguintes. Este congresso, inserido num momento de falta de Liberdade de Expressão, representou uma contestação à arquitetura de carácter tradicionalista, com o seu “Estilo Portugues Suave”, fomentado pelo regime do Estado Novo. (José-Augusto França (2000) pág. 100)

Fernando Távora esteve envolvido na elaboração deste Congresso, representando a “Organização Dos Arquitetos Modernos”.

O arq. Fernando Távora teve como seu aprendiz o estudante, mais tarde colega e arquiteto, Álvaro Siza Vieira que acompanhou a construção desta obra (Revelou A. Siza na entrevista realizada para esta tese).

Este conjunto educacional está classificado, desde 2018, como monumento de interesse público, fixando-o como zona especial de proteção.

A escola implanta-se, adaptando-se ao terreno com inclinação ligeira, pendendo para Sudeste, onde o enquadramento da escola convive com o arborizado equipamento urbano, Jardim da Praceta do Cedro. A área da escola preenche aproximadamente metade do quarteirão da urbanização em que se implanta, estando cercada por muros de contenção no seu perímetro, criando assim um púlpito de terra revestido a muros de pedra que elevam todo este equipamento. Ao terreno que se preservava, criaram-se socacos onde o edifício se implanta, moldando a topografia.

O Ethos associado à exposição brutalista dos materiais e dos

sistemas construtivos mistura-se com as liberdades artísticas da composição livre; o uso racional de componentes padronizados associa-se ao detalhe de construção artesanal; referências universais partilham o espaço com soluções situadas no lugar e no tempo. (“Sobre o ‘Projeto-de-Arquitetura’ de Fernando Távora” (2015), pág. 391)

A planta da escola remete para uma organização formal idêntica à planta apresentada pelo arq. Ventura Terra em 1907, embora este espaço escolar se adapte às exigências da Arquitetura Moderna que reclamava programas mais dinâmicos, com luz, espaços polivalentes amplos e comunicação direta com o exterior.

O edifício procura a articulação volumétrica assente em duas alas em forma de L, uma para rapazes, outra para raparigas. O programa para esta escola previa oito salas de aula, no piso térreo, programa que foi depois alterado por imposições estatais, com a colocação de mais um piso de salas de aulas. (Sobre o ‘Projeto-de-Arquitetura’ de Fernando Távora (2015) pág. 388)

O edifício da escola organiza-se em torno do amplo corpo central (sala polivalente), único espaço unissexo, a partir do qual se desenvolvem dois volumes das salas de aula, distribuídos por dois corpos ortogonalmente colocados em relação ao primeiro.

Dois recreios (ou pátios) são divididos pelo volume mais a Sul. A composição dos telhados, com diferentes alturas e inclinações, dão identidade própria a cada programa do equipamento escolar.

Este projeto do arq. Távora joga com as distintas esca-

las dos edifícios, remetendo para influências nórdicas, como a arquitetura de Alvar Aalto (1898 – 1976), que propõe a ligação entre linguagem moderna e elementos tradicionais. Assim, nesta escola são assumidas as influências entre a arquitetura vernacular e a arquitetura moderna.

O alçado Nascente, com as entradas afastadas da rua, permite arborizar o espaço público em frente. O edifício tem duas entradas, uma à cota da rua, outra a uma cota mais alta na mesma rua com suaves degraus. Este alçado, paralelo à rua, permite que os espaços de recreio da escola se desenvolvam isoladamente no interior do quarteirão. O volume voltado a Nascente (simétrico) inclui a sala polivalente e os dois espaços de recreio cobertos.

Na sala polivalente e estrutura dos telhados (desencontrados de uma só água) articula um jogo de três entradas de luz voltadas a Noroeste e três voltadas a Sudeste.

(...) A arquitetura parece-me agora como uma grande força, força nascida da Terra e do homem, presa por mil fios aos cambiantes da realidade, Força capaz de contribuir poderosamente para a Felicidade do meio que a vê nascer. Efeito e causa ela é deste modo uma das armas de que o homem dispõe para a criação da sua própria felicidade. (...) Mas, procurando atender a tudo, procurei hierarquizar os condicionamentos e integrá-los no mundo todo que fosse algo mais do que uma soma de partes distintas.

Como uma árvore, este edifício tem as suas raízes, dá sombra e proteção àqueles que a ele se acolhem, tem os seus momentos de beleza e, assim como nasceu, um dia morrerá depois de viver a sua vida. Não se trata, em verdade, de uma intocável eterna virgem mas de uma pequena e simples obra feita por homens para homens. (Fernando Távora, 1963, em Luiz Trigueiros (1993) pág. 90)



Traseiras da sala polivalente e recreio (Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva)

Jardim de Infância João de Deus – Penafiel (1984-1991)

O Jardim de Infância João de Deus, em Penafiel, é uma obra que representa o pensamento do arquiteto Álvaro Siza para um espaço do ensino pré-escolar (dos 3 aos 6 anos). Configura-se como um edifício de planta térrea, com clarabóias e pátios internos.

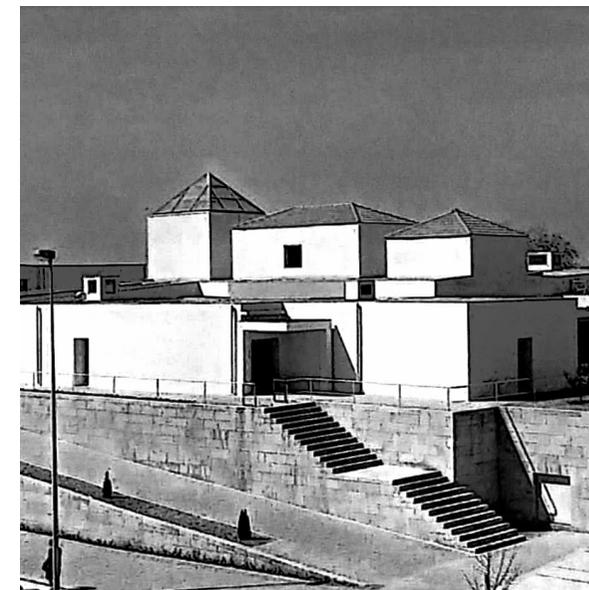
No seu perfil há a composição de telhados (cobrem um espaço intitulado “viveiro”) em diálogo com as coberturas planas, num jogo de volumes geométricos que dão a impressão de uma brincadeira modelar – três volumes pousam sobre o edifício. Os telhados são suportados por pilares cilíndricos, «como coberturas e lanternins da grande sala de jogos no centro do edifício». (Brigitte Fleck (1999), pág. 127)

O arquiteto Álvaro Siza foi convidado para reelaborar e ampliar um projeto anterior deste Jardim de Infância. Na relação desta proposta com a Avenida Egas Moniz, o arquiteto decidiu implantar «um amplo passeio», recuando a frente do lote e integrando na via pública uma «faixa de aproximadamente 12m de largura», assim como fez F. Távora. (Memória descritiva incluída na revista *Architècti* (1991) pág. 69 a 79)

Também como em Távora, na escola do Cedro, este edifício de A. Siza assenta num púlpito que eleva a escola sobre um embasamento de pedra de cinco metros de altura entre a avenida e o terreno onde se implanta. A diferença de cotas é vencida por duas rampas «orientadas de forma topograficamente mais favorável» e por uma escada. Este volume articula-se com o Palácio da Justiça, a Nordeste, «respeitando

alinhamentos» com o edifício e estabelecendo «relações de volume, pela própria construção e pela modelação do terreno». (Memória descritiva incluída na revista *Architècti* (1991) pág. 69 a 79)

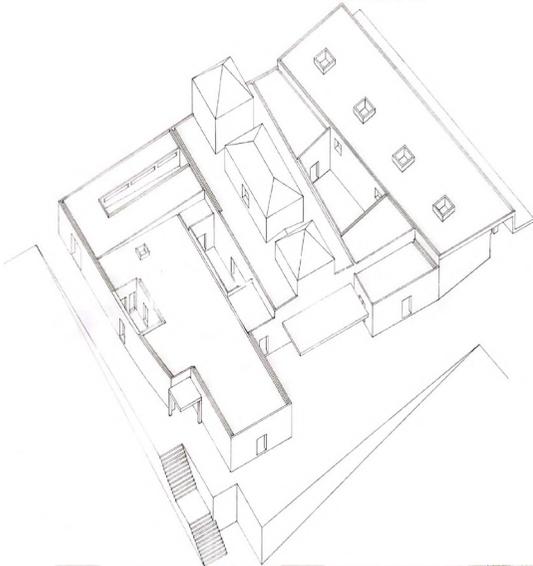
Os espaços do edifício escolar articulam-se a partir de três pátios, com áreas e funções diferentes entre si. No centro da escola foi projetada uma sala polivalente, o “viveiro”, eixo Nordeste-Sudoeste, com 212 m² - «este espaço contínuo é articulado por 3 grandes lanternins», diferenciando-se assim os espaços e favorecendo a organização em trabalhos de grupo, «sem prejuízo do caráter unitário que se pretende (...) Dois pátios separam o “viveiro” dos restantes elementos do programa» - serviços a Nascente, salas de aula a Poente - o terceiro pátio serve a cozinha. (revista *Architècti* (1991) pág. 69 a 79)



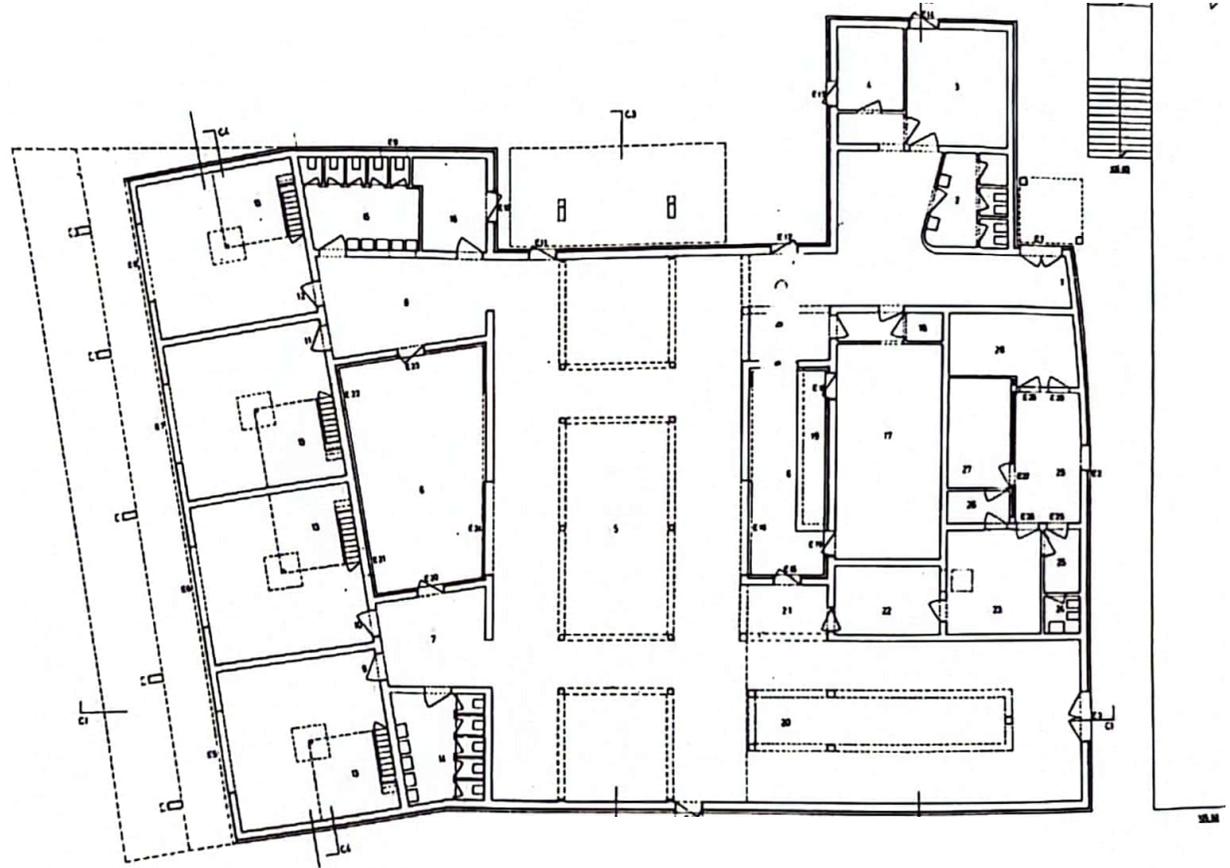
Jardim de Infância João de Deus, em Penafiel



Espaços debaixo das claraboias - "viveiro".
(Mário Chaves, revista *Architècti* nº8, 1991)



JARDIM INFANTIL JOAO DE DEUS		ABRIL 85	
PENAFIEL		ESCALA 1/100	10
PERSPECTIVA AXONOMETRICA	proj de:	colab de:	



Planta e axonometria digitalizadas durante a exposição SIZA, Fundação Gulbenkian (2024)

A entrada principal é feita a partir do ângulo Nordeste do edifício. Na galeria de acesso que liga a entrada ao “viveiro”, um átrio serve de gabinete médico (9.5 m²), secretaria (21 m²) e sanitários para os professores (12,5 m²).

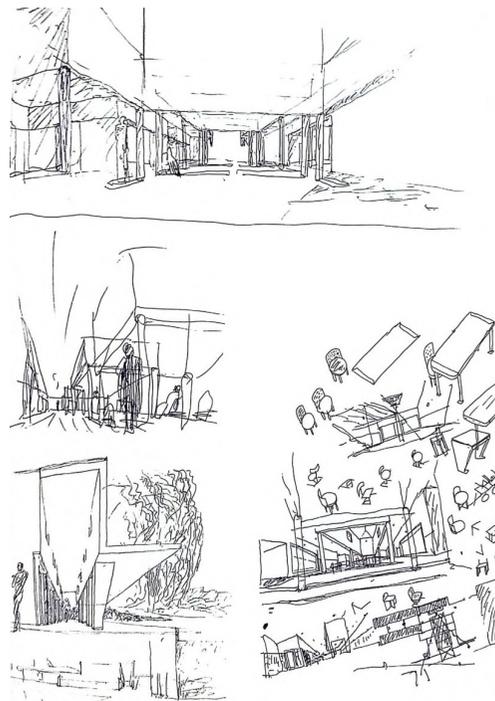
A Noroeste do viveiro, foram projetadas quatro salas de aula, que abrem vistas, conectadas por «um coberto contínuo». (revista *Architécti* (1991) pág. 69 a 79)

Cada sala conta com 45 m², prevendo-se a frequência de 30 crianças. Cada um dos dois conjuntos de salas é recebido por antecâmara – cada uma conta com um bloco de instalações sanitárias (16 m²). «Os armários-vestiários localizam-se na própria aula, ou na ante-câmara». Esta zona integra ainda uma sala de professores (12 m²). (revista *Architécti* (1991) pág. 69 a 79)

As salas de aula com duplo pé direito abrem diretamente para o espaço de recreio exterior. A planta do edifício apresenta também degraus e um segundo piso - mezanino que cobre um quarto da área da sala de aula.

A Sudeste do viveiro encontra-se a zona de serviços que conta com: o dormitório (43 m²); o refeitório (95 m²); uma copa (12 m²); a cozinha (17 m²); vestiário e sanitários dos funcionários (6,4 m²); despensa (16 m²); e lavandaria (20 m²). Estas áreas distribuem-se em volta de um pátio que liga diretamente ao exterior da escola.

A poente, para proteção das salas de aula, a “casca” (alçado Noroeste) torce criando uma pala, angulosa, que se ergue sobre pilares de secção retangular, com área superior em cima, dando sensação que afunilam em direção à terra. Há mais duas palas a referenciar: a



Esquissos do arquiteto Álvaro Siza Vieira

da entrada deste edifício do ensino pré-escolar, e uma outra, afastada da parede, que dá acesso ao viveiro.

De acordo com o autor Paulo Varela Gomes existem semelhanças entre o Jardim Escola São João de Deus e o Bairro da Malagueira: «a meu ver, (...) são obras onde a intervenção arquitectónica se realiza no quadro e nos limites de uma intenção antes de mais urbanística”. Aqui se acrescenta que ambos os projetos foram uma recuperação de planos já existentes. (revista *Architécti* (1991) pág. 69 a 79)

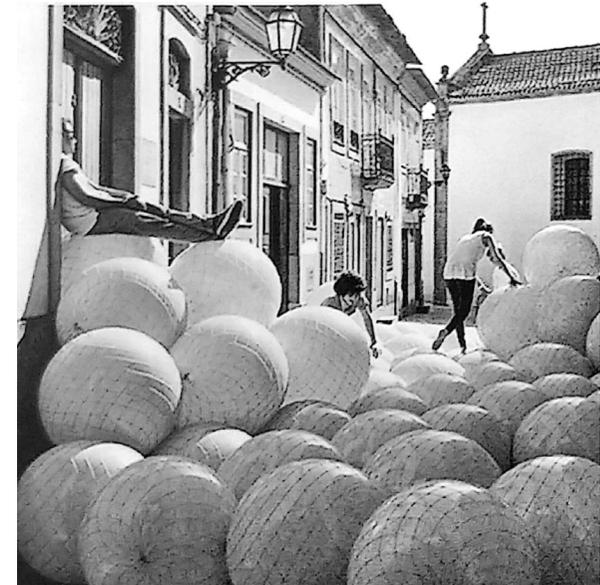


Abertura das salas de aula diretamente para o espaço exterior. (fotografia J. Albuquerque)

Instalações efémeras em contextos urbanos por meio da participação ativa - democratizar e ensinar a arquitetura

A Arquitetura Lúdica está intimamente relacionada entre Educação e Recreação. Este conceito materializa-se na concepção de dispositivos didáticos que potencializam atividades, muitas vezes educativas, de construção espacial – espaços dedicados à experimentação. A arquitetura temporária ou efémera pode ser interessante pelo seu carácter lúdico pois utiliza-se o espaço urbano como palco de cruzamento entre arte, arquitetura e a vida quotidiana. A Arquitetura temporária é uma prática em que se usa como meio de experimentação de configurações espaciais, de materialidades, de técnicas construtivas – constituem-se casos de estudo efémeros como instrumento de aprendizagem e processo.

O arquiteto e autor do texto “O lúdico, a partir do efémero”, Diogo Aguiar, defende que a arquitetura efémera possibilita o ensaio de usos e dinâmicas sociais, afirmando-se como uma das estratégias de planeamento tentativa/erro, onde a maior proximidade com os cidadãos pode provocar espaços participados, de ensaio e provocação da cidade. Trata-se de uma arquitetura que se quer aberta, que saiba dialogar entre cidade e a vida coletiva, que procura reforçar a coesão social. A arquitetura temporária enquadra-se numa corrente mais artística, uma vez que, sendo num território de especulação livre, não necessita de responder a uma função ou programa previamente definidos. (Marco Ginoulhiac (2017) pág. 100 a 101) Procura proporcionar experiências espaciais convocando a participação ativa dos transeuntes, dando desta forma noção da escala do participante no espaço, a relação do homem com a arquitetura,



Bubblescape LIKEarchitects
Ovar, Portugal, 2015

Uma rua de Ovar foi interrompida ao trânsito automóvel, provocando uma alteração na rotina diária dos automobilistas mas também dos transeuntes. Esta intervenção «faz referência à indústria pesqueira na sua materialização», um obstáculo urbano que estimula um «invulgar e divertido espaço de estar, que deu prevalência, ainda que temporariamente, ao transeunte» (Diogo Aguiar em *Lúdica Architecture* (2017) pág. 101)

o envolvimento popular na ativação dos espaços que promove. O autor diz ainda que esta arquitetura pensada para ser construída e depois desmontada assume uma dimensão pedagógica, ao procurar a dimensão técnica das estruturas com o carácter lúdico dos seus programas e materialidades. A arquitetura temporária permite o desenvolvimento de métodos construtivos experimentais, aprofundar aprendizagens de conhecimento técnico e tectónico, com possibilidade de se tornarem aplicações permanentes. O autor refere



Fonte Hacks, LIKEarchitects
Guimarães, 2012

O projeto para a cidade de Guimarães passou por intervir nas várias fontes que a cidade possui, adaptando-a a «inusitados espaços balneares». Ao intervir diretamente nessas infraestruturas hídricas, criam-se novas oportunidades de uso aos elementos que compõem o espaço urbano «redefinindo os limites físicos da cidade habitável». Ao ocupar vários pontos na cidade, Fonte Hacks propõem-se como um conjunto de intervenções lúdicas. (Diogo Aguiar em *Ludic Architecture* (2017) pág. 101)

ainda que a dimensão do lúdico na arquitetura não deve ser meramente encarada como a promoção do entretenimento, devendo esta assumir um carácter emancipatório, de dimensão política e de participação, na construção de uma cidade mais democrática. A arquitetura temporária e lúdica permite novos pontos de vista sobre a cidade. Através da brincadeira podemos repensar o mundo que construímos e coabitamos. (Marco Ginoulhiac (2017) pág.109)

A professora Elvira Leite, refere a «intervenção lúdica, espontânea e efémera» realizada por pessoas, em lugares públicos, como na praia, as construções



com areia - «castelos, pontes, palácios, esculturas e desenhos para depois se desfazerem com o avanço da água do mar» (Marco Ginoulhiac (2017) pág. 141)

In Situ/ 2012-2019, Universidade Autónoma de Lisboa
O In Situ/ parte de uma matriz académica e pedagógica que reivindica o «direito ao erro e à cidade», uma ferramenta de reflexão sobre os territórios construídos com intervenção em espaços informais; define-se como um Laboratório de Intervenção em Arquitetura coordenado pelo Centro de Estudos de Arquitetura,

Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa (CEACT/UAL). Atua numa perspetiva de experimentação de práticas de intervenção no território cuja concretização final culmina num *workshop*, com a participação das comunidades locais e construção por parte dos alunos. O modelo operacional divide-se em três partes: análise, diagnóstico e projeto.

Sendo o *in situ*/ um conjunto de intervenções académicas com uma pedagogia participativa/colaborativa propõe que a decisão de intervenção nos territórios seja de «baixo para cima». Assume-se também como uma ferramenta científica na procura do pensamento e reflexão sobre os territórios construídos.» (in situ/ 2020) As experiências relatadas mostram que houve um trabalho de análise territorial e social, tendo de coexistir as vontades das comunidades locais, de forma individual ou associativa, os interesses dos exercícios políticos e administrativos, apoios de empresas e de eventos culturais (Festival Materiais Diversos) e outros agentes do território onde se incluíram arquitetos, estudantes e académicos.

O objectivo dos laboratórios, e respetivos *workshops*, é a procura de contextos reais onde as intervenções arquitectónicas venham responder a uma necessidade sentida pelas comunidades e autarquias. Proporcionou-se aos estudantes o desenho de arquitetura que interagisse com o (in)existente, aproveitando os vazios urbanos, um largo, uma praça, para lidarem com aspetos físicos e sociais do lugar. Os projetos foram pensados e construídos pelos estudantes que intervieram em «territórios de exclusão, resultantes quer do declínio de actividades anteriores, quer de descontinuidades históricas e territoriais. Nestes

contextos, os laboratórios ensaiaram visões (...) corrigindo desigualdades e contribuindo para sociedades mais justas. (...) Há um potencial de transformação que vai muito além do processo criativo e construtivo. No final, o todo é claramente maior que a soma das partes». (CEACT/UAL (2020) pág.27)

Laboratório de Intervenção em arquitetura in situ/ Bairro do 2º Torrão, Trafaria 2013

A intervenção da CEACTION/UAL na Trafaria contou com a colaboração da Vitruvius Fablab (ISCTE-IUL), da Câmara Municipal de Almada (CMA) e de uma empresa de madeira Madeivouga que forneceu material de construção. O Bairro do 2º Torrão foi determinado em colaboração com a CMA. É um bairro «de génese espontânea e parcialmente ilegal». (Revista estudo prévio) Regeu-se sobre o tema «Intervenção urbana em tecidos de exclusão socioespacial». (CEACT/UAL (2020) pág. 27) Em âmbito académico os alunos tiveram oportunidade de «desenvolver projeto de autoconstrução de carácter participativo, debruçando-se sobre o tema do espaço público e das hortas comunitárias» (CEACT/UAL (2020) pág. 59).

Os estudantes intervieram também na resolução dos problemas específicos daquela comunidade, em parceria com ela própria, convidando-a a participar e sabendo escutá-la. O objectivo estava delineado, conluir interesses de forma a encontrar soluções para «algumas necessidades e problemas existentes» (CEACT/UAL (2020) pág. 27), tendo como ponto de partida o território e as dinâmicas sociais. Inicialmente terra de pescadores, os alunos encontraram no Bairro

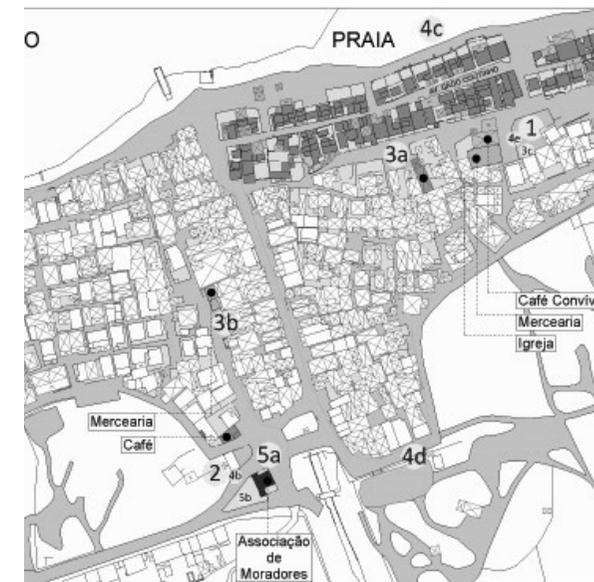
do 2º Torrão comunidades portuguesas, bem como comunidades angolanas e cabo-verdianas. Uma das reivindicações que unia o bairro era o problema de fornecimento de eletricidade.

O laboratório estruturou-se em três vertentes: uma primeira dedicada à investigação, trabalho de campo durante seis meses; uma segunda debruçada sobre exploração de métodos de desenho e construção, que contou com a participação de diversos arquitetos convidados, operação que durou dois meses; e uma terceira foi a construção, «produzindo e montando no local e com a comunidade.» (Revista estudo prévio) A escolha dos locais a intervir foi articulada a partir das conversas com os moradores, as operações visaram essencialmente o espaço público, «de forma a promover encontros e gerar urbanidade». (Revista estudo prévio) Os temas a trabalhar foram definidos pelos estudantes com os arquitetos, consoante a disponibilidade de material. As intervenções localizaram-se em diversos pontos do bairro, dando enfoque às duas entradas, a poente e nascente, e também junto à igreja, definindo-se três áreas de intervenção.

Do trabalho de campo resultaram os cinco temas a abordar; espaço para as crianças; espaços de encontro; hortas comunitárias; recolha e organização do lixo; fazer chegar o plano de ação à Associação de Moradores. Houve o cuidado, durante os trabalhos, de garantir a limpeza dos espaços - uma intervenção de «carácter simbólico» devido «à sua natureza representativa». (Revista estudo prévio) Em relação à montagem e construção dos projetos, estes foram em pré-fabricados de madeira. Foi o processo de construção que motivou a «maior participação por

parte dos moradores do bairro, especialmente junto dos jovens» que trabalharam com os alunos.

Decidiram que o espaço para as crianças ficaria perto da Escola Básica 2,3 da Trafaria, projeto um espaço que pretendia congrega a comunidade. Deu-se relevância à construção de um elemento escultórico, que ficou conhecido como Árvore, para elevar esta área a um espaço também simbólico. Esta intervenção incidiu na limpeza do espaço, construção da peça escultórica, plantação de novas árvores, colocação de baloiços, jogos de chão e balancé.



Planta de intervenção Laboratórios in situ para o Bairro do 2º Torrão (Revista estudo prévio)



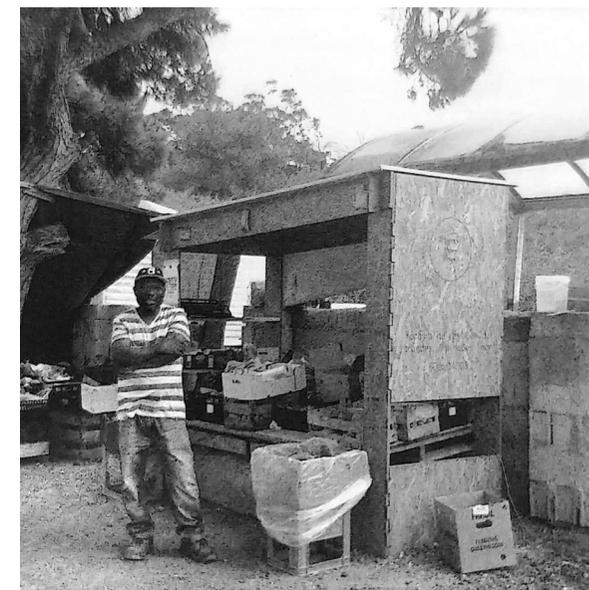
O facto de o projeto ter de ser construído por quem o está a conceber, ou seja, pelos estudantes, induz uma lógica própria de desenho e atribui uma dimensão física e social a todo o processo, obrigando os estudantes a uma negociação permanente com aqueles a quem a obra se destina, a uma maior consciência das características físicas e simbólicas dos materiais, bem como ao domínio e à descoberta das suas possibilidades construtivas, sempre a partir daquilo que são as suas próprias competências. (CEACT/UAL (2020); pág. 13)

O laboratório (...) é um espaço no qual se realizam atividades ligadas à aplicação e exploração de determinadas ferramentas teóricas ou práticas que, sob o domínio de especialização de um grupo, fomentam o trabalho individual em função dos interesses comuns, procurando-se atingir determinados resultados práticos ou conceitos válidos, partilhados pelos seus participantes. (CEACT/ UAL (2020) pág. 31)



A limpeza urbana e os problemas de acumulação de lixo não são por certo o projeto de sonho de nenhum arquiteto; no entanto, nenhuma intervenção de melhoria das condições de salubridade e da imagem e (auto)estima de um lugar pode ser pensada sem essas questões, e foi sobre elas que nos lançamos o desafio. (...) Foram depois desenhadas peças de mobiliário urbano (caixotes, contentores, cobertos) utilizando o OSB (...) (CEACT/UAL (2020); pág. 55)

A materialização dos projetos passava por usar placas de OSB (...) com técnicas de corte a controlo numérico. Consciente de que a durabilidade desse material no exterior é reduzida, o grupo angariou cerca de cinquenta paletes. (...) O workshop tornou-se a ferramenta através da qual a comunidade conseguiu recuperar espaços anteriormente abandonados. A experiência foi muito positiva. No entanto, para criar um real impacto numa comunidade, é necessário manter uma continuidade processual que possa tornar estes momentos menos efémeros. (CEACT/UAL (2020) pág. 59)



(...)

JOSÉ A. (São mostradas as plantas da Escola Montessori de Delft (1966) e Fuji Kindergaten (2017)) O arquiteto Herman Hertzberger propõe a decomposição da sala de aula em espaços mais pequenos. O pavimento da sala tem cotas diferentes criando diferentes ambientes.

O arquiteto, para a Escola em Penafiel, propõe uma ampla sala de trabalhos comuns, com antecâmaras à sala de aula que, por sua vez, têm ligação direta para o exterior.

ÁLVARO SIZA Claro que conheci a Escola de Delft e o Hertzberger, aliás, tive um prémio entregue pelo próprio.

Aprendi com muitos, aprender com um é muito limitado. Em relação a escolas, aprendi muito com uma escola, cuja construção segui, em Gaia, a escola do arquiteto Távora. E com outras escolas que visitei, na Holanda, na Alemanha.

Há uma, do Richard Neutra em que cada sala tem um espaço exterior e as aulas eram dadas no exterior. Há montanhas de trabalhos nesse sentido, de grande qualidade. Aprendi com a quantidade. É por isso que a viagem, a vivência dos espaços, é fundamental na formação de um estudante de arquitetura e de um arquiteto, toda a vida.

O Le Corbusier fez casas tradicionais no início de carreira, de grande qualidade, mas adquiriu a sua

capacidade de voar depois de fazer uma grande viagem pelo Oriente. A grande obra de Corbusier explica-se porque foi ele próprio um viajante, um aprendiz sem limites.

JOSÉ A. O arquiteto, ao longo da sua obra com edifícios escolares, alguma vez sentiu uma barreira, algo que não permitisse sair deste sistema de sala de aula que temos?

ÁLVARO SIZA Isso é uma verdadeira luta, como foi toda a Malagueira. Uma luta com o apoio do Presidente da Câmara, sem o qual não teria sido feito nada disso. Foi uma Luta.

JOSÉ A. E em relação às escolas?

ÁLVARO SIZA Também. Eu tive muitas dificuldades em aprovar a escola do Politécnico de Setúbal. Aí tive um grande apoio de um grupo de professoras, que participaram no debate sobre a organização da escola, mas isso são exceções. Tive muita dificuldade na sua aprovação.

Parte III

PARTICIPAÇÃO; O BAIRRO DA MALAGUEIRA E O JARDIM INFANTIL

O Processo SAAL; a metodologia e abordagem em Álvaro Siza Vieira num processo participado. O Bairro da Malagueira e o seu jardim infantil.

Álvaro Siza Vieira, obra e método projetual

Para se entender a obra arquitetónica de Álvaro Siza Vieira, temos também de entender o seu método como abordagem aos desafios projectuais que enfrenta. Com uma extensa obra iniciada em 1952 - de que resultou o seu primeiro projeto Quatro Casas, 1954/57, em Matosinhos – até aos dias de hoje. As abordagens e métodos utilizados pelo arquiteto foram sendo dinâmicos, adaptando-se consoante o período histórico, político e social que transversalmente acompanhou o seu trabalho.

Com uma importante elaboração teórica, é patente nesta sua dimensão uma abordagem racionalista, criativa e poética, com uma profunda sensibilidade para o conhecimento antropológico, histórico e técnico – como é exemplo, o livro “Imaginar a Evidência”.

Segundo o autor Jacinto Rodrigues, no seu livro Álvaro “Siza / obra e método”, há três características essenciais na obra do arquitecto: «processo de morfogénese complexa dos seus projectos»; «desenho como investigação/ expressão plástica/ utensílio técnico-operativo»; e «O sentido existencial do lugar como elemento essencial da sua obra». (Jacinto Rodrigues (1992) pág. 10)

Será curioso relacionar estas características numa “triunidade metodológica projetual” que relaciona o lugar, a estrutura e o programa. Desta forma é interessante perceber como o arquiteto relaciona as complexas redes de informação dos programas

propostos, e da arquitectura, com o lugar - o desenho como busca processual. Na obra do arquitecto Álvaro Siza é de grande delicadeza a homogeneidade entre os territórios e os edifícios. Uma articulação que é feita sempre pensando nos moradores e/ou visitantes do espaço, numa estreita preocupação com a dimensão social dos projetos – pensamento holístico e sistémico no processo projetual.

O autor Jacinto Rodrigues afirma que é o impulso lúdico o dominante na metodologia de A. Siza. Afirma ainda que o arquitecto é «pós-moderno de resistência (...) a sua expressão arquitetónica não é um “estilo” que resulta de uma moda. É um processo sempre em constante procura. «Errância sem fim». (Jacinto Rodrigues (1992) pág. 10) Está também presente nas obras do arquitecto Álvaro Siza Vieira a expressão Vitruviana que não se limita a concretizar estaticamente esta referência, procurando sim coordenar orgânicamente na vivência concreta dos seus projetos – *firmitas* como solidez técnica, *utilitas* como utilidade programática e *venustas* como estética. «É a triunidade que se afirma», como identidades técnicas e conceptuais autónomas, mas que o arquitecto consegue unir num singular tratamento de síntese. (Jacinto Rodrigues (1992) pág. 10)

Outra dimensão que o arquitecto Álvaro Siza alcança é a participação das populações e dos utentes. Não se tratando de um fator meramente negocial, onde são encontrados argumentos para as intervenções e inevitáveis conflitos de interesses das populações, mas usa a participação popular como uma arma e um desafio de criatividade. É na procura da melhor



Álvaro Siza com 11 anos, a ler sentado numa praia de Matosinhos, em 1944.
Fotografia na exposição “Álvaro Siza: In/disciplina”, Fundação Serralves (2019).

organização urbana e espacial que se encontram os modos de vida e especificidades culturais. Álvaro Siza relaciona nos seus projectos urbanos múltiplos fatores, onde se destacam os destinatários, o lugar e caracterização sociocultural. São exemplo destes trabalhos: a Reabilitação do Bairro de São Victor, em 1974/77 (Porto), e as Habitações SAAL - Bouça, 1975/1977 (Porto), onde se reinterpretou o modo de habitar nas ilhas operárias do Porto, revirando-as ao contrário, abrindo os seus espaços exteriores à cidade, desmarginalizando; Bairro da Malagueira, Évora (1977), onde se deu resposta urbana e arquitetónica à falta de habitação, conciliando grandes porções de terra desabitadas em que a urbanização do bairro é conduzida pelo aqueduto em estreita confluência com a topografia e respeito pela natureza; Edifício “Bonjour

Tristesse”, 1980 (Berlim) que previa aproveitamento das preexistências, programa com habitações, espaços comerciais, creches e clube para os mais velhos, bem como valorização de zona circunvizinha; e a Cooperativa de habitação de Schirswijk Ward, em Haia, Holanda (1986/87), onde houve que conciliar situação social complexa, confrontando as vontades de turcos e holandeses, numa zona urbana de elevada concentração de poluição industrial e inexistência de zonas verdes.

A metodologia participada é uma prática que contém uma pedagogia social ao considerar os cidadãos como cidadãos conscientes e autónomos. Álvaro Siza não procura impor os seus conceitos abstratos no mundo real, mas participar na «metamorfose da vida entre o caos e a ordem».(Jacinto Rodrigues (1992) pág. 11) No documentário “As Operações SAAL” o arquiteto Nuno Portas refere que a tese do arquiteto Álvaro Siza foi das mais sinceras por ter anunciado à partida: - “Eu ouço-vos mas não vos obdeço.” (transcrito a partir de “As Operações SAAL”, 2007).

Método que é processo criativo, sempre criando formas no concreto real e nunca moldando o real com modelos formais estáticos. (Jacinto Rodrigues (1992) pág. 10/11)

Conservar a cidade – inverter a cidade. Cidade projectada – cidade espontânea. Tradição – inovação. Desejo – qualidade. Responsabilidade do projectista e cidade como construção colectiva. Processos de participação -renascimento ou fragmentação. (Álvaro Siza (1984) citação retirada de “Revista Crítica de Ciências Sociais”

Não sou capaz de aceitar uma linguagem pre-estabelecida. Quando trabalho num contexto, sou incapaz de decidir qual é o estilo apropriado para utilizar nesse contexto (...). O controlo do desenvolvimento do projecto deve apoiar-se em coisas sólidas como por exemplo a forma de um animal ou de um ser orgânico. É um elemento de controle do mesmo modo que a geometria. Não sou capaz de separar o mundo da geometria do mundo natural. (“Entrevista – dialogo com Álvaro Siza”. Architettura, Cronache e Storia 32 (Milão))



Les Universalistes, 50 ans d'architecture portugaise, Fundação Calouste Gulbenkian (2016)

Cada elemento de um processo participado tem as suas distâncias relativamente ao produto final (...). Nunca tive uma visão de democracia e de participação confundida com timidez, prudência, contenção, etc. É um processo de entrega, uma realização, não um processo de ser simpático (...). Tanto o projecto para a Holanda como os projectos que fiz e que foram construídos para o SAAL, como o projecto para Berlim, como moradias, todo esse trabalho foi realizado com capacidade de diálogo e não com espírito totalitário. (Siza Vieira, A; citação retirada da “Revista Arquitectura Portuguesa” (1987))

Assim, o topos, algo misterioso, do genius loci corresponde à mater natura na antiguidade e na Idade Média. O espaço abstracto equivale à Res extensa a partir do séc. XVII. Agora, nos finais do século XX, é necessária a criação de uma «nova aliança» em que a Gea e o Logos se reconciliem numa compreensão enriquecida. E este lugar vivido é uma das componentes essenciais da arquitectura de Álvaro Siza. (Jacinto Rodrigues (1992) pág. 16 e 17)

Processo SAAL e a participação popular

No quarto quartel do séc. XX, em Portugal, com as conquistas da Revolução do 25 de Abril de 1974, o Direito de Participação Popular é inscrito na Constituição da República Portuguesa. Pela primeira vez, as populações foram convidadas a organizarem-se e a debater questões relativas ao Urbanismo e à Arquitectura, sobre a sua utilidade e a quem eles deveriam servir.

O Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) - Agosto de 1974 até Outubro de 1976 – foi um programa estatal que procurou responder às das carências habitacionais de cerca de 25% da população portuguesa, que vivia em zonas degradadas, barracas e bairros informais, sem as condições mínimas de habitação digna e de qualidade (implícitas no Direito à Habitação, como repetidamente refere o arq. Álvaro Siza). Organizado em 1974, pelo Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, Nuno Portas, e pelo Fundo de Fomento da Habitação, o SAAL lançou corpo técnico especializado que promoveu políticas tendo em vista a renovação de zonas degradadas das cidades. O despacho que o arq. Nuno Portas elaborou determinou que, para se iniciarem os trabalhos de uma operação SAAL, as populações eram obrigadas a organizarem-se em Cooperativas, Comissões ou Associações de Moradores.

Será especialmente pertinente para esta dissertação a palavra Ambulatório, cuja semântica liga à ideia dos “Peripatéticos”, do deambular, do mover-se, do passear, palavras que virão a ter relevância nos

capítulos posteriores.

“Ambulatório” - origem etimológica do latim *ambulatorius*; destinado a mover-se; variável, inconstante; que não tem sede fixa. (Dicionário Houaiss, 2023)

A interação entre as brigadas técnicas multidisciplinares e as Comissões de Moradores garantiam a possibilidade de transformação dos bairros e das cidades que incluía um «subsídio a fundo perdido» para cada fogo, contando-se com a participação da população através da autoconstrução - «mão de obra dos habitantes na construção de casa». Num processo que se admitiu demasiadamente burocrático ((Alexandre Alves Costa, documentário (2007) “As Operações SAAL”), os pedidos eram feitos através das Câmaras Municipais.

O processo SAAL deveria regular as intervenções propostas com técnicos especializados e apoiar economicamente as iniciativas da população - reflete também a produção e reflexão arquitetónica que se processou em Portugal durante o PREC. O arquiteto José António Bandeirinha refere que «o SAAL tinha um pressuposto extremamente simples: a organização social da procura. (...) Não pode haver processo nenhum que não seja desejado pelo moradores». (documentário “As Operações SAAL”, 2007)

Era proposto explorar soluções de habitação de baixo custo, com referências relacionadas com o movimento neorrealista de origem italiana com o alargamento de filosofias de intervenção do Norte da Europa. Bairros com planos urbanos que contemplam edificado e paisagismo e modelos habitacionais como as Siedlungen dos arquitectos modernos J.J.P. Oud e de



Álvaro Siza numa reunião com a população durante a operação SAAL/Évora. Ao fundo o arquiteto Alexandre Alves Costa. (*Les Universalistes, 50 ans d'architecture portugaise*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2016)

SIZA, Álvaro; **CASTANHEIRA**, Carlos; *As cidades de Álvaro Siza*; livraria Figueirinhas, 1ª edição: 2001; em “*Renovação da Zona de S. Vitor, Porto, 1974 – 77*” de Álvaro Siza

Ao organizar em banda casas unifamiliares de dois pisos (...) modelo experimentado na expansão das cidades no período entre guerras, que retoma a edificação de casas unifamiliares e cria estruturas unitárias do ponto de vista formal e social.

(“Cidade Participada: Arquitectura e Democracia. Operações SAAL - S. Victor” (2009) pág.81)

Momentos de um processo criativo de participação aconteceram em Portugal, depois do 25 de Abril. E por isso se verificou o único instante de interesse internacional significativo pela Arquitectura Portuguesa, pelo menos do meu conhecimento, e em contemporaneidade. Não creio distorcer a realidade, ao afirmar que esse período criativo participado, de exteriorização da cidade escondida, num percurso da casa para o Plano, quase não tem seguimento; e que se volta a privilegiar a dócil e atrasada importação de modelos, incluindo os mascarados de irreverência. (Álvaro Siza; retirado da Revista Crítica de Ciências Sociais, 1985)

Trabalhei assim, noutras circunstâncias, ou desejei trabalhar. No Portugal saído da revolução de 74 não se tratava, contudo, de desejar ou não. A luta pela habitação, no Porto, em Lisboa, ou no Algarve, abertas a cadeias, ultrapassou os limites da casa, do bairro, da cooperativa. Possuiu a cidade.

Curto episódio. Tomado como método, o que é movimento degenera em cómodo alibi, moderador alienante, renitente a mergulhar na reformulação do desejo - o nosso e o dos outros.

(Álvaro Siza (2001) retirado de “Oito pontos”)



Autor da fotografia desconhecido

<https://espacodearquitectura.com/artigos/as-operacoes-saal-um-dos-mais-importantes-documentarios-portugueses/>

Bruno Taut. (Costa, Ana A.; Costa, Ana C.; Fernandez, Sergio (2009))

No documentário de João Dias (2007), na entrevista ao arquiteto Alexandre Alves Costa, que pertenceu à Comissão Coordenadora do SAAL/Norte, este relata que «as primeiras brigadas técnicas se constituem com base nos estudantes de arquitectura, são eles que propõem o arquiteto». Realidade que já não corresponde à atribuição do arquiteto Álvaro Siza Vieira para delinear o Plano de Expansão a Oeste de Évora, de 1977, uma vez que já é uma operação relativamente tardia, já depois do período mais fervoroso do SAAL, a quem foi «confiado pela Câmara Municipal o encargo da elaboração do plano, enquanto que o projecto das casas nasceu por solicitação da Associação de Moradores». (Álvaro Siza (2017) pág. 105)

Entre os estudantes finalistas que participaram como colaboradores no projeto da Malagueira, contam-se o arq. Nuno Ribeiro Lopes (de 1977 a 1996) e o arq. paisagista João Gomes da Silva (de 1987-2001). O arq. Álvaro Siza Vieira, durante o documentário (2007), reforça a ideia de que o que «apoiou muito o arranque do processo SAAL foi o facto dos estudantes serem conhecidos porque havia uma desconfiança grande». (documentário “As Operações SAAL”, 2007) Em entrevista realizada ao arquiteto Siza para esta dissertação ele afirma que em Évora não houve esta relação entre estudantes e o SAAL, tal como aconteceu no Porto, uma vez que em Évora ainda não existia o departamento de Arquitectura na Universidade. Segundo o arq. Alexandre Alves Costa, no SAAL houve

«a introdução de uma arquitetura nova, moderna, sobre ruínas preservadas, muros. Esses muros é que estabeleciam uma espécie de malha dentro da qual o tecido novo proposto se inseria». (documentário “As Operações SAAL”, 2007)

Houve uma certa atitude “experimentalista” na procura de identidade dos planos urbanos e arquitetónicos, dos tipos e das tipologias construídos - este programa técnico e popular foi o reflexo do debate em curso à época, onde se questionava o tipo de cidade que se pretendia alcançar, para quem ela se deveria direccionar, de que forma se queria habitar – um debate que propunha organizar as populações, rompendo os modelos até então impostos pelo regime fascista.

Como o arquiteto Álvaro Siza refere, num artigo da Revista Crítica de Ciências, que as «intervenção de movimentos populares de luta pela casa e pelo direito à cidade, movimentos durante muitos anos controlados: reprimidos. Para os arquitectos, abriu um campo vasto e urgente de projecto, fundamentado na participação directa e diversificada das populações». (revista Crítica de Ciências (1985))

Será também de destacar o papel determinante das mulheres, ao serem quem mais participou das assembleias populares, bem como, o seu papel fundamental na construção das casas. «As mulheres descarregavam os primeiros tijolos (...) A situação das mulheres aqui neste processo é particularmente interessante porque as mulheres eram quem praticamente dominava o processo». (Alexandre Alves Costa em “As Operações SAAL”, 2007)

O arquiteto Fernando Bugalho, no documentário de João Dias (2007), refere que os seus desenhos assinados para o projeto do Batateiro, Seixal, desapareceram «uma vez que, depois do 25 de Novembro (a sede do Fundo de Fomento foi tomada por gente que tinha uma certa mentalidade revanchista que destruiu toda a documentação». (documentário “As Operações SAAL”, 2007)

Em 1976, a reacção impôs o fim do SAAL. Para a história ficam registadas declarações profanas de influentes figuras políticas e ataques violentos a pessoas e edifícios. O arq. Alexandre Alves Costa conta que «a Sede do SAAL era um ponto nevrálgico para onde tudo convergia, onde se fazia a imprensa, onde o conselho revolucionário reunia, onde as brigadas técnicas reuniam, onde os construtores da construção civil reuniam, e às tantas recebo um telefonema a dizer que tinha rebentado lá uma bomba. (...) Uma bomba era o menos, o problema era mesmo haver uma invasão, os porta-aviões dos Estados- Unidos aí à vista, a situação era muito dramática». (documentário “As Operações SAAL”, 2017)

O curto período de vida do SAAL não permitiu consolidar, nem aprofundar uma teoria e uma prática que acabara de nascer - poder-se-á afirmar que, com a sua extinção com vários projetos em execução, o SAAL morreu ainda em processo de elaboração. Os planos urbanos e arquitetónicos de habitação e de infraestruturas de interesse público e social propunham a expansão das cidades, mas também a consolidação e valorização espacial dos tecidos urbanos existentes.

Parece oportuno informar da acção da Brigada, enquanto equipa técnica, dentro do contexto político actual.

A Brigada não adopta uma posição elementar -aprender com o povo - ou ensinar o povo. Entra com a sua formação real, aceitando e criticando as circunstâncias dessa formação, e com a sua total adesão a um objectivo: o controle das populações sobre as zonas degradadas em que habitam e sobre as directrizes da sua apropriação e recuperação, controle esse que necessariamente tem de ser, à partida, alargado à própria cidade e não só. (O ultrapassar dos objectivos que directamente deram origem ao Processo SAAL, por parte das Associações, está intimamente ligado à dinâmica do processo revolucionário português, de que é o motor e reflexo.)

A Brigada considera que a sua formação e as suas ideias, nos limites aparentes para reconstrução do «Habitat», em dialéctica com as actuais das populações para quem trabalha, estarão na base de um mundo físico criado para e por uma sociedade que se deseja, sem classes.

A Brigada recusa os caminhos do mimetismo ou da ambiguidade, como estreitos ou demagógicos.

A Brigada não considera nem admite que a urgência dos problemas seja um limite à qualidade e à poesia. (Poesia entendida como total adesão e expressão do processo político em curso, em toda a sua riqueza e complexidade - riqueza e complexidade cujas raízes se encontram e só num movimento popular colectivo e irreversível.)

A Brigada procura não confundir objectivos com métodos. Estabelece em conjunto com a Associação de Moradores prioridades para cada momento, a corrigir quando necessário, adoptando uma permanente posição de crítica.

Dentro desta óptica, todas as posições têm de ser assumidas como partes de um processo dinâmico, sendo indispensável a adopção de uma metodologia a isso apropriada.

Ultrapassados os processos burocráticos e tecnocráticos, o conceito do projecto é outro. Este conceito não deve ter nada a ver, entretanto, com o improvisado ou com a bengala.

O rigor não é um limite à dinâmica do processo. O rigor tem de estar intimamente ligado à real possibilidade de avanço, ao amadurecimento, à capacidade de resposta ao processo, e sempre presente.

O rigor tem de ser directamente proporcional a essa capacidade de resposta.

O rigor não é um limite à imaginação.

O rigor não é um limite à colectiva criatividade.

O rigor é a capacidade de resposta a um processo dinâmico.

«A qualidade é o respeito pelo povo.» Che

Álvaro Siza; *Linhas de acção dos técnicos como técnicos*; publicado na revista Lotus International nº13, 1976
(artigo incluído na obra "Cidade Participada: Arquitectura e Democracia. Operações SAAL - S. Victor" (2009) pág.56 e 57)

O Bairro da Malagueira

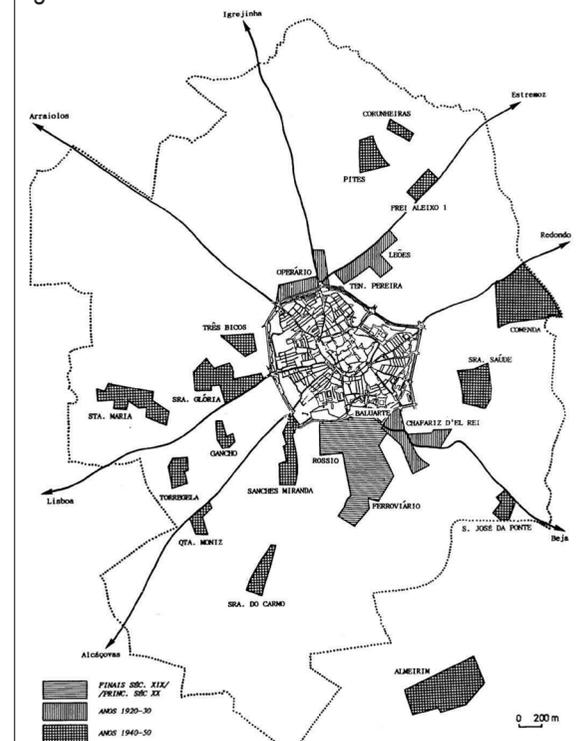
O Bairro da Malagueira é uma importante referência arquitetónica, um dos exemplares que projetou a Arquitetura Moderna em Portugal para o mundo – projeto publicado por diversos autores estrangeiros. A sua afirmação explica-se por se propor a alcançar o *grande número de população* – expressão empregue pelo arquiteto Álvaro Siza. O encanto deste bairro reflete-se pelo alcance Urbanístico, Arquitetónico, que soube lidar com intervenção popular, pela irreverência da proposta, adequação ao lugar, as soluções arquitetónicas, concisas e metódicas, possíveis de realizar num contexto de falta de materiais de construção e de mão de obra especializada. (*Imaginar a Evidência*, 1999, pág. 125)

O Bairro da Malagueira é um projeto tardio das Operações SAAL. Antes da sua extinção, em 1976, a população já estava organizada na Associação de Moradores de S. Sebastião (encarregada de 100 fogos) e a Cooperativa da Boa Vontade (encarregada de 350 fogos). Posteriormente, formaram-se diversas Cooperativas que se juntaram, expandindo uma vontade inicial de 450 para as 1200 habitações concretizadas. «Os moradores das zonas degradadas uniram-se em cooperativas, lutando pelos seus direitos e por um estilo de construção que até agora fora privilégio das pessoas economicamente favorecidas.» (Brigitte Fleck, 1992, pág. 67)

Também foi crucial o papel do presidente da Câmara Municipal de Évora, Abílio Fernandes (PCP), entre 1976

– 2001, que teve a vontade política para empreender este bairro. Este projeto veio responder à necessidade de garantir qualidade arquitetónica para uma parte da população desfavorecida da cidade de Évora.

«Em 1975 Évora tinha cerca de 40000 habitantes, dos quais 2/3 habitavam fora das muralhas, distribuídos por 29 bairros clandestinos». Destes bairros, apenas 6 possuíam já um estudo urbanístico, 12 não tinham água, 17 não tinham esgotos e 24 não tinham arruamentos. Segundo outras fontes chegaram a ser registados 43 bairros ilegais - aglomerações de casas, algumas bastante numerosas - sem saneamento nem



Evolução da expansão urbana da cidade de Évora fora de muralhas até 1950 - bairros clandestinos. PDM Évora, relatório n.º 6 (1978/79), CME (Maria D. Simplício, 2009)

licenciamentos». (Mário José Gomes (2016) pág. 29-30)

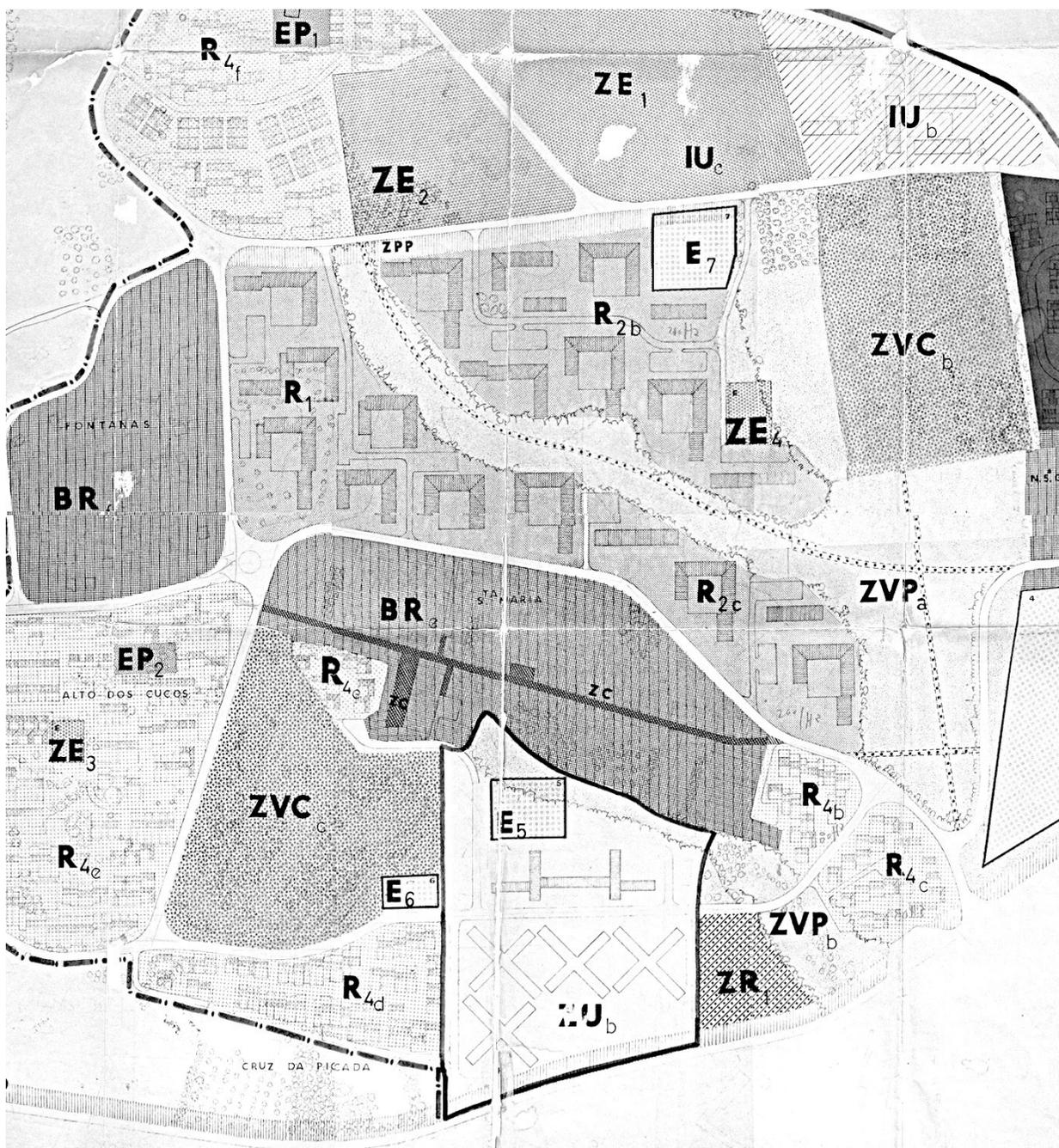
Um primeiro plano fora elaborado por técnicos da DGSU, com data de Novembro de 1975. (Memória Descritiva, 1977)

O ministro Nuno Portas decide chamar o arq. Álvaro Siza Vieira depois de disputas entre as elites que possuíam grandes propriedades - viam a cidade como uma joia no vasto território - e a CME que também não era favorável ao plano de 1975. (*Imaginar a Evidência*, 1999, pág. 125)

O arquiteto escolhido, um homem do Porto com 44 anos de idade, já tinha realizado projetos para o «grande número» em bairros e Ilhas operárias: Conjunto Habitacional em Caxinas, Vila do Conde (1970-72); SAAL Bairro da Bouça, Porto (1973-77 e 2001-06); SAAL Bairro de São Victor, Porto (1974-1977).

Em Agosto de 1977, o arquiteto entrega à CME os Estudos Preliminares - Memória Descritiva, intitulada, Plano de Pormenor de uma área de 27 Ha integrada no Plano de Expansão Oeste de Évora. Foi a população que pediu ao arquiteto para projetar as habitações, uma vez que lhe tinha sido entregue a definição do plano. (*Imaginar a Evidência* (1999) pág. 105)

Para a história do Bairro da Malagueira ficarão os arquitetos A. Siza Vieira, Nuno Ribeiro Lopes, e João Gomes da Silva. O arq. Nuno R. Lopes foi o responsável de projeto depois do arquiteto A. Siza deixar de trabalhar permanentemente em Évora, tendo acompanhado o processo de elaboração e construção do bairro entre



Plano de pormenor para extensão a Oeste de Évora
A. Campos Matos e A. Nazaré Pereira (1975)

Planta consultada no livro de Nelson Mota, *An Archaeology of the Ordinary* (2014). Compôs-se uma carta, via correio eletrónico, para a morada do professor arquiteto da Universidade de Tecnologia de Delft, Nelson Mota, que generosamente cedeu esta planta. Representa-se o plano urbano, para a zona do Bairro da Malagueira, que terá motivado contextualização social e política. Estavam previstos edifícios de sete pisos. A Sul, entre a zona E5 e a zona ZR1 ou ZVPb, nota-se a representação de uma ribeira (ou vegetação).

1977 e 1996. O arquiteto paisagista João Gomes da Silva esteve presente nos trabalhos entre 1987 e 2001, informação confirmada pelo próprios.

O Bairro da Malagueira implanta-se numa área de 27 hectares, a Oeste do centro histórico de Évora. Está limitado a Norte pela via de acesso às piscinas municipais, a Sul pelo Bairro de St^a. Maria, e a Oeste, por um eixo viário (ligação à estrada Évora-Montemor) e pelo Bairro das Fontanas. A Este e Sudeste o plano da Malagueira oferece um amplo espaço verde. Neste espaço, um paredão permite a mobilidade dos peões na sua superfície superior, e contém o fluxo de uma linha de água principal (NE-SE) permitindo a formação de um Lago. Esta linha de água é uma pré-existência ao Plano que foi «reforçada» para serem aproveitadas as águas das descargas da Piscina Municipal. Foi relatado na entrevista ao arq. Álvaro Siza que esta ideia foi do arq. paisagista João Gomes da Silva. O que explica a razão do lago só estar representado nas plantas a partir de 1990.

A Este uma estrada (sentido N-S) sucede a zona do lago. No plano de 1977 imaginou-se este percurso reservado a peões. (Imaginar a Evidência, 1999, pág. 115) A Este da estrada N-S os edifícios propostos consolidam a malha urbana desta zona da cidade (ver planta de 1990).

A Sudeste do bairro, na zona da CGSP outra linha de água é representada nas plantas - um antigo Ribeiro, assim descrito pelos populares em conversas - (ver o «Plano de Pormenor do Bairro da Malagueira; processo de concurso das infraestruturas», e o «Plano

de Esgotos», Gabinete de Apoio Técnico às Autarquias Locais (CME). (pág. 90 e 92 deste capítulo).

De acordo com os “Estudos Preliminares - Memória Descritiva” (1977), elaborada pelo arq.to A. Siza, a proposta contempla: «criação de uma unidade residencial estruturada para cerca de 12 000 habitantes»; «integração e articulação dos bairros clandestinos confinantes (Fontanas, St^a. Maria, n. Sr^a. da Glória) (...)», permitidas pela autarquia durante o fascismo porque não se viam da estrada Évora-Montemor (Entrevista ao arq. Álvaro Siza); «(...) da zona residencial em construção pelo F.F.H.»; e «das

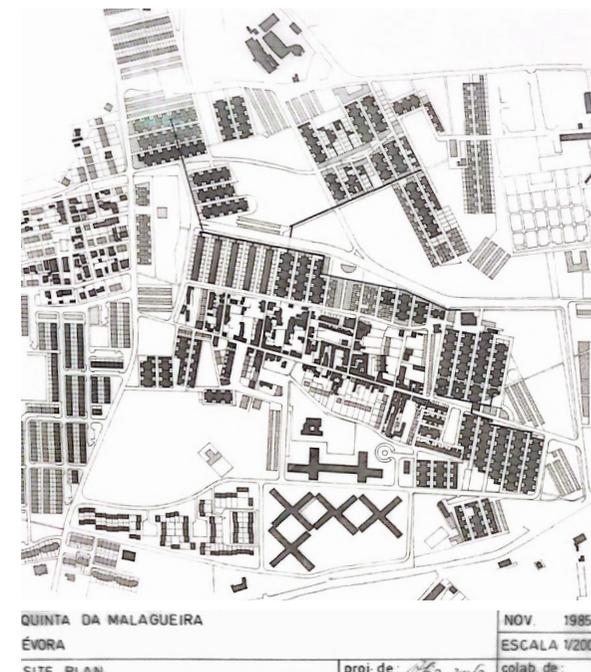


Na Memória Descritiva (1977) vêm incluídos esboços do arquiteto A. Siza que poderão ilustrar uma ideia inicial de distribuição de casas-pátio de 2 pisos, com os edifícios de 4 pisos. Na imagem da direita está representado o Ribeiro a Sudeste do bairro.

duas zonas universitárias já previstas a Norte», nunca realizadas. (Memória Descritiva (1977) CME)

O mesmo Plano (1977) estrutura as construções dos edifícios, dos equipamentos urbanos e do paisagismo, segundo «os espaços verdes existentes (quintas e zonas arborizadas) e a análise da aptidão dos solos», prevendo-se a «íntima correlação entre a cidade intramuros e a sua expansão». (Memória Descritiva (1977) CME)

É referido o estudo de tipologias arquitetónicas, «nas zonas integradas no sector agora em estudo prevêm-



Planta de implantação (1985) do Bairro da Malagueira. Desenho consultado e digitalizado durante a exposição Siza, Fundação Calouste Gulbenkian (2024).

se blocos de quatro pisos, definindo pátios comunitários e casas-pátio de dois pisos.» Os desenhos iniciais (1977) para o projeto das tipologias casa-pátio, aproximam-se aos desenhos das habitações realizadas – num primeiro olhar, as chaminés não estão colocadas nos atuais alçados, tal como os desenhos indicam.

A definição do tecido urbano e a volumetria do bairro, vêm da disposição e configuração dos Bairros de St^a. Maria e N. S^a. da Glória, nascidos nos anos 40-50 do séc. XX (identificados na imagem do PDM de Évora (1978/79) pág. 86 deste capítulo). «Desenvolver-se-á através de um debate contínuo com as populações a alojar, incluindo numa mesma operação zonas a construir e zonas a recuperar.» (Memória Descritiva (1977) CME)

O plano continua descrevendo as tipologias arquitetónicas propostas para a «1^a fase (sectores designados (...) por A e B)» reduzidas a duas hipóteses em «talhões de uma só frente e de 8 m de largura e 12 de profundidade: habitações à face do arruamento e pátio nas traseiras ou habitação em L com pátio confinando com a rua». Limitam-se estas habitações a dois pisos com « (...) programas T1 a T5». Foram construídas as tipologias T2 a T5 e foram eliminados os blocos de quatro pisos. (Memória Descritiva (1977) CME)

Com especial interesse para o trabalho de investigação, que prestará especial foco ao Jardim Infantil da Malagueira, é a referência a equipamentos urbanos e espaços livres na Memória Descritiva (1977): «Outros programas habitacionais ou de equipamentos, poderão

ser incluídos por junção de talhões. A malha de associação de talhões é repetida ao longo do terreno. A variação de ambiente é obtida pela adaptação à topografia (variação de perfil) pela distribuição irregular dos programas habitacionais, pelos espaços resultantes do atravessamento de vias irregulares, pela inclusão de equipamentos, pelo contraste entre zonas verdes e construídas e pelo encontro entre as duas. Considera-se que complexidade e variedade não dependem da variação de tipos de habitação, mas sim da sua articulação com espaços livres e com outros programas». (Memória Descritiva (1977) CME)

A autora Brigitte Fleck, na obra “Álvaro Siza” (1999), apresenta a ideia de que a «variedade» (urbana, de equipamentos, da paisagem) está presente nos momentos em que a «monotonia» é quebrada. «Complexidade e variedade não surgem através das formas das habitações com os seus tipos pouco variados, mas através da adaptação à topografia, através de espaços livres e da criação de espaços comunitários.» (Brigitte Fleck (1999) pág. 76)

Na imagem da Planta de Esgotos (Gabinete de Apoio às Autarquias Locais, sem data, pág. 90 deste capítulo) percebe-se que a zona do jardim infantil, a Sudeste do tecido urbano do bairro, está preenchida com os talhões de 8 por 12 metros, sobrepondo-se ao antigo Ribeiro que por ali corria e que foi respeitado, como se compreenderá mais à frente.

Os quarteirões e o aqueduto são dois dos elementos principais que conferem escala urbana ao bairro. Outros importantes equipamentos urbanos, não construídos ou

abandonados, também seriam elementos marcantes que transformariam a dinâmica social e a escala do bairro.

Pretendeu-se prolongar a Rua dos Salesianos, atual Av. da Malagueira, «sensivelmente paralela à linha de água e à zona verde». (Memória Descritiva (1977) CME) Este eixo Este-Oeste, compreende o trânsito automóvel e via de peões coberta. «A estrutura do coberto inclui a conduta acessível de infraestruturas (água, electricidade, telefones) postos de transformação e central de telefones», permitindo uma proteção aos pedestres à chuva e ao Sol e evita ter que (tão frequentemente) “esburacar” as ruas por manutenção das referidas infraestruturas. São



Tipologia casas-pátio para o Bairro da Malagueira (Agosto, 1977) (Siza, F. C. Gulbenkian (2024))

previstos estacionamentos automóveis na periferia dos conjuntos habitacionais. (Memória Descritiva (1977) CME)

A conduta e a topografia são elementos estruturantes do bairro. A conduta é uma estrutura aérea, construída em blocos de betão, com estereotomia à vista. A ideia da conduta, ou aqueduto, foi difícil de ser aceite pelos diretores urbanísticos em Lisboa (Entrevista ao arq. Álvaro Siza) e só foi conseguida com recurso a materiais baratos e técnicas simples de construção (Brigitte Fleck (1999) pág. 76).

Este elemento urbanístico incorpora as infraestruturas, confere proteção aos pedestres e organiza as «filas de casas» ao longo das suas ramificações secundárias. «As filas de casas acompanham a paisagem, orientam-se em grandes estruturas, grandes linhas, terminam em espaços públicos onde começa a pluralidade». (Brigitte Fleck (1999) pág. 71) Tal é o que sucede no espaço do Jardim Infantil da Malagueira.

As redes de infraestruturas foram então elevadas à altura das habitações, cada ramificação parte da conduta principal (aqueduto). «Entre os quarteirões e o aqueduto, deixei alguns espaços livres, calculados para posterior ocupação para actividades predominantemente comerciais. (...) O encontro entre a conduta principal e a conduta secundária permitiu assim a criação de uma série de espaços intersticiais que multiplicam as possibilidades do projeto». (Imaginar a Evidência (1999) pág. 119)

O Bairro da Malagueira é um projeto que não está



terminado. Uma série de equipamentos urbanos ficaram por construir, entre eles, um centro-social, uma paróquia, um restaurante, uma escola de línguas, a semi-cúpula na Praça José Afonso, a clínica médica, ruas comerciais (rua da Broadway) e aparthotel.

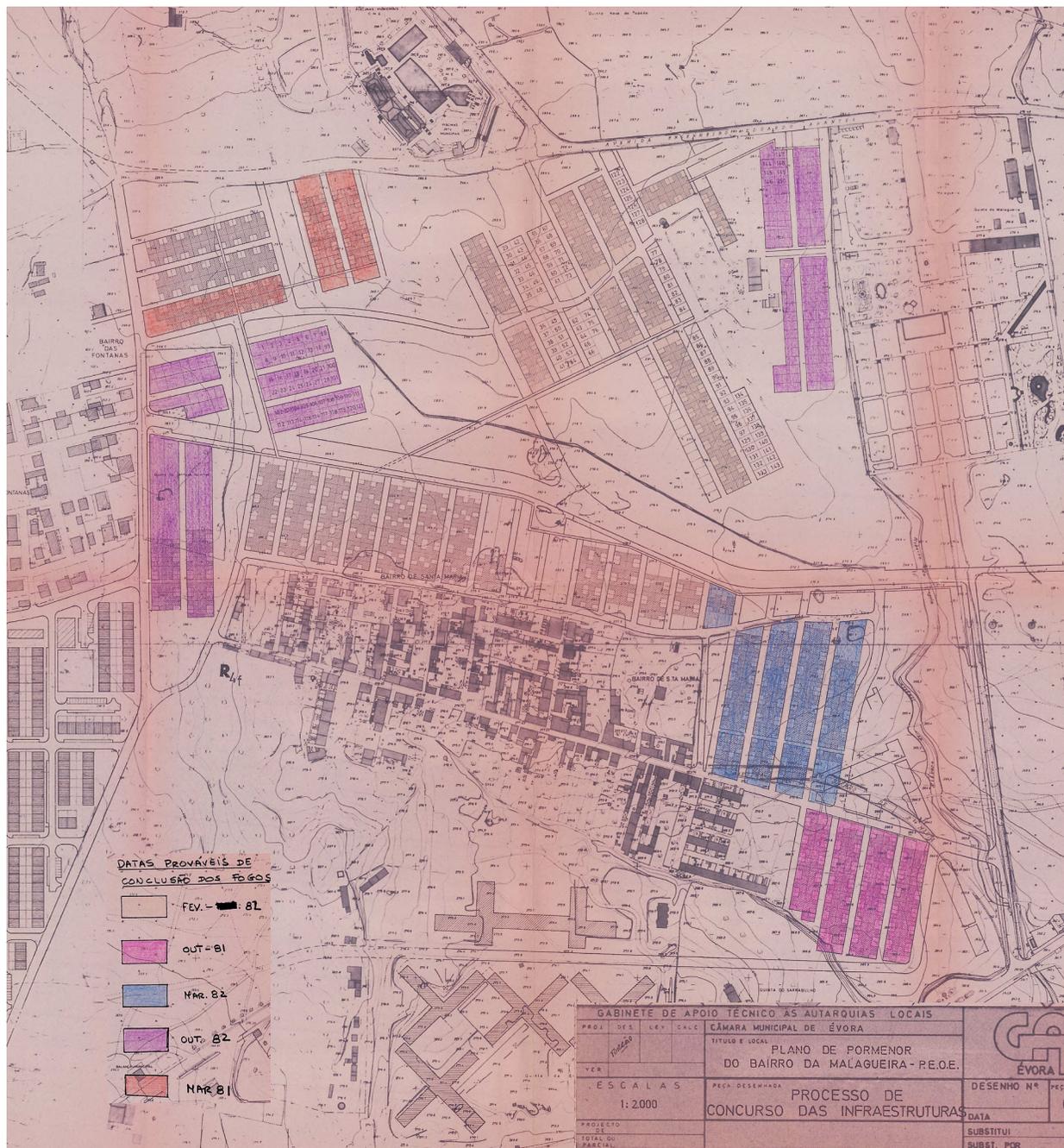
Planta de Esgotos (julga-se ser posterior a 1980). Uma ribeira a Sul. Gabinete de Apoio às Autarquias Locais, Arquivo Municipal CME



LEGENDA

-  HABITAÇÃO
-  EQUIPAMENTO E COMÉRCIO
- 1 GARAGENS
- 2 COMÉRCIO
- 3 ORQUESTRA DE ACORDEONS DE ÉVORA - ESCOLA DE MÚSICA
- 4 APPACDM - RESIDÊNCIA PARA DEFICIENTES
- 5 MONTE DA MALAGUEIRINHA
- 6 VIVEIRO MUNICIPAL
- 7 CENTRAL DE TELEDISTRIBUIÇÃO
- 8 CÚPULA - PRAÇA COBERTA
- 9 CRECHE
- 10 CENTRO PAROQUIAL
- 11 ESCOLA PRIMÁRIA
- 12 ESCOLA SECUNDÁRIA
- 13 COOPERATIVA BOA VONTADE - SEDE
- 14 APARTHOTEL
- 15 CENTRAL DIGITAL - TELEFONES
- 16 CASA DA SOBREIRA
- 17 PARQUE INFANTIL
- 18 COOPERATIVA GIRALDO SEM PAVOR - SEDE
- 19 PISCINAS MUNICIPAIS
- 20 RESTAURANTE

Planta legendada do Bairro da Malagueira (1990) assinada pelo arquiteto Álvaro Siza. Referência a um *Parque Infantil* no ponto 17 da legenda. (Arquivo Municipal DORU / CME)

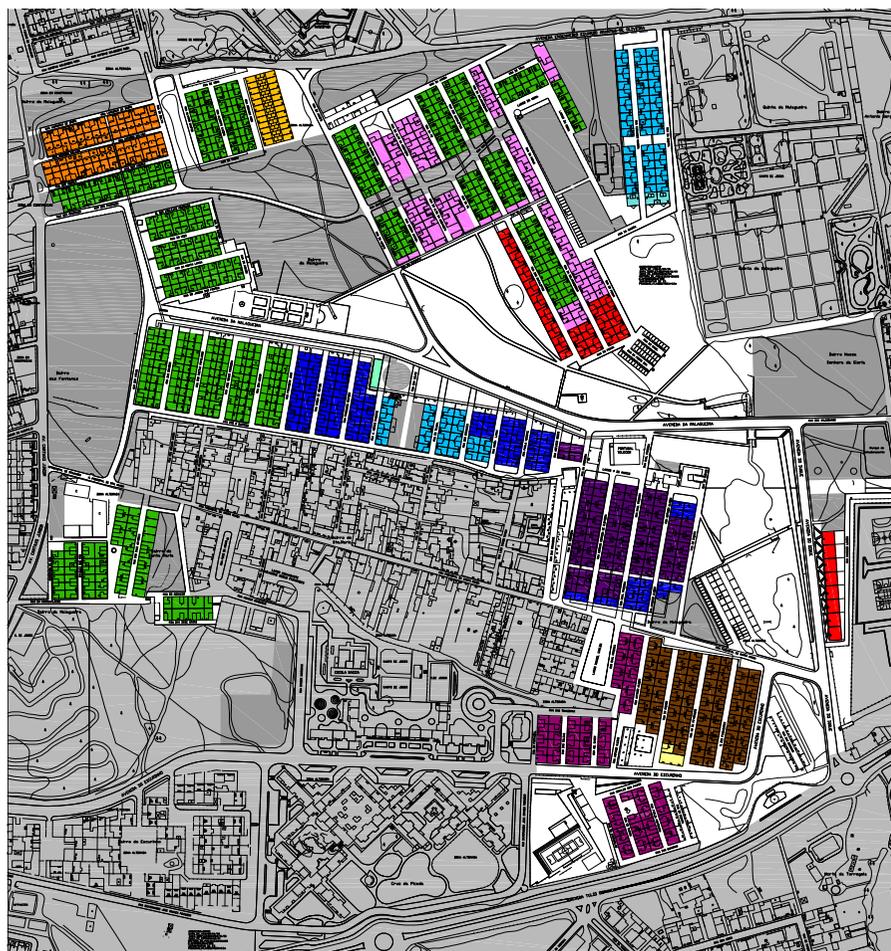


«Gabinete de Apoio Técnico às Autarquias Locais», CME, sem data (prevê-se ser anterior a 1980); título e local, «Plano de Pormenor do Bairro da Malagueira; Processo de Concurso das Infraestruturas». Identificam-se, com recurso a uma escala de cores, as datas prováveis de conclusão dos fogos para o Bairro da Malagueira. (Arquivo Municipal CME)

Na comparação entre esta planta, que se inclui no processo do Bairro da Malagueira (Arquivo Municipal, CME), e o documento de 2005 elaborado pela CME (página seguinte), podemos identificar algumas discrepâncias entre a previsão inicial para a conclusão dos fogos e a evolução que realmente se verificou. Enquanto que esta primeira previsão aponta para a conclusão dos fogos indicados até Outubro de 1982, o Departamento de Ordenamento e Gestão do Território, de 2005, denuncia um processo lento que se estendeu em longos anos depois de 1982.

Este plano do Gabinete de Apoio Técnico às Autarquias Locais não contém o desenho completo da empreitada das habitações à responsabilidade da Cooperativa Giraldo Sem Pavor (CGSP). Ainda não é previsto o espaço do atual jardim infantil.

É a partir de 1980, como se pode verificar com a empreitada da referida Cooperativa no documento de 2005, que aparecem representadas, nas plantas urbanas do bairro, as habitações na zona Oeste dos edifícios representados com a cor rosa e do Jardim Infantil da Malagueira. (Desenhos fora de escala e layout modificado)



PROMOTOR	DATA	N. FOGOS	TIPOLOGIA	PROJECTO		
COOPERATIVA BOA VONTADE	1979/80	100	6 T2	TIPO A		
			75 T3	TIPO A		
			9 T4	TIPO A		
			6 T3	TIPO B		
			9 T4	TIPO B		
			95 T3			
			9 T4			
			1991	81	78 T3	
			1994	6	3 T4	
			2001	4	6 T1	
COOPERATIVA GIRALDO SEM PAVOR	1979/80	100	4 T2			
			50 T3	TIPO A		
			4 T4	TIPO A		
			77 T3	TIPO A		
			24 T2			
			24 GARAGENS			
			33 T3			
			1986	77	77 T3	
			1992	24	24 T2	
			1995	58	29 T2	
ESTADO	1980/89	418	29 T3			
			12 T2			
			12 T3+GARAGEM			
			3 T2			
			1 T3			
			100 T2			
			265 T3			
			34 T4			
			19 T5			
			A PROMOVER			



CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE ORDENAMENTO E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Local:	ÉVORA / BAIRRO DA MALAGUEIRA	Des. nº:	2,0
Assunto:	FASES DE CONSTRUÇÃO / DATAS / PROMOTORES	Data:	AGOSTO 2005
Peça Des.:	PLANTA SÍNTESE	Escala:	1/5000
Desenhou:	Ivone Furtado Shore, arq. / sr. Bandeira		

«Fases de construção / Datas / Pormenores» (Arquivo Municipal (CME));

Departamento de Ordenamento e Gestão do Território, CME (2005) onde se identifica, com recurso a uma escala de cores, o responsável da obra em cada fase de construção do Bairro da Malagueira: nome da Cooperativa promotora e data de conclusão da empreitada; número de fogos construídos; quantidade de tipologias construídas; identificação do tipo de habitação (Tipo A, Tipo B).

Identificam-se, a cor cinzenta, os espaços «a promover» no bairro. Esses espaços correspondem todos eles a espaços públicos abertos. É de salientar que o Jardim Infantil da Malagueira não está identificado com a cor cinzenta, como se estivessem em pleno funcionamento. Relativamente ao Jardim Infantil da Malagueira, muito há que concretizar, de forma a que este espaço seja efetivamente considerado um jardim destinado a um público infante-juvenil, um espaço inclusivo, que promova a integração social e a intergeracionalidade, que possibilite contacto com elementos naturais e imateriais, como árvores e o som, respetivamente, espaço confortável e seguro, com estímulos físicos e cognitivos, que possibilite a brincadeira, a amizade e a socialização, o desporto e a curiosidade.

Jardim Infantil da Malagueira

Foi ao longo do percurso académico em Évora, pontuado por vários trabalhos e visitas de estudo ao Bairro da Malagueira, que se encontrou o espaço do Jardim Infantil da Malagueira.

As primeiras visitas ao jardim criaram um sentimento ambíguo, entre o espanto e a angústia: os alçados dos edifícios que ladeam o espaço estão desocupados e enxergam-se bem; é oferecido um espaço público aberto e desafogado, como um largo, depois da compressão sentida pelo efeito das ruas - contornadas pelos muros altos e o ritmo das chaminés, que tanto encenam composições fotogénicas.

O Jardim Infantil da Malagueira é um equipamento urbano do bairro e da cidade. Localiza-se na zona Sul do plano urbano do Bairro da Malagueira. É ladeado por uma avenida e duas ruas onde é permitida a circulação de veículos motorizados. Situado na Avenida do Escurinho, é limitado a nascente pela Rua do Chiado e a poente pela Rua António Aleixo. A Norte as fachadas laterais (desencontradas) de um quarteirão de habitações unifamiliares do bairro. Este desencontro das habitações é o resultado da análise topográfica para esta zona, onde antes corria uma forte linha de água. Numa entrevista ao arquiteto Nuno Ribeiro Lopes, este confirma esta suspeita, referindo que a precaridade das construções obrigou a este tipo de soluções urbanas. No documento CME, 1990, para “aprovação do projeto do Jardim Infantil - Malagueira”, é referido que este equipamento se localiza «numa zona onde a canalização da ribeira permitiu o aproveitamento

do espaço resultante para a instalação deste tipo de equipamento».

Este espaço caracteriza-se como sendo uma área de 900 m², contornada por muros altos, a Este e Sul. A Oeste a Rua António Aleixo é um eixo viário para veículos motorizados.

Os acessos são feitos através da Avenida do Escurinho (Sul), Rua António Aleixo (Nordeste) ou por uma fenestração do muro na Rua do Chiado (Este). A Sul uns degraus vencem a diferença de cotas entre o jardim infantil e a Avenida do Escurinho.

Sobre a ligação pedonal, eixo N - S, e a zona Oeste da área prevista para o jardim infantil, para uma estrutura metálica, composta por pilares e vigas: dezoito pilares



Sede da Cooperativa Giraldo sem Pavor (fotog. autor)

metálicos (com alturas diferentes que revelam a pendente do terreno), sendo doze deles revestidos a pedra mármore estremoiz; vigas de metal com perfil em I, ortogonalmente colocadas em grelha por cima do jardim infantil. supondo-se que suportam a colocação de lonas ou plantas trepadeiras.

A Norte, as empenas das habitações estão desencontradas, cedendo ao jardim infantil um vazio correspondente à área de uma habitação unifamiliar. O pavimento do parque infantil é em terra batida e a área quadrada para uma caixa de areia está betonada. A Norte, no vazio da habitação, também há uma laje de betão revestida a tinta cor amarela. Fora da zona intramuros do jardim infantil, a avenida está alcatroada e as ruas (António Aleixo e a do Chiado) estão pavimentadas com calçada em pedra granito.

Numa das esquinas da zona do jardim infantil, a conduta esculpe e irrompe sobre a Rua António Aleixo. O elemento mais marcante do jardim infantil é a estrutura metálica, disposta em grelha retangular, descrevendo uma composição entre seis pilares circulares, em ferro, e doze pilares de ferro revestidos a pedra mármore de Estremoiz, estes últimos de secção quadrada permitem que a luz trespasse pelas suas arestas, tornando-os leves. A estrutura metálica de tão fina parece pairar no ar.

Sente-se o contraste entre o potencial do espaço e a falta de condições que este apresenta: falta de manutenção, com ervas rasteiras; falta de equipamentos que promovam o jogo ou a brincadeira, com a colocação de



SERVIÇO PROPONENTE	<input type="checkbox"/> Urgente
DAU/DIUM TÍTULO (1) Jardim Infantil - Malagueira C.C.H.E. - GIRALDO SEM PAVOR	DATA LIMITE P/DECISÃO
CORPO DA PROPOSTA (2) Solicita-se a aprovação do projecto acima referenciado	REGISTO DE SAÍDA Nº. 39 7/5/90 VISTO <i>hnh/bp</i>
ESPECIFICAÇÕES (2) O projecto agora apresentado integra-se na zona de espaços exteriores que ao abrigo do protocolo entre a C.M.E. e as Cooperativas define a responsabilidade do arranjo deste espaço à C.C.H.E. Giraldo Sem Pavor. Contíguo à Av. do Escurinho (antiga Av. da Cruz da Picada), localiza-se sobre a linha de água que separa o B9. de Santa Maria e o B9. da Cruz da Picada, numa zona onde a canalização da ribeira permitiu o aproveitamento do espaço resultante para a instalação deste tipo de equipamento. São propostos diferentes espaços situando-se ao centro a caixa de areia onde serão instalados os diferentes equipamentos tradicionais (baloços, cavalos, escorregas, etc...) uma pequena instalação de apoio com bar, quartos de banho, esplanada e ainda uma área reservada a uma escultura de homenagem ao poeta António Aleixo →	

(1) Tal como deverá constar na acta

(2) O quê, como, quando e porquê

RESERVADO À DAGF	
REGISTO DE ENTRADA	DELIBERAÇÃO
	<input type="checkbox"/> APROVADO <input type="checkbox"/> VOTOS A FAVOR <input type="checkbox"/> NÃO APROVADO <input type="checkbox"/> VOTOS CONTRA <input type="checkbox"/> ADIADO PARA [] [] [] [] <input type="checkbox"/> ABSTENÇÕES <input type="checkbox"/> A A.M. DE [] [] [] [] <input type="checkbox"/> ESCRUTÍNIO SECRETO
REGISTO DE SAÍDA	COMENTÁRIO
 <i>Atenção de Nuno Ribeiro Lopes</i> <i>aprobado o projecto ceteris sequendo</i> →	

Não estão incluídos neste estudo o projecto do bar ou da escultura que serão executados numa 2ª. fase.

É calculado o preço desta fase da obra em 6.568.780\$00 de acordo com o valor mais baixo apresentado em concurso organizado pela Cooperativa.

1- a conclusão da DIUM para a fase de execução e conferência.
2- as obras de DOP.

14.5 

(Deliberação) Documento que atesta solicitação da DAU/DIUM à CME, a 07/05/1990, para aprovação do projeto do Jardim Infantil - Malagueira, C.C.H.E - Giraldo Sem Pavor. Aprovado a 9/05 do mesmo ano, despacho assinado pelo arq. Nuno Ribeiro Lopes e carimbado a 14/05, do ano de 1990. Nele entende-se que a lógica da instalação do equipamento do Jardim Infantil

um único e solitário cesto de basquete; falta de árvores e plantas; inexistência de um ponto de água, de sombra ou de bancos. Esta falta de condições conjugada causa desconforto ao visitante, uma vez que o espaço não está preparado para o receber.

Não se configurando como um espaço lúdico, e sem conseguir proporcionar conforto - despido de equipamentos ou infraestruturas - revela-se como um espaço subaproveitado, de atmosfera fria e sem estímulos físicos ou psicológicos.

Em conversas com moradores, enquanto se realizavam as visitas ao local (levantamento, desenhar, fotografar), estes lamentam o espaço que ali se apresenta, por não haver crianças que o usem e perguntam se é agora que finalmente vão fazer alguma coisa ali, ao mesmo tempo que reclamam porque os cães vão ali “passear”.

O Jardim Infantil da Malagueira dista da entrada das seguintes escolas:

Escola Básica da Cruz da Picada (2º e 3º ciclo), 350 metros a Noroeste;

Jardim Infância Cruz da Picada (1º ciclo ensino escolar), 400 metros a Noroeste;

Escola Secundária André de Gouveia (ensino secundário), 450 metros a Este;

Conservatório Regional de Évora (Ciclo de Iniciação, Básico e Secundário de Música), 500 metros a Nordeste;

Escola Básica Senhora da Glória (1º Ciclo), 600 metros a Nordeste;

Escola Secundária André de Faria (ensino secundário) 800 metros a Oeste.

Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana, Arquivo Câmara Municipal de Évora (DORU/CME)

Para aprofundar o estudo sobre o Jardim Infantil da Malagueira, visitou-se a Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana (DORU) da Câmara Municipal de Évora (CME), onde se constatou que os desenhos assinados pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira incluídos nos vários “Processos” do Bairro da Malagueira, não estão lá, são cópias digitalizadas das folhas originais. Mediante um pagamento, permitiu-se a digitalização das cópias dos desenhos de arquitetura. Os documentos internos da DORU/CME não puderam ser digitalizados.

Num processo da DORU relativo ao licenciamento do Bairro da Malagueira consta o “*Plano de Pormenor de uma área de 27Ha integrada no Plano de Expansão Oeste de Évora*”; assinado pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira (Agosto de 1977).

No “*Plano de pormenor do Bairro da Malagueira*”, percebe-se que se propõe um «zonamento fundamentalmente apoiado nos espaços verdes existentes (quintas e zonas arborizadas) e na análise da apidação dos solos, procurando garantir uma íntima correlação entre a cidade intra-muros e a sua expansão», onde se descrevem:

«(...) c) *Espaços a preservar, zonas verdes complementares existentes, zonas verdes propostas, zona de projeção, paisagística e viária. - Mantêm-se os princípios gerais especificados no Plano de Expansão.* (...)

d) *Equipamentos em relação a instalações escolares: mantem-se o que está previsto no Plano de Expansão para a área em estudo. Outros equipamentos se prevêem na periferia das zonas verdes, por aproveitamento de edifícios existentes nas Quintas a preservar, e integrados no tecido das zonas residênciais, em especial ao longo do prolongamento da rua comercial do bairro de Santa Maria e ao longo do percurso coberto de peões.*

A definição destes equipamentos incluirá uma avaliação de necessidades básicas a obter através de contactos com as populações organizadas em cooperativas e associações de moradores (...).».

O Jardim Infantil - Malagueira - C.C.H.E. - Giraldo Sem Pavor

No documento da CME “Proposta para agenda de reunião pública” (deliberação, pág. 98), com identificação do serviço proponente: DAU/DIUM (supõe-se da Divisão de Arquitetura e Urbanismo); título «*Jardim Infantil - Malagueira - C.C.H.E. - Giraldo Sem Pavor*»; estão identificados um conjunto de «Especificações» do projeto:

«1. O projecto agora apresentado integra-se na zona de espaços exteriores que ao abrigo do protocolo entre a CME e as cooperativas define a responsabilidade do arranjo deste espaço à C.C.H.E. Giraldo Sem Pavor. A proposta conjunta (CME, Cooperativa, projectista) de localização de um parque infantil nesta zona ultrapassa no entanto a letra do acordo, já que implica um investimento superior ao inicialmente previsto;

nesta conformidade está prevista uma comparticipação financeira por parte da Câmara de forma a possibilitar a execução deste empreendimento.

2. Contíguo à Av. do Escurinho (antiga Av. da Cruz da Picada), localiza-se sobre a linha de água que separa o B.º de Santa Maria e B.º da Cruz da Picada, numa zona onde a canalização da ribeira permitiu o aproveitamento do espaço resultante para a instalação deste tipo de equipamento;

3. Situado no topo de um quarteirão, a proposta continua a imagem da rua existente através de vedação em muro alto ou define a entrada preferencial e uma total transparência, através de um gradeamento metálico para um pequeno largo da Rua António Aleixo. A ligação com este espaço é acentuada ainda pela latada que cobre o parque infantil e se prolonga para o exterior.

4. No parque infantil são propostos diferentes espaços situando-se ao centro a caixa de areia onde serão instalados os diferentes equipamentos tradicionais (baloços, cavalos, escorregas, etc...) uma pequena instalação de apoio com bar, quartos de banho, esplanada e ainda uma área reservada a uma escultura de homenagem ao poeta António Aleixo. Não estão incluídos neste estudo o projecto do bar ou da escultura que serão executados numa 2.ª fase.

5. Os materiais propostos foram escolhidos de acordo com os utilizados nos diferentes projectos de espaços exteriores para o Bairro da Malagueira ressaltando

de entre eles os pavimentos em saibro ou calçada miuda de granito (espaço exterior ao parque infantil) e os pilares em mármore ou ferro que servem de apoio à latada. O muro será em alvenaria de tijolo furado rebocado e caiado a branco e rematado por coroamento em mármore.

6. Propõe-se ainda neste projecto que o parque infantil possa ser integralmente fechado durante o período de não utilização ficando o concessionário do bar (pertença da cooperativa) com a responsabilidade de vigilância e manutenção.

7. É calculado o preço desta fase da obra em 6.568.780 escudos de acordo com o valor mais baixo apresentado em concurso organizado pela cooperativa». (Évora, 7 de Maio de 1990).

Constata-se no documento referente a «Fases de Construção / Datas / Promotores» (consultar pág. 96), que o espaço do Jardim Infantil da Malagueira é interstício entre duas fases de construção a cargo da Cooperativa Giraldo Sem Pavor, que decorreram em décadas diferentes. Identifica-se a castanho a construção de 100 fogos, entre 1979 e 1980; e a cor roxa a construção de 77 fogos, em 1986.

Há uma bolha temporal entre a deliberação acima, onde estão identificados o conjunto de especificações do projeto de 1990 para o Jardim Infantil, e os factos que se seguiram. Não se encontrou informação sobre o equipamento entre os anos de 1990 e 1999, pelo que não temos registos de que espaço terá existido ali,

se terá existido realmente um *Jardim Infantil*; quantos anos demorou a conclusão da empreitada e quais as suas fases; ou quais os equipamentos que terão sido inicialmente instalados para as crianças.

Numa correspondência da Divisão de Equipamento Urbano e Ambiente (DEUA) para o Sr. Vereador Jorge Pinto e Almeida Henriques, com o assunto «Zona de recreio aventura no Bairro da Malagueira», datada de 13 de Dezembro de 1999, é descrito que «em reunião de coordenação de serviços realizada a propósito das acções a desenvolver no bairro acima referido, ficou este serviço com o compromisso de apresentar uma proposta para arranjo e ocupação do espaço junto ao Jardim dos Socalcos, adjacente à rua do Arrife. Ainda nesta reunião e para este espaço surgiu e foi concensual a ideia de ali criar uma zona de recreio aventura, para uma faixa etária superior àquela que é servida pelos parques infantis existentes na cidade. Esta função até já foi esboçada pela localização neste espaço, de uma pista de skate. Assim, é uma proposta de criação de uma zona de recreio aventura e que agora vos apresentamos para uma vossa apreciação prévia. As restantes peças do projecto estão entregues pelo projectista e poderão a qualquer momento ser sujeitas à aprovação formal do executivo. Aguardamos orientações superiores sobre esta matéria».

Nesta mesma carta, onde a DEUA comunica com os vereadores há uma troca de comunicações internas, escritas à mão, com caligrafia nem sempre fácil de decifrar, principalmente nas assinaturas/autoria dos textos. Passemos ao relato das comunicações; com

assinatura indecifrável, uma mensagem de 12/31 (de 1999, certamente) dirige-se ao Sr. José Conde, (Departamento de Desporto), e ao arq. Bouça (DEAU):

«1. solicitar parecer urgente dos dois serviços quanto à proposta em anexo; 2. pretende submeter decisão coletiva em meados de Janeiro».

Uma resposta com data de 10/01/2000, com assinatura igualmente indecifrável, diz que: *«1- Deverá obter-se parecer do arq.º Siza. Virá para a reunião de 10/02/2000 (5ª feira); 2- Existe projecto de espaços exteriores de toda esta zona da autoria do arq.º Siza e do Arq.º Paisagista João Silva elaborado em 1988 e até hoje nunca executado por falta de verbas».*

Há ainda um ponto terceiro que volta a referir o arquiteto Siza, texto que não se consegue transpor por dificuldade de leitura da caligrafia, sendo que no final entende-se que *«aguarda-se reassumir de funções por parte do Dr. Almeida Henriques»*, dando a entender que houve atrasos no processo por esta razão.

Numa carta da DAU - arq. António Bouça, para a DEAU - arq. Margarida Fernandes, a 2 de Outubro de 2000, como se o assunto tivesse ficado num estado de esquecimento, o arquitecto refere que *«rememorei tua intenção de veres como necessário proceder-se à reformulação do projecto correspondente à instalação em epígrafe. No sentido de poder solicitá-lo ao Siza Vieira peço-te que indiques os parâmetros que deverão presidir à mesma».*

A resposta data 6 de Novembro de 2000, dirigida ao Sr. Arq.º Bouça com conhecimento do Sr. Vereador Almeida Henriques: *«até hoje nunca conseguimos ter*

acesso ao projecto completo do parque e por isso não nos é possível afirmar se o mesmo necessita ou não de ser reformulado. A nossa preocupação é apenas conduzir uma obra que se arrasta há mais de 12 anos sem que ninguém (moradores) perceba porquê. (...)».

A 7 de Novembro de 2000, o vereador Jorge Pinto responde confirmando que *«foi articulada esta questão c/ o Bouça, que o fará igualmente c/ o arq. Siza».* No mesmo dia, também a DEUA deu uma resposta escrevendo que *«1. Quanto a objectivos devemos manter o compromisso assumido há 12 anos, construir naquele espaço um pq. infantil; 2. Quanto à forma, uma vez obtido o projecto, o serviço deverá analisar se o mesmo se enquadra no novo quadro legal; 3 - Manter o orçamento de 2001».*

Sobre o orçamento confirma-se que pertence ao processo o documento «Medições e Orçamento», da Câmara Municipal de Évora, com descrição dos trabalhos, quantidades e preços. O documento divide-se em cinco capítulos, na seguinte ordem: Estaleiros, Demolições, Movimento de terras, Estrutura metálica, Diversos e Pavimentações; tendo sido orçamentado um custo total de obra em 7 309 516 escudos mais I.V.A. à taxa legal em vigor (aproximadamente 35 000 euros).

Numa carta redigida pelo presidente da Junta de Freguesia da Malagueira, António Luís Foito, com data de 15/11/2000, e dirigida ao Presidente da Câmara Municipal de Évora, com assunto *«Conclusão do Parque Infantil»*, é referido que *«o parque infantil*

situado nas proximidades da sede da Cooperativa Giraldo Sem Pavor, aguarda a sua conclusão há vários anos. Este assunto foi tratado pessoalmente com o Senhor Vereador Jorge Pinto, que nos informou estarem ultrapassadas as dificuldades com o projecto e ser viável a conclusão da obra até ao final do corrente ano».

Na parte final da referida carta é anunciado ainda que a Junta de Freguesia considera importante a conclusão daquele equipamento e que pretende *«informar com rigor a população».* Anexado à carta consta ainda um abaixo-assinado organizado pelos moradores do Bairro da Malagueira dirigindo-se ao Exmo. Sr. Presidente da Junta de Freguesia da Malagueira, *«referimo-nos agora e particularmente ao enfadonho futuro projecto do parque infantil que está começando há mais de doze anos e que seria a promessa das brincadeiras das crianças deste bairro, algumas já em idade adulta. Todos nós já olhamos para aquele espaço subaproveitado e às vezes carregado de entulho, já com algum desdém! E foi por isso que resolvemos fazer este abaixo-assinado, porque todos nós desejamos e queremos um bairro melhor».*

O referido abaixo-assinado contou com cinquena e uma assinaturas.

Junto com o processo inclui-se o *“Parecer do Parque Infantil da Malagueira”* redigido pela arquiteta Margarida Fernandes, em 06 de Julho de 2001, onde se refere que:

- no ponto primeiro, *«As peças desenhadas não se encontram devidamente legendadas, o que dificulta a leitura do projeto»;*

- no ponto segundo, «o projecto não responde de forma satisfatória ao definido no decreto de lei n.º 379/97 de 27 de Dezembro, (...) nomeadamente:

. n.º1, alínea a) do artigo 6.º - acessibilidades;

. n.º1, alínea c) do artigo 12º - mobiliário urbano e instalações de apoio;

. n.º2 do artigo 12º - mobiliário urbano e instalações de apoio;

. artigo 13º - informações úteis;

. n.º1 do artigo 14º - circulação interna pedonal;»

- no ponto terceiro, «nem as peças desenhadas nem as medições e orçamento fazem referência ao tipo de equipamento infantil a usar, não sendo possível elaborar parecer quanto ao:

. n.º1 e n.º3 do artigo 16º - conformidade com os requisitos de segurança;

. n.º1 e n.º2 do artigo 18º - mobiliário urbano e instalações de apoio;

. n.º1, n.º2, n.º3 e n.º4 do artigo 19º - segurança dos equipamentos;

. n.º2 do artigo 20º - área de utilização;

secção III - requisitos de segurança para equipamentos específicos.»;

- no ponto quarto, a arquiteta refere que «o uso de areia como superfície de impacte não parece ser o mais conveniente do ponto de vista da manutenção», uma vez que obriga «à manutenção dos equipamentos e superfícies de impacte» (n.º4 do artigo 28º) e a “condições hígio-sanitárias” (n.º2 do artigo 29º);

- no ponto quinto, é referido que «nem as peças nem as

medições e orçamento fazem referência à espécie(s) de árvore(s) a usar»;

- no ponto sexto, afirma-se que «a experiência diz-nos que os munícipes preferem bancos cómodos, com costas, pelo que deveriam ser equacionados».

No processo do jardim inclui-se uma revista amadora “Jornalouco”, n.º.1, sem data, com texto intitulado “Um parque por fazer e uma barragem a falecer”, com autoria de Rui Piteira:

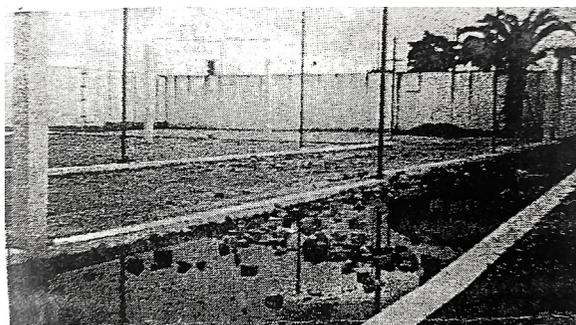


Imagem retirada da revista independente *Jornalouco*.

«No Bº. da Malagueira, Rua António Aleixo existe um Parque.

Quando nasci, todos diziam que já podia saltar e brincar à vontade. Mas o tempo passou, passou e eu fui crescendo e vendo que todos mentiam. De quem será a culpa? Muitas das pessoas deste Bairro já foram reclamar, mas nunca ninguém o veio acabar.

O parque tem imensa areia, pedras e sujidade. Nós, já fizemos um campo de futebol, e no verão passado construímos casas de pedra.

Há postes e vive lá a confusão!

Plantaram lá uma palmeira para dar vida ao parque,

mas até parece que se encontra desenquadrada (...).».

O artigo faz-se acompanhar por uma imagem onde se retrata a zona Sul do Jardim Infantil da Malagueira. Retrato do período entre 1990 e 2001, uma vez que se apresenta um espaço sem os gradeamentos e sem as vigas metálicas sobre os pilares, e há uma palmeira que não é visível das fotografias aéreas que mais à frente se apresentam. Desta forma, organizada cronologicamente, terminam os registos no processo do Jardim Infantil da Malagueira.



Imagem do espaço actualmente, registo do autor. Comparam-se estas fotografias no capítulo dos Resultados finais, na pág. 196.

Nos dias de hoje, sobrou ao Jardim Infantil da Malagueira o que dele estava ligado ao chão. Os gradeamentos projetados, com aros suportados nas laterais dos pilares, também não sobreviveram aos eventos da História (consultar fotografia da pág. 119). O espaço e a estrutura permaneceram, com os pilares e a estrutura metálica, os muros em alvenaria, os degraus, o banco corrido e demais pormenores no pavimento de terra, cimento e granito (lancil em mármore), são os elementos que ainda hoje estão presentes - correspondem aos elementos descritos nas peças desenhadas de 1989 e de 2001.

A Conduta e a zona do jardim infantil



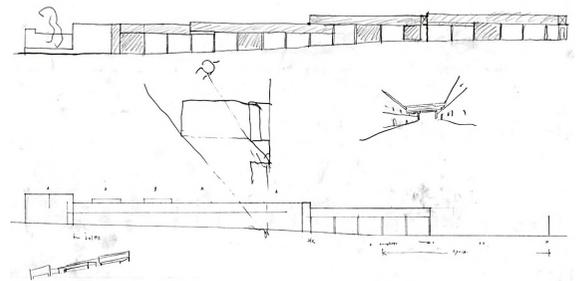
A estrutura da conduta é o elemento que conforma o Bairro da Malagueira de acordo com a sua topografia. Confere uma escala diferente ao bairro, elemento rutura com as ruas de muros e chaminés ritmadas.

A estrutura da conduta segue à vista ou incorporada nos alçados, cruzando perpendicularmente no interior das filas de habitações.

Na zona do Jardim Infantil da Malagueira, o alçado Oeste da Rua António Aleixo olha para um pormenor arquitetónico na relação com a conduta.

O edifício a Oeste do jardim infantil, alçado branco com 17 vãos, incorpora a conduta que articula o Bairro da Malagueira.

Neste momento específico do tecido urbano, a infraestrutura acompanha a Rua António Aleixo, incorporada e invisível no alçado, desenhando o (característico) contorno superior das habitações em degraus - assinala-se a implantação urbana que



Desenhos esquisso do arquiteto Álvaro Siza sobre a Conduta.

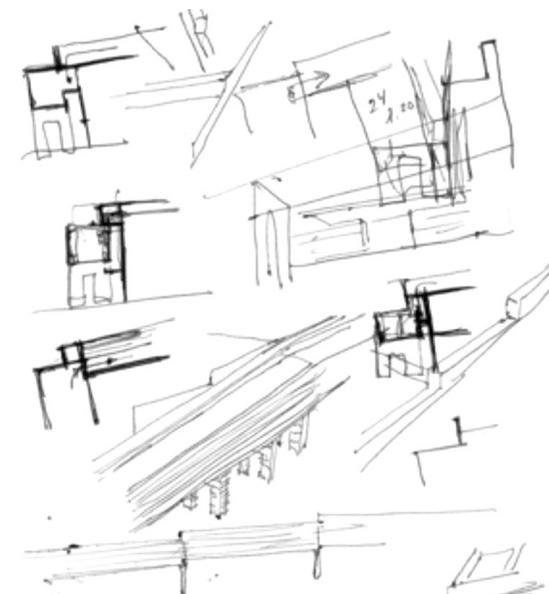
Fotografia retirada da plataforma digital *Canadian Centre for Architecture*

dialoga com as características da paisagem.

A Noroeste do jardim infantil, interseção da Rua das Traseiras com a Rua António Aleixo, a conduta irrompe num canto de forma ortogonal, esculpindo uma esquina que confere um elemento diferenciador a este espaço.

Imagem à esquerda

Assinalam-se a cor azul a estrutura da conduta, pontuando-se os seguintes lugares: Jardim Infantil da Malagueira (A), Jardim Triangular (B), Largo Manuel Carlos (C), Escola Básica Cruz da Picada (D), Jardim de Infância Cruz da Picada (E), Sede da CGSP (F), Rua das Traseiras (G), Rua António Aleixo (H), Rua do Chiado (I), Rua 26 de Fevereiro (J), Avenida do Escurinho (L), Avenida da Malagueira (M).





Canto da conduta que sobressai em forma ortogonal. Vista da Rua das Traseiras



Alçado Oeste da Rua Antônio Aleixo. Nele incorpora-se a conduta que desenha os recortes superiores em “escadinha”



Fotomontagem que compõe os três momentos em que a conduta ou os seus “órgãos internos” são visíveis a partir do jardim infantil. À esquerda regista-se um momento final da estrutura da conduta - os cabos e equipamentos que seguiram no seu interior, irrompem no topo do alçado Norte do espaço. Tornam-se visíveis por 2 metros, voltam a penetrar o peitoril do muro alto que protege à habitação. No meio e à direita, a esquina que irrompe na Rua António Aleixo vista de dois ângulos diferentes.

Fotografias do passado

(sem data)



Imagem em cima

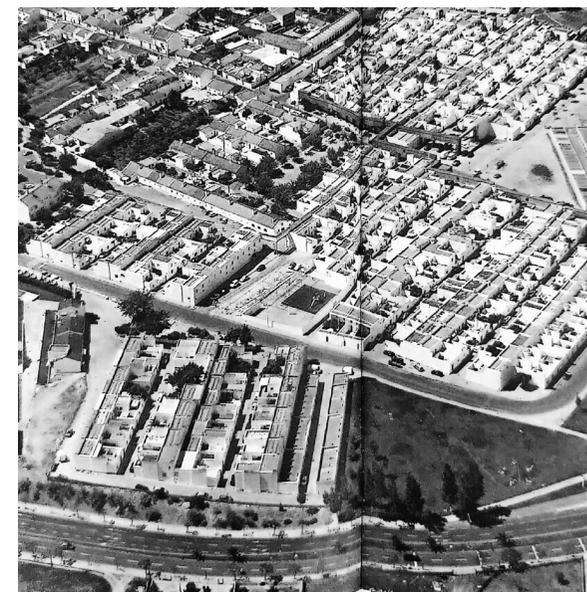
Assim como na imagem no canto inferior esquerdo, é possível notar-se o espaço para o jardim infantil, ainda sem a estrutura metálica. (Brigitte Fleck e Gunter Pfeifer, 2013)

Imagem à direita

Fotografia aérea do conjunto do Bairro da Malagueira onde se denota, com ângulo privilegiado, o espaço do actual Jardim Infantil da Malagueira em funcionamento, com a sua estrutura metálica e equipamentos. (Brigitte Fleck e Gunter Pfeifer, 2013)

Imagem à esquerda

Fotografia aérea do conjunto do Bairro da Malagueira onde se denota, com ângulo privilegiado, o espaço do actual Jardim Infantil da Malagueira ainda desocupado. É de salientar que, à data (desconhecida) desta fotografia, já existem os muros que limitam o jardim infantil. (Fotografia de José Rodrigues)

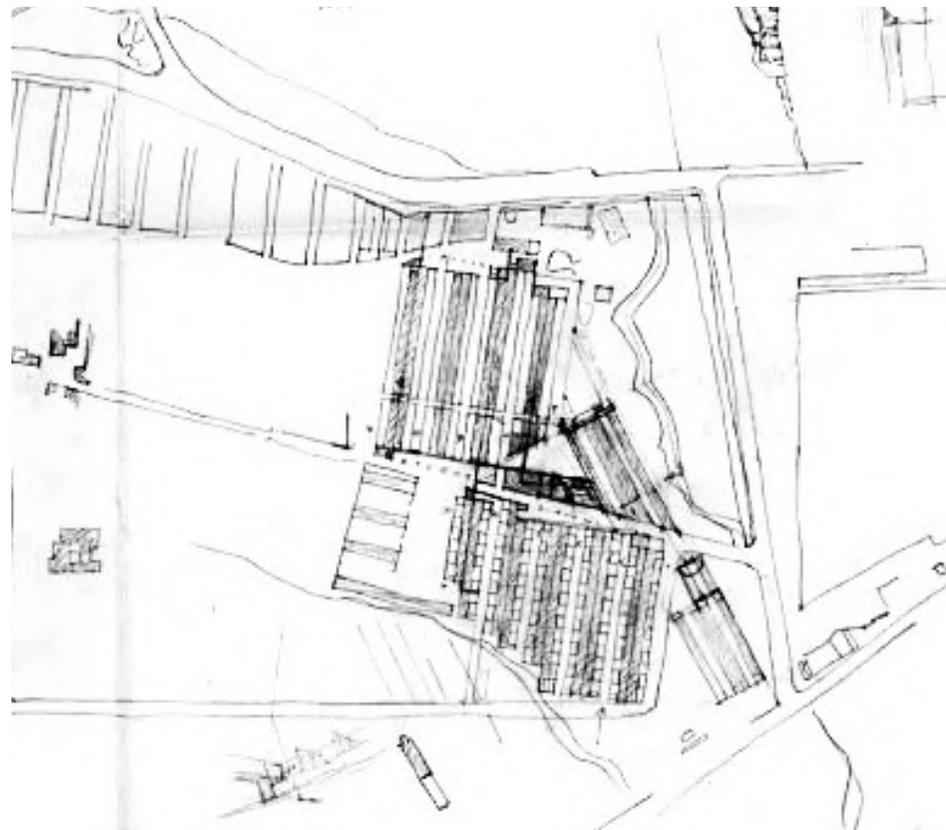


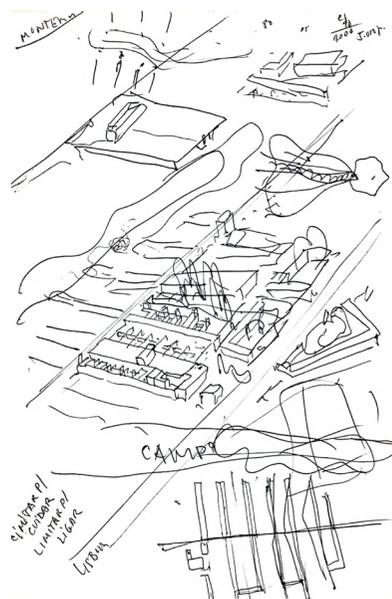
Esquissos do arquiteto Álvaro Siza Vieira

Desenho de Março de 1977

Desenho urbano de implantação do Bairro da Malagueira, empreitada ao encargo da CGSP.

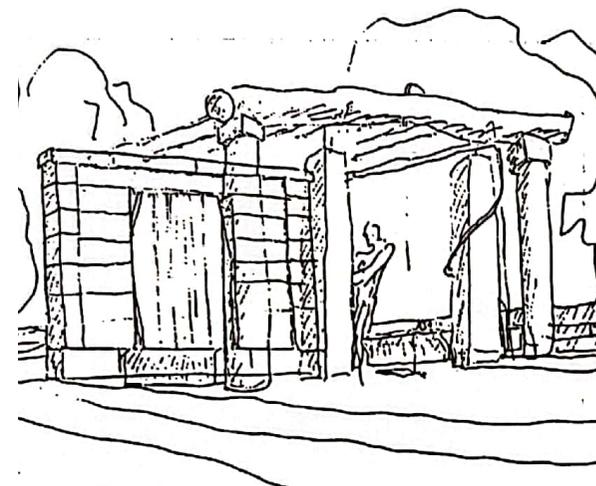
Não está previsto nenhum tipo de espaço para a zona do Jardim Infantil da Malagueira, nem estão representadas as habitações a Oeste do atual jardim infantil. Representa a linha de água (ribeiro) que por ali cruza. Representa também a continuação da linha de água na zona do atual lago. (plataforma digital *Drawingmatter*)





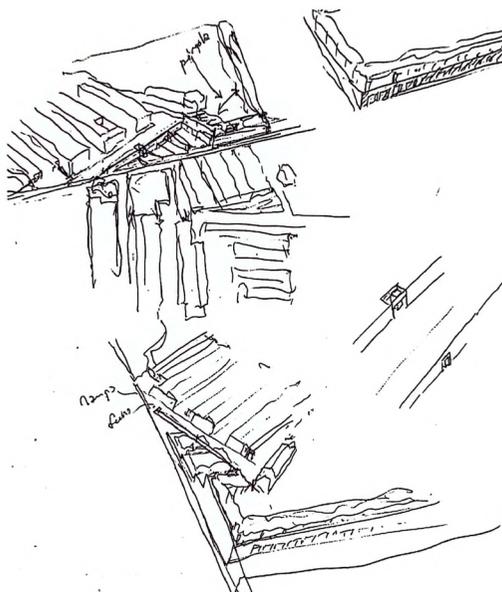
Jardim infantil e jardim triangular (1986)

Zona do Jardim Infantil da Malagueira, bem como, o «jardim triangular» junto da Sede da CGSP. No esquisso, é possível ler: «pérgula» e «rampa»
 Imagem retirada de Álvaro Siza *Barrio de la Malagueira, Évora* (Enrico Molteni, 1997; pág. 69)

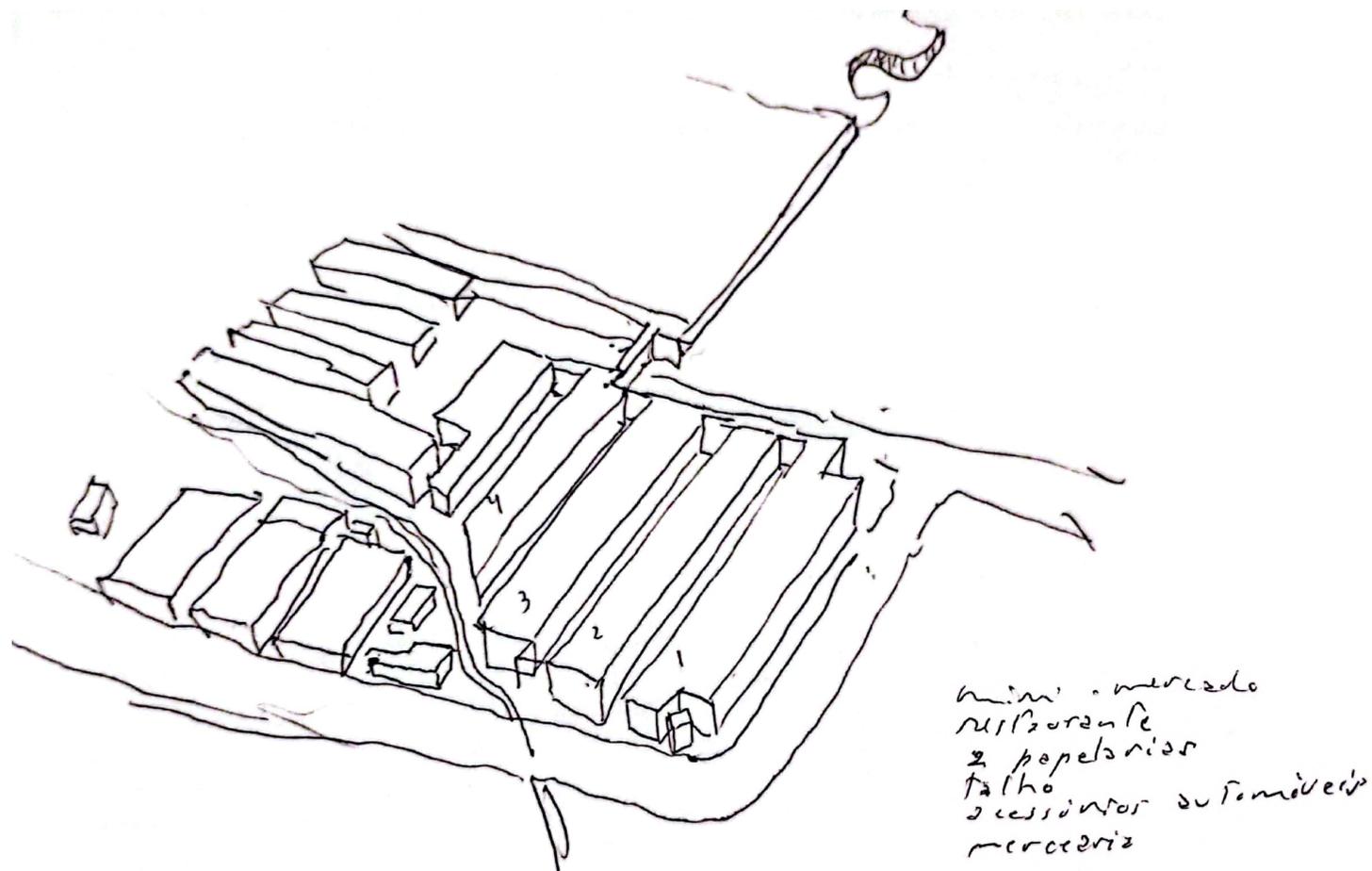


Desenho de Março de 1977

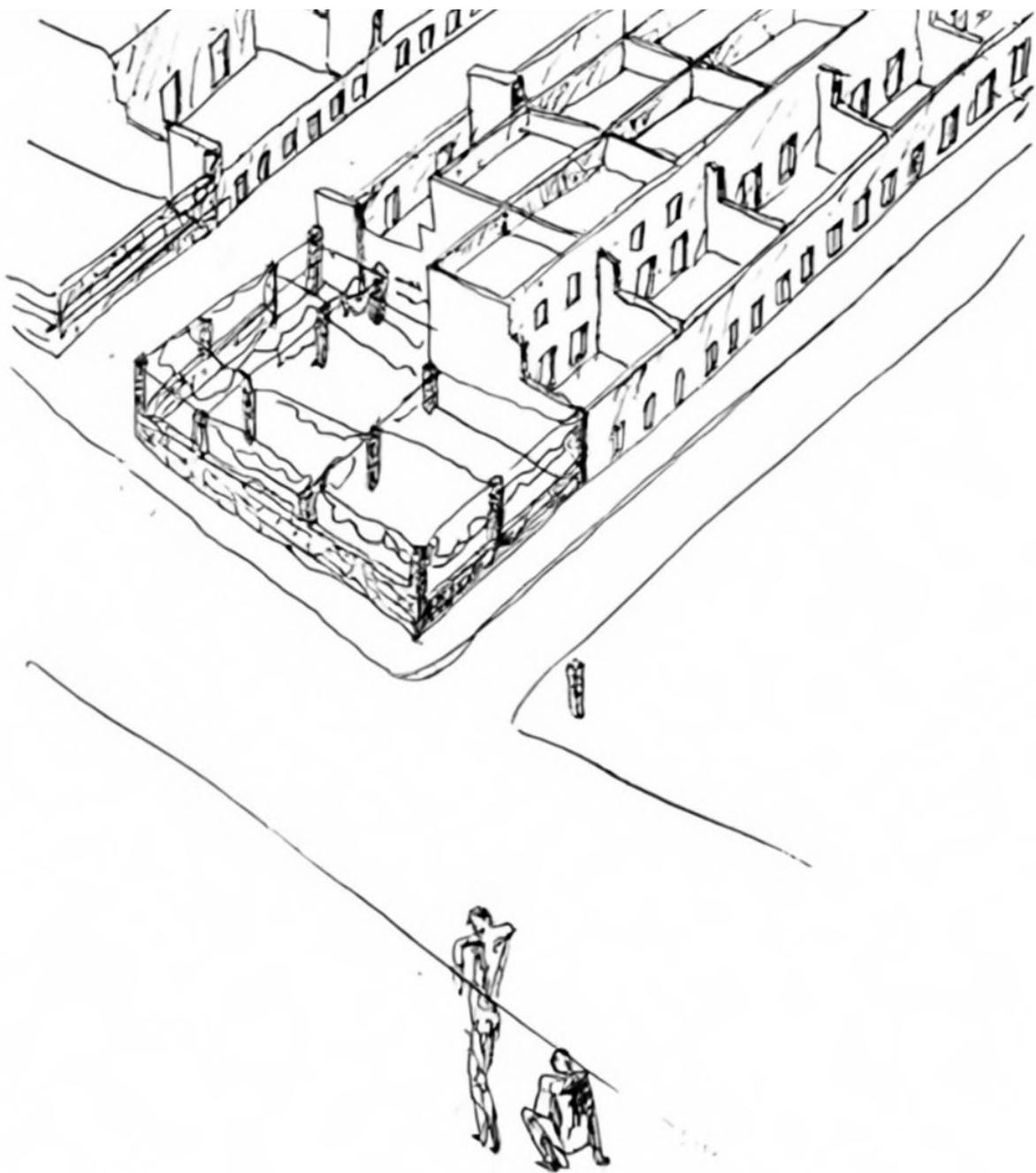
Desenho esquisso que se supõe representar a Avenida do Escurinho e o Jardim Triangular. (plataforma digital Drawingmatter)



«Cuaderno 230, junio 1986. Jardín triangular en la zona de la sede de la Cooperativa Giraldo Sem Pavor. Estudios de los espacios exteriores: una pérgola (...)»
 Imagem retirada de "Álvaro Siza, Barrio de la Malagueira, Évora". (Enrico Molteni (1997) pág. 69)
 Em conversa com o arq. Siza, este refere e apontou uma cascata de água, visível no desenho. Não foram encontradas referências ao Jardim Triangular no Arquivo Municipal CME (DORU).

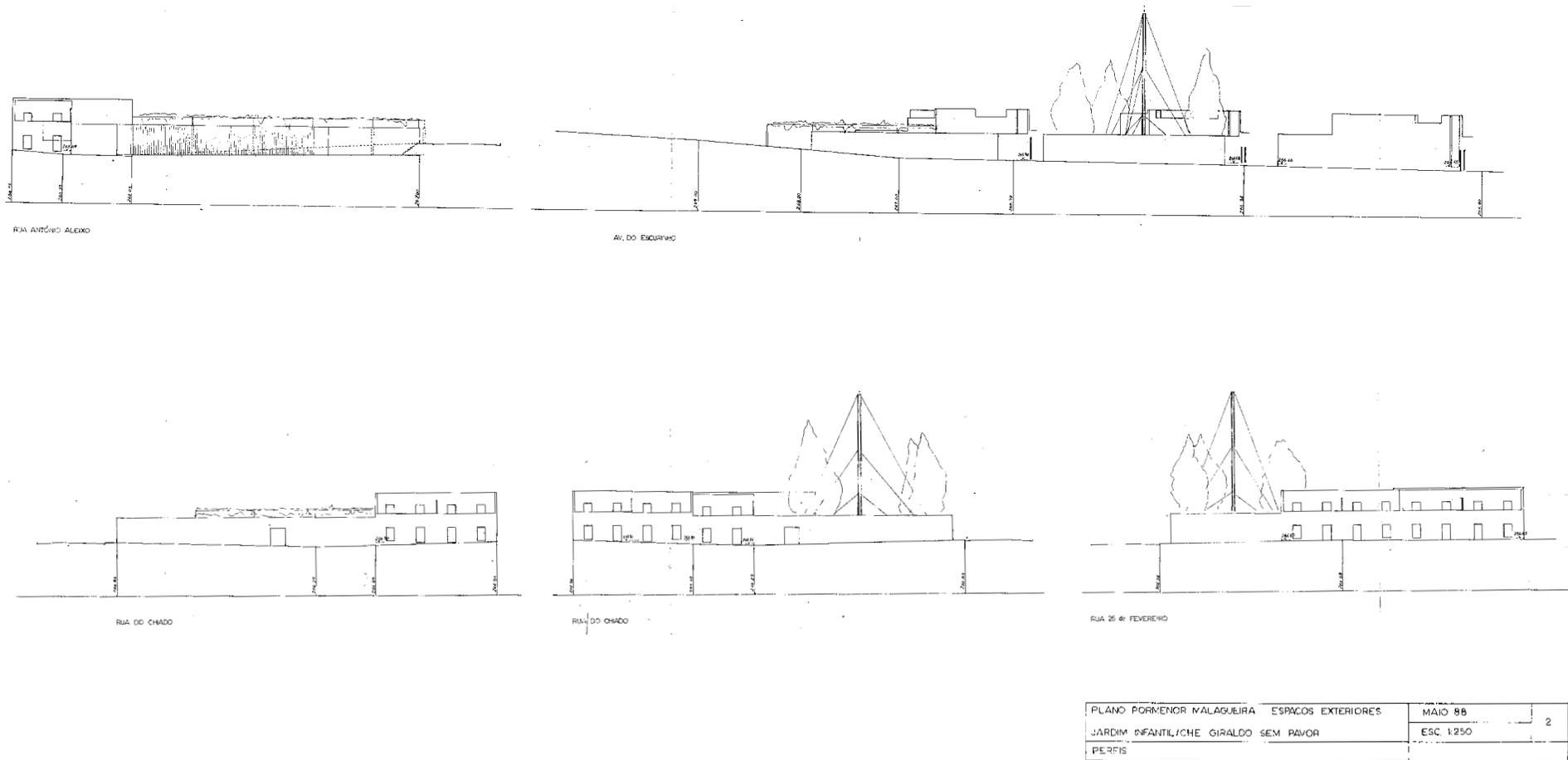


Digitalização de desenho original, incluído no caderno nº95 do arq. Alvaro Siza Vieira (1981), consultado durante a exposição “Siza”, na Fundação Calouste Gulbenkian (2024). Desenho urbano para a zona do atual jardim infantil da Malagueira, onde é nítida a intenção do arquiteto de aproveitar as melhores características topográficas - mesmo que essa linha de água nos tempos modernos signifique uma conduta debaixo do solo. O arquiteto propõe implantar os blocos de habitação acompanhando perpendicularmente a linha de água assinalada. Ao longo dessa linha vai fragmentando os edifícios em partes mais pequenas, criando assim espaços. Os quarteirões assinalados com os números 1, 2, 3, 4, desenhavam um remate final em forma de escada. Também a presença nesta representação do largo Manuel Carlos confirma este esboço urbano para a zona da CGSP. Na mesma página do caderno, sete anos antes do projeto para um jardim infantil, o arquiteto imaginou, com legenda não numerada, seis programas para os espaços assinalados: *mini-mercado, restaurante; duas papelarias; talho; acessórios automóveis; mercearia*. Na deliberação da DIU/DORU (CME), de 07/05/1990, é possível ler-se que: «Contíguo à Av. do Escurinho (antiga Av. da Cruz da Picada), localiza-se sobre a linha de água que separa o B.º de Santa Maria e o B.º da Cruz da Picada, numa zona onde a canalização da ribeira permitiu o aproveitamento do espaço resultante para a instalação deste tipo de equipamento»



Esquisso do arq. Álvaro Siza, sem data.

Analisa-se este desenho mais pormenorizadamente na página 192.



«Plano pormenor Malagueira. Espaços exteriores. Jardim Infantil/C.H.E. Giraldo Sem Pavor.

Perfis.

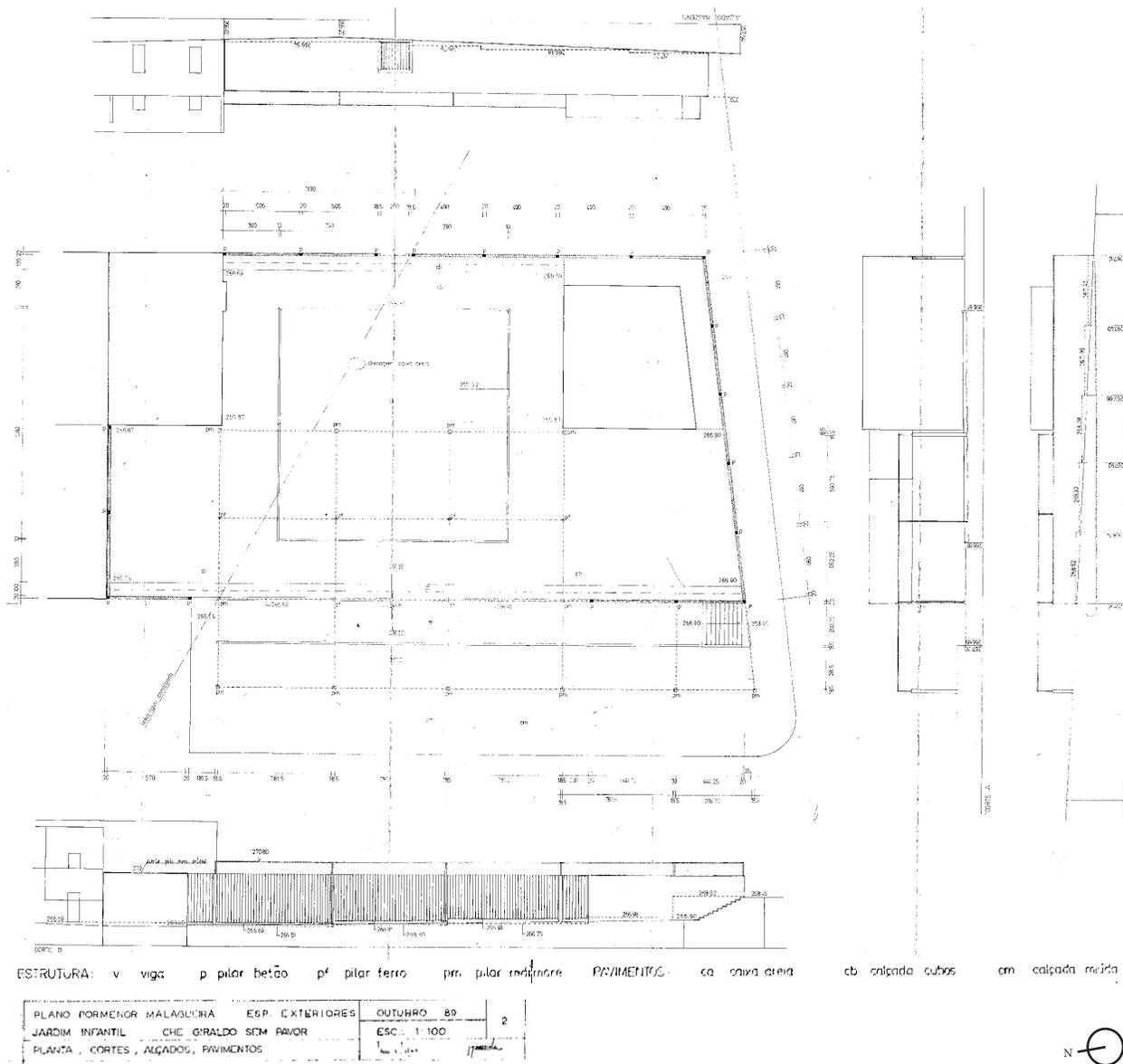
Maio 1988.

ESC.: 1 : 250»

Projeto não realizado.

Desenho sem assinatura.

(Desenhos S/E e layout modificado)



«Plano pormenor Malagueira. Espaços exteriores. Jardim Infantil CHE Giraldo Sem Pavor. Planta, Cortes, Alçados, Pavimentos. Outubro 1989. ESC.: 1 : 100»

Projeto não realizado - peças desenhadas e assinadas pelos arquitetos João Gomes da Silva e Nuno Ribeiro Lopes.

Na legenda assinala-se «ESTRUTURA: viga; pilar betão; pilar ferro; pilar mármore»; «PAVIMENTOS: caixa areia; calçada cubos; calçada miúda». Representa-se a «drenagem da caixa de areia» por cima da «linha de água canalizada». Há um volume que é para «uma pequena instalação de apoio com bar».

(Desenho S/E e layout modificado)

**«Plano pormenor Malagueira. Espaços exteriores.
Jardim Infantil/CHE Giraldo Sem Pavor.
Pormenores.
Outubro 1989. ESC.: 1 : 2 , 1 : 20»**

Projeto não realizado - peças desenhadas e assinadas pelos arquitetos João Gomes da Silva e Nuno Ribeiro Lopes.

Pilares: « pilar de betão; pilar tubo de ferro - pilar tubo de ferro metalizado 5cm diâmetro; pilar mármore branco de estremoiz »;

Escadas: « escadas mármore branco; betão ciclópico; mármore branco estremoiz raiado a rosa »;

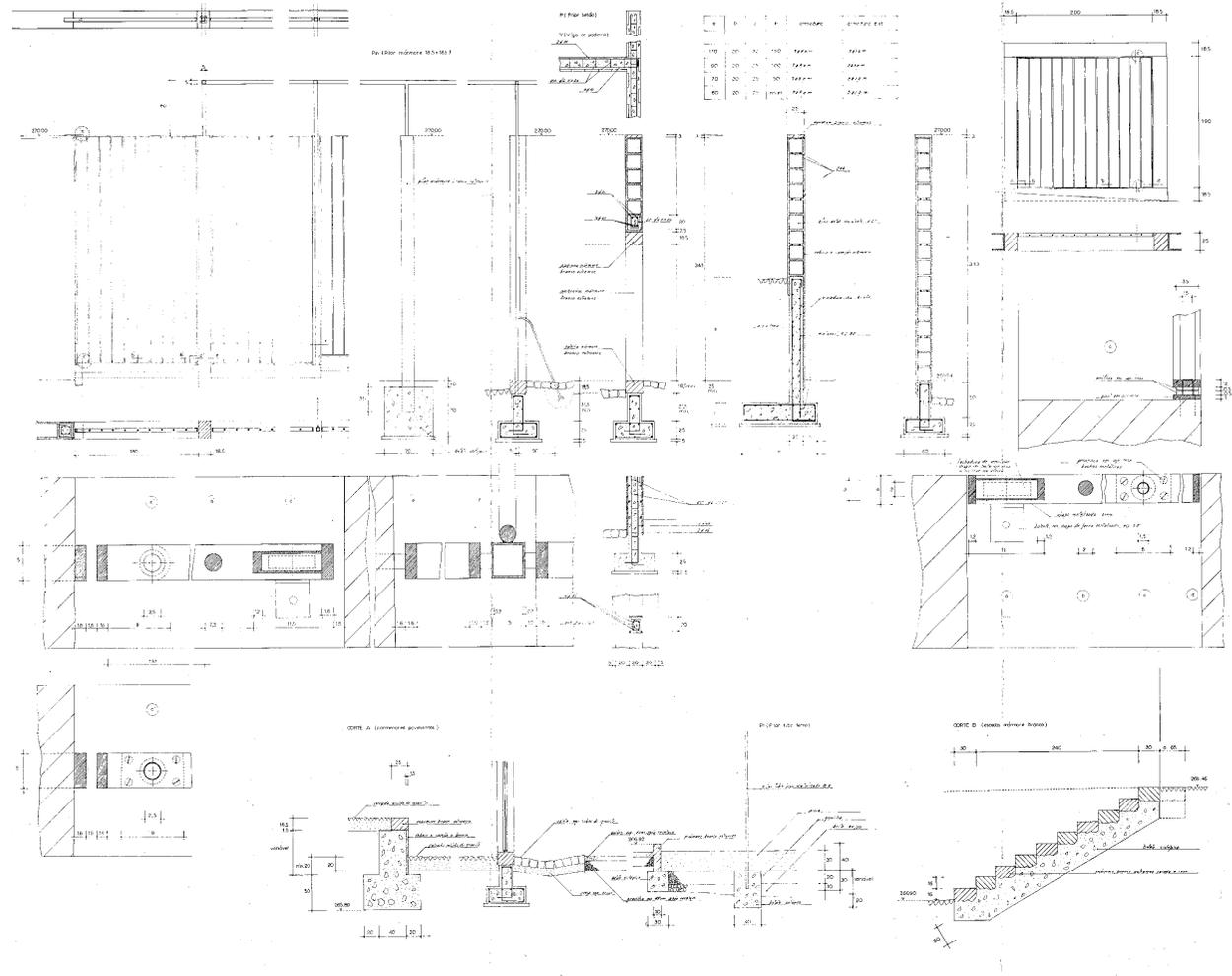
Pavimentos: « calçada miúda de granito, valeta em cubos de granito, saibro esp. 6cm após recalque, areia esp. 10cm após recalque, gravilha esp. 15cm após recalque, brita 20/30 »;

Fundações: armaduras de diversas medidas - « armadura de distribuição, malhasol CQ 30, betão ciclópico »;

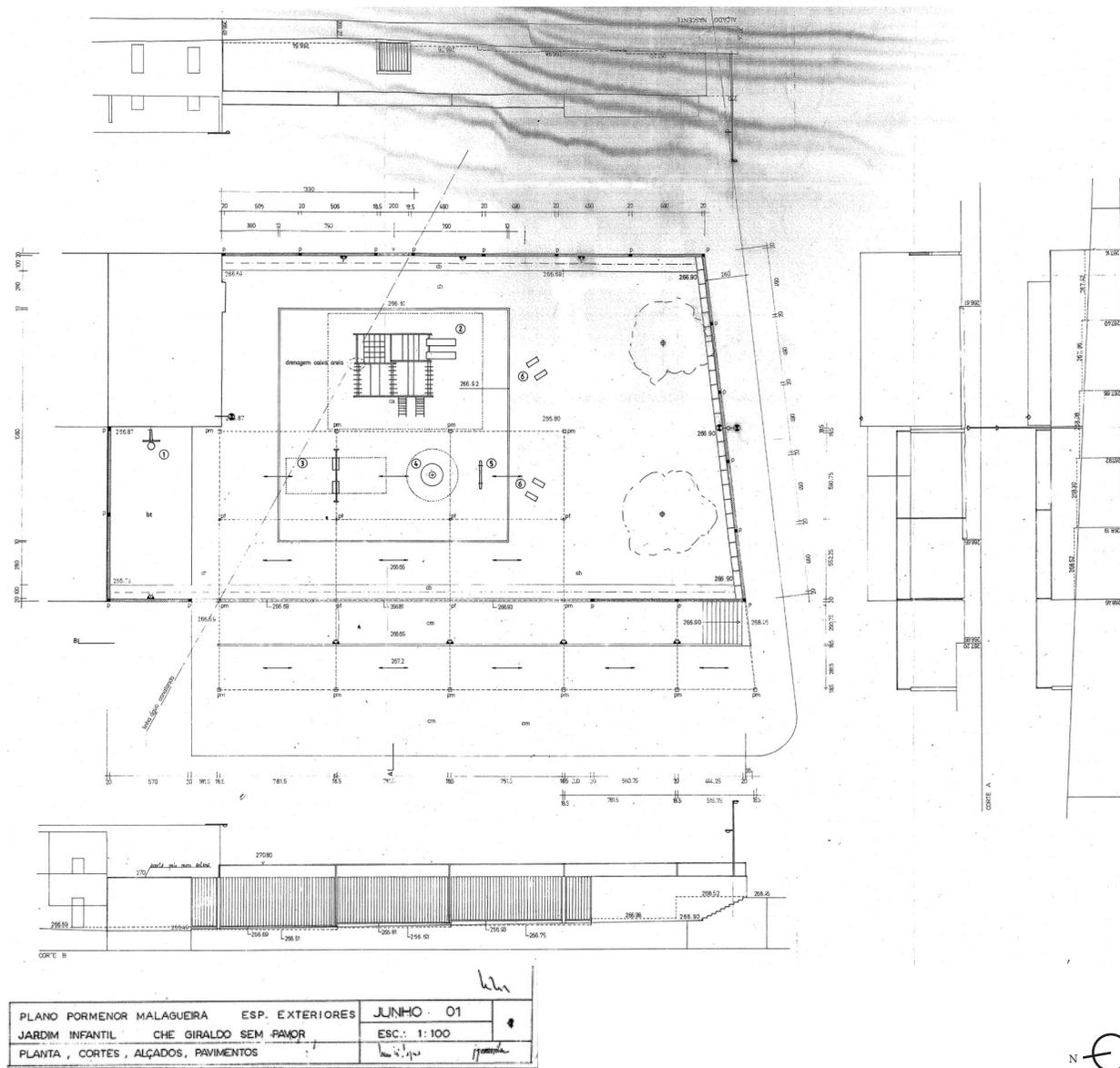
Muros: « bloco betão resistente B20; rebouco e caiação a branco; mármore branco estremoiz », « viga de padieira, padieira mármore branco estremoiz »; « soleira mármore branco estremoiz »; « ombreira mármore branco estremoiz ».

Ferragens - « fechadura de armilhar chapa de testa aço inox a colocar na soleira, chapa metalizada 2mm, batente em chapa de ferro metalizado, parafusos em aço inox, buchas metálicas, anilhas em aço inox; pirot em aço inox »; Gradeamento em tubos de ferro com 2.5cm.

(Desenhos S/E e layout modificado)



PLANO PORMENOR MALAGUEIRA	ESPAÇOS EXTERIORES	OUTUBRO 89	2
JARDIM INFANTIL	GIRALDO SEM PAVOR	ESC.: 1:2, 1:20	
PORMENORES			



«Plano pormenor Malagueira. Espaços exteriores.
 Jardim Infantil CHE Giraldo Sem Pavor.
 Planta, Cortes, Alçados, Pavimentos.
 Junho 2001. ESC.: 1 : 100»

Projeto (em parte) construído
 Peças desenhadas e assinadas pelos arquitetos João
 Gomes da Silva e Nuno Ribeiro Lopes.

Denota-se que no interior do quadrado, caixa de areia
 como superfície de impacto, foram projetados em
 planta, equipamentos de brincadeira tipo Parque de
 Aventura, que não foram representados nos alçados.
 Não há legenda para se poder clarificar quais os
 equipamentos pensados, embora estejam numerados
 no desenho.

Em planta há representação de duas árvores sem
 indicação de qual espécie prevista.

Na página 183 completa-se a legenda desta planta
 com identificação dos equipamentos jogo-aventura.
 (Desenho S/E e layout modificado)

**«Plano pormenor Malagueira. Espaços exteriores.
Jardim Infantil Giraldo Sem Pavor.
Pormenores.
Junho 2001. ESC.: 1 : 2 , 1 : 20.»**

Projeto (em parte) construído
Peças desenhadas e assinadas pelos arquitetos João Gomes da Silva e Nuno Ribeiro Lopes.

Planos de pormenor igual às peças desenhadas para o ano de 1989, incluídas no “plano pormenor Malagueira. Espaços exteriores. Jardim Infantil Giraldo Sem Pavor”. Foram corrigidos o diâmetro dos pilares de ferro para 8.56cm e adicionadas vigas de ferro, perfil em I, com 10 x 10cm.

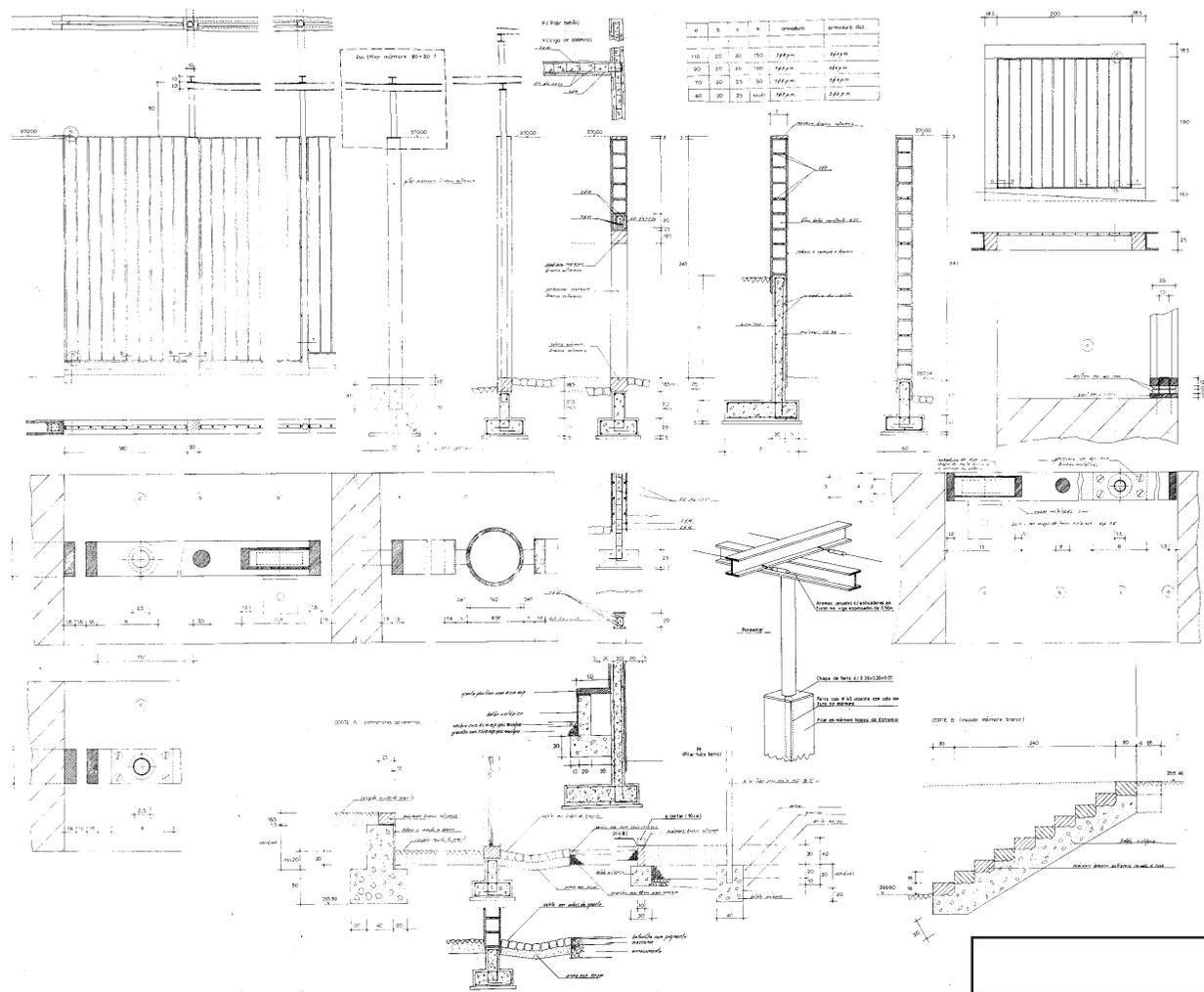
Na viga de ferro, perfil em I, são adicionadas ferragens: «Arames zincados c/ esticadores em furos na viga espessados de 0.50m».

No pilar de mármore: «Chapa de ferro c/ 0.20x0.20x0.01»; «Ferro com 4cm de diâmetro assente com cola em furo no mármore»; «Pilar em mármore branco de estremoiz».

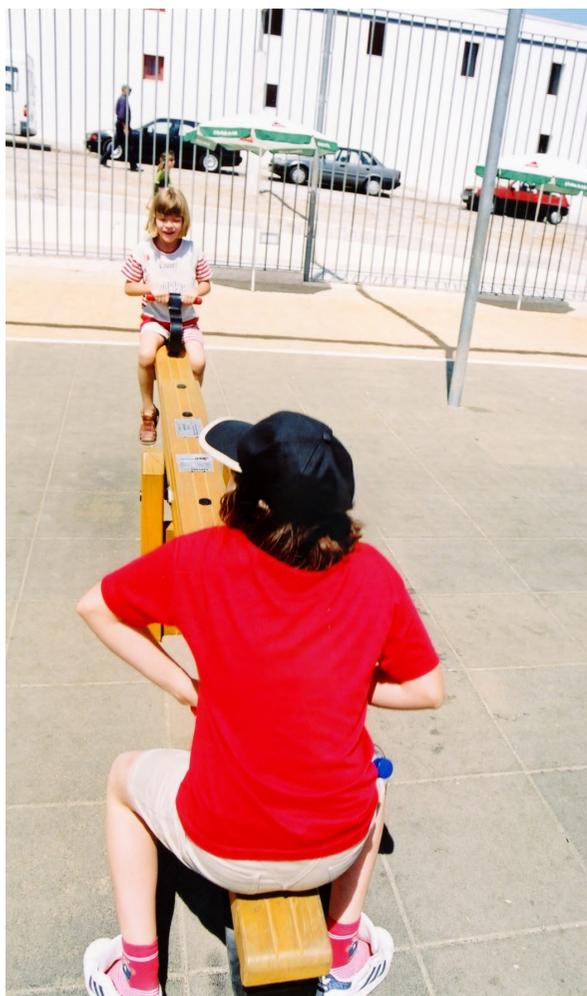
Banco corrido junto ao muro: «granito picofiso com 8cm esp.; betão ciclópico; saibro com 6 cm esp. após recalque; gravilha com 15cm esp, após recalque.»

Pavimento no vazio de uma habitação a Norte: «betonilha com pigmento (actualmente num tom amarelado); massame; enrocamento»

(Desenhos S/E e layout modificado)



PLANO PORMENOR MALAGUEIRA	ESPAÇOS EXTERIORES	JUNHO 01	2
JARDIM INFANTIL	GIRALDO SEM PAVOR	ESC.: 1 : 2 , 1 : 20	
PORMENORES		1:2001.01.01	



Autor desconhecido. Inauguração do Jardim Infantil da Malagueira.
1 de junho de 2002.
Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora (série 10281)

Nestas duas imagens percebemos que já existiu um jardim infantil da Malagueira, com equipamentos de brincar que promoviam sobretudo o exercício físico. Existiu o gradeamento projetado desde 1988. O pavimento é em terra. A área determinada para a caixa de areia, representada com baloiços, está pavimentada com (ladrilhos) piso de borracha



Fernando Guerra (2017)

Fotografia cedida pelo escritório *FG + SG fotografia de arquitectura*, pelo que se deixará a cores. Fez-se o pedido da fotografia por correio eletrónico.

Espaço encerrado por gradeamento oferecendo um (modesto) equipamento para Parque-Aventura, figurativo de um barco. O espaço apresenta-se tratado e com manutenção.

Do lado esquerdo da imagem, um cesto para a prática de basquete com escala reduzida; do lado direito, uma baliza de futebol perto do muro.

Notam-se as ferragens aéreas que já não existem - arames nas vigas para suportar a condução das vinhas.

Os Equipamentos de Jogo apresentados na imagem são diferentes dos equipamentos apresentados na planta de 2001.

Não se notam árvores no espaço dentro de muros, nem se notam sombras ou pontos de água.

Fotografias do Jardim Infantil da Malagueira

Registo fotográfico do autor, entre os meses de Fevereiro e Setembro de 2024.



Imagem à esquerda

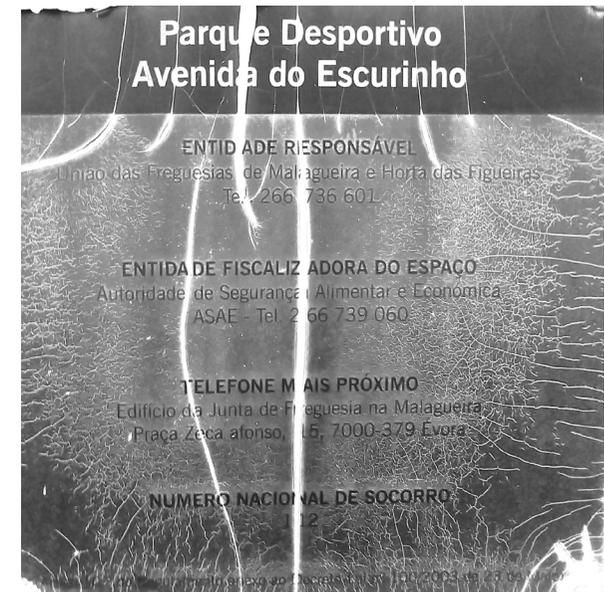
Do outro lado da Av. do Escurinho, de frente com o Jardim Infantil da Malagueira, uma área ajardinada com arbustos e árvores - Jardim Triangular (Enrico Molteni, 1997)

Imagem à direita

Aproximação Sul do jardim infantil, pela Av. do Escurinho, sentido Este-Oeste. A topografia da avenida permite que o olhar dos transeuntes ultrapasse a altura da estrutura metálica.

Imagem à direita

Letreiro afixado no muro poente do jardim infantil. Nele identifica-se o espaço com toponímia diferente da que consta no processo do arquivo municipal, *Parque Desportivo Avenida do Escurinho*; entidade responsável a União das Freguesias de Malagueira e Horta das Figueiras. A placa identificativa encontra-se em elevado grau de deterioração. Não foi encontrada mais nenhuma referência bibliográfica ou informação no arquivo municipal (CME), relativamente a esta toponímia.





Imagens à esquerda e à direita

Eixo Norte - Sul do jardim infantil. Os visitantes, para combater a diferença de cotas, podem optar por degraus ou seguir pela estrada da Rua António Aleixo. A estrutura aérea dá enquadramento das vistas, como uma sucessão de balizas, olhando para Norte reforça-se o enfiamento visual da Rua António Aleixo (imagem da esquerda).



Imagem à esquerda

Chegada Sul ao jardim infantil onde somos recebidos por uma estrutura metálica, suportada por pilares de secção quadrada em pedra mármore branco, em que os raios solares traspassam os cantos. O espaço, delimitado por muros brancos, é caracterizado pelo ritmo dos pilares, como um templo.

Imagem à direita

Na rua António Aleixo há um troço rodoviário, com automóveis estacionados, que os utentes do espaço terão de ultrapassar.





Imagem à esquerda

Na Rua do Chiado, no muro a Este do jardim infantil, abre-se uma fenestração, um buraco, que permite a entrada no espaço.



Imagem à direita

A entrada no muro Este do jardim infantil, com 1.90 metros de largura por 2.00 metros de altura, ombreiras e lintel em mármore branco com 0.20 metros de espessura.



Imagem à esquerda e à direita

O jardim infantil configura-se como uma área ampla com 900m², onde as ervas crescem a alturas consideráveis. É de notar, a direção das tampas de saneamento assinalam a direção de uma linha de água que, subterraneamente, por ali passa.

O jardim infantil, atualmente conta com um cesto de basquete na área que seria dedicada à caixa de areia, e contam-se dois caixotes do lixo.





Imagem à esquerda

A Norte uma área vazia, correspondente a uma habitação, pertence ao jardim infantil.



Imagem à direita

Cruzamento da Rua António Aleixo com a Rua das Traseiras, onde sobrova a conduta que esculpe uma esquina na entrada Noroeste do jardim infantil.



Imagens à esquerda e à direita

Analisando a tradução morfossintática, por aglutinação, da palavra anglo-saxónica *Playground*:

Play («brincar», «jogar»)

+

Ground («solo», «chão»)

poder-se-á entender, traduzindo à letra, *superfície para brincar/jogar*.

O movimento dos Playgrounds pelo mundo teve alguma expressão entre a Arquitetura Moderna durante o séc. XX, onde se destaca o arq. Aldo Van Eyck, e nas artes plásticas, Isamu Noguchi.





Imagem à esquerda

Fotografia retidada no interior da área correspondente uma habitação, olhando para Sul, a pérgula apresenta uma segunda fileira de balizas, paralelas às do eixo Norte - Sul.

Ao fundo nota-se o muro Sul que um popular referiu que se diminui a altura.

Imagem à direita

Um cesto de basquete instalado numa área quadrada do pavimento, delimitado por soleira com 10 centímetros de largura, em pedra mármore - espaço seria destinado à instalação de uma caixa de areia (projetos de 1989 e 2001). Optou-se por pavimentar em cimento, mantendo-se o quadrado de 16 por 16 metros.



Imagem à esquerda

Ao longo do muro a Sul, para o projeto de 2001, foi instalado um banco corrido com o assento em pedra granito.

Imagem à direita

No mês de Setembro o espaço apresentava-se cuidado e limpo. No pilar nota-se uma ferragem, batente do antigo portão que existiu.

Ao fundo nota-se diferença de alturas dos muros que delimitam o recinto. (ler pág. 196 desta dissertação, sobre as conversas com populares)





Imagem à esquerda

Pilar de ferro, revestido a mármore branco, secção quadrada, 20 por 20 centímetros, e vigas de ferro, perfil em I, 10 por 10 centímetros



Imagem à direita

Pormenor do encosto entre as vigas, com ferragens, e encosto entre viga e pilar, soldado.



Imagem à esquerda

Os aros dos gradeamentos eram suportados nos pilares. O aro foi removido do espaço, ficando à vista o corte feito pela serra elétrica.



Imagem à direita

(Dois) pilar(es) que, pertencendo ao conjunto, sobressai(em) e isola(m)-se. Entre eles deveriam existir mais dois pilares de mármore que foram removidos. Podem ver-se representados nas plantas de 1989 e de 2001, bem como na fotografia do Jornalouco. (ver pág. 107, 109 e 97 desta dissertação)



Imagem à esquerda

Lona plástica (quadrada) fornece sombra aos utentes do espaço. Está amarrada, às vigas da estrutura metálica, com cordas. Desde a instalação da latada, possivelmente em 1990, que a estrutura aérea espera pela instalação da mais humilde trepadeira.



Imagem à direita

Grade retangular, colocada de frente com a fenestração no muro Este, protege os condutores da Rua do Chiado de eventuais bolas de jogar na rua.



Imagem à esquerda

A área (16 x 16 metros) destinada à caixa de areia foi betonada. Manteve-se o lancil em mármore branco que define o seu contorno.



Imagem à direita

Pormenor dos degraus com o muro de contenção. Um pilar e o baixo muro do Jardim Triangular.

Imagens retiradas da internet

Imagens retiradas do Google Maps



Uma criança acende um cigarro e um automóvel passa junto à entrada Sul do Jardim Infantil da Malagueira. O operador assinala: «data de captura de imagem: 09/2023»

Vista aérea sobre o Bairro da Malagueira onde é possível observar: o jardim Infantil da Malagueira; o espaço para o Jardim Triangular; e o edifício com telhado, correspondendo à Sede da CGSP. (Sem data)

Entrevista ao presidente Abílio Fernandes

JOSÉ A. Lembra-se porque chamaram o arquiteto Álvaro Siza?

Abílio F. Lembro-me perfeitamente. Nós vivíamos os inícios da institucionalização do poder local. Todos nós estávamos a aprender. A única consolação que eu tinha é que, mesmo não percebendo nada de administração local, ninguém mais dos eleitos percebia também – ninguém tinha experiência do passado.

Estávamos abertos a perceber e a aprender com a realidade concreta, com os problemas que surgiam. O maior problema que sentíamos em Évora e mais angustiante, era a falta de habitação. Antes das eleições a Comissão Administrativa já tinha começado a construir o Bairro da Cruz da Picada que tinha quase 500 fogos.

Em 1977, todos os eleitos tinham a preocupação construir habitação. A Comissão Administrativa já tinha conseguido todo este espaço para o plano de expansão da zona Oeste de Évora. (Aponta num mapa para a zona a Oeste do centro histórico) Naturalmente seria este o sítio escolhido para continuar a urbanização.

Tínhamos de escolher quem seria o projetista para o Bairro da Malagueira.

Tínhamos a felicidade de ter no nosso executivo camarário o arquiteto Jorge Silva - vereador da CDU, natural de Évora. Foi ele que sugeriu que se escolhesse um arquiteto para assumir esta

responsabilidade durante uma reunião. Sugeriu que fosse o arq. Álvaro Siza Vieira. O que fomos dizer... argumentou a oposição: “- estamos numa Revolução e vamos escolher uma pessoa? Isto tem de ser por concurso público!”; “Então durante o fascismo entregavam-se os negócios aos amigos e agora estamos na mesma?” E tinham muita razão.

O arquiteto Jorge Silva teve uma nota, eu assisti àquilo com muita curiosidade: “- Olhem, se nós abrirmos um concurso público, vamos ter aqui uma quantidade enorme de arquitetos a concorrer a isto. Vamos ter de fazer a seleção entre esses muitos arquitetos. A escolha depois normalmente assenta na questão financeira, o concurso é feito com uma base de licitação e isso condiciona. Corremos o risco de escolher o arquiteto por essa questão dos concursos, isso não dá as garantias daquelas que são as preocupações que nós temos de ter hoje. Estamos a querer construir ao lado do centro histórico de Évora, cidade com um valor histórico preciosíssimo. Temos de ter em conta as necessidades de habitação das camadas mais carenciadas das populações conciliando a expansão fora de muralhas, são valores que temos de por em prática. De forma que temos de escolher um arquiteto.”

Chegaram a acusar o arquiteto Siza de ser comunista. O Jorge Silva trouxe o currículo do arq. Siza para percebermos que não se estava a falar de um conhecido seu. Disse: “- agora, não sei se ele aceita. Proponho irmos ao Porto falar com

ele pessoalmente.”

Compreendemos que tinha lógica esta forma de pôr o problema da expansão de Évora.

O Siza já tinha estado em operações do SAAL que eram processos humanistas. Eu sabia que um arquiteto que se juntasse a estas operações de espontaneidade, em que as pessoas construíam as suas próprias casas, era alguém que tinha uma perspetiva muito humana. Ficámos com alguma esperança que ele pudesse pegar no plano.

O arq. Jorge Silva e um vereador do PS foram ao Porto falar com o arq. Siza Vieira. Perante o quadro que o arq. Jorge Silva traçou, de exigência de algumas qualidades, de algumas características, o Siza mostrou interesse e disse: “- eu vou a Évora”. O arquiteto veio, foi quando o conheci. Disse-me: “- para aprofundar o conhecimento do local preciso de ter um reconhecimento aéreo de toda esta zona.” Conseguimos que a força aérea cedesse um avião. Fui com o arquiteto Siza, também nunca tinha visto Évora do ar. No final o arquiteto disse que estava interessado no projeto.

Entretanto os interessados, os associados da Cooperativa da Boa Vontade, contactaram o arq. Siza Vieira para que ele pudesse desenhar também as casas. Ele pegou, estudou, fez o plano e projetou as casas. Temos a felicidade de ter o plano e o projeto das casas desenhadas pelo arq. Álvaro Siza Vieira. Foi a fome com vontade de comer. Ali se notou que o arquiteto Siza estava

a querer idealizar as casas e as construções com muita atenção ao que as pessoas diziam, como gostavam das casas, como queriam as casas, de que tamanho queriam as casas. Portanto, o arquiteto dialogava com eles e nós, CME, acompanhávamos e achámos muito interessante como o arq. Siza se posicionava perante aquela gente toda que se mostrava interessada em ter a sua casa.

JOSÉ A. O sr. Presidente participava nessas reuniões?

ABÍLIO F. Sim, sempre. Para mim era uma aprendizagem perceber como é que se constrói, quais os problemas que se põem no desenvolvimento da cidade. Conhecer a população, conhecer os seus objetivos, e depois, os problemas e os custos. Havia a necessidade de construir habitações o mais baratas possível. Ele equacionou essas questões todas no plano.

Nessa altura o financiamento das casas era gerido pelo Estado - havia uma instituição que financiava, era preciso candidatar a essa instituição, que era o Instituto Nacional de Habitação (INH). Surgem problemas com o Aqueduto. O arquiteto Siza imaginou transpôr o aqueduto que entra na cidade de Évora. Ele imaginou o abastecimento das infraestruturas das casas pela via aérea, em vez de vir só água podiam vir a eletricidade, a televisão, os telefones. Aquilo podia custar mais caro mas escusava-se de estar a fazer buracos cada vez que há uma avaria.

Lá dizia o instituto responsável pelo financiamento: “- Alto! Isso não pode ser, fica muito mais caro. Construir uma conduta não é possível”.

O arquiteto Siza arranjou um engenheiro - eng. Sobreira - que acompanhava as obras e que estudou os custos. Chegou-se à conclusão que ficava um pouco mais caro e havia uma vantagem brutal: se agora ficava um pouco mais caro, ficava muito mais barato no futuro. Esse foi o argumento aceite depois de muita discussão. Felizmente todo o processo despoletou.

JOSÉ A. O arquiteto Siza contou-me uma história a respeito da aprovação da conduta: num almoço com o presidente Eanes, nas piscinas municipais, um funcionário da câmara alegou que a conduta estava aprovada e assim ficou.

ABÍLIO F. Ah sim, o meu amigo tem razão! Lembro-me que convidei o primeiro presidente da República Ramalho Eanes, para um almoço no restaurante das piscinas e depois fomos ver a Malagueira. Fomos para o miradouro perto das piscinas, lá do alto onde dá para ver toda a Malagueira. Lembro-me de ter havido essa conversa, depois o processo avançou.

Mais tarde o presidente Mário Soares veio visitar Évora e a Malagueira, quando já havia casas construídas. O Mário Soares e a comunicação social viram a Malagueira com grande contestação, diziam: “- as casas são muito pequeninas, isto

é tudo muito apertado. Como é que as pessoas podem viver aqui?"; "projeto do Siza Vieira, que não tem pés nem cabeça para as pessoas viverem". Aquele discurso estava concertado para denegrir a Malagueira.

JOSÉ A. Durante as operações SAAL, lembra-se da participação de alguma criança?

ABÍLIO F. Não me lembro. Os problemas das crianças eram transpostos pelos pais, que eram quem tinha a preocupação. O Siza no seu projeto contempla muito os espaços exteriores para serem usados pela população.

Uma das obras que valorizou muito os espaços exteriores foi o anfiteatro ao ar livre junto do lago. O primeiro espetáculo grande que o espaço teve, foi um teatro organizado pela comunidade cigana. Foi uma grande festa. Envolvimento de pessoas que viviam num descampado e que tiveram direito a uma casa.

(A conversa foi acompanhada pelo folhear da dissertação. Quando chegamos à entrevista ao arquiteto Nuno Ribeiro Lopes foi referido)

O arq. Nuno R. Lopes foi outra sorte que nós tivemos. Veio conjugar completamente o projeto. Era o assessor do Siza. O Siza ia e vinha, o arq. Nuno R. Lopes veio para cá e assumiu o trabalho com toda a determinação. Mais tarde acabámos por integrá-lo na CME e ele continuou com a

mesma determinação de resolver os problemas das pessoas. Fiquei muito amigo do arq. Álvaro Siza, tenho-lhe um grande respeito e uma admiração enorme. Foi uma sorte, quer dizer, foi o arq. Jorge Silva que o escolheu, não caiu do céu, mas bateu certo com as ambições do período revolucionário.

Houve uma grande conjugação de valores em tudo o que lhe estou a contar, os sucessos, as realizações, a postura dos partidos todos que, embora com divergências acabavam sempre por tomar as grandes decisões - o Siza foi decidido depois de uma contestação muito grande.

Nessa altura entraram para a câmara muitos técnicos superiores, em variadíssimas áreas. No urbanismo tínhamos o eng. Jorge Carvalho que foi o grande mentor da recuperação dos clandestinos todos de Évora. Ele engendrou um sistema aliciante de trocas, para os proprietários cederem os terrenos à câmara, para urbanizar e vender os terrenos. Argumentava com uma lógica convincente: "-O senhor tem um terreno rústico, quanto vale? A câmara compromete-se a urbanizar o seu terreno. O seu terreno dá para 20 lotes. A câmara fica com quinze e o sr. fica com cinco. Vamos lá fazer as contas". Assim foi, todos os 29 bairros clandestinos foram terrenos que a câmara adquiriu para os moradores construírem as suas casas. Também houve quem tenha vendido o seu terreno sem construir e acabou por ganhar mais passados anos.

Outra grande preocupação foi a recuperação das

habitações degradadas e a vivificação do Centro Histórico de Évora. Contámos com o dr. Filipe Marchand, outro técnico superior, que animou e conduziu o processo de classificação de Évora a Património Mundial.

Tudo isto decorreu num ambiente causado pela Revolução de Abril - uma convergência de valores que levou a que fôssemos considerados, nos dias de hoje, Património da Humanidade.

Entrevista ao arquiteto Nuno Ribeiro Lopes

No dia 24 de Setembro de 2024, tocou-se à campainha do escritório do arq. Nuno Ribeiro Lopes. Seria para entregar uma carta a propor uma entrevista para aprofundar o entendimento sobre o Bairro da Malagueira e o seu Jardim Infantil.

Aberta a porta, houve o convite para entrar. Prontamente, foi-se recebido pelo arquiteto. Sem saber que a entrevista ia acontecer a partir daquele exato momento, deixaram-se passar alguns minutos sem gravar a conversa.

Depois das apresentações iniciais, rapidamente a conversa seguiu para o Jardim Infantil da Malagueira.

NUNO RIBEIRO L. O Jardim Infantil da Malagueira não era para ser da responsabilidade da Cooperativa Giraldo Sem Pavor (CGSP). Era um equipamento de cedência à junta de freguesia, caberia ao município fazer a gestão e manutenção. Por isso mesmo é que instalámos o barco, o bar, e previmos uma série de infraestruturas. O espaço seria concessionado pela Câmara.

Eu penso que, uma definição que nunca se chegou a concretizar, foi essa transferência entre a CGSP e a câmara. O espaço entrou numa espécie de vazio e por isso acabou por se degradar.

A câmara, a partir de uma certa altura, deixou de olhar para a Malagueira. Tudo isto tem haver com o processo de abandono progressivo por parte do município e dos responsáveis municipais, principalmente ao nível regulamentar e ao nível técnico. Não são os políticos que definem se as obras clandestinas podem acontecer ou não, tem de ser o corpo técnico. A Malagueira aconteceu mesmo contra a vontade dos técnicos da própria câmara, achavam que este bairro não tinha de ter estatuto diferente dos outros. Na sequência destes factos, fechou-se o gabinete em que eu estava e o Bairro da Malagueira caiu num processo de “deixar a abandalhar”.

O Bairro da Malagueira foi sempre uma espécie de ovelha negra, mesmo no interior própria CME. Quem aguentou a Malagueira contra todos os problemas que surgiram, todas as complicações

e as animosidades, foi sempre o Presidente da Câmara (Abílio Fernandes). O processo era muito defendido pelo presidente, contrariamente ao corpo técnico que achava que o bairro não tinha que ter estatuto preferencial.

Foi ele que manteve sempre a Malagueira de pé, contra todos os ataques e vicissitudes. Foi ele sempre que nos aguentou, à equipe, mais concretamente, ao Siza e a mim, que estava cá, era o arquiteto residente. Fomos vistos como afilhados do Presidente da Câmara e, portanto, a combater. Houve preconceito, claro, em relação ao Siza e depois houve em relação ao processo.

Isto é como no feminismo: quando se quer igualdade cai-se na supremacia, cai-se no exagero. O que é politicamente correto, passa a ser um disparate total.

No feminismo e na arquitetura é a mesma lógica. Querer que a Malagueira seja igual aos outros significou a Malagueira ficar para trás.

A Malagueira é a génese de um sistema de ocupação do território extramuros na cidade de Évora. Tinha essa função de ser um gerador para todo o resto da zona exterior da muralha. O bairro está ligado ao centro histórico, uma vez que tinham sido previstos os elementos-chave da arquitetura e do espaço municipal. Obviamente que isso foi imediatamente combatido por quem estava a fazer o Plano Diretor Municipal.

A Malagueira acabou por se transformar num caso

isolado, em que até tentaram passar uma faixa de quatro vias na Avenida da Malagueira, que depois segue para as piscinas. Ia destruir a Malagueira inteira, como é óbvio. Foi uma proposta municipal dos técnicos. Sempre existiu esse combate.

Mais recentemente, há três ou quatro anos, um qualquer paisagista, que não faz a mínima ideia do que é que estava a fazer, propôs e plantou uma quadrícula de árvores por toda a Malagueira, não entendendo os sistemas de ocupação, nem o que é o espaço público verde da Malagueira. Porque é que ele é diferenciado, a razão dos diferentes tipos de solos: um é alagadiço, um outro é mais árido, um outro é menos esquelético. Propostas paisagísticas completamente diferentes.

Meteram a sua quadrícula e acharam que ficou fantástico, isto porque Tudo tem que ser Igual em Todo o Lado - é o problema desta malta. Uma parvoíce, toda a gente quer ser igual aos outros embora depois queiram ser todos diferentes, e Património Mundial.

JOSÉ A. (Mostram-se as peças desenhadas do Jardim Infantil da Malagueira) O arquiteto lembra-se de ter desenhado o projeto para este Jardim Infantil?

NUNO RIBEIRO L. Sim.

JOSÉ A. Os primeiros desenhos estão assinados e datam dos anos de 1988 e 1989, depois há uma reabilitação em 2001.

NUNO RIBEIRO L. Em 2001 já não sou eu. Em 2001 já é o Bandeira.

JOSÉ A. (que acabara de levar um murro no estômago) Esta assinatura não é sua?

NUNO RIBEIRO L. É. O projeto é mais antigo. Isso foi o Bandeira que mudou a data porque eu em 1996 fiquei à frente do Centro Histórico CME. É meu o desenho, mas é uma atualização para meter na Câmara. Só mudaram a data.

JOSÉ A. (Mais aliviado) Consegue identificar o ano deste projeto?

NUNO RIBEIRO L. Não, isso é impossível. Mas isso não é do paisagista J. Gomes da Silva.

JOSÉ A. (Assinala-se a Sudeste do bairro na planta do GAT) Corria aqui um Ribeiro.

NUNO RIBEIRO L. Sim, foi encanado. Atravessava e fazia uma fronteira entre estas duas áreas da Malagueira (assinala a Norte e Sul do ribeiro).

JOSÉ A. (Aponta-se para o Jardim Infantil, no remate de desencontro entre casas) o antigo ribeiro é uma das razões deste vazio?

NUNO RIBEIRO L. É a razão pela qual as casas acabaram aí, sim. Não se podia gastar muito dinheiro a fazer drenagens e o ribeiro era uma fronteira que causaria problemas às fundações.

Ficou reservado para um equipamento urbano.

A Malagueira tem muitos destes espaços, no fim dos quarteirões, espaços que pretendiam ser vazios, pequenos pátios murados, para a sombra por causa do Sol e da temperatura – uma analogia à arquitetura do Norte da África e do Sul da Península. Haveriam jogos de água, sombra e muros.

JOSÉ A. Jogos de água?

NUNO RIBEIRO L. Sim, com fontes e vários pontos de água, mas no tempo do Cavaco Silva, como primeiro-ministro, a instalação acabou por nunca ser concluída.

JOSÉ A. Não se colocaram as árvores, é um jardim infantil sem árvores. Como imagiou que seria vivido este Jardim Infantil?

NUNO RIBEIRO L. O arquiteto pode querer fazer tudo, mas não faz.

Foi pensado um Parque Infantil para a zona Norte, perto da Malagueirinha, creio eu.

O arquiteto Siza nunca defendeu muito parques infantis, na medida em que achava que eram os locais de maiores acidentes das crianças, tirando as próprias casas. Realidade que se confirma de acordo com muitas estatísticas.

O Siza defende espaços comuns que possibilitem a convivência das diferentes idades, nunca considerou espaços urbanos específicos de determinada idade ou determinada geração, portanto, nunca advogou muito o Jardim Infantil para a Malagueira, mas houve vários pedidos das Cooperativas e, neste caso, da Giraldo Sem Pavor.

Acabou por se localizar aí porque estava perto da sede da CGSP e não tinha sentido propor comércio ou habitação. O Jardim Infantil marca uma espécie de fim daquela estrutura urbana, um pivô de remate entre uma rua preferencial (Av. Escurinho) articulada com a mudança de orientação para outro conjunto. Este Jardim articulava-se com o outro.

JOSÉ A. O Jardim Triangular?

NUNO RIBEIRO L. Sim, que também tinha uma latada, com uma forma diferente, a acompanhar um percurso.

Esse projeto deve ser da mesma altura em que foi feita a sede para a CGSP e o campo de jogos (jardim infantil da Malagueira).

JOSÉ A. Sabe se existem desenhos do jardim triangular?

NUNO RIBEIRO L. Sim, existem. A maior parte deles estão em Londres, com um senhor que os comprou.

JOSÉ A. Para a elaboração das maquetes com as crianças, foi definido um plano urbano de intervenção, propondo o corte à circulação automóvel na Rua António Aleixo, cedendo assim, mais área para o jardim infantil.

NUNO RIBEIRO L. Houve duas alterações profundas, em relação ao plano inicial:

Uma, é que as ruas não eram para ter automóveis. As crianças poderiam brincar na rua como no tempo da minha infância. O espaço era todo ele um espaço lúdico onde não havia a necessidade de criar situações específicas, espaços concentrados para essa função.

Outra alteração da lógica urbana, que obrigou à modificação do sistema construtivo e outros programas, foi os muros que deixaram de ser altos e, alguns, passaram a ser baixos e médios. Isso fez com que os edifícios ou equipamentos de remate dos quarteirões, em vez das formas mais expressionistas, fossem mais contidos, mais rígidos, por forma a que o acidente da casa, do muro baixo e da chaminé, aquele “castelinho”, pudesse ser continuado pelos muros altos. Nunca chegaram a plantar a latada creio eu.

JOSÉ A. A pérgula?

NUNO RIBEIRO L. No Porto diz-se o Latada, é com vinha que é de folha caduca, portanto, perde a folha no inverno e deixa passar o sol. É

uma tradição do Norte, onde a vinha é aérea, não é baixa, criando espaços por baixo, jardins ao mesmo tempo. É produtivo e é fruição. Portanto isto é a recriação dessa estrutura.

Isso já tem haver com as raízes de cada um, como é óbvio. Não foi só adaptação à arquitetura do Sul, também há alguns elementos culturais do Norte, naturalmente, há uma mistura.

JOSÉ A. É como um jardim.

NUNO RIBEIRO L. A vinha dá-se bem neste clima, portanto não haveria questões nenhuma.



Uma latada em Penafiel, fotografia do autor numa visita ao Jardim de Infância João de Deus em 2024)

A *Latada*, ou *Ramada*, é um sistema de condução da vinha, utilizado na região Norte de Portugal. Constituiu-se pelos: suportes verticais, normalmente de granito; e travessas, em madeira ou ferro, onde se fixam arames que suportam o crescimento da videira.

Entrevista ao arquiteto Álvaro Siza Vieira

(No início da conversa foi entregue um caderno do “Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade” ao arquiteto, que o consultou cuidadosamente, reconhecendo Scheveningen (Open Air-Schools, 1908), uma zona de praias perto de Haia, onde fez um projeto “com a participação da população”, como fez questão de referir. Depois de apresentado o Inquérito incluído no caderno, pediu-se autorização para começar a gravar. Assim, começou a conversa, sem perguntas.)

ÁLVARO SIZA O Jardim infantil está abandonado, como tudo na Malagueira. Está tudo abandonado.

Com a presidência do Abílio Fernandes, o antigo presidente, aquilo andou, embora sempre obstruído pelo governo, porque ele era comunista. Em todas as eleições havia uma campanha miserável. Não se fez um só, dos equipamentos projetados. Foram projetados a pedido da Câmara - mas no fundo não era da Câmara, era do Abílio - uma igreja com um centro social, uma escola infantil, uma clínica, um hotel, um restaurante, olhe, não sei que mais.

Eles só deram financiamento para casas. Eu lembro-me que quando me lamentava ou enfurecia com a Marginalização, diziam-me os cooperativistas: “- sr.º Arquiteto, não se preocupe, vêm em aí as eleições. E, quando há eleições, há dinheiro”. E era assim, pouco antes das eleições davam os dinheiros, mas só para casas e nada de equipamentos.

A evolução da Malagueira acompanhou as eleições autárquicas, foi aos pinguinhos. Equipamentos nada. Nem há ainda, tão pouco. Há lojas que fizeram os cooperativistas, não foi com o financiamento (do estado). Foi completamente boicotado aquilo. Eu fui convidado para fazer este plano da Malagueira, no fundo, porque havia muita gente interessada em fazer este plano. Havia um problema: a escolha de um (arquiteto) era mal acolhida por uns ou por outros, de maneira que,

resolveram ir buscar um homem do Porto.

JOSÉ A. Mas era um homem que já tinha tido várias experiências, com os bairros nas Caxinas, de São Victor (SAAL) e da Bouça (em parte também do SAAL).

ÁLVARO SIZA É engraçado que eu ganhei por um voto da direita. Na altura da votação, veio aqui ao meu escritório o presidente Abílio que foi o grande promotor da Malagueira, uma pessoa fantástica, e teve o cuidado de trazer o vereador do PS, que era um arquiteto, para criar boas condições. Mas o que é facto é que quando foi a votação, o PS chumbou. Chumbaria. Foi com o voto do PSD que acabei por ganhar a votação.

JOSÉ A. No documentário “As Operações SAAL”, de João Dias, o arquiteto Alexandre Alves Costa, relata uma metodologia que se quer entender melhor: «as primeiras brigadas técnicas constituem-se com base nos estudantes de arquitetura, são eles que propõem o arquiteto». Como decorria a participação dos estudantes nas Operações SAAL?

ÁLVARO SIZA Quem escolhia (o arquiteto) era o governo. O programa tinha arrancado pelo ministro Nuno Portas.

O SAAL interessou muito às escolas de arquitetura. De um modo geral nas Universidades, e em Belas-Artes (Porto) também, houve muita ação durante

e antes do 25 de Abril. Uma grande tomada de posição das Universidades. Os estudantes mobilizaram-se e exigiam alterações no ensino. Em Belas-Artes também houve uma tomada de decisão, em que os professores se demitiram em peso.

Quando surge este programa, com uma enorme adesão por parte dos estudantes, estes conheciam já aquelas áreas. O Barredo e São Victor são ao lado da escola. Alguns professores faziam como exercício os inquéritos nos Bairros e nas Ilhas, que era onde, no fim do século XIX, vivia metade da população do Porto. Um tema fundamental. Tinha havido vários programas para erradicação das Ilhas (antes do 25 de Abril).

O que se passava eram operações locais, parcelares, que mandavam a população para a periferia, demoliam as Ilhas e usavam o terreno com outros programas. As Ilhas eram no centro e num anel à volta do centro do Porto. Eram apetitosas para as imobiliárias. As primeiras Ilhas aparecem com a Primeira Industrialização, para a nova população operária. Os alunos conheciam as Ilhas e eram conhecidos pelos habitantes. No meu caso, São Victor é ao lado da escola, os estudantes tinham feito inquéritos, levantamentos, e conversas com os habitantes, como temas da escola.

Os estudantes falaram com os moradores, seria necessário organizar um processo, não só para legalização das associações de moradores, como

para a execução dos projetos. Foram organizadas brigadas e, a pedido dos moradores, os estudantes que estavam na iniciativa de São Victor falaram comigo.

JOSÉ A. A metodologia de ensino nas Belas-Artes, permitiu aos estudantes participar nas Operações SAAL?

ÁLVARO SIZA A iniciativa foi deles próprios. A escola parou com a greve geral, havia uma massa de estudantes que tinha essa experiência prévia. Eram conhecidos e foram as populações que pediram aos estudantes. Estes escolheram-me porque eu era professor na altura.

JOSÉ A. O arquiteto paisagista João Gomes da Silva e o arquiteto Nuno Ribeiro Lopes, quando iniciaram os trabalhos na Malagueira, eram estudantes também. A ideia dos estudantes estarem em volta do SAAL, manteve-se neste caso?

ÁLVARO SIZA Não tem uma ligação direta. No Porto foi a iniciativa que se principiou pelos próprios estudantes, com o apoio de alguns professores, enquanto que em Évora, que ainda não tinha a Faculdade de Arquitetura, chamei alguém que conhecesse bem e que já tivesse uma pequena experiência de trabalhar comigo em projetos e em visita à obra.

Estive na apresentação da tese do arquiteto João Gomes da Silva, presidida pelo arquiteto Gonçalo

Ribeiro Telles.

Eu trabalhava em Évora, senti que precisava de alguém de confiança e permanente, são 1200 casas, e desafiei o arquiteto Nuno Ribeiro Lopes, recém-formado. Ele, primeiro, não quis: “- não, não quero e tal, tenho aqui a minha família, os meus amigos”. Eu dizia-lhe: “- este é um trabalho muito humano, muito interessante”. Lá insisti e ele aceitou. Ficou lá para sempre, casou e tem filhos.

JOSÉ A. Antes de chegarmos às crianças, o arquiteto Alexandre Alves Costa realça uma maior mobilização por parte das mulheres nas Operações SAAL, a carregar os «primeiros tijolos» bem como de participação nas Assembleias de Moradores. O arquiteto tem recordação, se em Évora também se verificou uma maior participação por parte das mulheres?

ÁLVARO SIZA Homens e mulheres. Mas na maioria eram Mulheres. Faziam-se assembleias com 300 pessoas. Muitos dos homens trabalhavam, quem estava livre para ir às assembleias eram as mulheres. Interessavam-se muito porque eram as maiores vítimas das más condições de habitação em que se encontravam. Em Évora, havia realmente uma associação de moradores assistida pelo SAAL que, sabendo que me tinha sido entregue o Plano, vieram pedir para fazer também as casas. Foi feito Plano e Projeto em simultâneo. Foi global e fui muito criticado pelos arquitetos ligados particularmente ao PS.

JOSÉ A. As assembleias populares tiveram momentos mais acessos entre os moradores e os técnicos. Embora seja certo que eram sobretudo participadas por adultos, o arquiteto recorda-se da participação, do testemunho, por parte de alguma criança?

ÁLVARO SIZA Não me lembro. Lembrome que às reuniões, em geral, não vinham as crianças, porque eram à noite. De dia, muita gente trabalhava, e os principais responsáveis das associações de moradores, de um modo geral, trabalhavam. Portanto, à noite iam sobretudo as mulheres. Havia maior participação das mulheres. Eram muito ativas, eram quem mais falava e quem mais faziam exigências.

JOSÉ A. A Malagueira desenvolve-se ao longo de uma linha de água principal (que acompanha o eixo E-O, depois seguindo para Sul), onde são previstos uma série de espaços verdes para toda a população usufruir.

ÁLVARO SIZA Sim, isso já estava previsto quando eu peguei no plano da Malagueira. Já estava feito o Plano Geral de Évora, onde estava o Nuno Portas. Nesse Plano já estava especificado que era de manter o ribeiro que atravessa a Malagueira, com zona verde em torno desse ribeiro. Era favorável o que já estava em curso, relativo ao plano geral. A decisão de não fazer mais de dois pisos já é do plano anterior.

JOSÉ A. (olhando para os esboços do arquiteto) Podemos afirmar que este esboço, com o muro e os pilares, é uma representação do Jardim Infantil da Malagueira?

ÁLVARO SIZA É. Eu projetei o Jardim Infantil da Malagueira.

JOSÉ A. (olhando para as plantas da DORU) Mas os desenhos estão assinados pelos arquitetos João Gomes da Silva e Nuno Ribeiro Lopes.

ÁLVARO SIZA As únicas exceções que eu conheço são a Sede da CGSP e a clínica. Esses foram projetos do arq. Nuno Ribeiro Lopes que tinha muita experiência. O resto não. Também recolhi a ideia do arq. João Gomes da Silva para aproveitar as águas da piscina municipal.

O Jardim Infantil da Malagueira foi dirigido por mim. Assim como a ponte, que fiz coincidir com uma antiga linha de pé posto que as populações dos bairros clandestinos tinham de atravessar.

O jardim infantil nunca se realizou completamente. Iniciou-se e depois parou, porque já foi num período tardio de possibilidades de atuação, sem os mesmos resultados e energia por parte do Abílio. O Abílio é central nisto.

A Malagueira fez-se graças ao Abílio, disto não haja dúvidas. Com os anos começou a haver inação e obstrução de duas vertentes: Governo Central e

Câmara Municipal. O Abílio perdeu a capacidade, ainda era respeitado, mas as coisas encravavam.

Projetei uma construção para a terceira idade, junto a um espaço verde, que ainda deve existir. Projetei um campo de jogos a pedido da câmara e dos moradores da zona, e (assinala a Sudoeste do bairro), as instalações dos jardineiros, para a manutenção dos jardins, que ainda devem lá estar.

A ideia era o bairro não ser um dormitório, ser uma zona da cidade. Por isso, é tão triste a não construção dos equipamentos. Claro que os equipamentos retiravam essa condição de só casas, dormitório. A Malagueira está por acabar. A Malagueira é uma tristeza desde que saiu o Abílio.

Eu fiz o projeto completo do jardim infantil que é uma coisa muito ligeira. Pelo que eu saiba só se fizeram os pilares e os muros.

JOSÉ A. É que nem as árvores colocaram. É um jardim infantil sem contacto com a natureza.

ÁLVARO SIZA (Na planta do Gabinete de Apoio às Autarquias Locais o arquiteto assinala os topos Norte dos quarteirões perpendiculares à Avenida da Malagueira, no encontro das condutas com o aqueduto) Olhe, outra coisa que se fez: nos topos das fiadas de casas há espaço livre. Em cada espaço desenhei um jardim, nalguns casos com muro. Aqui está o desenho de um (assinala um

dos vários).

A dada altura, confrontei-me com a realidade de que não se ia fazer nenhum equipamento. Faltava outra escala na cidade, só haviam as casinhas de dois pisos. Tive a ideia dos aquedutos, serviriam as habitações com televisão, água, eletricidade, e não vão ter de estar sempre a escavar os arruamentos, como acontece em Lisboa, onde nunca consegui que fosse executada a conduta subterrânea que queria fazer.

Eram as “águas” que não queriam fazer o aqueduto na Malagueira. Uma das consequências é que não haveria tubagens nas ruas, foram aproveitadas aquelas ondulações próprias do Alentejo, a água corre naturalmente nas condutas que andam nos arruamentos. Foi um projeto longuíssimo.

O projeto teve de ir a Lisboa, onde a Direção de Urbanismo chumbou a ideia do aqueduto. O Abílio, que era também um grande entusiasta dessa solução, foi a Lisboa falar com o diretor e pediu-me para ir com ele. O diretor estava completamente contra. Para ele, o mais que se podia aproveitar eram as condutas que andam nas derivações das casas, queria chegar ao eixo E-O, enterrar e tornar a subir. Aí eu disse: “mas isso é a escada do macaco!”. Ele ficou doido, furioso. Aquilo acabou muito mal. E pronto, foi chumbado.

O Abílio, a dada altura, telefonou-me: “ó Siza, convidei o Eanes (então Presidente da República) a vir cá, para ver se desencravamos a Malagueira”.

O Abílio tinha organizado um almoço no restaurante da piscina (municipal) que domina a Malagueira toda. Depois de um grande almoço, sai o Abílio com o Eanes e param aqui (assinala na bifurcação da Av. da Malagueira, espaço verde de frente com a Sede da Junta de Freguesia da Malagueira e Horta das Figueiras). Chamam-me, e começo a explicar: “nós estamos aqui com um problema, está projetado um sistema aéreo mas a Direção do Urbanismo não aprova isto”. O Eanes respondeu que não queria interferir com governo e a direção de urbanismo, não podia fazer isso. Neste momento um funcionário diz que já está aprovado. E fica toda a gente: “que bom, e tal”. O que foi que se passou? Um diretor local de urbanismo teve medo do Presidente da República, de modo que teve a iniciativa de dizer que já estava aprovado e não estava. Isto é a prova de que o medo perdurou depois do 25 de Abril. O tipo sofreu com isso, até acho que foi destituído. Não tiveram coragem de voltar para trás.

Sempre que havia eleições, havia uma campanha contra a Malagueira porque era a grande realização da Câmara comunista. Uma campanha incrível. Incrível.

JOSÉ A. (olhando para a imagem do esquisso do arquiteto Álvaro Siza) Aqui está um desenho para o Jardim Triangular, que seria em frente da Sede da CGSP e do Jardim Infantil da Malagueira.

ÁLVARO SIZA Eu projetei todos esses jardins.

Isto começou-se, mas depois nunca se acabou porque tudo tinha obstrução, que passou a acontecer mesmo dentro da Câmara.

JOSÉ A. Sinto que o jardim infantil foi pensado para serem deixados os elementos tectónicos. O pilar, o muro, o chão. Não foi imaginado um espaço que explore as formas e os materiais. Este jardim infantil é o grande chão para brincar e jogar, o “Play+ground”.

ÁLVARO SIZA O essencial fez-se: o muro, como definição da zona das crianças, do jardim infantil, a sombra para criar condições de defesa ao calor durante o verão. O resto não fizeram nada. Havia bancos, havia coisas, tudo foi desenhado.

JOSÉ A. Porque é que não foram colocadas as árvores, a instalação do bar, a pista de skate e a escultura em homenagem ao poeta António Aleixo?

ÁLVARO SIZA Tudo o que era para lá das casas, nunca foi aceite, financiado.

JOSÉ A. Existem os projetos desses elementos?

ÁLVARO SIZA Esses acho que não cheguei a projetar, não houve financiamento para isso. Havia uma memória à Florbela Espanca, não se fez nada; desenhei a igreja. Foi uma coisa verdadeiramente vergonhosa.

JOSÉ A. Como é que o arquiteto imaginou que ia ser vivido este jardim infantil?

ÁLVARO SIZA Como qualquer jardim infantil. Teria equipamentos, construções, tobogãs, seria um jardim tratado com alguém para tomar conta. E sanitários, isso é indispensável. A vegetação que havia foi seguramente decidida com o paisagista.

JOSÉ A. Em 2001 já desaparece o equipamento bar. (O arquiteto está a olhar para os cortes de 1989) Aqui está uma antena que os moradores disseram ter existido.

ÁLVARO SIZA Sim, isso também me lembro. O recinto e o sítio da antena, isto foi desenhado também por mim. E fez-se. Isso fez-se.

PARTE IV

AULA DE CAMPO E MAQUETES PARA O JARDIM INFANTIL DA MALAGUEIRA

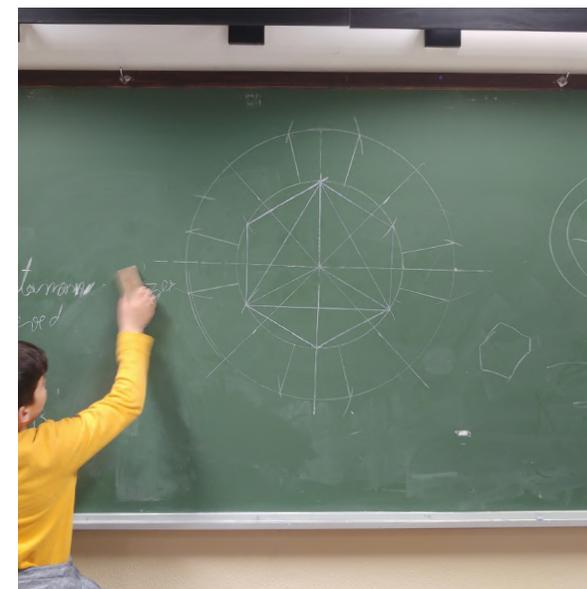
Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade - intervenção projetual com a participação dos estudantes de duas turmas do ensino básico em Évora - Jardim Infantil da Malagueira.

«(...) tradicionalmente designados por parques infantis», deveria ser revisto considerando as suas origens históricas e as «suas características enquanto espaços vedados, com equipamentos clássicos e exageradamente formatados. Na legislação de muitos países sobre essa matéria, fala-se hoje em espaços de jogos contemporâneos (equipamentos integrados e modernização do design do espaço físico com elementos naturais), espaços especiais (projetos artísticos de espaços de jogo para crianças ou para todas as idades) e espaços de aventura (espaços selvagens) elaborados pelas próprias crianças em conjunto com os animadores desses espaços. Estas três hipóteses de trabalho sobre espaços de jogo são possíveis consoante a localização, os objetivos e as respectivas funcionalidades.» (Carlos Neto, 2020, pág.186)

Intervenções que antecederam a maquete

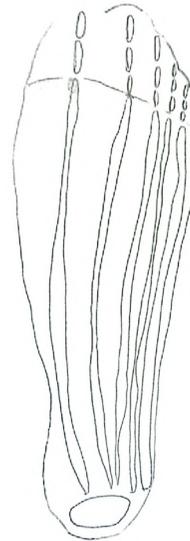
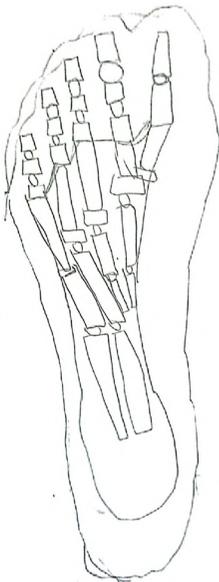
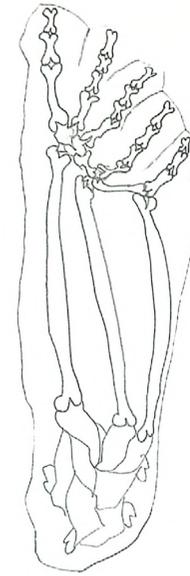
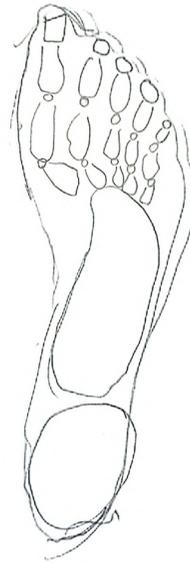
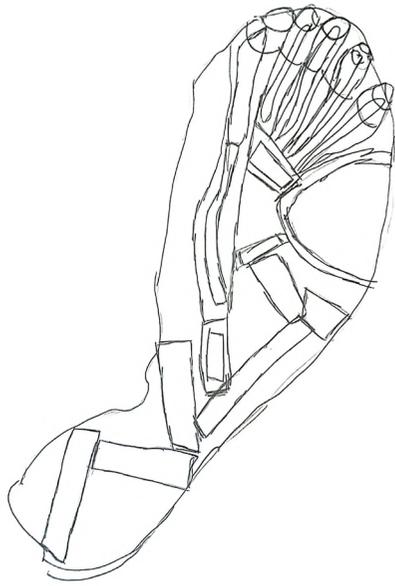


No dia 12 de Abril de 2024 houve a inauguração da exposição do projeto interventivo, participado por crianças, *Infantário Revolucionário* (Sonoscopia), da dupla de artistas Daniel Moreira e Rita Catro Neves. Pode ler-se na fotografia do cartaz da exposição, na parede do muro, “O FILHO DO OPERÁRIO TEM DIREITO A UM INFANTÁRIO”. A inauguração contou com os trabalhos realizados pelas crianças, registos históricos do infantário, músicas de intervenção e uma manifestação das crianças no pátio do infantário actualmente abandonado a manifestarem-se pela sua reativação. Neste momento cultural, artístico e social, conheceu-se a arquiteta Matilde Seabra, Coordenadora do Projeto Educativo da Galeria Municipal do Porto. (fotografias de Jos



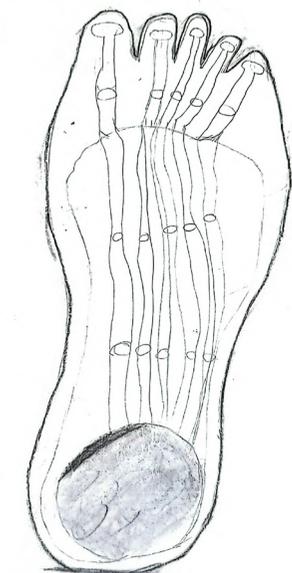
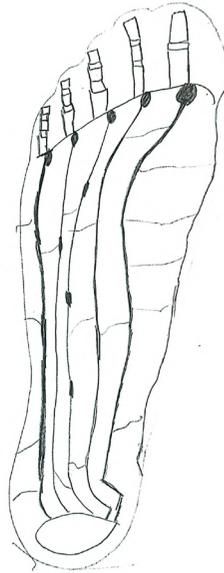
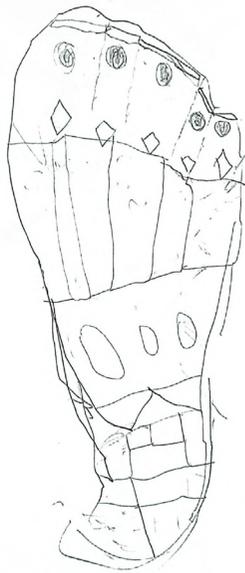
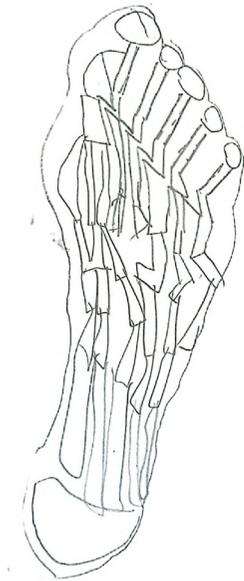
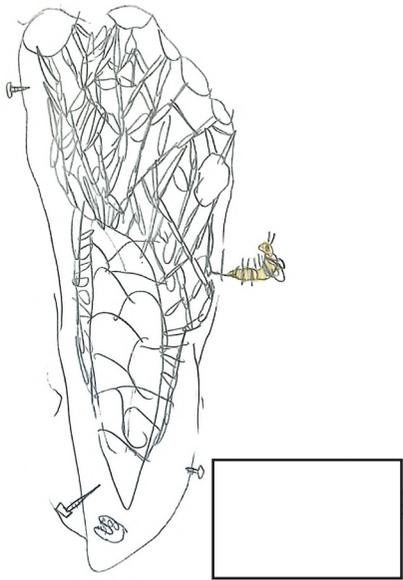
Ao longo do ano houve um conjunto de exercícios que foram fomentando a expressão criativa e gráfica das crianças. Desenhámos a natureza à vista com o objeto no meio das mesas, desenhámos fora da sala de aula, desenhámos o contorno dos corpos, montou-se um campo de matraquilhos, aprendemos a fazer o círculo cromático - composto por diversas formas geométricas que têm de ser desenhadas com rigor.

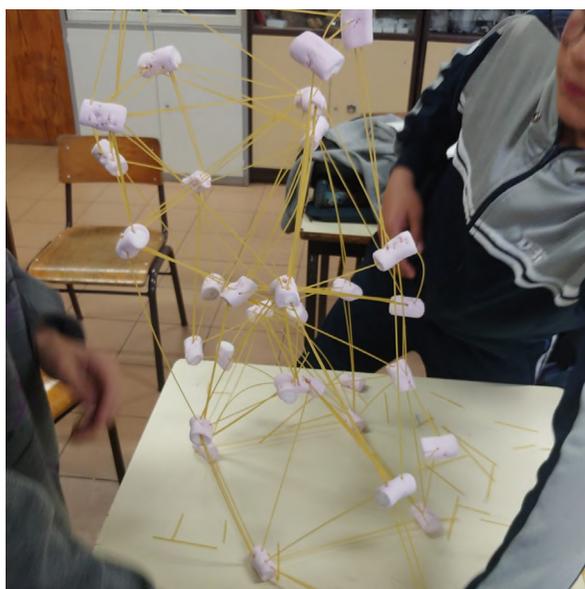
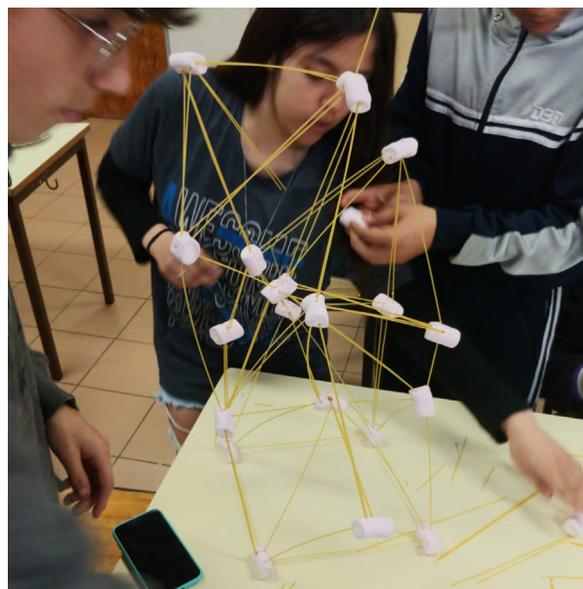
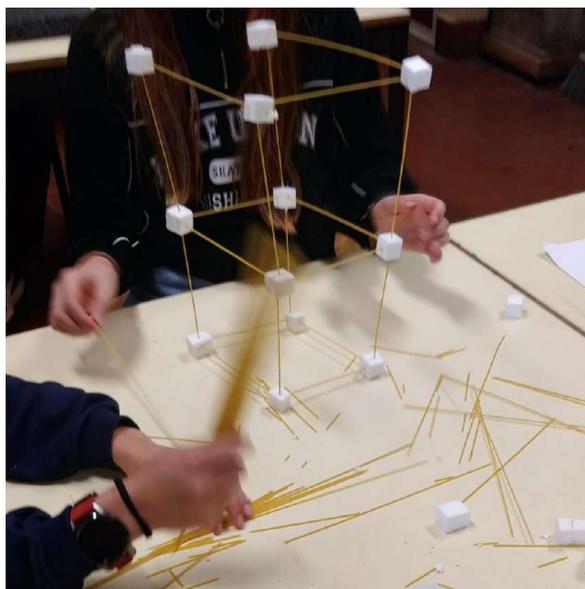




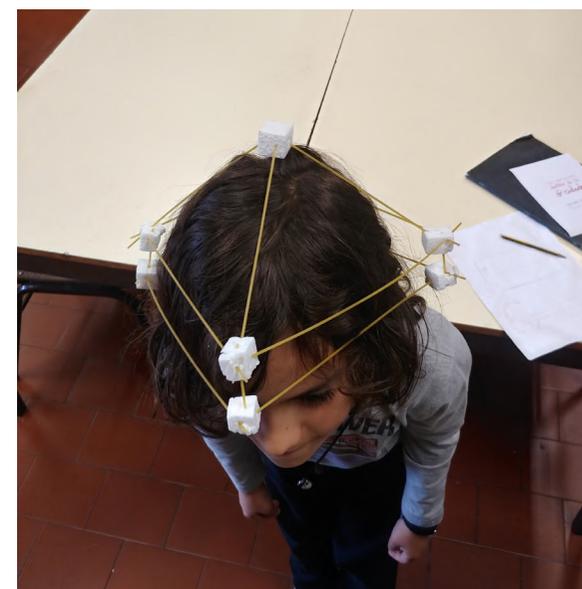
Foi a partir do trabalho da arq.ta Matilde que se conheceu este exercício dos pés. Foi também executado em sala de aula, em Évora. O exercício procura a relação entre Forma e Estrutura. Depois de registado o contorno do pé numa folha de papel, foi pedido que imaginassem, com recurso ao toque, como seria nesse membro o esqueleto humano.

O nível de desconhecimento sobre nós próprios, sobre o nosso esqueleto, é transversal e está revelado nestas respostas bastante criativas.

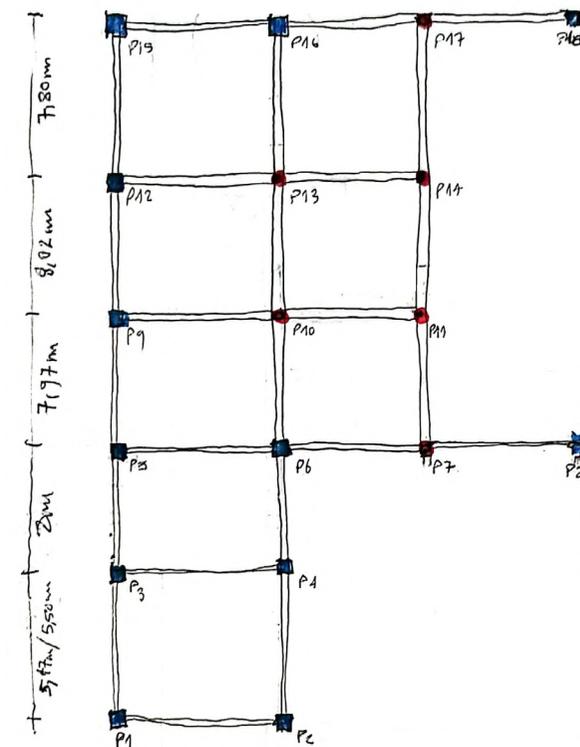
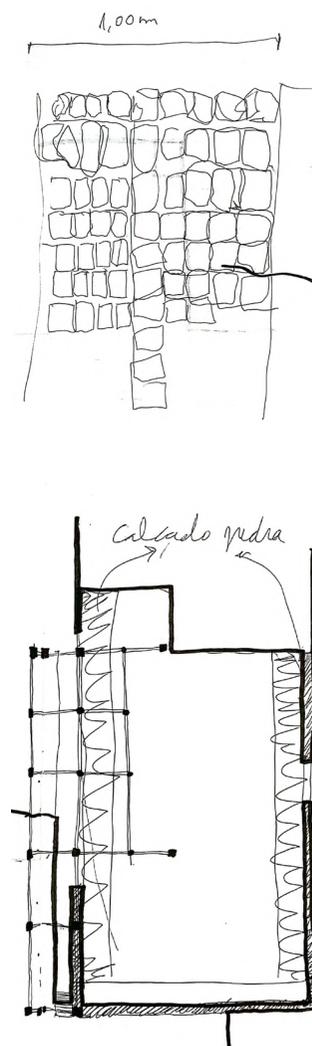
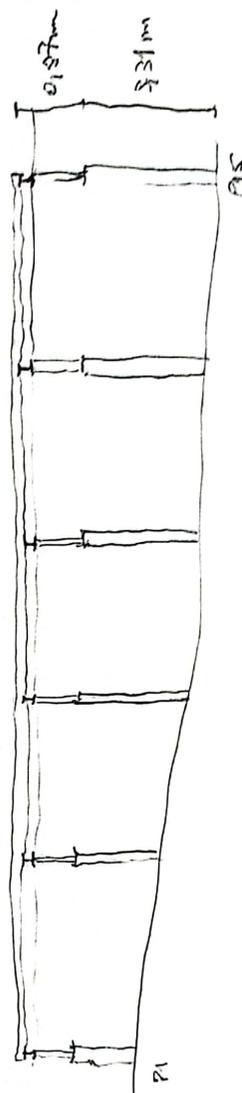
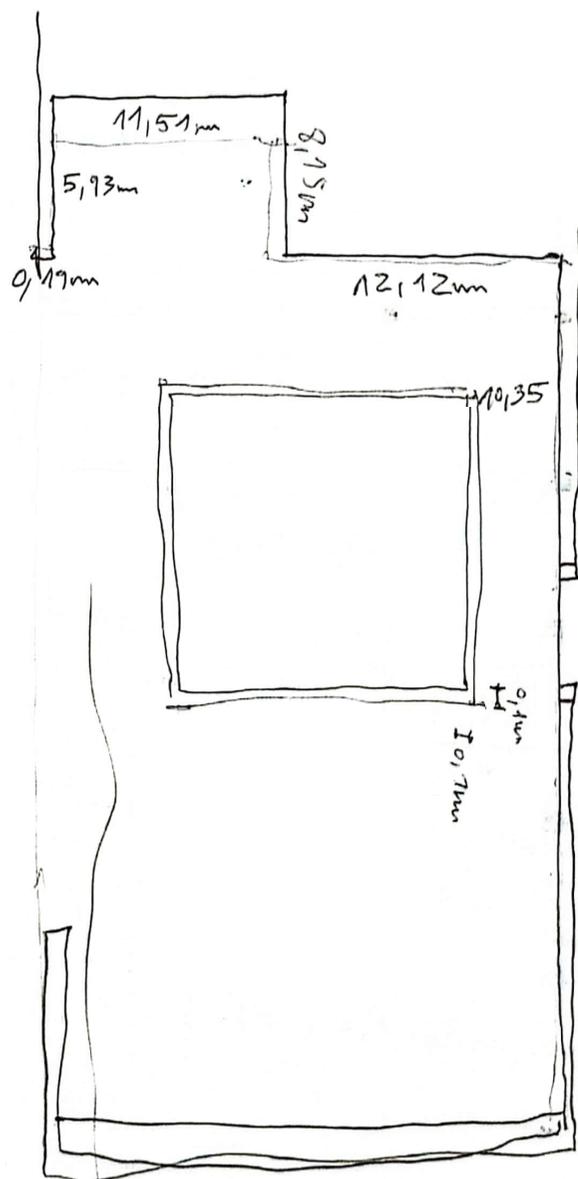




Na semana anterior ao dia do passeio, preparou-se um primeiro exercício realizado com massas e esferovite. Procurou-se criar as primeiras dinâmicas de trabalhos em grupo, de planeamento concertado. Teriam de criar uma torre, uma ponte, uma estrutura que seria submetida a teste de terramoto. O Diego tratou de criar uma coroa à sua medida.



Levantamento do Jardim Infantil da Malagueira



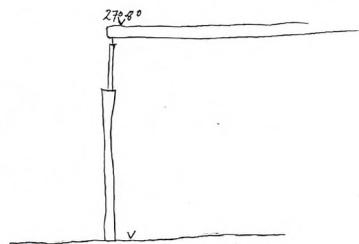
As medições do jardim infantil foram elaboradas pelo autor, apontadas no caderno pessoal, tamanho A4.

Para se conseguir fazer os desenhos das plantas e cortes, procedeu-se antecipadamente ao levantamento do espaço que viria a ser alvo de intervenção por parte das crianças. As medições foram elaboradas com recurso a uma fita métrica e apontamentos no caderno.

Pilares $18,5 \times 18,5 \text{ cm} \approx 1/50$

$n = 50$
 $x = 20 \quad n = \frac{20}{50} = 0,4$

$\frac{20}{0,4} = 50$
 \approx Placas 5mm



26.69

$27.8 - 26.69 \approx 4 \text{ cm}$

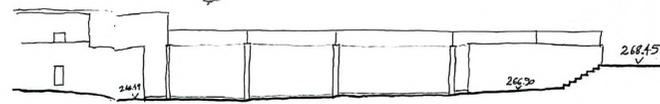
$4 \text{ cm} - 1/50 \text{ são } 8 \text{ cm}$

1/50mm

Os desenhos do arquiteto não são escala ou podem ser em outra imagem?

Sobre a malaguera
 $A0841 \times 1189$
 (1682×1189)
 (841×2378)

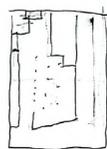
cm



$1/25 \rightarrow 9 \times A0 (2523 \times 3567) \text{ mm}$

$1/25 \rightarrow 6 \times A0 (2523 \times 2378) \text{ mm}$

Decisão Final maquet 1/50



1682

1189 mm

$268.45 - 266.49 \approx 2 \text{ mm}$

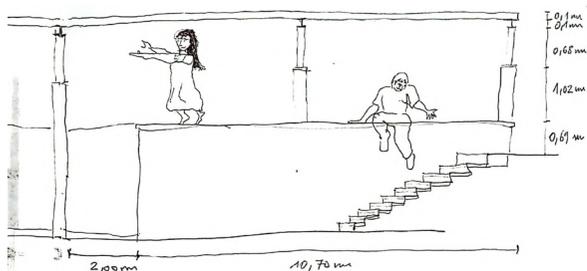
$2 \text{ mm} - 1/50$

4 cm

Esferevite 0,5 cm

ou

Cartão canelado 0,5 cm



Nas conversas com os populares foram identificadas três fases da evolução temporal deste espaço: no ano de 1985 havia ainda um Ribeiro que se tapou; por volta dos anos 90, delimitou-se o espaço com os muros e pilares; por volta dos anos 2000, instalaram-se os equipamentos no Jardim Infantil da Malagueira - agora já sabemos que foi em 2002.

Foi referido que existiu uma antena (prevista nos cortes de 1988) instalada no espaço a Este do jardim infantil.

Referiram também que recentemente, há três ou quatro anos, a altura muro Sul foi reduzida, removendo uma faixa longitudinal no topo do muro do espaço. Anteriormente, o canto entre os muros altos terá servido de refúgio a comportamentos *desordeiros*, palavra que será de novo empregue nos Resultados Finais.

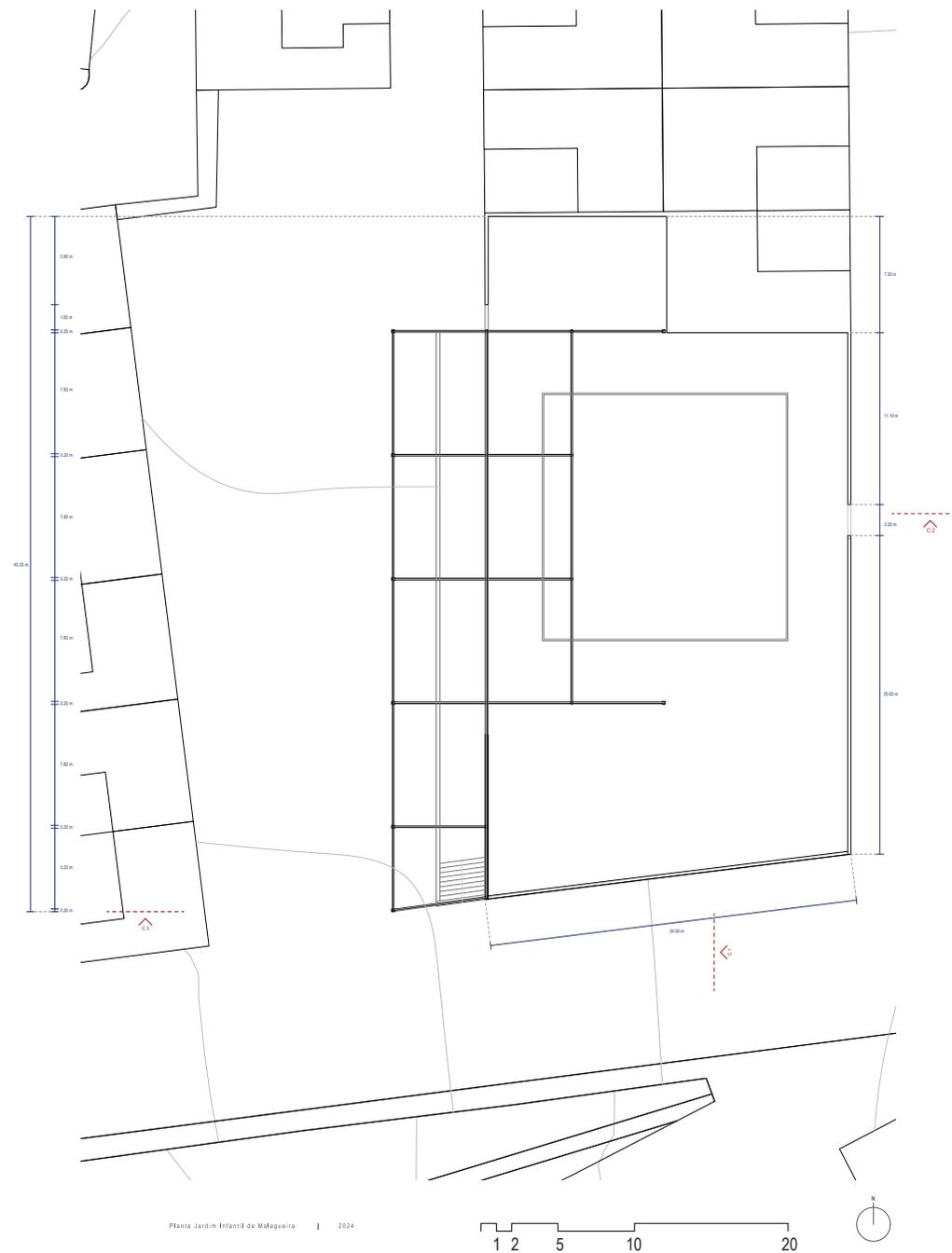
Os moradores queixaram-se dos passeios dos cães e seus donos naquele espaço.

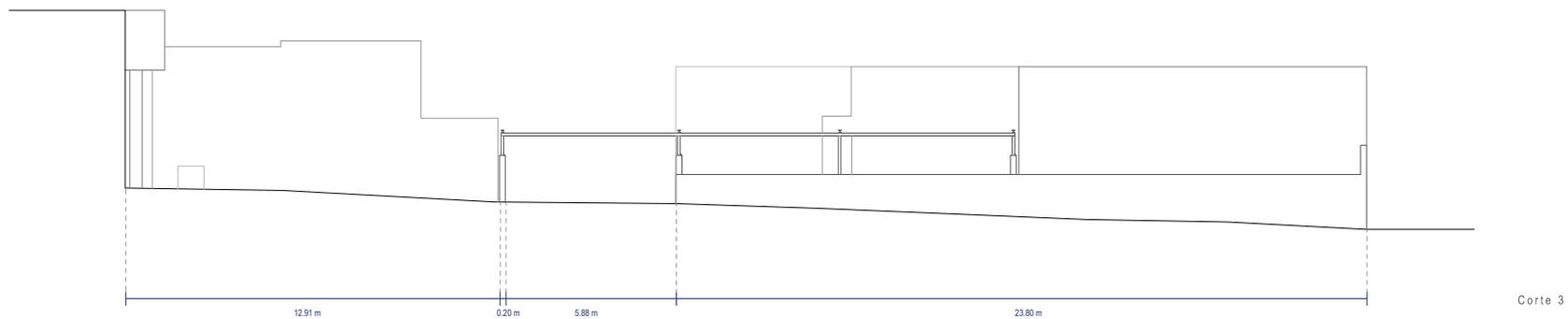
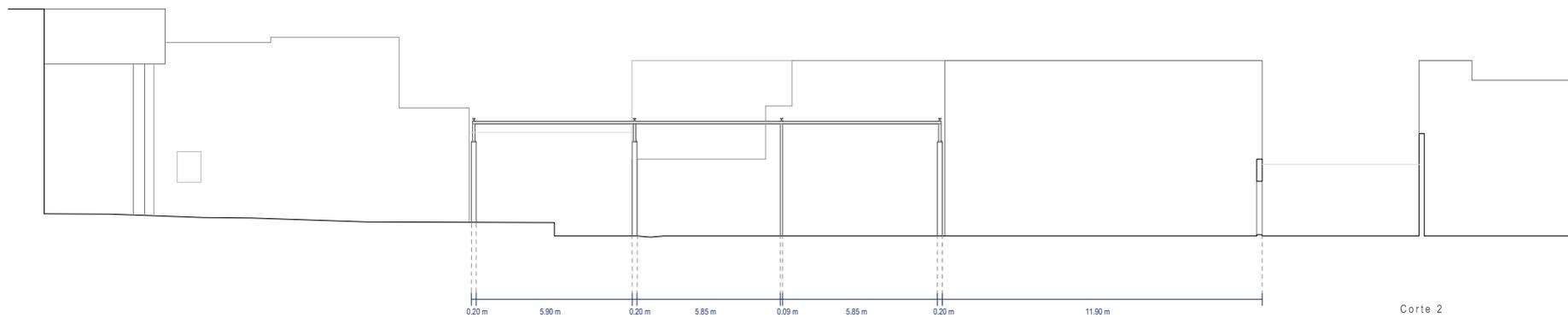
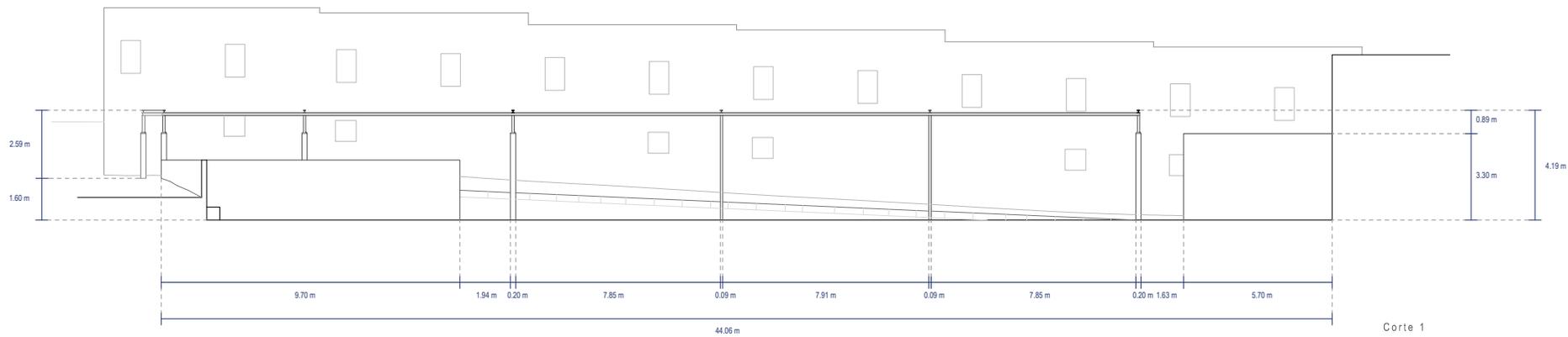
O desaparecimento do Jardim Infantil terá sido determinado por atos de vandalismo, com um incêndio ocorrido no final da segunda década do séc. XXI.

Plantas e Cortes do Jardim Infantil da Malagueira

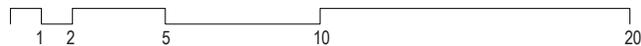
Os desenhos da Planta e Cortes, na escala 1/50 foram uma ferramenta fundamental para a concretização das maquetes.

Foram entregues aos estudantes, na escala 1/150, em folhas de tamanho A2 (planta) e A3 (cortes), em contexto de sala de aula - âmbito do projeto Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade.



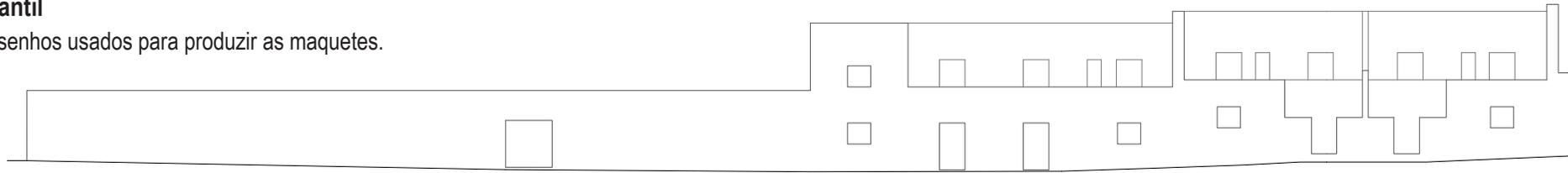


Cortes Jardim Infantil da Malagueira | 2024

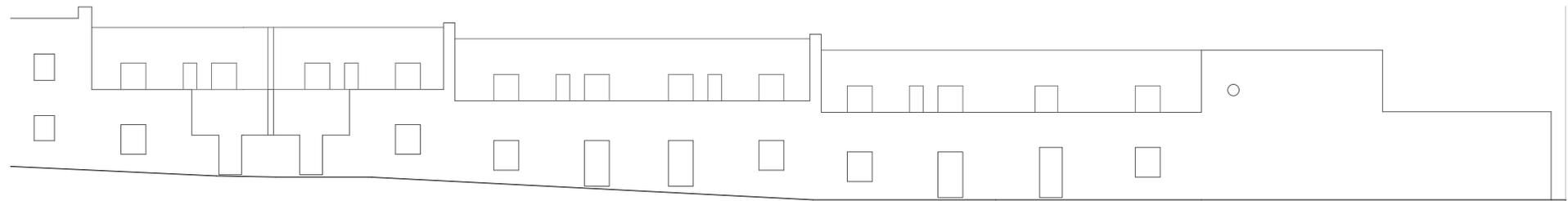


Alçados dos edifícios envolventes ao jardim infantil

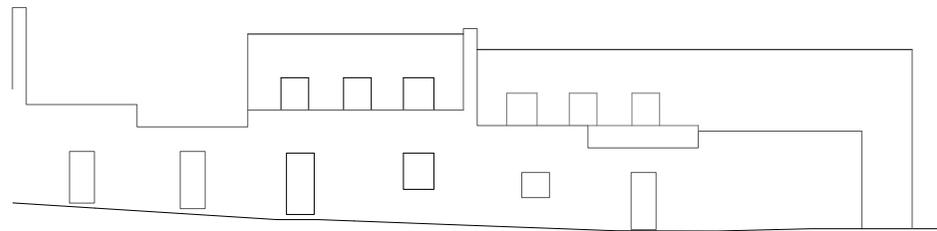
Desenhos usados para produzir as maquetes.



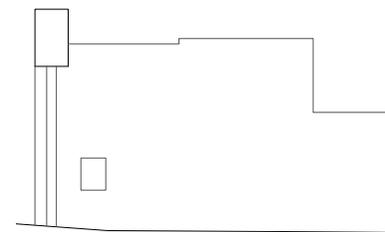
Alçado Oeste Rua do Chiado



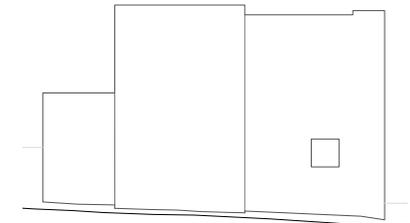
Alçado Este Rua António Aleixo



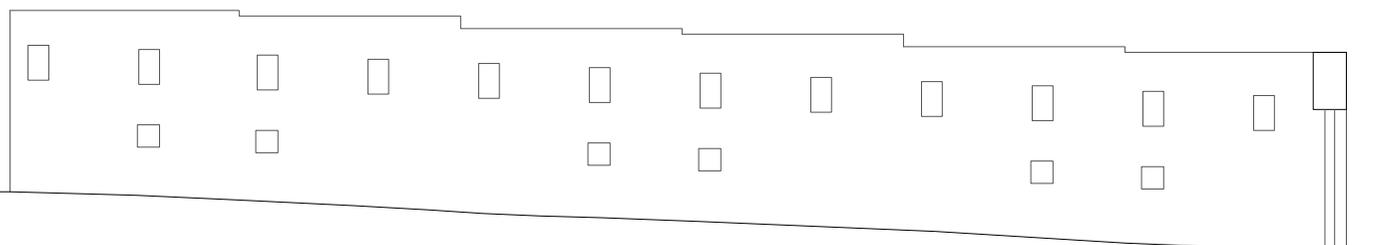
Alçado Este Rua António Aleixo



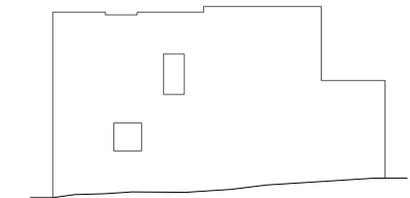
Alçado Este Rua António Aleixo



Alçados Avenida do Escurinho



Alçado Oeste Rua António Aleixo



1 2 5 10 Metros

Maquete - fotografias da sua montagem e transporte

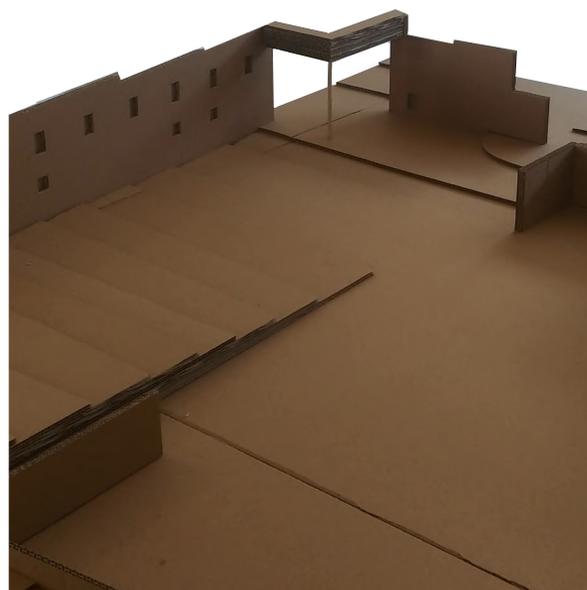
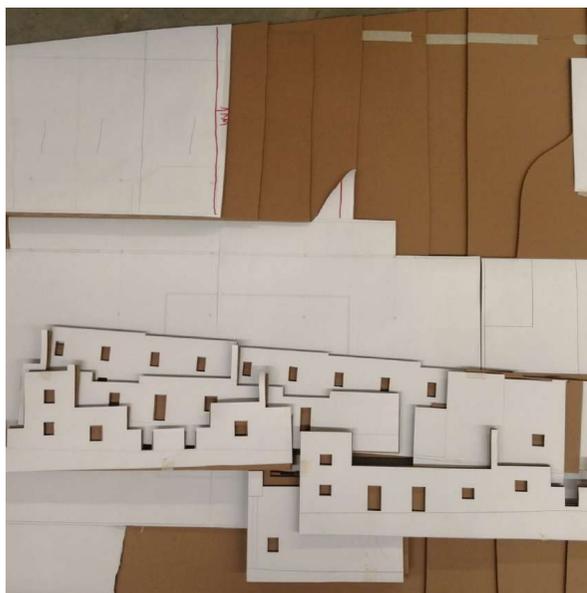
Maquetes do Jardim Infantil da Malagueira em: cartão canelado 5 milímetros, representação do terreno e edifícios envolventes (alçados); balsa (várias dimensões), estrutura metálica e pilares em pedra mármore

Escala da maquete: 1/50



As duas fotografias de cima foram registadas pela arq. Marta O.





Fotografia arq. Marta O.

Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade

O método de ensino e aprendizagem da artista e professora Elvira Leite é uma das referências incontornáveis desta dissertação, pelo suporte intelectual e artístico que representa no plano educacional. Foi tendo em conta as obras “Quem te ensinou? Ninguém” e “Meu Lugar, Minha Cidade – Habitares Serralves” que se promoveu o passeio, as aulas, as actividades e todo este exercício que se propõe a intervir com as crianças no espaço público - participação ativa in situ, no dia do passeio, com actividades educativas e lúdicas, estrategicamente planeadas; participação cognitiva e conceptual, com um enunciado em sala de aula que procurou modificar e transformar o espaço público urbano que se escolheu como caso de estudo.

Outra das obras estudadas de Elvira Leite, em co-autoria, foi “O Espaço pedagógico, 1 A Casa/O Caminho Casa-Escola/A Escola”, de 1983, onde se abordam estratégias e pedagogias para implantação de projetos nas escolas, fazendo uma descrição do exercício CAMINHO CASA-ESCOLA.

O projeto “Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade” envolveu os estudantes de duas turmas do 6º ano, contando com a participação de 44 crianças com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos. Foi resultadado da articulação entre duas fases: uma aula de campo, visita/passeio Peripatética, onde foram explorados os temas do Património, dos sentidos, da participação e do brincar; em seguida, de forma mais prolongada e continuada, em sala de aula, foram desenvolvidos desenhos em

planta e corte, livres e à escala, e duas maquetes, escala 1/50, sobre o Parque Infantil da Malagueira, uma por cada turma (A e B).

Foi enquanto docente contratado pela Escola Básica Conde Vilalva, em Évora, departamento artes-visuais, que o dinamizador concretizou o presente projeto. De acordo com exigências da direção escolar, o projeto “Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade”, com os (presentes) fins académicos a que se propunha, desejando a participação dos estudantes da escola básica, teria de incorporar as matérias do programa curricular das disciplinas de Educação Visual (E.V.) e Educação Tecnológica (E.T.), para o 6º ano de escolaridade. Tanto as necessidades da direção escolar como os objetivos do projeto estavam em sintonia e foi uma mais valia para os estudantes puderem desenvolver os seus conhecimentos tendo um enunciado que propôs a transformação de um espaço real que está subaproveitado.

De acordo com o objetivos curriculares, a partir deste projeto foram garantidos, com uma vasta amplitude de alcance, os conhecimentos inseridos nos diversos Domínios das “Aprendizagens Essenciais” em E.V e E.T.

Em relação aos “Conteúdos programáticos” de E.V., as matérias envolvem a «perceção das formas» e do «espaço»; «formas naturais e formas artificiais»; «formas bidimensionais e tridimensionais», «espaço fechado e espaço aberto», «representação do espaço»; «objetos no espaço»; «posição relativa dos objetos no espaço»; «ponto»; «linha»; «alçados»; «plantas»;

«mapas»; «património» e «trajetórias históricas». Para E.T. são enunciados os seguintes conteúdos: «medição»; «desenho técnico»; «cotagem»; «escalas»; «representação gráfica»; e «estruturas»;

Decorreu entre os dias 9 de Maio (dia do passeio) e o dia 13 de Junho (final do ano letivo) de 2024. O passeio pela cidade de Évora e seu património iniciou-se na Escola Conde Vilalva, seguindo a pé, até ao Jardim Infantil da Malagueira. Teve uma duração de quatro horas, para cada turma: turma A de manhã e turma B à tarde. Foi comunicado aos estudantes e seus encarregados de educação que a visita era a pé por Évora em direção à Malagueira. Para além dos professores, ninguém mais sabia o local exato para onde ia.

Foram elaborados, de forma a despertar o interesse pelo estudo, três elementos-base para o projeto: um caderno, para o dia do passeio; plantas e cortes do jardim infantil da Malagueira, escala 1/150; e duas maquetes do referido espaço, em cartão canelado e balsa, com terreno e edifícios envolventes (muros e alçados), escala 1/50.

Para a elaboração e sucesso do projeto contou-se com a participação de pessoas coletivas autónomas, amigos e colegas de trabalho: Coopreativa Giraldo Sem Pavor, que disponibilizou as instalações sanitárias da sua Sede; Clara Saracho, artista plástica (Porto); Marta Oliveira, arquiteta (Évora); Carmo Figueira e João Rolão, professores na Escola Básica Conde Vilalva, (Évora).

O passeio entre a escola e o jardim infantil

À saída da escola há um terreno baldio onde, formalmente, se deu início ao passeio.

O dia era de céu limpo e alí, com o grupo de pé, junto de uma oliveira, foi entregue um exemplar do caderno a cada aluno. Um estudante leu em voz alta o texto de abertura. O dinamizador fez uma breve explicação sobre esse companheiro de viagem. Foi mostrado o mapa. O grupo teria de seguir pelo percurso assinalado, resolvendo os problemas entre si, fortalecendo o espírito de grupo, de forma a conseguirem, com sucesso e autonomia, completar o caminho que lhes era proposto.

Ao longo do passeio, de aproximadamente quatro quilómetros, as crianças cantaram; quando se passava numa passadeira, pediam aos automobilistas para buzinar; riram; conversaram; olharam para o património e falaram sobre ele com o dinamizador; sentiram os cheiros; foram atentos aos sítios por onde passavam, aos espaços e aos seus elementos constituintes.

Uma aluna descobriu umas pequenas flores roxas que se colhem e lhes suga o néctar. Ouve ainda quem se arriscasse a experimentar cerejas e funcho. Parou-se para observar a muralha, a sua estereotomia que revela a passagem dos tempos e das civilizações passadas, a sua função militar e de proteção da população. Viu-se o esplendoroso aqueduto, extenso e delgado, com os seus arcos e arcadas (fazendo lembrar uma centopeia, disse uma criança), a estrutura ao longo de

quilómetros que se adequa à topografia, o caminho da água, qual o sentido em que corre, a força da gravidade. Muitas perguntas surgiram.

Seguiu-se até passar pelos moinhos que assinalam a entrada do Bairro da Malagueira, junto à Avenida da Malagueira.

Desceu-se pelos degraus do viaduto, que passa por cima da linha de água até ao relvado que ladeia o lago da Malagueira. Aí, alguns foram ver os peixes, outros deitaram-se nas esculturas de pedra, uns correram e já estavam a jogar à apanhada. Não se podia ficar muito tempo, seguiu-se prontamente para Sul, entrando nas ruas do bairro, pela Rua do Chiado.

A entrada no Jardim Infantil da Malagueira fez-se pela fenestração no muro Este, pela Rua do Chiado. No grupo da manhã, algumas crianças protestaram dizendo que aquele sítio não tinha nada de interessante para fazer. Há inclusivamente um elemento do grupo que começa a chorar, dizendo: - “andámos tanto e isto é uma porcaria”. O ânimo regressou rapidamente.

Enquanto os professores prepararam os espaços para as atividades que iam ali decorrer, as crianças-jovens aproveitaram para descansar e merendar à sombra, a Norte, no espaço vazio correspondente à área de uma habitação. O grupo da tarde não mostrou qualquer desagrado com o espaço, reunindo-se para descansar debaixo de uma lona, amarrada com corda à estrutura metálica, na zona central do jardim infantil.



De caderno na mão as crianças seguiram o percurso assinalado

Atividades desenvolvidas no dia do passeio

O convite aos estudantes para visitarem o Jardim Infantil da Malagueira surge com o intuito de reativar o espaço no seu potencial lúdico.

As atividades desenvolvidas para serem aplicadas no Jardim Infantil da Malagueira foram elaboradas de forma a incorporar e valorizar os elementos que compõem o espaço.

Despido de equipamentos, configurando-se como um grande chão para brincar ou jogar, o suporte para as atividades teria de ser as estruturas existentes que compõem o espaço.

Escolheram-se três desses elementos para as atividades in situ: pavimento, muros e pilares.

Para cada um dos elementos escolhidos foi elaborada uma atividade.

A partir do número de elementos escolhidos, decidiu-se decompor os alunos em três grupos.

Para cada atividade os grupos teriam de escolher uma das três cores primárias (ou similares) - amarelo, azul e o vermelho.

Cada uma das atividades desenvolveu-se autónomamente com recurso a diferentes materiais, giz, papel de cenário, canetas de feltro e trapilho.

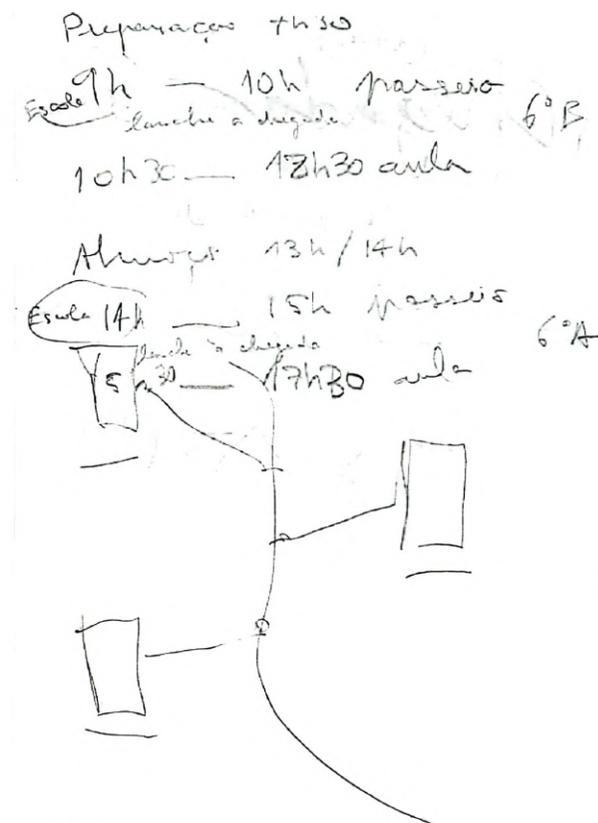
No dia do passeio, antes do início das atividades, foram preenchidas duas colunas em rolo de papel, coladas ao muro, que procuraram responder em grupo a duas perguntas, testando as primeiras impressões das crianças sobre o espaço: Que espaço é este? Que espaço poderá vir a ser?

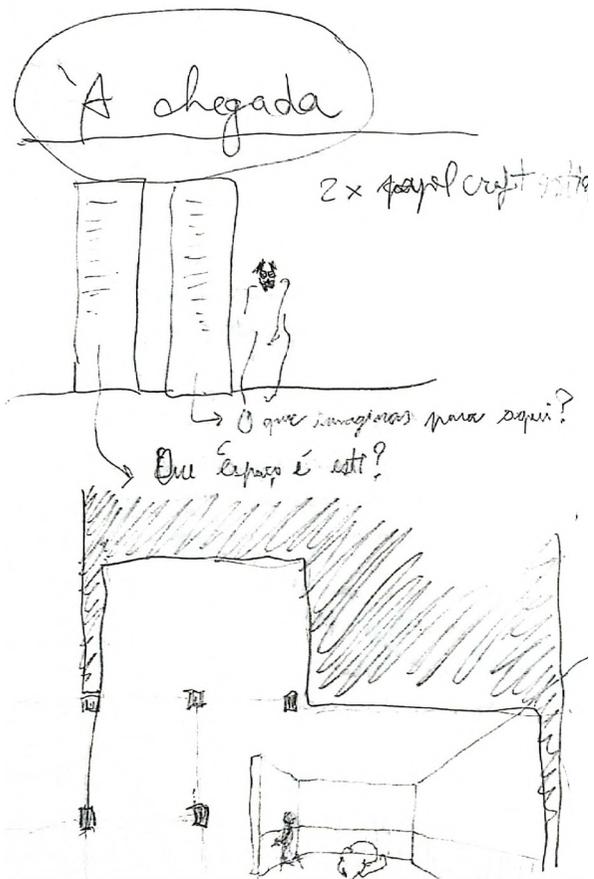
Passagem
Cri(ativo)

Acesso 1

Acesso 2 (compilação)

- Definir onde ficam mobilis
- Na hora do lanche os miúdos que disperssem e definam onde se querem sentar e fotografar





A partir das respostas num papel sobre o que imaginamos para aquele espaço fazer os grupos.

No dia
Divida em 3 grupos

- ① desenha planos verticais do vazio entre 1/1 (Alcova) ^{cota} 1,2m
- ② desenha planos horizontais a giz no chão (escala 1/1) (Planta)
- ③ com esboços / traço das vistas aos grupos

Aproximação de início de 3 pontos

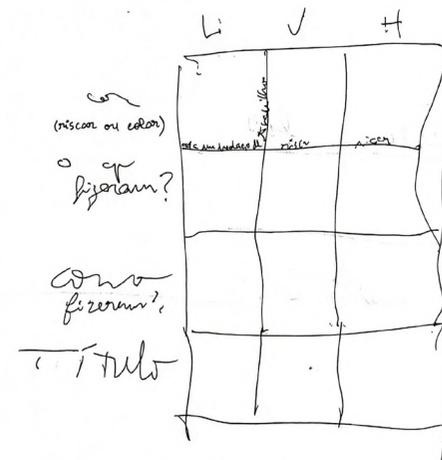
linha espaço planta

Vermelho / verde / azul

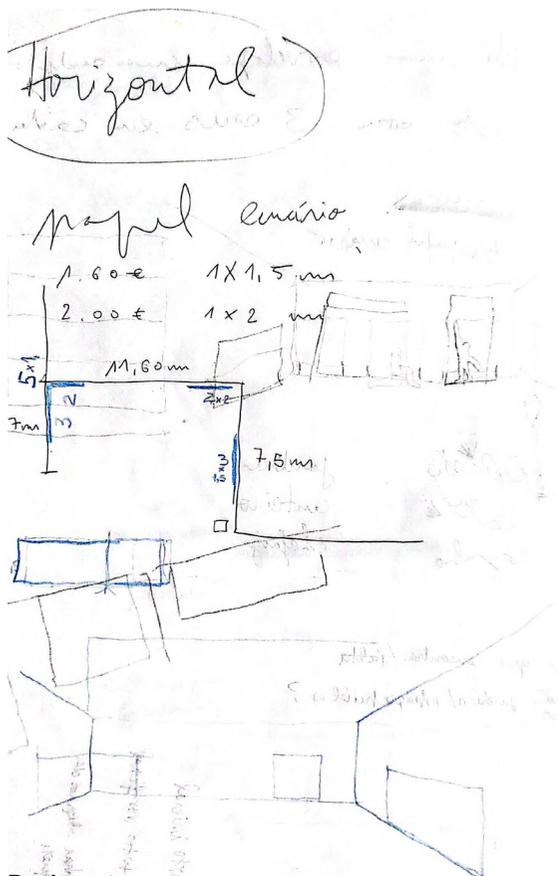
^ ^ ^

↘ ✓ ^

Desenho cores para os grupos

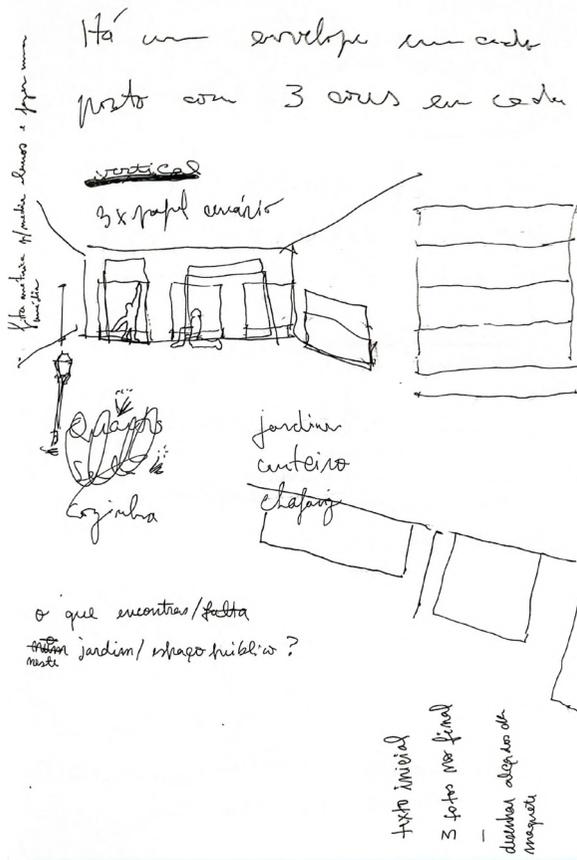


Exploraram-se as propostas através do desenho, amadurecendo e abrindo possibilidades de intervenção. Os pensamentos sobre as atividades para a reativação do espaço lúdico ficaram registadas nas folhas do caderno pessoal. (Abril e Maio, 2024)



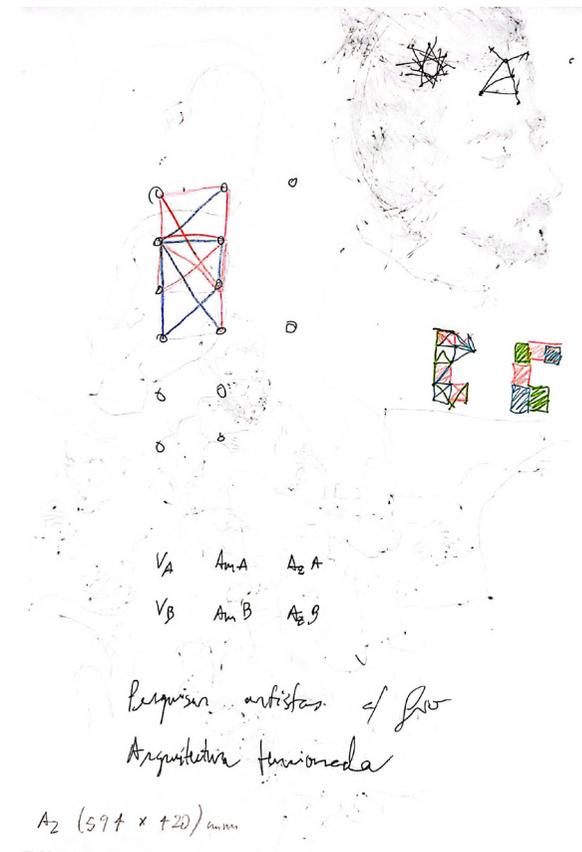
Pavimentos
"Planta"

Desenhar com giz nos pavimentos:
 Desenho de jogos; desenho do contorno dos corpos;
 desenho de uma área, um espaço em planta,
 imaginando um programa.



Muros
"Alçados"

Nos muros do jardim infantil foi afixado papel cenário de diferentes dimensões. Os grupos preencheram os desenhos em conjunto com canetas de feltro:
 1.5 x 1.5 metros - imaginar uma janela que abre para uma paisagem;
 1.5 x 4.5 metros - desenho do contorno dos corpos. De seguida, projetar mobiliário (urbano) adequado para essa escala;
 1.5 x 1 metros - um elemento vertical.



Pilares
"Linha"

Entre conjuntos de quatro pilares, cada grupo teria de desenvolver uma teia de aranha contando com 60 metros de trapilho. Dando voltas aos pilares, com nós, na diagonal, intercetando e cruzando outros pontos da linha, esticando. O espaço vazio transformou-se numa grande teia sobre a qual era possível caminhar com passos "de gigante", ou sob a qual se terá de rastejar.

Fotografias do Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade

Percurso ligou Escola Básica Conde Vilalva ao Jardim Infantil da Malagueira - 9 de Maio de 2024.



Imagem à direita
Turma A parte da escola às 09h da manhã. A inexistência de passeios obriga a passagem do grupo pelas searas junto às estradas que ligam o Bairro das Pites (Bacelo) à cidade. O percurso de 4 quilómetros, foi percorrido numa hora. Os seguiram de forma autónoma o mapa que vinha incluído no caderno do dia de passeio.



Imagem à esquerda

Chegada da turma A ao jardim infantil. Enquanto o grupo repousava do passeio, o dinamizador preparou o espaço com a colaboração da professora Carmo Figueira. Na chegada, as primeiras reações não foram as mais animadoras. O dinamizador foi ao seu automóvel, previamente estacionado nas proximidades do jardim infantil, regressando com rolo de papel 0.30 metros de largura, rolos de papel cenário com 1.50 metros de largura ao ombro, 360 metros de rolo-trapilho, caixas de materiais. Os animos regressaram. (Fotografia da professora Carmo Figueira)

Imagem à direita
Preparação dos trabalhos.





Imagem à esquerda

No início das atividades, para testar as primeiras impressões das crianças sobre aquele espaço, foram preenchidas duas colunas de papel que se fixaram na parede:

Que espaço é este?

Que espaço por vir a ser?

Imagem à direita

Depois de preenchidas as colunas deu-se início à apresentação do espaço.



Imagem à esquerda

Fez-se uma explicação sobre as atividades que iam ali decorrer e os grupos compuseram-se rapidamente.

Imagem à direita

Foi explicado como, individualmente, teriam de preencher o *Quadro de Atividades* e o Inquérito.





Imagem à esquerda

Na primeira ronda explicou-se ao grupo do posto da *Linha*, as regras para a criação da teia de aranha - entre 4 pilares o trapilho poderia correr em qualquer direção, na diagonal interseção e mudar a direção do fio-pano; explorem os nós.



Imagem à direita

Mesmo com dois rolos por grupo, o desejo por mais trapilho era grande.



Imagem à esquerda

Foi explicado aos primeiros grupos dos postos da *Planta* e do *Alçado* como poderiam iniciar as intervenções. A explicação a cada grupo sobre o funcionamento do seu posto, teria de ser explicada pelos próprios ao grupo seguinte quando fosse para trocar de atividade. Sem demoras, os grupos conversaram entre si e partiam para o “trabalho”.



Imagem à direita

Um jogo de rua popular, recriação das “culturas de infância” como propõe o professor Carlos Neto.



Imagem à esquerda
Cada um concentrado no seu trabalho.



Imagem à direita
Abriu-se uma janela.



Imagem à esquerda
Os jogos desenhados no chão não tiveram fim. Depois de explorado um primeiro seguia-se para a criação de um seguinte.

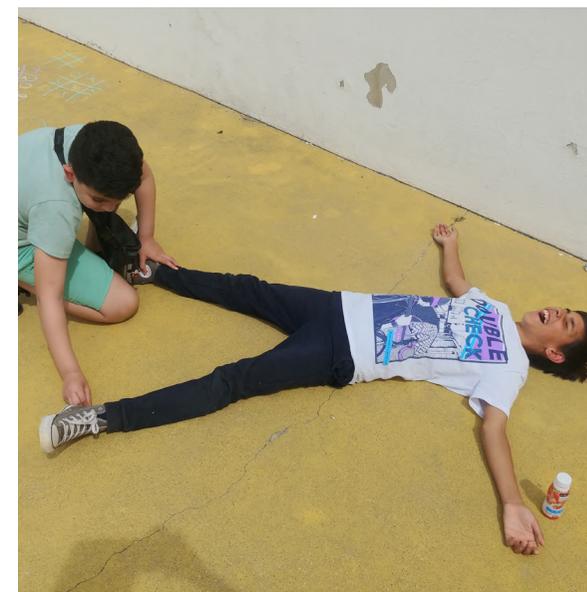


Imagem à direita
A escala com o contorno do corpo humano também foi uma exploração da visão, dos sentidos e do riso.



Imagem à direita

Todos quiseram participar e mesmo os que não eram interessados em sala de aula milagrosamente começaram a desenhar. Terá sido milagre? O livre-arbitrio, as ações voluntárias e involutárias foram analisadas pelos *Peripatéticos* já na Antiguidade Grega.

Imagem à esquerda

Trabalho em equipa para completar o contorno. Em breve teriam de mudar o posto.



Imagem à esquerda e direita

Conforme a dinâmica do grupo e o posto que ocupassem, as intervenções foram mais globais ou mais dispersas.





Imagem à esquerda

Uma tampa de saneamento das águas pluviais (ao longo do antigo ribeiro) foi objeto de interesse por dois alunos que trataram de colorir a mesma.



Imagem à direita

O giz funcionou muito bem na superfície lisa em betão, permitiu esfumar os desenhos com facilidade.



Imagem à esquerda

Ligar o início do fio de um rolo de trapilho ao pilar.



Imagem à direita

Uns trabalhavam de pé e, para chegar mais longe, outros iam passando por baixo das linhas já criadas.



Imagem à esquerda

O desconfigurado jardim infantil foi palco de diversos espaços lúdicos que nasceram graças à participação convicta das crianças. Ao intervirem estavam a brincar, a jogar, a aprender, superando as possibilidades dos temas abordados em sala de aula - fortalecimento dos laços sociais e contacto com a natureza.



Imagem à direita

Os alunos tiveram de superar as barreiras impostas pela vegetação rasteira, indesejada por falta de manutenção.



Imagem à esquerda e direita

À medida que os trabalhos desenrolaram, a teia de aranha foi ganhando expressão.





Imagem à esquerda

As crianças-jovens deambularam conversando, jogaram, correram, saltaram, ativando o corpo para a prática desportiva em forma de jogo.

Imagem à direita

Antes da partida do espaço, enquanto se arrumavam os materiais houve tempo para conviverem de forma espontânea.



Imagem à esquerda

Jogaram, correram, saltaram, ativando o corpo para a prática desportiva em forma de jogo.

Imagem à direita

Na rodoviária de Évora as crianças foram impedidas de usar as instalações sanitárias porque não tinham dinheiro. De regresso à “civilização” alguns alienaram-se em telas digitais. Tinha sido uma manhã de rutura, uma utopia vivida num dia de escola. Havia que retornar à realidade.

O regresso à escola foi de autocarro. Chegámos às 13h10.



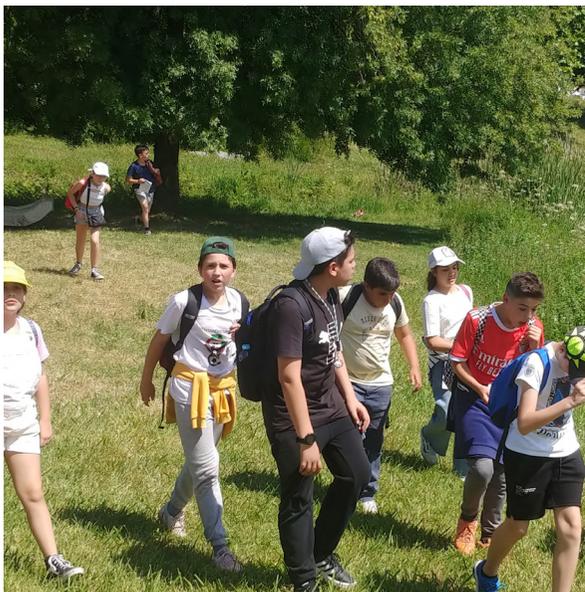


Imagem à esquerda

A turma B partiu da escola às 14h.

No caminho para o jardim infantil ambas as turmas puderam explorar a zona do lado do Bairro da Malagueira.



Imagem à direita

A turma da tarde foi igualmente capaz de completar o percurso assinalado no mapa do caderno de forma autónoma.



Imagem à esquerda

Chegada das turmas aconteceu pela Rua do Chiado, pela fenestração no muro Este do jardim infantil.



Imagem à direita

Da parte da tarde o grupo encontrou abrigo do sol de baixo da lona que, com corda, está fixa na estrutura aérea.

Esteve uma tarde solarenga, num dia em que se registaram temperaturas máximas de 29°C.



Imagem à esquerda

Durante a preparação (de novo) do espaço e das atividades, o grupo reuniu-se em círculo convivendo e organizando um jogo. Esperaram serenamente que o dinamizador regressasse, não houve relatos de queixas.



Imagem à direita

Depois de apresentado o quadro no caderno, como seria preenchido e como decorreriam as atividades em grupo por posto, seguiu-se “a correr” para o vazio da habitação a Norte do jardim infantil onde se fixou o papel cenário na parede e o papel de rolo.

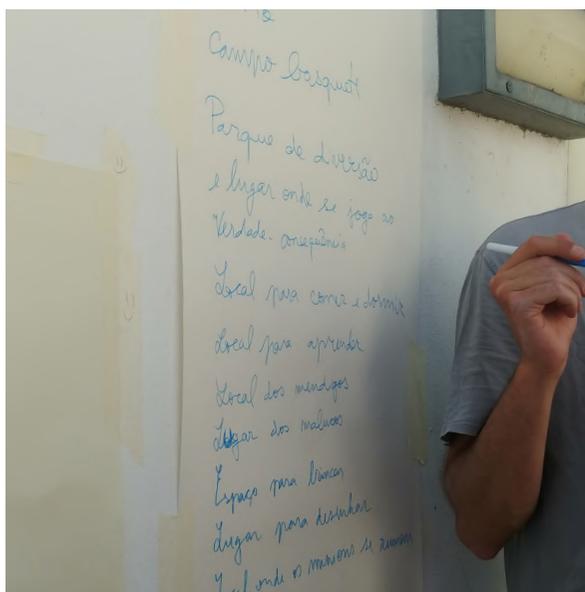


Imagem à esquerda

Com uma disposição nova do papel no espaço, de acordo com a desejada sobre àquela hora, foram preenchidas as duas colunas antes de prosseguirem as atividades seguintes.



Imagem à direita

Colegas desenharam o contorno dos corpos à vez.



Imagem à esquerda e direita

As atividades nos postos decorreram com entusiasmo que se verificara de manhã, todos quiseram participar e (talvez de forma inconsciente) intervir no espaço.



Imagem à direita

A teia de aranha formada pelos grupos da tarde, em novos quadrados de 4 pilares, deu continuidade ao entrelaçado criado pelo grupo da parte da manhã.



Imagem à esquerda

Uma janela que se abriu no muro.



Imagem à direita

No centro, o professor João Romão que colaborou na concretização do passeio e atividades da parte da tarde.



Imagem à esquerda

Um dos grupos desenhou um área representando um “quarto para estudar e dormir”.

Imagem à direita

A teia enreda-se por cima de um pavimento plano e outro inclinado. Em certos pontos os passos teriam de ser demasiado altos para a escala de algumas pernas. Soluções para novos desafios são imaginadas. A Teia transforma-se numa Tenda.



Imagem à esquerda

Atividade *Alçado*.

Imagem à direita

Um aluno desenhou um chafariz como mobiliário urbano. De seguida, imagina que pressiona a torneira e bebe água.



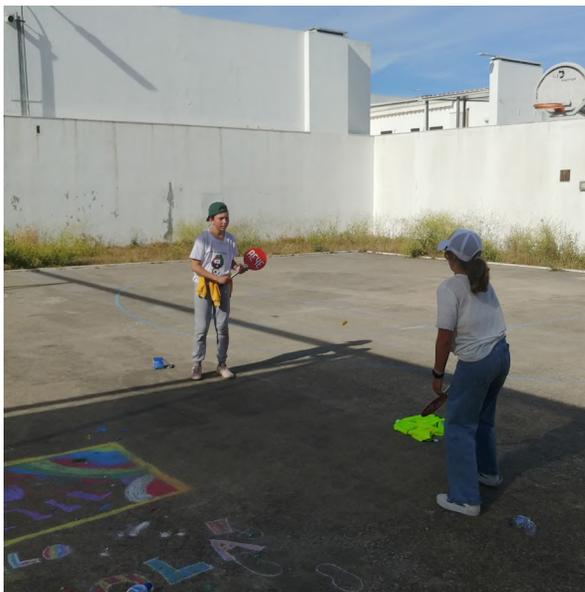


Imagem à esquerda

No final do dia os pais e educadores organizaram-se para ir buscar as crianças e alguns elementos saíram juntos.

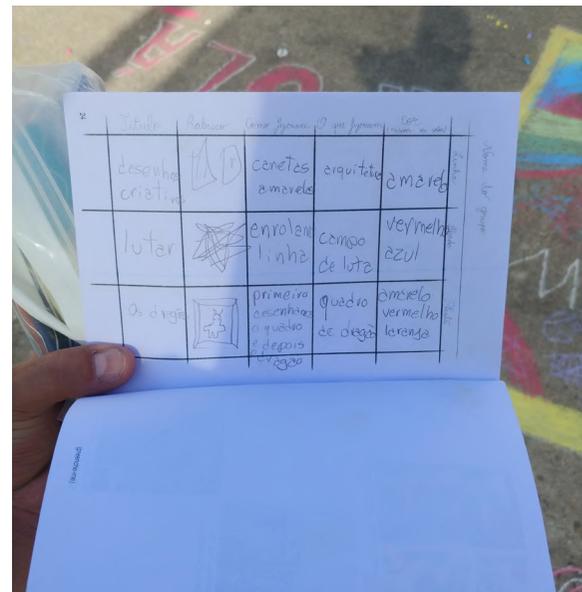


Imagem à direita

Um exemplar preenchido do *Quadro de Atividades*

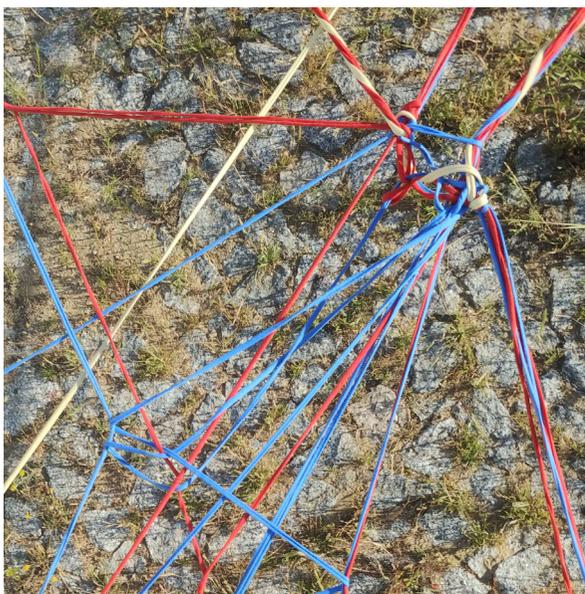


Imagem à esquerda

Pormenor dos diversos entrelaçado de linhas do tapilho.



Imagem à direita

Já depois de todos os alunos terem partido do espaço, duas crianças apareceram para jogar com uma bola, perguntaram logo: - “ O que é isto?” A população que passou durante o dia mostrou-se interessada e curiosa com a Teia e as intervenções.



Imagem à esquerda e direita

Retrato dos pilares onde se enrolou e atou o trapilho, garantindo ancoragem à teia.

A estrutura criada ficou por cima do eixo Norte - Sul, adjacente ao jardim infantil. Deixou-se ficar a instalação para usufruto das crianças do bairro que para ali fossem brincar, uma vez que, contornando a instalação, todos os percursos dos pedestres seriam garantidos.



Imagem à esquerda

No final do dia a Marta Oliveira veio conhecer a intervenção das crianças para o jardim infantil e não resistiu a treinar os seus Passos de Gigante.

Imagem à direita

Para a identificação do autor da instalação, afixaram-se 3 folhas em 3 pilares consecutivos, paralelos à Rua António Aleixo.

No primeiro pilar, a capa do caderno assinado pelo dinamizador; no segundo, o excerto da canção *Grândola Vila Morena* incluído no caderno (poucos dias depois foi o único arrancado); no terceiro, por cima dos trapilhos amarrados, a mensagem que a imagem retrata, desafiando a população a continuar a intervenção..



Passeio (Cri)Ativo pela Cidade

Escola Básica Conde Vilalva

até

Bairro da Malagueira



Nome _____

José Albuquerque, prof. E.V. e E.T.
Maio de 2024

Capa e Mapa incluídos no caderno

O Caderno serviu como um companheiro de viagem que assistiu cada estudante. Um *Diário de "bordo"* como intitulou o arquiteto Fernando Távora numa obra compósita pela Associação Casa da Arquitetura (2012). A obra contém os desenhos à mão das viagens, com registos detalhados do arquiteto, entre Fevereiro e Junho de 1960.

O *Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade* foi percorrido a pé.



500 m 200 m 100 m 0 m

Os estudantes seguiram de forma autónoma o percurso assinalado no mapa entre a Escola Conde Vilalva, a Norte, e o Jardim Infantil da Malagueira, a Sul.

No mapa, assinala-se o percurso executado com a cor laranja, pontuado pelo Forte de Santo António da Piedade, as Muralhas de Évora e o Aqueduto das Águas de Prata.

Nome do grupo			
	Linha	Alçado	Planta
COR (marcar, ou colorir)			
O que fizeram			
Como fizeram			
Rabisco			
Título			

Quadro de Atividades

No caderno incluiu-se: uma *capa* com desenho; um texto de abertura; imagens de referência devidamente legendadas (selecionadas segundo os temas: jardim infantil urbano; participação; sala de aula); um mapa; conjunto de exercícios a serem executados pelos estudantes durante o passeio; um *inquérito*.

Para o Quadro de Atividades os grupos teriam de definir um nome para o coletivo. Antes de intervir num

posto (*Linha, Alçado, Planta*) os grupos escolheriam uma das três cores.

Antes de seguirem para o posto seguinte, preencheriam a coluna correspondente à atividade de forma a registar: a COR escolhida para o posto - colar um excerto de trapilho (linha), marcar com caneta de feltro (alçado) e com giz (planta); O QUE FIZERAM na atividade e COMO; um RABISCO; TÍTULO da intervenção do grupo.

INQUÉRITO

1. Já tinhas vindo brincar para o Parque Infantil da Malagueira?
2. Consideras que este Parque Infantil tem condições para vires com os teus amigos? Porquê?
3. O que está em falta neste espaço para ser considerado um Parque Infantil?
4. Se fosses tu quem mandasse, o que proponhas para este espaço?
5. Costumas passear sozinho ou com amigos pela cidade? Onde vão?

Inquérito

O caderno acompanhou o dia do passeio mas também serviu de inspiração para o arranque dos trabalhos manuais e criativos em sala de aula.

Resultado global das atividades propostas e dos exercícios e *Inquérito* incluídos no caderno

A exploração autónoma da cidade, seguindo uma linha no mapa, debatendo com os colegas permitiu que novos esquemas de intercomunicação fossem criados ao longo do passeio, fomentando o espírito dos grupos. No grupo de manhã alguns elementos estranharam o espaço e demonstraram insatisfação. O espírito de entrega de todas as crianças foi total durante todo o desenrolar do dia.

As atividades elaboradas desenvolveram-se como previsto tendo sido revitalizado o espaço do Jardim Infantil da Malagueira no seu potencial lúdico. Os resultados alcançados superaram o que se pudera ter imaginado: a configuração e obstrução urbana do exercício da *Linha* (teia de aranha tricolor), pelas novas possibilidades de brincar que abriu, a altura do passo, o “passar por baixo”, pegar no meio da rede e formar uma tenda.

Por estas razões foi decidida a não remoção da intervenção criada pelas crianças. Foi deixado o desafio à população para que continuassem a instalação e a identificação do autor.

Esta instalação urbana configura-se como uma estrutura efémera, criada e participada pelas crianças, em contexto de formação escolar. Com o Representou igualmente uma chamada de atenção para a utilização e manutenção cuidada deste espaço

Na aula seguinte ao dia de passeio, em sala de aula, foram preenchidos os exercícios e *Inquérito* incluídos nos cadernos. Foram digitalizados um total de 24 cadernos. Os exercícios incluídos no caderno requereram a exploração dos sentidos através do registo escrito ou gráfico, esforçando a criatividade e da imaginação e encontrando novas linguagens.

As tantas respostas dos Registos e dos Inquéritos acabaram por se repetir e algumas foram claramente fantasiadas. Registam-se aqui a generalidade das representações que foram concretizadas:

PATRIMÓNIO

O primeiro exercício, sobre o conjunto de construções classificadas como Património material e outras como não tombadas, correspondeu a uma necessidade curricular nas metas curriculares de grande pertinência para o 6º ano de escolaridade. O grupo da tarde experienciou um passeio Peripatético que contou com a participação do professor João Rolão de História e Geografia de Portugal

REGISTA UM SOM

Som da natureza; pedra a bater no chão; barulho do carro e motas; som de pássaros; vento; passarinhos; grilos.

REGISTA UM CHEIRO

Cheiro a gasolina queimada; esgotos; flores; pólen; cheiro da natureza.

Passeio (Cri)Ativo pela Cidade

Escola Básica Conde Vialva
até
Bairro da Malagueira



1. Quantos metros, aproximadamente, percorremos no nosso passeio entre a escola e o último ponto assinalado no mapa? **16 km**

2. No sentido do nosso passeio, dirigimo-nos para que ponto cardinal? **Sul**

Qual o nome e a função desta Estrutura? **Escola / estudar aprender**

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade? **1993 / tijolo**

Esta construção está classificada como Património? **Não**

Qual o nome e a função desta Estrutura? **vento de Santo António do sul**

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade? **1576 / tijolo**

Esta construção está classificada como Património? **Sim**

Qual o nome e a função desta Estrutura? **manilhas para lavar a acidez**

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade? **III, VII, VIII / pedras**

Esta construção está classificada como Património? **Sim**

Qual o nome e a função desta Estrutura? **aquecimento / lavar roupa**

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade? **1837**

Esta construção está classificada como Património? **Sim**

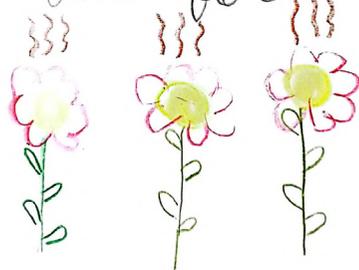
Qual o nome e a função desta Estrutura? **parque infantil / recreação**

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade? **1970**

Esta construção está classificada como Património? **Não**

Regista um
Cheiro

Em Cheiro uma bixa agria
dançal a flor



REGISTA UM ELEMNTO NATURAL

Água; flores; vento; árvores

REGISTA UM ELEMENTO ARTIFICIAL

Escola; cesto de basquete; casas; carro; casa abandonada; sinal de trânsito.

ENCONTRASTE ALGO COMESTÍVEL NO PASSEIO

Produtos hortícolas das hortas existentes no caminho; limão; maçã; umas flores roxas; funcho; cerejas.

QUE IMAGEM REGISTRAS DO NOSSO PASSEIO

Uma rua da cidade; caminhada; lago; o parque da malagueira; desenhar; andar; brincar; jogar; falar; cantar; o chão do paque desenhado; muralhas; aqueduto; teia de aranha com trapilho; um dinossauro.

QUADRO DE ATIVIDADES

Página dedicada ao registo das atividades executadas no Jardim Infantil da Malagueira.

(De seguida página em branco para resgistos ou ideias durante o percurso. Na página seguinte apresentam-se três imagens elucidativas das atividades exploradas no espaço).

INQUÉRITO

Elaborado de forma a concluir se as crianças que participaram no dia do passeio usavam este espaço público. Procurou-se apurar igualmente qual o grau de autonomia e mobilidade urbana nesta pequena

1. Quantos metros, aproximadamente, percorremos no nosso passeio entre a escola e o último ponto assinalado no mapa?

2. No sentido do nosso passeio, dirigimo-nos para que ponto cardinal?

R: Norte

Qual o nome e a função desta Estrutura?

R: Escola Cond. Nivalva

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade?

R: Data 1993. Escola T30 abandonada para o ensino geral.

Esta construção está classificada como Património?

R: Não

Qual o nome e a função desta Estrutura?

R: Convento e Forte de Santo António

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade?

R: Foi fundada em 1576, foi mais tarde destruída e reconstruída em 1876.

Esta construção está classificada como Património?

R: Sim

Qual o nome e a função desta Estrutura?

R: Malagueira

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade?

R: 1576 e a sua materialidade é pedras.

Esta construção está classificada como Património?

R: Sim

Qual o nome e a função desta Estrutura?

R: Aqueduto para abastecer a cidade.

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade?

R: 1537 e a sua materialidade é pedras.

Esta construção está classificada como Património?

R: Sim

Qual o nome e a função desta Estrutura?

R: Parque infantil da malagueira

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade?

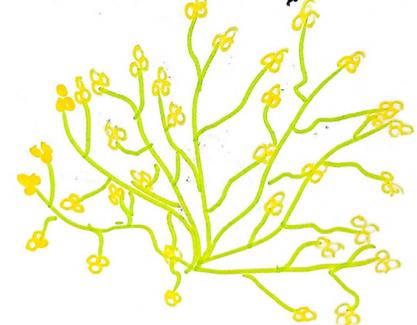
R: 1970 e a sua materialidade é para crianças.

Esta construção está classificada como Património?

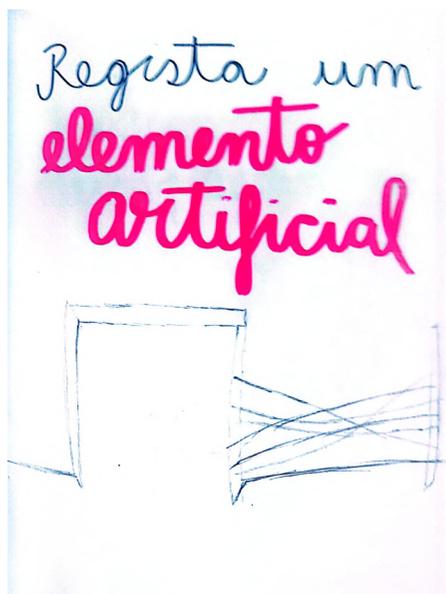
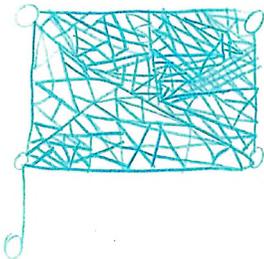
R: Sim

Regista um
elemento natural

FLOR!!! ♥



Que imagem re-
gistas do nosso
parque



amostra de população infantil eborense. Neste inquérito é perceptível que as crianças são capazes de expor as suas ambições, os equipamentos em falta e quais as infraestruturas que pretendem para aquele espaço público. Este testemunho reforça a necessidade básica de acesso um ponto de água no espaço.

Pela repetição do conteúdo de algumas respostas, como as referências a campos de futebol, baloiços e escorregas. Foram contabilizados um total de 22 inquéritos completos, aos quais foram selecionadas as seguintes respostas às perguntas:

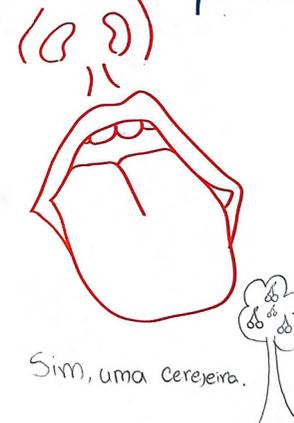
JÁ TINHAS VINDO BRINCAR PARA O PARQUE INFANTIL DA MALAGUEIRA?

Houve unicamente duas respostas positivas que referem: «sim com a minha família» e «sim, muitas vezes».

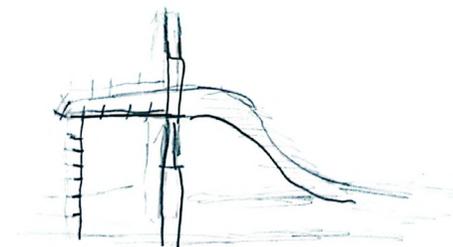
CONSIDERAS QUE ESTE PARQUE INFANTIL TEM CONDIÇÕES PARA VIRES COM OS TEUS AMIGOS? PORQUÊ?

De forma quase global os estudantes responderam que consideravam que o espaço não garantia as condições necessárias, registando-se: «não tem nada»; «é pequeno demais e não tem quase nada»; «não porque está abandonado»; «não parece um parque infantil»; «não tem divertimentos lúdicos»; «não tem casa de banho, água para beber, o cheiro é péssimo e não tem quase nada para brincar»; «não, precisa de melhores construções e uns baloiços»; «devia ter mais brinquedos»; «não porque ninguém ninguém quer ir lá

Encontraste
algo interessante
no nosso passeio



Sim, uma cerejeira.



(preche-me)

	Linhas	Alcova	Planta
Como ficariam os espaços?			
Qual a ideia?	Teia	Casa e mobília	Serviço
Como ficariam os espaços?	• atividades simultâneas	objetivo do espaço uma coisa	com jogos
Como ficariam os espaços?			
Qual a ideia?	Teia	mobiliário	grafite

não sei porquê».

De forma contrária houve quem tivesse ficado agradado com o espaço apresentado: «sim porque é muito divertido e voltarei ao espaço»; «sim porque está abandonado e podemos decorá-lo»; «sim porque se levarmos bola de futebol ou de basquete dá para brincar»; «sim porque é uma área muito grande»; «sim porque tem um cesto de basquete»; «sim porque podemos fazer várias atividades e piqueniques ou outras coisas».

O QUE ESTÁ EM FALTA NESTE ESPAÇO PARA SER CONSIDERADO UM PARQUE INFANTIL?

Muitas respostas incluíram referência a brinquedos (referindo-se aos equipamentos dos jardins que conhecem), escorregas e baloiços: «campo futsal e baloiços»; «Brinquedos, escorrega e baloiço»; «boas condições»; «diversões lúdicas e espaços verdes»; «diversões para crianças»; «máquinas para brincar, trampolins»; uma resposta perentória, «falta tudo».

SE FOSSES TU QUEM MANDASSE, O QUE PROPONHAS PARA ESTE ESPAÇO?

De novo revelou-se um grande apreço com escorregas e baloiços. «Campo futsal e teia de aranha»; «espaços verdes trampolins e baloiços»; «pintar as paredes do parque, cortar as ervas e ter mais brinquedos para as crianças»; «boas condições e mais desenhos»; «mais brinquedos, água para beber e casas de banho»; «punha um bar para haver bebidas»; «quiosque e brinquedos»; «um café e mais coisas para as

	Linhas	Alcova	Como ficariam os espaços?	Qual a ideia?
Como ficariam os espaços?			desenho	armário
Qual a ideia?	de uma casa	de uma casa	armário	armário
Como ficariam os espaços?		matamos linhas e o resto do conteúdo	campo de futebol	serviço e papel
Qual a ideia?	de um espaço	brinquedo desenhado e quadros de cores	quiosque de uma máquina	armário, serviço e laranjas

	Linhas	Alcova	Planta
Como ficariam os espaços?		azul	amarelo
Qual a ideia?	desenho	jogo da macaca	teia
Como ficariam os espaços?	comet	oiz	lã
Como ficariam os espaços?			
Qual a ideia?	desenho	jogo da macaca	teia

	Linhas	Alcova	Planta
Como ficariam os espaços?	azul	azul	cinza, azul e verde
Qual a ideia?	uma teia de aranha	fizemos o conteúdo do mural e de papel	jogo de gelo
Como ficariam os espaços?	com linha	com linhas	com giz
Como ficariam os espaços?			
Qual a ideia?			

1. Já tinhas vindo brincar para o Parque Infantil da Malagueira?

Não.

2. Consideras que este Parque Infantil tem condições para vires com os teus amigos? Porquê?

Não, porque está abandonado e não tem quase nada para brincar.

3. O que está em falta neste espaço para ser considerado um Parque Infantil?

Escorrega, baloiço, escalada e outros diversões e um parque tem de ter mais cor.

4. Se fosses tu quem mandasse, o que proponhas para este espaço?

Proporha fazer mais diversões e pintar para ser mais colorido.

5. Costumas passear sozinho ou com amigos pela cidade? Onde mais gostas de ir na cidade?

Com amigos, e gosto de ir a lojas, gosto de ir a parques infantis e a outros desportivos.

1. Já tinhas vindo brincar para o Parque Infantil da Malagueira? Não

2. Consideras que este Parque Infantil tem condições para vires com os teus amigos? Porquê?

Não porque não tem divertimentos ludicos

3. O que está em falta neste espaço para ser considerado um Parque Infantil?

Diversões ludicas e espaços verdes

4. Se fosses tu quem mandasse, o que proponhas para este espaço?

Espaços verdes, trampolins e baloiços.

5. Costumas passear sozinho ou com amigos pela cidade? Onde vão?

Não.

1. Já tinhas vindo brincar para o Parque Infantil da Malagueira?

Não

2. Consideras que este Parque Infantil tem condições para vires com os teus amigos? Porquê?

Não porque não tem casa de banho, água para beber e choro e poeiras e não tem quase nada para brincar.

3. O que está em falta neste espaço para ser considerado um Parque Infantil?

Brinquedos

4. Se fosses tu quem mandasse, o que proponhas para este espaço?

Mais brinquedos, água para beber e casa de banho.

5. Costumas passear sozinho ou com amigos pela cidade? Onde vão?

Não

crianças brincarem»; «coisas que há nos parques em condições»; «aumentar o espaço e punha máquinas para brincar»; «uma discoteca»; «ser limpo, tirar as ervas, por brinquedos».

COSTUMAS PASSEAR SOZINHO OU COM AMIGOS PELA CIDADE?

A esta pergunta registou-se um conjunto gigante de respostas a indicar que não são capazes de ser autónomas no espaço urbano.

Quase todas as crianças revelam que não saem de casa nos seus tempos livres, confirmando os argumentos apresentados pelo pedopsiquiatra Pedro Strecht e pelo o professor de Motricidade Humana Carlos Neto:

1. Já tinhas vindo brincar para o Parque Infantil da Malagueira?

Sim muitas vezes.

2. Consideras que este Parque Infantil tem condições para vires com os teus amigos? Porquê?

Mais ou menos porque devia ter mais brinquedos.

3. O que está em falta neste espaço para ser considerado um Parque Infantil?

Brinquedos, baloiços, bancos, ~~baloiços~~ baloiços e tirar a erva alta e por bem abastada.

4. Se fosses tu quem mandasse, o que proponhas para este espaço?

Fazer campo de futebol, fazer uma parede de escalada, baloiços e escorregas.

5. Costumas passear sozinho ou com amigos pela cidade? Onde vão?

Eu sozinho para o café ao pé da escola.

«Não, casa»; «eu não vou passear»; «não, nunca ando sozinho»; «vou ao centro comercial»; «não. Gosto de ir às compras».

Algumas respostas mais esperançosas no que se refer ao correto desenvolvimento físico e psicológico:

«Não, só com um adulto e com os meus amigos»; «sozinho e gosto de ir ao ring»; «passeio com o meu pai»; «passear pelo centro histórico da cidade»; «vou ao parque infantil ao lado da Gruta (restaurante)»; «uma volta no bairro da malagueira»; «amigos, praça do giraldo».

Trabalho em sala de aula e o Plano de intervenção para as maquetes formado por grupos de trabalho

As aulas decorreram de forma «ativa» num processo de «aprender agindo». O espaço da sala de aula foi modelado e os estudantes puderam circular e comunicar conforme as necessidades, quer para chamar o dinamizador ou para resolverem as conflituidades num projeto participado por todos. A sala de aula, em vez de se «reduzir» a um percurso «à carteira e à fila que lhe dá acesso», permitiu-se que o espaço fosse mutável, variando conforme as situações de aprendizagem. (Alberto Carneiro, Elvira Leite, Manuela Malpique (1983) pág. 106 à 108) «A comunicação faz-se em dois sentidos. O saber é uma troca: o saber do professor entra como uma parte, entre as outras, adquiridas pelos alunos nas suas pesquisas (...) o professor conduz, anima a procura do saber». Desta forma, pretendeu-se reforçar o interesse pela matéria em causa, entregando aos alunos as ferramentas e competências para que eles fossem autónomos (no passeio e) em sala de aula. Isto porque, «as interações são livres. A comunicação faz-se em todos os sentidos. O saber pertence ao grupo». (Alberto Carneiro, Elvira Leite, Manuela Malpique (1983) pág. 106 à 108)

Na semana anterior ao passeio, em sala de aula, ambas as turmas cortaram pequenos blocos de esferovite e foi-lhes entregue massa esparquete. O exercício passou pela formação de grupos de trabalho que teriam de exercitar diversas formas de construir: uma ponte, uma torre, o que lhes apossasse. O exercício

promoveu a exploração das formas, das estruturas e infraestruturas. No final da aula, a estabilidade das estruturas foi testada simulando um terramoto na mesa.

Nas semanas seguintes ao dia do passeio, em sala de aula, foram produzidos desenhos em folha esquisso - planta do Jardim Infantil da Malagueira, escala 1/150. De seguida, cada turma participou no pensamento e construção da maquete do espaço, escala 1/50.

Para este trabalho, foram selecionados cinco temas que procuraram responder às necessidades que foram apontadas ao longo desta investigação. Seria o objetivo a conclusão de duas maquetes, confrontando intervenções diferentes sobre o jardim infantil. Os temas deram origem aos Grupos de Trabalho: Água; Desporto; Vegetação (Luz/sombra); Topografia; Equipamentos de brincadeira (jogo-aventura).

Foram os temas que se escolheram de forma a tornar o espaço um verdadeiro jardim lúdico, de convívio e permanência.

Nem sempre houve concordância sobre as propostas e intervenções, dentro dos grupos e entre os grupos. A forma, a materialidade, a cor, a implantação e conjugação no espaço de campos de futebol com pistas de skate, árvores e tanques de água, a distribuição do trabalho pelos vários elementos de cada grupo, entre outros temas, trouxeram conflitos e requereram o diálogo. Houve trabalho para todos os alunos e todos quiseram participar.

O projeto desenvolveu-se ao longo de cinco semanas, com um total de horas diferentes entre a turma A e a turma B. Cada aula preencheu dois blocos consecutivos

de 50 minutos, com intervalo de 10 minutos. Muitos estudantes recusavam “aproveitar” esse tempo fora da sala de aula, continuando os seus trabalhos para a maquete.

As aulas da turma A, a E.V. e E.T. decorreram às segundas e quinta-feiras, as da turma B foram às terças e quinta-feiras. A turma A teve aulas suprimidas no dia 6 de Junho (prova de aferição) e 10 de Junho (feriado nacional); a turma B teve aulas suprimidas a 30 de Maio (feriado), 4 e 11 de Junho (prova de aferição). Contabilizando as horas que foram usadas para cada turma, sem contar com o exercício das estruturas (esferovite e esparquete) e o dia do passeio:

A turma A teve um total de nove aulas, 900 minutos (15 horas); a turma B teve um total de oito aulas, 800 minutos (aproximadamente 13,30 horas).

Com aulas semanais foi possível «concretizar o projeto de forma espaçada no tempo» e «de modo regular» com sessões semanais, o que permitiu «coesão dos grupos de trabalho», «adesão à tarefa proposta», «visão global da problemática abordada» e «interiorização das aprendizagens». (Alberto Carneiro, Elvira Leite, Manuela Malpique (1983) pág. 20)

Os dois espaços dedicadas ao projeto, em seguida representados como “Esquemas de Sala de Aula”, configuraram-se como salas de planta quadrada e área de 72 m² (6x12 metros, incluindo arrecadações).

A sala da turma A abre os seus vãos para Sudeste. A sala da turma B para Nordeste.

Na preparação da atividade da maquete aproveitou-se

para definir cinco pontos relativos ao plano urbano:

- 1) Criar um espaço lúdico, que permita o contacto com a natureza, com instalação de equipamentos de brincadeira, confortável e seguro, capaz de garantir a inclusão e a permanência dos visitantes;
- 2) Manter todas as estruturas existentes, pilares, muros, bancos corridos, podendo-se incorporar estas estruturas na intervenção - como aconteceu com o grupo da água que aproveitou as vigas metálicas para incorporar os borrifadores.
- 3) Fechar a Rua António Aleixo, no trecho Oeste do jardim infantil, à circulação automóvel, prefazendo uma área total de jardim correspondente a 1880 m²;
- 4) Propor pavimento prevendo diferentes usos, incluindo os caminhos para os pedestres e ciclovias. Permitiu-se a modificação da topografia em todo o jardim infantil;
- 5) A Norte, no vazio correspondente à área de uma habitação, espaço destinado às instalações sanitárias.

Na semana seguinte ao dia de passeio, as maquetes foram levadas para a escola Conde Vilalva e entregues aos alunos.

Na primeira aula de ambas as turmas, os grupos reuniram em volta da maquete e conversou-se sobre elas. O interesse da maioria dos alunos pelos assuntos tratados era visível. Se ao início ainda existiu algum preconceito sobre o tema da maquete, um Jardim Infantil, julgando-se já “crescidinhos”, tudo isso foi esquecido quando se percebeu a magnitude dos temas a abordar. Ninguém sabia o que era um alçado, qual o movimento do sol segundo os pontos cardeais e as estações, fazer conversões de escalas ou o significado

da palavra “Topografia”. Ninguém. Falou-se em skate, futebol, esplanadas, árvores, água. A escala da intervenção que lhes seria pedida não era coisa pouca e muito menos infantil. Foi-lhes explicado o exercício e a necessidade de formação de cinco Grupos de Trabalho. Falou-se sobre os temas que cada grupo abordaria e formaram-se os mesmos.

Nas duas aulas seguintes à entrega da maquete, preencheram-se os cadernos e produziram-se os desenhos em Planta, escala 1/150. O dinamizador foi conversar com cada um dos grupos para ouvir e conduzir as suas ideias. A todos os grupos foi perguntado, como ponto de partida, como gostariam de ver o seu tema para transformar aquele lugar. Foi pedido que fossem livres, sem condicionalismos exteriores; que fizessem uma lista com todos os materiais que viessem a necessitar; que planeassem e projetassem, através do desenho e com maior detalhe possível, as intervenções que fossem propor. Até ao final do ano letivo, nas últimas quatro semanas de aulas, produziram-se as maquetes .

Para o dinamizador a entrega foi total, seria do seu interesse ter a maquete concluída. Tanto pelo compromisso com as crianças, como pelas razões académicas que aqui se apresentam. O trabalho do dinamizador passou por garantir que as crianças tinham as ferramentas e os materiais necessários para produzirem o trabalho de forma autónoma. O resultado final seria delas, teria de ser o dinamizador pelo compromisso com as crianças a impor o ritmo para que a maquete resultasse. Foi imperiosa a vontade de ter as maquetes concluídas pelas crianças. Assim

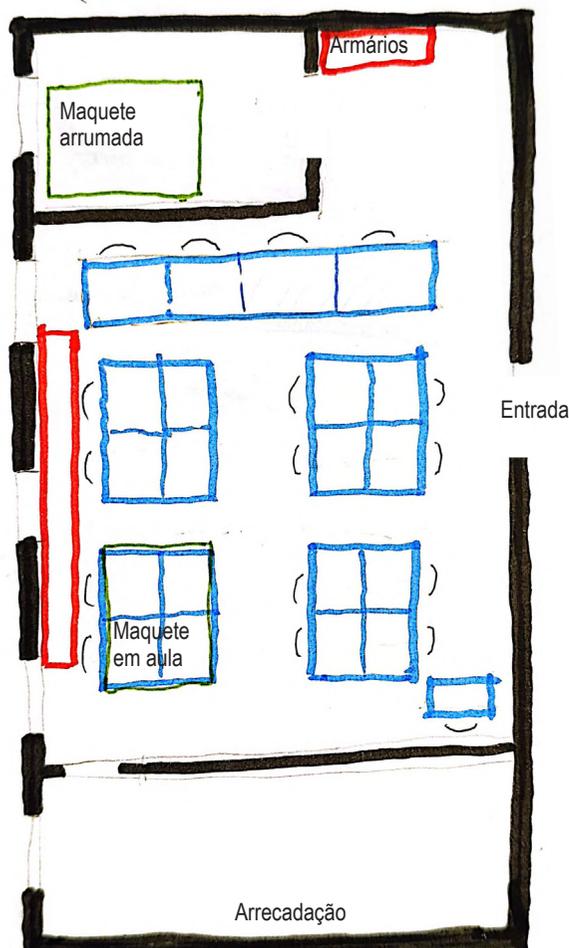
aconteceu. Embora tenha havido contratemplos, como a marcação de vigilâncias em provas de aferição, e torneios de desporto para alguns na última semana, as maquetes foram terminadas pelas crianças.

O resultado final está estilizado. Contando algumas exceções, a representação final deste jardim infantil, idealizado pelas crianças, está condicionado pelas tipologias de fontes urbanas e espaços lúdicos a que têm acesso, pelos desenhos animados e livros infantis. Quando pediram ajuda ao dinamizador para a casa de banho foi-lhes respondido: - “façam qualquer coisa sem teto, só uma parede no meio e pintamos”. A ideia não foi aceite e não houve possibilidade de insistir e acompanhar o grupo nesse sentido.

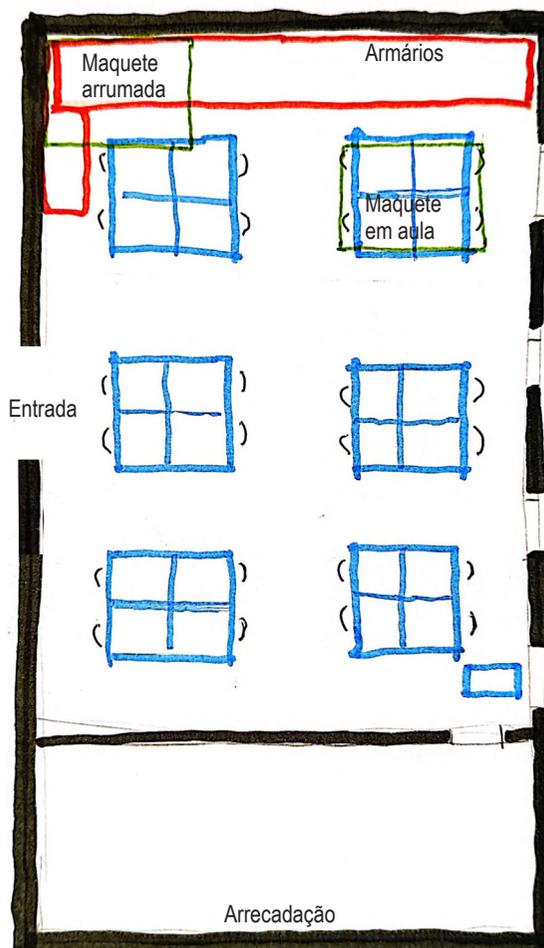
Esquema das salas de aula Escola Conde Vilalva em Évora

Foi num esquema semelhante de salas de aula, que o projeto decorreu. Conjuntos de 4 mesas configurando um esquema policentrico em sala de aula. Cada conjunto de mesas destinava-se a um Grupo de Trabalho. Num dos conjuntos pousava a maquete que esteve presente em todas as aulas.

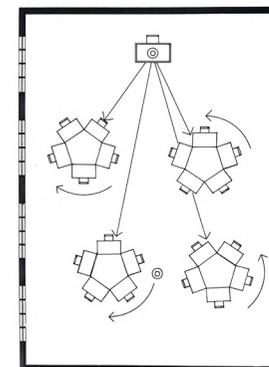
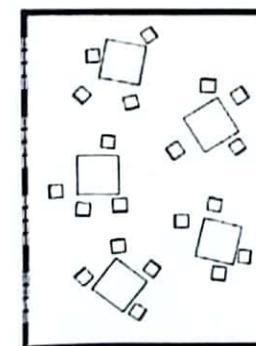
«Aula com equipamento móvel: 4-5 mesas, 16-20 cadeiras. Espaço não organizado previamente: varia conforme as situações que se forem criando. Espaço criativo, a organizar por quem o utilize.» (Alberto Carneiro, Elvira Leite, Manuela Malpique; 1983; pág. 18)



Planta sala de aula da turma B

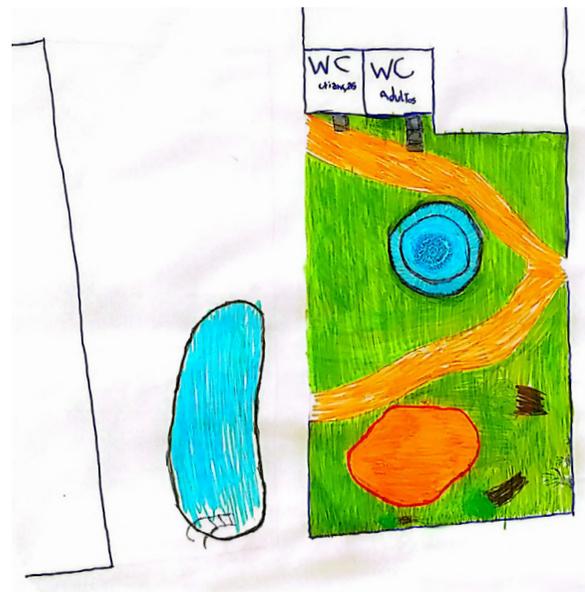
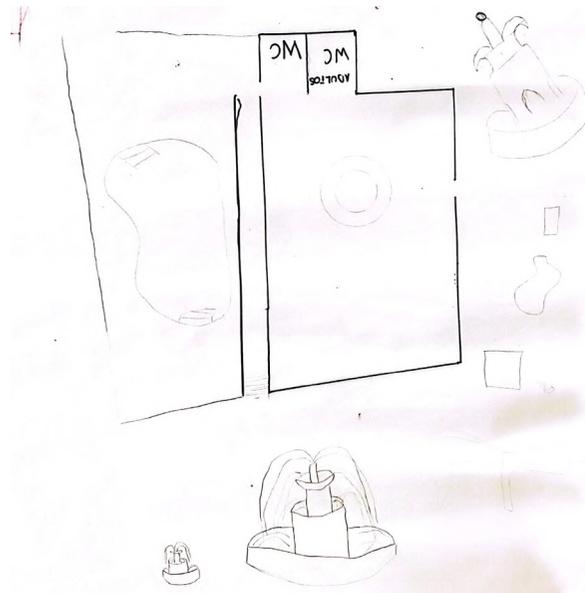


Planta sala de aula da turma A



«Grupos de cinco alunos - Os alunos agrupam-se em conjuntos de cinco e discutem entre si. Cada grupo poderá escolher um líder que coordenará os trabalhos. O professor movimenta-se pela sala e actua quando solicitado, respondendo apenas às questões postas, evitando introduzir dados que possam afectar a dinâmica do grupo.» (Alberto Carneiro, Elvira Leite, Manuela Malpique; 1983; pág. 117)

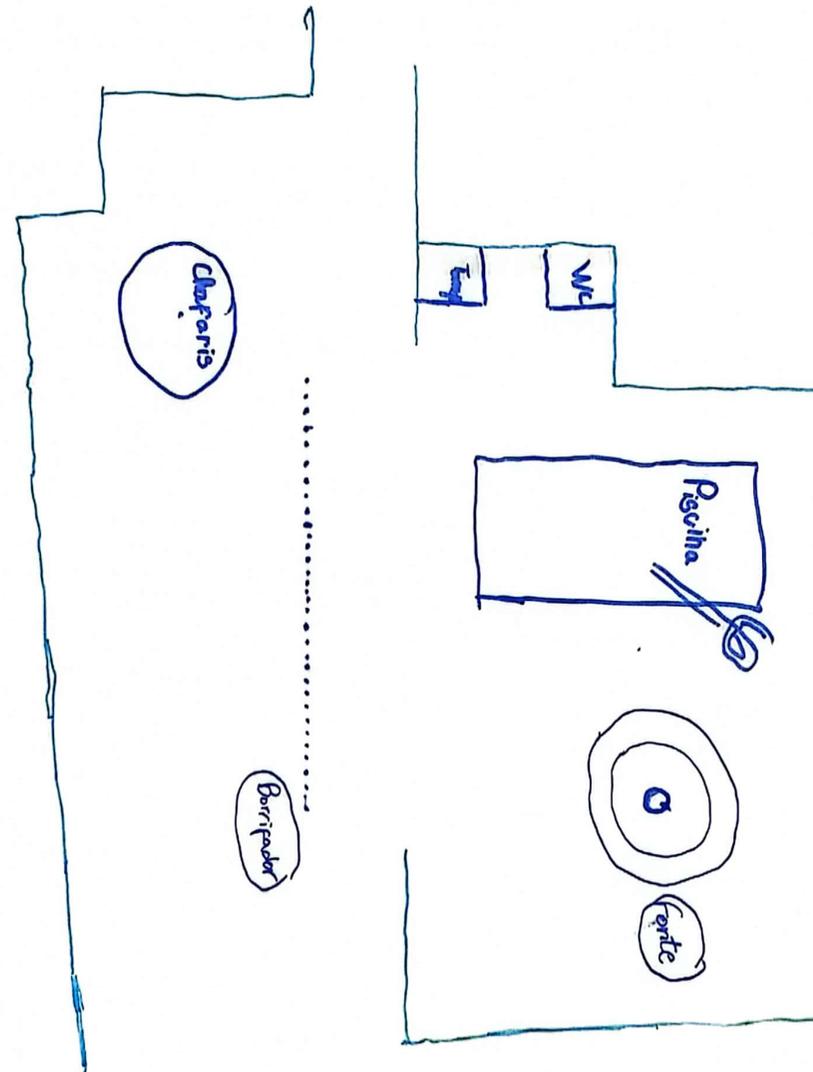
Grupos de Trabalho



Água

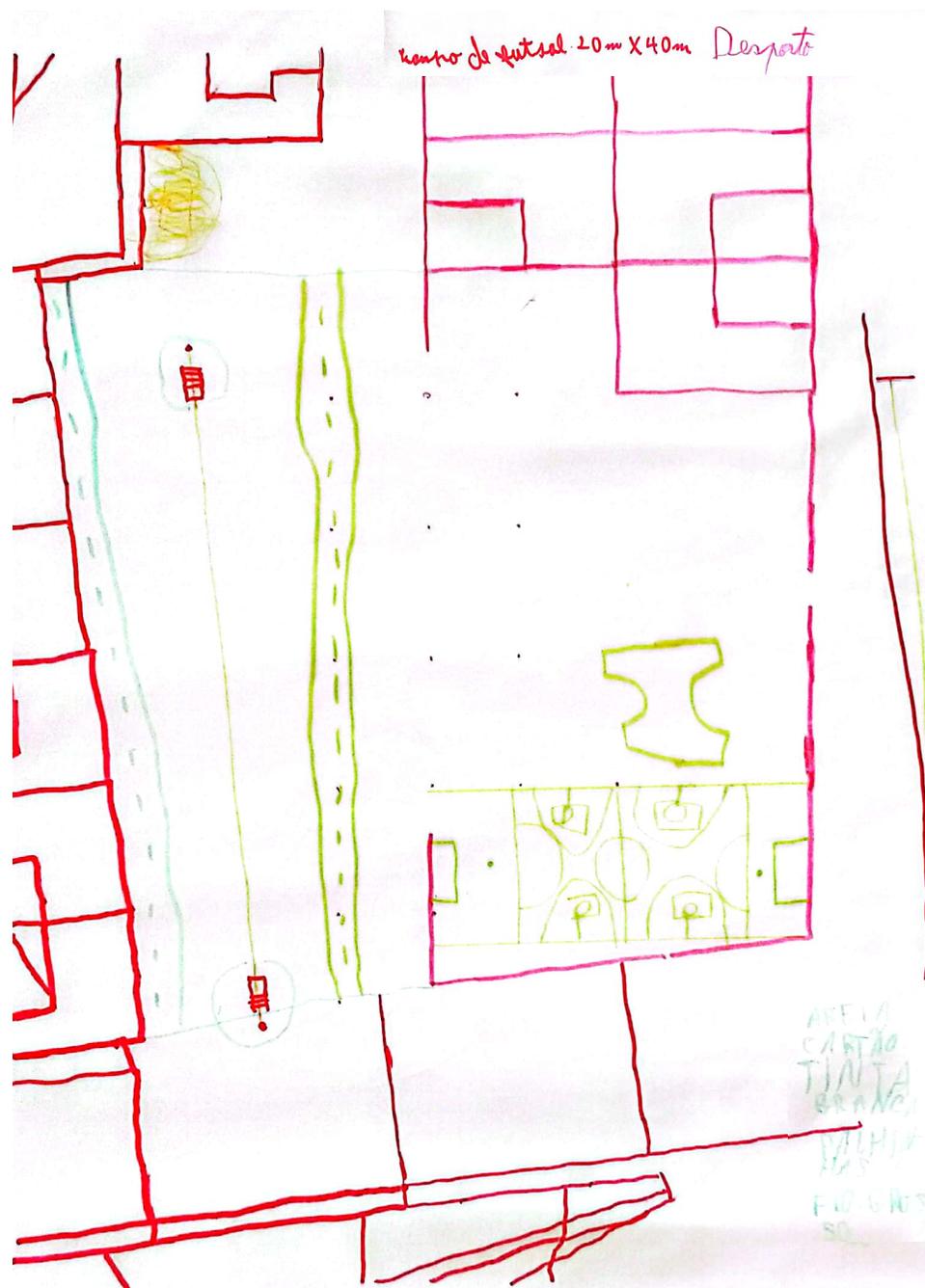
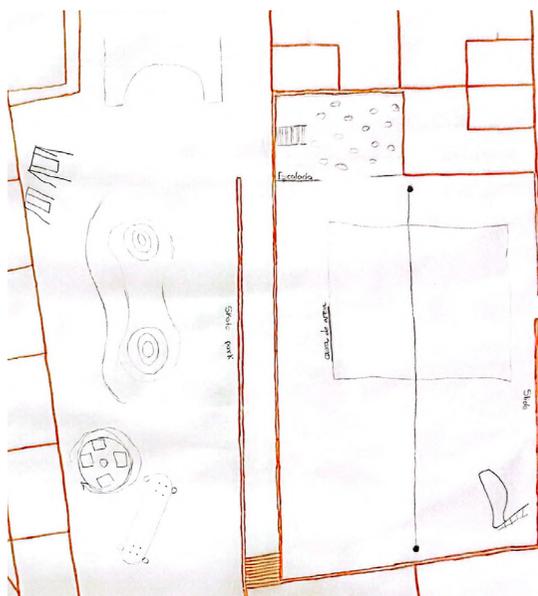
Foi transmitida a ideia de que ali cruzava uma linha de água e que por essa razão não existe uma habitação a Norte do jardim infantil. A proposta do dinamizador passava por dedicar esse espaço às instalações sanitárias ao ar livre.

Pedi-se que pensassem em fontes, charcos, tanques, chafarizes, borrifadores de água. Na imagem à esquerda, em baixo, o grupo previu os equipamentos de água mas também as zonas verdes e os caminhos pedestres.



Desporto

Os grupos de amizade já formados entre estudantes desportistas permitiu que estes grupos se formassem naturalmente. Havia praticantes de futebol e de basquete. Pediu-se que incluíssem mais desportos como o skate e a bicicleta, o slide e a escalada. É o que está representado nos seus desenhos. Na imagem em baixo, recuperaram a ideia da caixa de areia. À direita, na legenda enumeram os materiais que vão necessitar.



Vegetação (Luz/sombra)

Os elementos deste grupo levaram o trabalho com grande responsabilidade. Foi pedido que tivessem em consideração e priorizassem as espécies locais. É das crianças a autoria das legendas. Riquezas de conhecimentos e possibilidades.



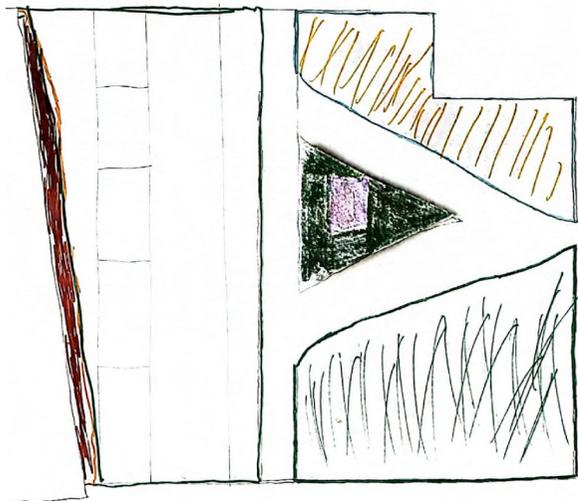
- arbustos
- arvores
- Luz
- Toldo de cana de bambu
- labirinto
- Árvore - Maçeira
- Árvore - laranja
- Árvore - limoeiro
- Árvore - Pereira
- Ameixeira
- Arbustos - framboesa
- Caminho de Pés para as crianças
- Rosas
- Tulipas
- Nogueiras
- Mangueiras
- Lírios
- Estrada de pedras
- macaca
- torta
- Alface
- tomateiro
- cenoura
- Morangueros
- Pepinos
- Caca



Topografia

O assunto era novo para as crianças. Nunca lhes tinham pedido para projetar o pavimento e alterar a topografia. Pediu-se que imaginassem os vários usos possíveis por parte da população e os distribuissem por zonas. Foi mostrada a imagem do jardim do Edifício do Ministério da Educação e Saúde, incluída no caderno. Desenhou-se com os alunos, prevendo os principais trajetos que os pedestres utilizariam.

Na imagem em baixo, o grupo utilizou um pedaço de esferovite no desenho e identificou-o na legenda.



- laminje
- marmore
- caixote de lixo
- erva daninha
- arbusto de cereja
- pedra
- Arbusto de mirtilos
- Barro
- cabvalho
- relva

- estatua
- contêiner
- terra
- relva
- água
- pedra

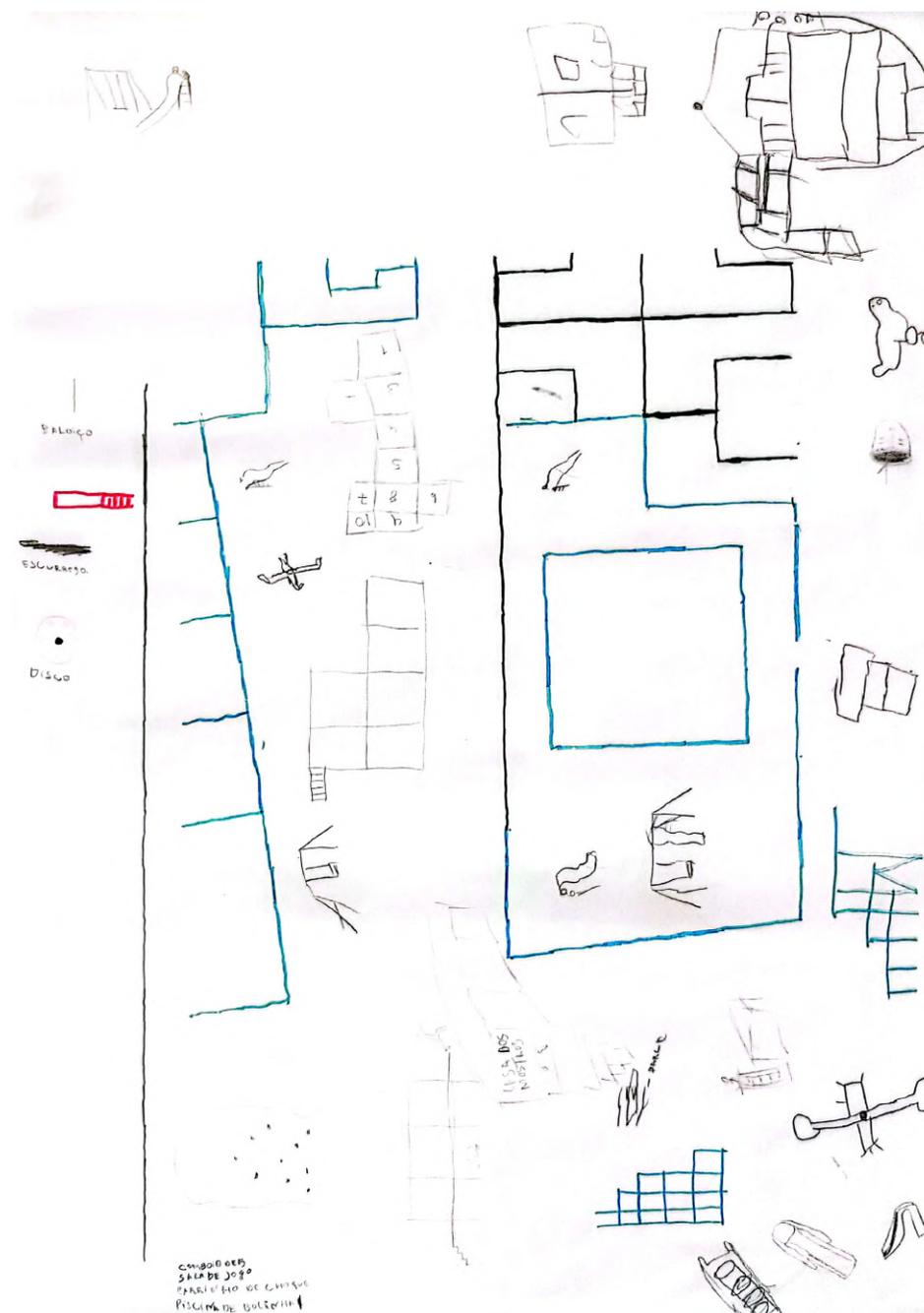
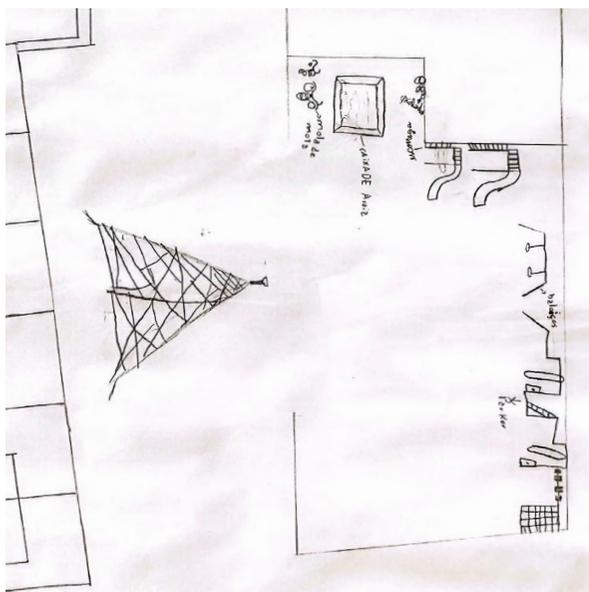


Equipamentos de brincadeira

É possível apreender um conjunto de equipamentos para brincar em jardins infantis, imaginados pelas crianças.

Na imagem em baixo, o grupo previu os equipamentos dispostos junto aos alçados a Este e a Norte. São referidos Parkour, baloiços, escorregas, escalada, caixa de areia, mola de moto. A Oeste implanta uma teia de aranha alta, em forma triangular.

Na imagem à direita vêem-se o «jogo da macaca», baloiço, tobogãs, exploração de algumas formas. Na legenda lê-se: comboio; sala de jogo; carrinho de choque; piscina de bolinhas.



Produção e resultados finais das maquetes

No dia 14 de Maio a maquete foi entregue às turmas. Registou-se um forte interesse sobre este modelo urbano. Reunie-se em volta da maquete e conversámos sobre as escalas, o movimento do sol, reconhecimento do espaço por parte de todos. Mais à frente surgiu a questão: o que vamos fazer aqui? Uma balbúrdia de ideias. Antes de acabar a primeira aula sobre a maquete, falou-se e compuseram-se os Grupos de Trabalho.





Imagem à esquerda

Grupos de trabalho distribuídos por conjuntos de 4 mesas. As maquetes (na imagem, à esquerda) estiveram sempre presentes, em ambas as salas de aula. A maquete serviu como ponto de encontro para debate de ideias, entre estudantes ou entre grupos. Serviu também para colocar um objeto que se estava a projetar e entender a sua escala em relação com a envolvente.

Imagem à direita

As crianças tiveram oportunidade de usar ferramentas, sempre com o olhar vigilante do dinamizador do projeto.

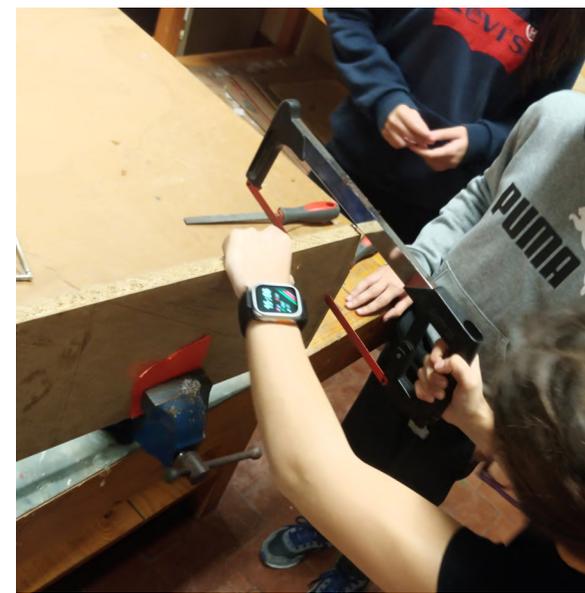


Imagem à esquerda

Foi opção do dinamizador a colocação de uma camada de barro antes de pousar as intervenções. Desta forma pretendia-se esconder as juntas entre as placas de cartão canelado e transmitir sensação de ondulação do terreno, tornando-o mais real. Outra razão seria, no momento de remoção da plasticina, para a marcação dos caminhos, o barro simularia integralmente a terra batida.

Imagem à direita

O ambiente em sala de aula foi o de compromisso com o objetivo de terminar a maquete e fazer o melhor trabalho possível.





Imagem à esquerda

Ao grupo da Topografia coube a árdua tarefa de espalmar e estender a plasticina, representando o pavimento do espaço



Imagem à direita

Grupo da *Vegetação* prepara as árvores que vão compor a maquete. Os troncos são em barro e, para representar as copas das árvores, preparou-se pasta de papel que, depois de seca, foi pintada.



Imagem à esquerda

A maquete esteve presente em todas as aulas. Foi útil porque os alunos podiam levar as suas intervenções e comparar a escala da sua proposta com as estruturas envolventes.

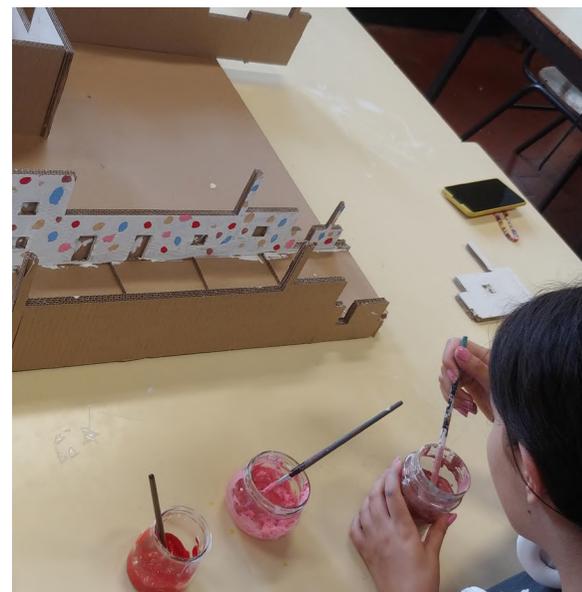


Imagem à direita

Foi proposto que se pintassem os alçados da maquete. Prontamente os elementos do grupo da Topografia trataram de colorir. Na maquete da turma A, mimetizaram a realidade, compuseram-se os alçados pintando o interior dos vãos das janelas e projetaram as ervas daninhas que crescem junto. Na turma B coloridamente *sarampearam* os alçados das habitações..

Maquete turma A



Imagem à esquerda

À medida que os trabalhos dos grupos ia acontecendo houve grande curiosidade em colocar as intervenções no terreno e ir começando a compor o espaço.



Imagem à direita

O grupo da Topografia propôs uma escultura em forma de um ser assustador (um dos chifres caiu).



Imagem à esquerda

(Existem fotografias aéreas do Bairro da Malagueira em diferentes momentos da sua evolução). Fotografia aérea do jardim infantil da Malagueira onde se compreende o conjunto arbóreo no espaço, uma fonte, uma baliza, pedras que marcam caminhos, bancos, uma parede de escalada.





Imagem à direita
 Aproximação a fungos na proximidade de um lago na zona centro-Norte da proposta. por trás, árvores, equipamentos de brincadeira e pedras que marcam um caminho para os pedestres.



Imagem à esquerda
 A parede de escalada converteu-se num equipamento que permite ultrapassar o muro a Sul e chegar ao jardim infantil.



Imagem à direita
 O grupo do Desporto, numa das maquetes, propôs que as balizas fizessem parte do jardim sem necessidade de campo próprio. Bancos e uma fonte a Norte.

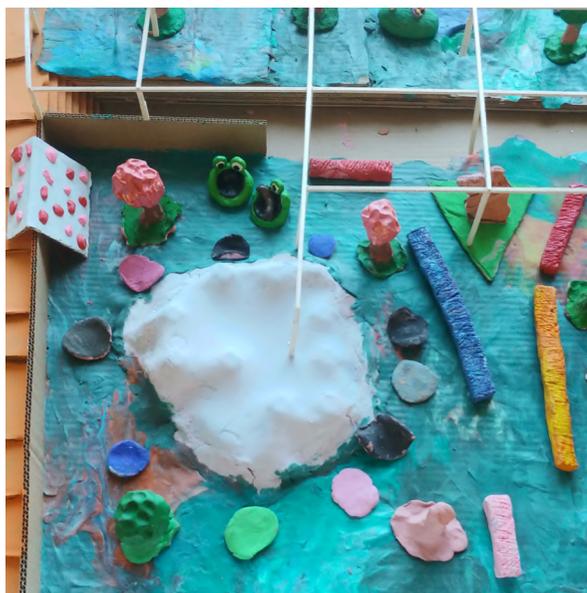


Imagem em cima

Pista de skate e patinagem ladeada por pedras, representação dos caminhos. Poltronas com cara de sapos.



Imagem à direita

Aproximação à estrutura metálica com os borrifadores de água



Imagem em cima

Zona Oeste do jardim infantil prevista como espaço verde, com árvores, caminhos previstos, equipamentos de brincadeira, um charco na Zona Norte do jardim infantil, aproximando-se da antiga linha de água.

Imagem à esquerda

Estrutura metálica com pulverizadores e árvores de pequeno porte nas proximidades.

Maquete turma B



Imagem à esquerda

Fase de construção da maquete, onde o grupo preferiu a escolha da plasticina cor verde para a representação da Topografia. Também com este grupo a curiosidade era grande e o interesse por colocar as intervenções na maquete foi rapidamente demonstrado.



Imagem à esquerda

Fotografia aérea do conjunto onde se denotam os caminhos pedestres, o campo polidesportivo, as zonas verdes, um café (a Nordeste) e um tanque de água, ao centro.

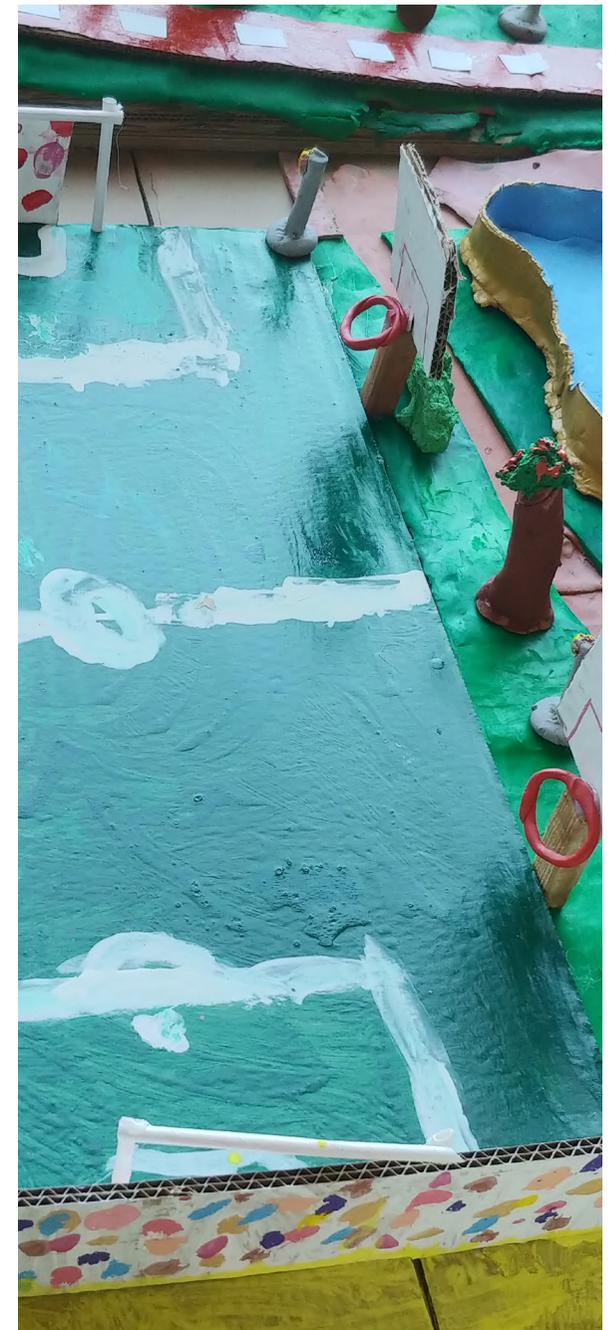


Imagem à direita

O grupo do Desporto propôs um campo de futebol 5 com dois campos de basquete junto ao muro Sul.

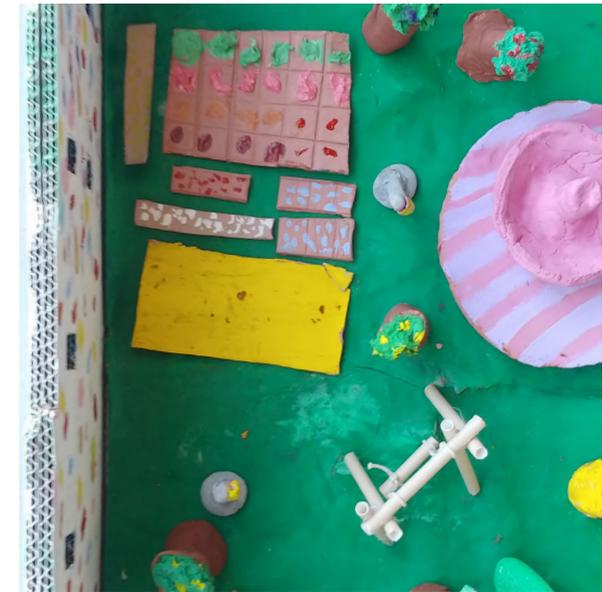


Imagem em cima

Zona Noroeste do jardim infantil com instalação de uma horta, árvores e uma fonte.

Imagem à esquerda

Foram previstas na zona Oeste do jardim infantil, árvores, canteiros, equipamentos de brincar (estrutura para subir, tobogãs e baloiços), pista de skate, equipamentos de iluminação noturna (baixos) e baloiços.



Conjunto de imagens aéreas do jardim infantil onde se denota o conjunto proposto. A Norte uma parede de escalada circular com uma árvore no meio. Uma ciclovia acompanha o eixo N-S. Um café com umas antenas muito altas, ideia completamente genuína do estudante.



Imagem à esquerda

Tobogã, escorrega, canteiro, caminho pedestre, muro pintado, fenestração a Oeste do jardim infantil.



Imagem à direita

Campo polidesportivo, postes de iluminação, árvores e espaços verdes, caminhos dos pedestres, tanque de água, parede de escalada circular, café encostado aos muros e alçados pintados, a Nordeste

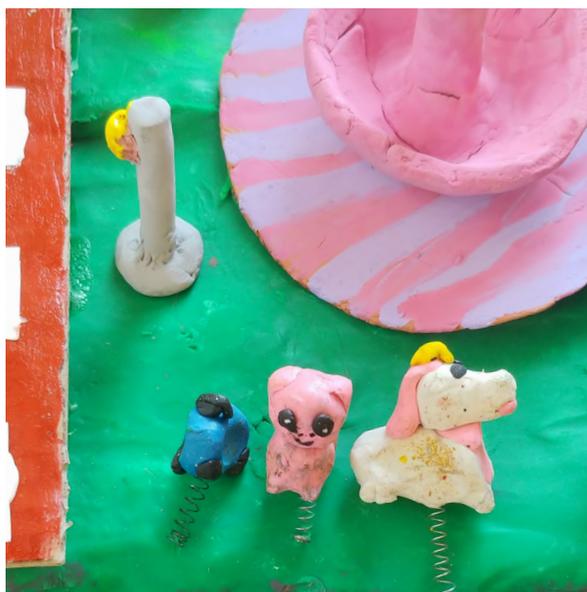


Imagem à esquerda

Foram imaginados equipamentos para balançar - suporte de banco-animais com molas



Imagem à direita

Tobogã cilíndrico



Desenho do contorno dos corpos no exercício *Alçados*
(*Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade, 2024*)

Resultados finais

Componente teórica

Em relação às cidades percebeu-se que as atuais urbes, resultado da Revolução Industrial e do sistema capitalista que se consolidou, perderam o seu sentido humanista. A participação das populações, da Sociedade Urbana, a respeito das decisões sobre a Cidade é praticamente inexistente - uma vez que a nossa democracia é de natureza meramente representativa. Consequência destas decisões que não promovem a participação, da continuada expansão urbana e desvalorização dos espaços públicos, o “tsunami de serviços” está a conduzir à perda de demografia e qualidade de vida para as crianças.

Em relação às escolas, a sociedade ocidental está presa a Tipos de edifícios e de salas de aula que não são favoráveis às crianças com autismo, à necessária concentração dos estudantes, ao estudo, à promoção da brincadeira, do jogo e da criatividade. Embora hajam estudos científicos que referem o prejuízo das salas de aula para o ensino e para o desenvolvimento humano na infância, insiste-se em agrupar as crianças e jovens em frente de um professor e um quadro, acreditando que se está a formar gerações de cidadãos emancipados. Perdemos a capacidade de estudar e de verdadeiramente aprender a pensar, formatados por modelos de ensino que promovem os exames nacionais, os manuais escolares, o tempo, o silêncio e o confinamento em sala de aula.

O arq. Herman Hertzberger, na obra *Montessori Architecture* (2023), assinala: «The school for which we are to find a form is one of less education and more learning. (...) Montessori architecture seeks to follow the ideas of Maria Montessori in space and form, but need not be construct as exclusively Montessorian. It is about all initiatives to reform the tradicional school type, their common theme being the development of each child's capacities». (Montessori Architecture (2023) pág. 5)

De acordo com os 28 princípios Montessori (*Montessori patterns*), relacionando-os com os casos de estudo que se incluem nesta dissertação, foram abordados os seguintes temas: hierarquia dos espaços (pattern 01); diferenças de cotas dos pavimentos (pattern 02); utilização de materiais vernaculares (pattern 3); ligação entre função e espaço de reunião (pattern 05); evitar portas (pattern 06); acessibilidade para as crianças (pattern 09); ambiente sonoro (pattern 10); observar sem intromissão (pattern 13); possibilidade de recato (pattern 14); luz do dia (pattern 16); acesso a água (pattern 18); inclusão de uma cozinha para crianças (pattern 21); recinto escolar como habitat para animais e plantas (pattern 25); «children workshop» (pattern 27); flexibilidade na disposição dos móveis (pattern 28). (Montessori Architecture (2023))

Tendo sido identificada um espaço público subvalorizado na cidade de Évora, em pleno tecido urbano do Bairro da Malagueira, procedeu-se em primeiro lugar à averiguação da natureza do equipamento. A presença de uma placa com a toponímia desconhecida e um cesto de basquete, num espaço aberto, desobstruído e



Planta do Bairro da Malagueira (1990), consultada e digitalizada pelo Arquivo Municipal (DORU/CME)

amplo, permitiu entender que se tratava de um Campo de Jogos.

Partiu-se para o trabalho de investigação sobre o espaço. Para tal, foram consultados os desenhos incluídos nos processos do serviço do Arquivo Municipal CME/DORU. Embora pouco legíveis as muitas notas de comunicação interna manuscritas, foi possível compor um retrato histórico, apresentando os dados recolhidos e organizado-os por ordem cronológica.

Comunicou-se com a Junta de Freguesia, com a CGSP e com diversos populares por forma a poder melhor compor as ideias. Foi de grande utilidade esta comunicação porque a população foi o registo vivo da evolução do Bairro da Malagueira.

Será possível agora afirmar que a Malagueira é um bairro para um grande número de população e que durante o seu desenvolvimento teve de enfrentar diversos obstáculos políticos.

Num contexto histórico difícil, com falta de mão de obra experiente, falta de materiais de construção e recursos financeiros, as propostas urbanas, arquitetónicas e paisagísticas tiveram de saber tirar o melhor proveito das características físicas e topográficas do local e adaptar-se à resiliência psicológica.

Consultaram-se diversas obras e recolheu-se tudo o que pudesse ser pertinente para esta dissertação. Procuram-se esboços e desenhos do arq. Álvaro Siza em inúmeras obras biográficas e bibliográficas sobre o arquiteto e o Bairro da Malagueira.

Quando se recolheu toda a informação que aqui se apresenta, considerou-se que havia matéria de estudo relevante. Concluiu-se que seria pertinente entrevistar, primeiro, o arquiteto Álvaro Siza Vieira, e depois, o arq. Nuno Ribeiro Lopes, para conhece-los pessoalmente e poder esclarecer as questões levantadas no decorrer da investigação. O sr. Pres. Abílio Fernandes encontrei-o na rua, numa manifestação em Lisboa. Prontamente marcámos uma conversa.

A Sudeste do bairro cruza uma demarcada linha de água que impediu a total construção dos três quarteirões que se implantaram perpendicularmente a essa linha - razão pela qual o remate Sul dos quarteirões do Jardim Infantil da Malagueira e os dois consequentes a Este deste, apresentem um remate em “escadinha” - acompanhando essa ribeira. Não foram encontrados registos fotográficos sobre a antiga ribeira que ali corria. Segundo conversas com os moradores, essa linha de água foi encanada por volta de 1985.

Num esboço produzido pelo arq. Álvaro Siza (1981) é perceptível a representação e respeito pela ribeira, com a implantação dos quarteirões e distribuição de diversos programas/equipamentos que definiriam o espaço público para esta zona do atual jardim infantil. O futuro veio revelar outras decisões. (pág. 104 desta dissertação)

Num outro desenho do arquiteto Álvaro Siza, elaborado com minúcia e precisão, compreende-se a representação de uma latada para o Bairro da Malagueira. Percebem-se as casas em banda, os seus

muros altos, os pátios e coberturas planas, percebe-se o remate final do quarteirão.

Percebe-se que o espaço foi imaginado prevendo a estereotomia de blocos de pedra nos muros. Será um prenúncio do castelinho referido pelo arq. Nuno Ribeiro Lopes? Muito provavelmente os arquitetos falaram sobre essa conceptualidade noutros remates do bairro. No desenho esboço, a estrutura aérea cobre todo o vazio urbano. O acesso ao espaço também acontece lateralmente ao recinto, prevendo-se uma entrada num dos topos (a Noroeste), seguindo-se um rampa que desce. (pág. 105 desta dissertação)

Numa revisão mais detalhada do esboço surgem problemas em relação à envolvente do espaço: o desenho olha para Oeste e do outro lado da estrada, de frente com a entrada, está representado um muro que fecha um outro vazio urbano. Também não há registos sobre a conduta que irrompe sobre a Rua António Aleixo.

A memória visual para este estudo sugeriu que houvesse uma solução para o enigma. Reviram-se todas as plantas entretanto recolhidas. Na planta de 1985 (F. Gulbenkian) e de 1990 (DORU/CME) (pág. 86 e 89 desta dissertação), para a zona Este do atual Jardim Infantil da Malagueira, sucede o mesmo remate final em mais dois quarteirões - entre a Rua do Chiado, a Rua 26 de Fevereiro e a Rua dos Fundadores. No vazio urbano que o arq. Siza esboçou a latada, veio a instalar-se uma antena de televisão (ver alçados na pág. 106 desta dissertação) e, actualmente, o espaço está ocupado com construção para habitação.

O último quarteirão a Este apresenta um vazio de uma habitação, infletindo o contorno da curva da Av. do Escurinho, acompanhando a mudança de direção. Vazio que ainda hoje existe e onde se plantou uma árvore.

A partir destas premissas, entende-se que este esboço, tal como o desenho para o Jardim Triangular, é uma representação para um dos muitos projetos que nunca se realizaram, equipamentos que consolidariam o tecido urbano do bairro e da cidade de Évora.

O desenho é certamente anterior a 1988, ano em que os cortes do Jardim Infantil já apresentam uma antena para o vazio a Este.

Na planta assinada pelo arquiteto Álvaro Siza, no ano de 1990 (pág. 89 desta dissertação), a legenda faz referência ao Jardim Infantil da Malagueira, confirmando o que terá sido aprovado em reunião no mesmo ano. (Deliberação DAU/DIUM(CME), pág. 93 desta dissertação) Um vazio urbano dedicado ao Jardim Infantil da Malagueira é representado pela primeira vez em planta ainda sem latada, com uma construção afastada dos restantes edifícios e quarteirões, no topo Sul, onde se imagina a implantação do equipamento bar. Assim suposto o traçado, de planta losangular e ocupando o vazio urbano, este afirma-se como um equipamento público independente, ocupa o vazio estando conectado ao restante bairro pelo muro que delimita o espaço. Esta planta de 1990 é a concepção gráfica e empírica de um plano para um bairro que funcionaria na sua globalidade, pertencendo à Cidade

A empreitada da CGSP compreendeu duas fases de

construção: uma primeira entre os anos 1979 e (a previsão GAT/CME para) 1982; uma segunda para o ano de 1986. (DOGT/CME, 2005) O equipamento urbano Jardim Infantil foi pensado e concebido numa fase posterior ao Plano urbano e à construção das casas pela CGSP. Segundo o arq. Nuno R. Lopes várias cooperativas pediram este tipo de equipamentos.

Incluído no processo da Malagueira (DORU/CME), uma revista independente com uma fotografia não datada, retrata o Jardim Infantil com uma palmeira. (ver pág. 97 desta dissertação)

Pelo pavimento, pedras parecem espalhadas pelo recinto. A rua aparenta já ter sido calçetada. O piso apresenta-se todo enlameado. Ainda não tivera sido colocado o gradeamento previsto em 1988.

Mais curioso e desordeiro, será o facto de ser visível que um dos pilares fundados no interior da caixa de areia foi entretanto removido. Comparando o número de pilares entre a planta de 1989, ou a de 2001 (20 pilares), com o que existe atualmente (18 pilares), percebe-se que foram removidos um total de dois pilares (revestidos a mármore), o que, pelas leis da geometria, configura uma perda total de cinco linhas de vigamentos (arestas) e três áreas rectangulares (espaços entre quatro pilares).

Também se confirma o que os populares comunicaram - a altura do muro Sul foi reduzida. Na fotografia de arquivo representa-se um muro contínuo, sem o atual desnível no canto ortogonal a Sudeste.

Estas operações destrutivas desconfiguraram por completo a perceção do espaço projetado.

Nos anos de 1988 e 1989 foram elaboradas as primeiras peças desenhadas para o Jardim Infantil, embora o espaço só tenha sido (parcialmente) equipado e inaugurado em 2002.

A partir das fotografias aéreas é possível entender que o espaço esteve unicamente delimitado com muros. As fotografias devem ser dos primeiros anos da implantação dos muros, uma vez que ainda não havia palmeira nem pilares.

A fotografia do Jornalouco leva a crer que o espaço tenha ficado desocupado durante mais de dez anos, a fotografia sugere 20 pilares sem vigas e, possivelmente, com a caixa de areia, algo que não foi possível apurar se terá alguma vez existido. Uma vez que nunca se chegou a realizar o equipamento bar, não haveria manutenção ou vigilância do espaço. A caixa de areia, área quadrada contornada por lintel de mármore, foi prevista no projeto de 1989 e foi instalado o lancil que delimita a área.

O projeto que data 1989 apresenta elementos diferentes - a latada configura-se com tubos de ferro mais esbeltos e delicados. Unicamente oferece uma caixa de areia e um bar. Nas plantas de 2001, com reabilitação do espaço, a estrutura metálica terá sido terminada e é reforçada com vigas metálicas com perfil em I, ortogonalmente sobrepostas sobre os pilares. Previram-se equipamentos de brincar, um banco corrido e plantação de duas árvores.

Faz-se agora a legenda da planta do Plano de Pormenor de 2001 (pág. 109 desta dissertação), possível de completar depois de se entrevistar o arquiteto Nuno

Ribeiro Lopes:

1 Cesto basquete;

2 Construção infantil escolhida em catálogo;

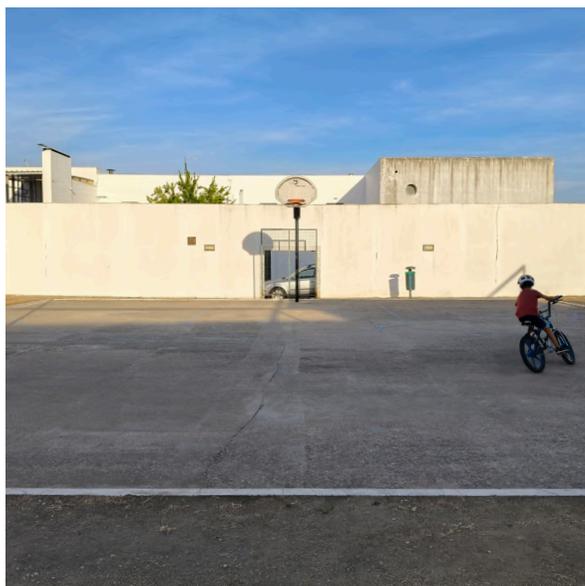
3 Baloços;

4 Fonte;

5 Barra de ferro;

6 Cavalinhos de mola.

Eventualmente, terá sido nesta reabilitação que foi betonada a caixa de areia.



Uma criança usa o espaço para andar de bicicleta.

A área da latada foi reduzida - dois pilares de mármore de secção quadrada foram removidos. Estavam colocados no interior da caixa de areia. Caso para concluir que em vez de se acrescentar, de se melhorar o espaço, retiram-se os elementos que já existiam. O jardim perdeu parte da pérgula e o gradeamento. Perdeu sombra, perdeu frutos, perdeu segurança. Não ganhou nada em troca.

A partir do processo do arquivo fotográfico CME (pág. 111 desta dissertação) sabe-se que a inauguração do espaço aconteceu no dia 1 de junho de 2002.

No processo do Arquivo Municipal CME não existem referências ao suposto ato de vandalismo que determinou o fim da globalidade dos equipamentos. É de salientar a remoção dos gradeamentos metálicos do espaço. Suspeita-se que a palmeira, entretanto felizmente retirada, foi lá colocada sem consentimento do arquiteto paisagista. Não é referido igualmente, quando foram removidos os pilares claramente visíveis na fotografia da revista *Jornalouco*, atrocidades cometidas certamente sem conhecimento dos arquitetos ou à sua revelia - o arq. Nuno Ribeiro Lopes terminou os trabalhos no Bairro da Malagueira em 1996, ficou criado o ambiente para o início das atrocidades. À revelia do arquiteto terá sido igualmente a alteração das datas dos desenhos de 2001 - o arq. to N. R. Lopes estranhou o ano do projeto, referiu na entrevista que nessa data já não acompanhava o bairro há cinco anos.

Por último, quando a fotografia publicada pelo fotógrafo Fernando Guerra em 2017, (fotografia gentilmente cedida a este trabalho, após um email a averiguar a possível existência de mais fotografias do espaço) foi apresentada ao arquiteto Siza, este referiu: “este é o meu Jardim Infantil”. Em 2017 já não existiam os vinte pilares, embora o muro Sul continuasse com a altura inicialmente prevista.

O Jardim Infantil da Malagueira, atualmente, configura-se como um equipamento urbano subvalorizado e

com diminuta manutenção. Não está completamente ao abandono, uma vez que o espaço é público e é usado por algumas crianças para jogar (há crianças a jogar à bola e a andar de bicicleta). É um espaço onde os donos vão passear os cães, não representando o problema cimeiro deste “jardim”, embora a população o tenha assinalado e se tenha queixado. Contudo, os cães não devem ser o problema, têm também de fazer parte da solução uma vez que correspondem a uma necessidade de bastantes famílias.

A esta infraestrutura não é assegurado o mínimo de conforto para que o espaço se considere um local para permanecer. É um espaço incapaz de proporcionar inclusão às diversas fases da vida e, especialmente, às diferentes fases da infância. Não existe contacto com elementos naturais. Não há acesso a um ponto de água, sombra ou bancos suficientes para uma área de mais de 900m². Estes são os principais problemas a apontar ao Jardim Infantil da Malagueira. De seguida, na ordem das prioridades, vem a definição do uso dos solos, as infraestruturas e os equipamentos a instalar.

São as pessoas os principais donos da solução, como tem sido defendido ao longo da dissertação com base no trabalho de diversos autores. Têm de ser os cidadãos, através da sua Participação, da sua consciência e capacidade interventiva, a fazer florescer, com o auxílio dos técnicos, um mundo que lhes pertença.

Componente prática

O projeto Passeio (Cri)Ativo Pela Cidade, traduziu-se num dia de Aula de Campo e passeio com exploração, em que se reativou o espaço do Jardim Infantil da Malaguera no seu potencial lúdico.

O percurso cruzou ruas, a Muralha, o Aqueduto, um Forte, três moinhos desativados, jardim com lago, e colminou num jardim sem árvores.

Ao longo do passeio promoveram-se conversas sobre o Património e respondeu-se às questões que as crianças iam colocando. Em momentos apropriados, de forma espontânea e livre, o brincar foi acontecendo como estratégia para explorar a imaginação e a criatividade das crianças nos exercícios propostos para o dia do passeio.

Procurou-se promover o olhar crítico sobre a Cidade, e a Participação através da escola. Promoveu-se a brincadeira, educando para a cidadania, sensibilizando as crianças a sentirem que pertencem ao lugar em que habitam, com responsabilidade cívica.

Deu-se autonomia aos estudantes para que, em espírito de equipe, se sentissem os verdadeiros dinamizadores do projeto. Tal também aconteceu no momento de produção das maquetes. O entusiasmo pelo trabalho foi contagiante e visível. As maquetes representam um grande esforço coletivo para concluir o exercício proposto. O resultado final das maquetes está condicionado pelos Tipos de jardins que as crianças conhecem.

Atuou-se de forma cooperante, o dinamizador cedeu todos os materiais necessários e conduziu os trabalhos definindo o “Plano de Intervenção para as Maquetes”. Nas primeiras aulas, enquanto as crianças desenvolviam os desenhos das plantas, o dinamizador conversou com todos os grupos de trabalho, ajudando-os a descortinar algumas ideias, como as de prever os percursos das pessoas no jardim. Em sala de aula, os temas abordados foram de grande interesse para as crianças: temas da cidade, da espacialidade e do lúdico.

Pretendeu-se que as turmas organizadas em grupos de trabalho conseguissem projetar e colorir as maquetes com plasticina, materiais reciclados, estruturas modelo em madeira, esparguete ou palitos colados, sobre a temática: Jardim Infantil. As maquetes finais são o resultado da soma de todos os Grupos de Trabalho.

Procurou-se com este projeto sair do contexto de sala de aula e promover um dia de exploração dos sentidos e dos elementos que caracterizam o espaço público. A abordagem deste projeto foi de natureza curricular e aproveitou-se para explorar as temáticas letivas das disciplinas de Educação Visual, «trajetórias históricas» e «património», e de Educação Tecnológica, «estruturas» e «construção».

As crianças conseguiram, de forma autónoma, expressar o que desejavam para o espaço público através da escrita, do desenho e pela construção de maquetes, explorando estruturas e infraestruturas, Formas e Programas.

A abordagem para as atividades propostas foi a de

entender o potencial dos elementos que compõem o espaço - planearam-se as atividades, aproveitando o existente in situ - Pilares, Muros e diferentes tipos de Pavimentos. Foi um projeto que envolveu as crianças e promoveu a sua participação na cidade, algo que também foi conseguido por uma instalação efémera deixada no local - estrutura de trapilho em forma de Teia, imaginada e criada pelas crianças.

Os resultados patentes ao Inquérito são esclarecedores de que este espaço não é usado pelas crianças e muitas delas não passeiam nem brincam na rua de forma autónoma.

Este projeto apresenta grau de escalabilidade, podendo ser replicado e aplicado noutros contextos, quer seja no espaço urbano - um jardim infantil ou parque urbano, uma rua, uma praça - como também pode ser explorado na escola - o espaço de recreio ou, para os destemidos, a própria sala de aula.

Entrevista ao arquiteto Álvaro Siza Vieira

CLARA S. Eu brincava e desenhava muito, o que me deu sensibilidade para certas coisas, como a conceção do espaço. De que modo a brincadeira está ligada com a profissão?

ÁLVARO SIZA No meu caso também, embora no meu caso eu não quisesse ser arquiteto. Queria ser escultor. Fui para arquitetura nas Belas-Artes com ideia de mudar porque nos primeiros anos havia disciplinas comuns, antes de mais o desenho. (Resto da resposta aproveitada para a entrevista incluída no final da Parte II)

CLARA S. A entrevista correu bem?

ÁLVARO SIZA Correu, não nos pegámos.



Escritório do arq. Álvaro Siza Vieira com um vão que olha o Rio Douro e a sua margem esquerda.

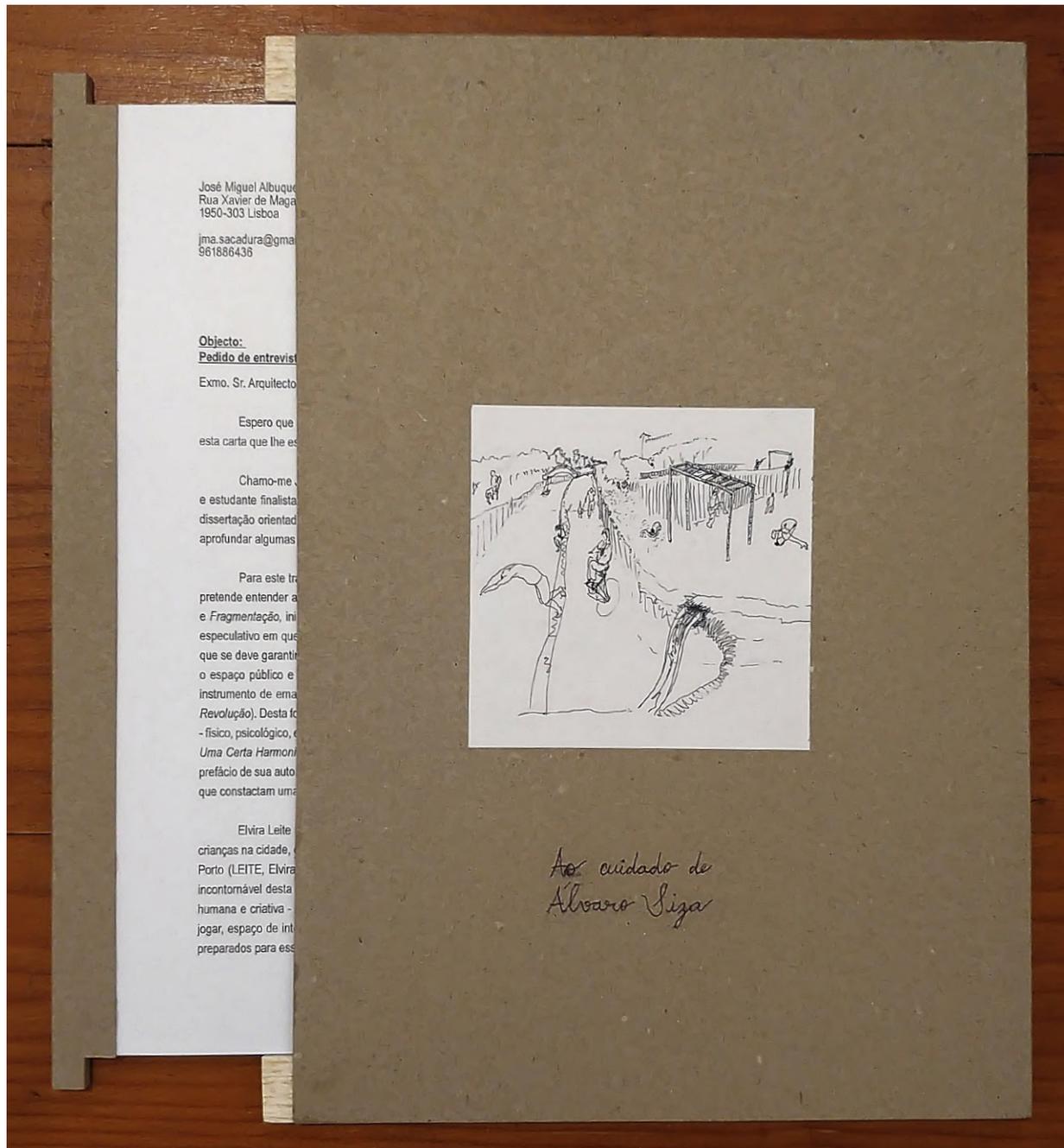
A necessidade de conversar com o arquiteto Álvaro Siza Vieira para esta dissertação, bem como o arq. Nuno Ribeiro Lopes, explica-se por diversos factores: foram os arquitetos responsáveis pelo Plano, Projeto e construção do Bairro da Malagueira em Évora; arquitetos responsáveis pelo projeto do Jardim Infantil. O arq. Siza foi autor de diversos projetos para espaços educativos e infantis - nesta dissertação destaca-se o Jardim de Infância João de Deus; arquiteto responsável por diversos projetos ao longo do Processo SAAL, um defensor do 25 de Abril.

Seria para o autor uma honra conhecer os arquitetos e para tal foi elaborada uma carta num envelope de cartão. Antecipadamente entregou-se a carta em mãos no escritório do arquiteto Siza.

A entrevista ao arquiteto Álvaro Siza Vieira decorreu no seu escritório, na Rua do Aleixo, na cidade do Porto. Foi na manhã do dia 14 de Setembro de 2024, um sábado. As paredes da sala onde decorreu a conversa estavam revestidas a esboços, desenhos técnicos e mapas. Esta sala de trabalho abre um vão que olha o Rio Douro e a sua margem esquerda, enquadrando a zona da Afurada.

O ambiente na sala de trabalho, acabados de entrar no divisão, foi revelador dos anos, das horas ali passadas pelo arquiteto - as paredes ali também contam histórias e também fumam.

A superfície de uma mesa central estava com as laterais preenchidas com folhas, cadernos, materiais riscadores, maquete e cinzeiros. No meio da mesa o



José Miguel Albuquerque
Rua Xavier de Magalhães
1950-303 Lisboa

jma.sacadura@gmail.com
961886436

Objecto:
Pedido de entrevista

Exmo. Sr. Arquitecto

Espero que esta carta que lhe es

Chamo-me, e estudante finalista de arquitetura, com uma dissertação orientada por si, e gostaria de aprofundar algumas

Para este trabalho pretendo entender a sua obra e a sua abordagem à fragmentação, inicialmente especulativo em que se deve garantir o espaço público e o instrumento de emancipação (Revolução). Desta forma, gostaria de discutir a sua obra - físico, psicológico, e social. Uma Certa Harmonia, prefácio de sua autobiografia, que constata uma

Elvira Leite, as crianças na cidade, e Porto (LEITE, Elvira) incontestável desta humana e criativa - jogar, espaço de intervenção preparados para ess



Ao cuidado de
Álvaro Siza

espaço estava desocupado. Pediu-se licença para gravar a entrevista e toda a generosidade do arquiteto ficou registada no texto que posteriormente se transcreveu.

Decompôs-se a entrevista em 5 partes de forma a poder aproveitar o conteúdo das conversas segundo os diversos capítulos da dissertação. Para tal foi necessário proceder à alteração da cronologia nos diálogos transcritos, sem nunca alterar o conteúdo das histórias, opiniões e reflexões que o arquiteto desenvolveu. O discurso do Mestre com 91 anos é perfeitamente fluido e conciso, palavras de grande minúcia e pensamento.

A transcrição limitou-se a pontuar os diálogos e limar algumas conjuções. No final da entrevista, já com o centro de mesa de novo arrumado, a Clara Saracho subiu ao piso do escritório e é dela a autoria da fotografia em baixo.

Ao fim de duas horas de conversa deu-se por concluída a entrevista que posteriormente foi validada pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira, via correio eletrónico do seu escritório.

Carta entregue em mãos no escritório do arquiteto A. Siza.
Agosto de 2024.

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AICE - Associação Internacional De Cidades Educadoras;
APA - Associação Povo Alentejano
APEI - Associação de Profissionais de Educadores de Infância;
Arq. - Arquiteto;
CCA - Canadian Center for Architecture;
CEACT/UAL - Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território / Universidade Autónoma de Lisboa;
CGSP - Cooperativa Giraldo Sem Pavor;
CIAM - Congresso Internacional de Arquitetura Moderna;
CMA - Câmara Municipal de Almada;
CME - Câmara Municipal de Évora;
CRP - Constituição da República Portuguesa;
DAU - Divisão de Arquitetura e Urbanismo (CME);
DEAU - Divisão de Equipamento Urbano e Ambiente (CME);
(DGSU - serviço extinto da CME);
DOGT - Divisão de Ordenamento e Gestão do Território (CME);
DORU - Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana (CME);
ESBAP - Escola Superior de Belas Artes do Porto;
FAUP - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto;
FCSH - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
FFH - Fundo de Fomento à Habitação;
FMHUL - Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa
GATAL - Gabinete de Apoio Técnico às Autarquias

Locais;
IGAP - Instituto de Gestão e Administração Pública
N-S - Norte - Sul;
E-O - Este - Oeste
Pág. - Página;
PCP - Partido Comunista Português
PS - Partido Socialista
PSD - Partido Social Democrata
PDM - Plano Diretor Municipal;
Prof. - Professor;
PREC - Período Revolucionário em Curso;
RTP - Rádio e Televisão de Portugal;
SAAL - Serviço de Apoio Ambulatório Local;
S/E - Sem escala;
UNICEF - United Nations International Children's Emergency Fund;
E.T. - Educação Tecnológica
E.V. - Educação Visual

Bibliografia

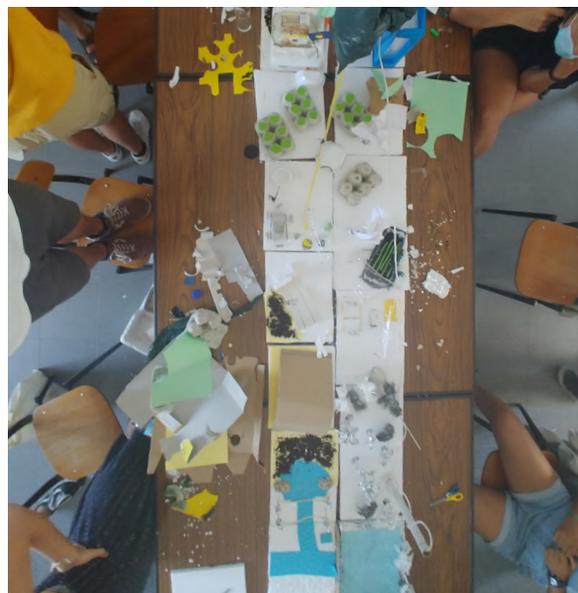
Teve-se o privilégio de se crescer com acesso a livros em casa e bibliotecas em Lisboa, ao longo de toda a vida. Aprendeu-se através do brincar, do jogo e do estudo a recolher uma série de memória que tornam as leituras para a presente dissertação matéria de grande interesse, com profunda empatia e reconhecimento pelas noções explicitadas em Pedro Strecht, Carlos Neto ou Elvira Leite, na metodologia da Escola Montessori, a resposta de Herman Hertzberger.

Foi enquanto monitor na Associação *Os Pioneiros de Portugal* que se absorveu grande parte da bagagem que se traz sobre intervenção com crianças: em acampamentos de férias, manifestações artísticas e culturais. A participação ativa de centenas de crianças de diversas idades com idades entre os 6 aos 16 anos, que estão a crescer e a aprender, e os Monitores (jovens na fase da adolescência) - configuram esta associação juvenil sem fins lucrativos como um verdadeiro espaço de opinião, interação e participação infantil. «O Pioneiro gosta de trabalhar, executa com aplicação as suas tarefas escolares, prepara-se para ser um homem ou mulher útil e apto a cumprir os seus deveres para com a sociedade» (“Leis do Pioneiro”, incluído no *Caderno do Monitor* (2023).

A convite da referida Associação, participou-se numa Ação-Formação para monitores (2020). Contou com uma apresentação sobre o tema das *Cidades e as Crianças*. No final houve a produção de uma maquete conjunta para uma cidade equipada com uma série

de infraestruturas. Com este convite estava lançada a semente para a aproximação aos temas do Lúdico, da Infância, da Educação, aplicados às disciplinas da Arquitectura e do Urbanismo. Para alcançar o entendimento sobre a dissertação que iria defender, foi decisivo o papel dos Pioneiros de Portugal.

Numa conversa com a professora arquiteta Sofia Aleixo, a quem agradeço a breve participação, esta deu a conhecer o projeto educacional *in situ*, através da revista “estudo prévio”, do Departamento de Arquitectura da UAL. Mais tarde adquire-se o livro *in situ*, *Laboratórios de Intervenção em Arquitectura 2012-2019*, que viria a revelar-se de grande proveito para esta dissertação.



Maquete de uma cidade amiga das crianças produzida com os monitores dos Pioneiros de Portugal (2020) depois de uma apresentação sobre o tema das *Cidades e as Crianças*.

A curiosidade por autores que se debruçam sobre a Arquitectura e o Urbanismo, analisando a história das cidades e entendendo também as lutas de classes e as consequentes dicotomias entre interesses públicos e privados, levou a leituras como às do filósofo Henri Lefebvre mas também do professor António Jacinto Rodrigues, que vão beber ao âmago da questão no que toca à influência de movimentos sociais, como Revoluções, para a evolução das cidades, o problema da cidade industrial ao trocar o «valor de uso» pelo «valor de troca».

A professora Elvira Leite foi dada a conhecer pela artista plástica Clara Saracho que ofereceu o livro “Quem te ensinou? - Ninguém”. As fotografias da obra denunciaram imediatamente uma sensibilidade profunda na preocupação com a infância, a sua vontade de transformar, de cativar pela arte interventiva e participada. Os estudos sobre esta professora e artista, confirmaram o sentimento inicial. Foi um gosto conhecer a metodologia de Elvira Leite. É uma profissional preocupada, com uma visão diferente da vigente, cujas ideias vão ao encontro das reivindicações desta dissertação.

No final do ano de 2023 marcou-se um encontro na FAUP com o professor Marco Ginoulhiac, que lecciona a disciplina intitulada *Architectural Toys*. Na conversa no seu gabinete, falou-se sobre Elvira Leite, Bruno Munari, da “*I Bienal Internacional de Educación en Arquitectura Para a Infancia e a Mocidade*” (Ludantia (2018) Ponte Vedra) e de Aldo Van Eyck. Embora os textos do designer italiano tenham sido removidos

desta dissertação, leram-se as seguintes obras:

MUNARI, Bruno; *Das coisas nascem coisas* (1982); Edições 70, Junho de 2020;

MUNARI, Bruno; *fantasia – invenção, criatividade e imaginação na comunicação visual 2*; Editorial Presença; 1981.

Na entrevista realizada ao arquiteto Álvaro Siza Vieira foram referidas duas escolas, que foram prontamente estudadas. Percebeu-se que seria apropriado incluir à dissertação as referências enunciadas pelo arq. pois enquadravam-se nos objetivos pretendidos de aprofundar o conhecimento sobre espaços escolares, tendo a sala de aula como espaço de análise e de crítica. Percebeu-se que a Corona School (EUA, 1935) correspondeu inclusivamente ao desenvolvimento das Open Air-School. A Escola Básica da Quinta do Cedro, do arq. Fernando T., concebida depois do arq. ter realizado o “Inquérito à Arquitectura Popular” em Portugal, configura-se como uma resposta ao regime fascista que via uma só Arquitectura para todo o território nacional. Esta escola configura-se também como um notável projeto, para um recinto escolar, preconizando as linhas que definiriam a Arquitetura Moderna em Portugal na segunda metade do séc. XX, através da filosofia inerente à “Terceira Via”.

Considerou-se de maior pertinência dispor os cinco exemplos de espaços escolares estudados como uma breve síntese da evolução destes equipamentos na última centena de anos.

Imprescindível para esta dissertação foi o prof. orientador João Soares que de forma perspicaz conseguiu ir ao encontro dos Objetivos desta dissertação, apoiando a ideia de um dia de passeio no Jardim Infantil da Malagueira promovendo a participação das crianças.

Muitos dos livros anunciados na bibliografia foram adquiridos pela internet e livrarias ao longo dos anos. Muito mais matéria para compor esta dissertação haveria para estudar.

Para além da bibliografia adquirida, foi metodologia para elaboração desta dissertação a consulta e estudo de diversas obras nas seguintes bibliotecas:

Biblioteca Nacional (Lisboa);

Biblioteca Jorge Araújo (Évora);

Biblioteca da FAUP (Porto).

É um desejo do autor deste trabalho final de curso continuar as leituras sobre as “Cidades e as Crianças”, a Educação, a Arquitetura e o Urbanismo - será este o “fumo da minha rota”.¹

¹Referencia à pergunta feita no poema de José Afonso, que abre este trabalho.

BRANDÃO, Pedro; **REMESAR** Antoni; *desing de espaço público: deslocação e proximidade*; Centro Português de Design; 2003

CAMPOS, Ricardo; *Porque Pintamos a Cidade? Uma abordagem etnográfica do Graffiti Urbano*; Fim de Século – Edições; 2010

CARNEIRO, Alberto; **LEITE**, Elvira; **MALPIQUE**, Manuela; *O Espaço Pedagógico - 1 A Casa / O Caminho Casa-Escola / A Escola*; Coleção Ser Professor Acordo Luso-Sueco; Edições Afrontamento, Porto; 1983

COSTA, Ana A.; **COSTA**, Ana C.; **FERNANDEZ**, Sergio; *Cidade Participada: Arquitectura e Democracia. Operações SAAL - S. Victor*; Edições tinta-da-china; 1ª ed. Abril de 2009

DONNE, Marcella Delle; *Teorias Sobre a Cidade*; edições 70; 1990

DUDEK, Mark; *Kindergarten Architecture: Space for Imagination*; Chapman & Hill; 1ª edição, 1996

ESPOSITO, António; **LEONI**, Giovanni; *Fernando Távora Obra Completa*; Electra, Milão, 2005

FLECK, Brigitte; *Álvaro Siza*; Relógio D'Água Editores; Lisboa, Novembro de 1999

FLECK, Brigitte Fleck; **PFEIFER**, Gunter; *Malagueira Álvaro Siza in Évora*; editora syntagma; Freiburg, 2013

FOUNDATION, Arthur Waser; *Montessori Architectural Patterns*; Lucerne University of Applied Sciences and Arts; Association Montessori Internationale; Setembro 2018

FOUNDATION, Arthur Waser; *Montessori Architecture*; Lucerne; Association Montessori Internationale; 2023

FRANÇA, José-Augusto; *Lisboa: Urbanismo e Arquitetura*, Livros Horizonte, 4ª edição, 2000

GEHL, Jan; *A Vida entre Edifícios. Usando o Espaço Público*; Livraria de Tigre de Papel; 1ª edição; Lisboa; Novembro 2017

GINOULHIAC, Marco; *Ludic Architecture*; Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo (FAUP), Porto, Maio de 2017

GOMES, Mário José Afonso; *Bairro da Malagueira de Siza Vieira, Fatores de apropriação e construção identitárias em torno da casa*; Edição Caleidoscópio; 1ª edição, Casal de Cambra, Fevereiro 2016

GREGORY, Rob; *Kindergarten, Tezuka Architects, Tokyo, Japan*; The Architectural Review; 20 ago. 2007

GRANDE, Nuno; *Les Universalistes, 50 ans d'architecture portugaise*; Fundação Calouste Gulbenkian, 2016. Obra da exposição presente na Cité de l'architecture & du patrimoine, de Abril a Outubro de 2016

HERTZBERGER, Herman; *Space and Learning - Lessons in Architecture 2*; 010 Publishers, Rotterdam; 2000

HERTZBERGER, Herman; *Space and Learning - Lessons in Architecture 3*; 010 Publishers, Rotterdam; 2008

HERTZBERGER, Herman; *Lessons for Students in Architecture*; 010 Publishers, Rotterdam; 2005

HINES, Thomas S.; *Richard Neutra and the Search for Modern Architecture*; Electra, Milano; 1999

HOUAISS, Dicionário; Círculo de Leitores, Lisboa, 2023

JODIDIO, Philip; *Álvaro Siza*; edições TASCHEN, Colônia, Alemanha, 1999

LEAL, João; *Estudos Sobre Arquitectura Popular no Século XX Português*; Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 1ª edição, 2009

LEITE, Elvira; **MATOS,** Lúcia Almeida; **VITORINO,** Sofia; **MARQUES,** Susana Lourenço; *Quem te ensinou?- Ninguém*; Fundação Cecília Zino, Pierrot le Fou, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; primeira edição, 2023

LEITE, Elvira; *A Dimensão Lúdica na aprendizagem*; in Marco Ginoulhiac; Porto, 2017;

LEITE, Elvira; *Lugares imaginários – utopia e transição*; Porto – Fundação Serralves, 2013

LEITE, Elvira; *Oficinas em família*; Coleção oficinas de Serralves 3; Fundação Serralves – programas educativos; 2009

LEITE, Elvira; **GUIMARÃES,** Samuel; *Meu Lugar, Minha Cidade – Habitares Serralves 2001 e 2002*; Fundação Serralves, Serviço Educativo; 2002;

LEDERMANN, Alfred; **TRACHSEL,** Alfred; *Playground and Recreation Center*; The Architectural Press London, second edition, 1968

LEFEBVRE, Henri; *Direito à Cidade*; São Paulo: Centauro; 5ª edição, 2008

MENDES, Manuel; *Sobre o 'Projeto-de-Arquitetura' de Fernando Távora*; Fundação Instituto Marques da Silva; 2015

MOLTENI, Enrico; *Álvaro Siza Barrio de la Malagueira, Évora*; número 5; Sant Cugat, ETSAV e Edicions UPC; setembro 1997

MOTTA, Flávio L.; *Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem*; 2ª edição Livraria Nobel, São Paulo, 1985

NAKAMURA, Toshio; *Álvaro Siza: 1954 - 1988*; A + U Publishing; Tóquio, 1989

NETO, Carlos; *Libertem as crianças – A urgência de brincar e ser ativo*; edição Contraponto; Lisboa, 2020

NETO, Carlo; **LOPES,** Frederico; *Brincar Em Todo O*

Lado; APEI e Câmara Municipal de Cascais, 2ª edição, 2023

RAMALHETE, Flipa; **SILVA**, Sérgio; **CALDAS**, José Castro; **QUINTELA**, João; *in situ*, *Laboratórios de Intervenção em Arquitetura 2012-2019*; CEACTION/UAL Universidade Autónoma de Lisboa; 1ª edição: Outubro de 2020

RODRIGUES, A. Jacinto; *Urbanismo e revolução*; Porto: Edições Afrontamento, 1975

RODRIGUES, Jacinto; *Álvaro Siza / obra e método*; Livraria Civilização Editora; 1ª edição; dezembro 1992

SACKS, Manfred; *Richard Neutra*; Editorial Gustavo Gili; Barcelona 1994

SILVANO, Filomena; *Antropologia do Espaço*; Sistema Solar CRL (Documenta), 2017

SIMPLÍCIO, Maria Domingas; *A evolução da Estrutura Urbana de Évora: o século XX e a transição para o século XXI*; Universidade de Évora, Departamento de Geociências, 2009

SIZA, Álvaro; *Imaginar a Evidência*; edições 70; 1ª edição; fevereiro 2017

SIZA, Álvaro; **CASTANHEIRA**, Carlos; *As cidades de Álvaro Siza*; livraria figueirinhas, 1ª edição: 2001

SIZA, Álvaro; *O 25 de Abril e a transformação da*

cidade; 7 Dez. 1984, publicado na Revista Crítica de Ciências Sociais nº 18/19/20 em Fev. 1985

STRECHT, Pedro; *Uma Certa Harmonia – notas sobre arquitetura, urbanismo e saúde mental infanto-juvenil*; Lisboa: Assírio & Alvim, 2011

TÁVORA, Fernando; *Diário de “bordo”*; Edição Casa da Arquitectura; 2012

TESTA, Peter; *Álvaro Siza / Peter Testa*; Basel, Birkhauser, 1996

TAI, Lolly; **HAQUE**, Mary Taylor; **MCLELLAN**, Gina K.; **KNIGHT**, Erin Jordan; *Designing Out Environment for Children, Landscaping Schoolyards, Gardens, and Playgrounds*, McGraw-Hill, 2006

TRIGUEIROS, Luiz; *Fernando Távora*; Editorial Blau, Lisboa, 1993

UNICEF Portugal, *Construir Cidades Amigas das Crianças, Um quadro para a ação*; Segunda edição; janeiro 2019

VILLAR, Maria Belén Caballo; *A Cidade Educadora – Nova Perspectiva de Organização e Intervenção Municipal*; Instituto Piaget; 2001

Exposições

Álvaro Siza: In/disciplina, Fundação Serralves (2019)

Siza, Fundação Calouste Gulbenkian (2024)

Infantário Revolucionário, Sonoscopia, Cultura em Expansão (2024)

Richochetes, Francis Alys, Fundação Serralves (2024)

Publicações periódicas

ALPAÑÉS, Enrique; *“Te falta calle”: ¿y si el problema no es el exceso de pantallas, sino el escaso tiempo al aire libre?*; artigo do jornal El País; 02 de Junho de 2024

ANDRADE, Sérgio C.; *Na mesa de trabalho de Álvaro Siza*; jornal Público, 18 de Setembro de 2019

COSTA, Alexandre Alves; *A experiência do Porto*; CEACTION/UAL, Estudo Prévio 20. Lisboa

NETO, Carlos; *Agarrados pela mão e pelos ecrãs: um problema sério de saúde pública em crianças e jovens*; artigo publicado no jornal Observador, a 22 Abril de 2024

SIZA, Álvaro; *O 25 de Abril e a transformação da cidade*; 7 Dez. 1984, publicado na Revista Crítica de Ciências Sociais nº 18/19/20 em Fev. 1985

SIZA, Álvaro; *Linhas de ação dos técnicos como técnicos*; publicado na revista Lotus International nº13, 1976

VIEIRA, Siza; revista *Arquitetura Portuguesa*, nº11, 1987

Jardim de Infância João de Deus, Penafiel
Revista *Architécti* n°8, Janeiro de 1991

Fernando Távora e a escola do Cedro
Jornal Diário de Lisboa (3 Ago.1986)

In situ/
*Filipa Ramalheite + Sérgio Silva - Intervenções
Arquitetónicas em Espaços Informais*; revista estudo
prévio; CEAUT/UAL

Princípio Utilizador pagador
Plataforma digital do jornal *Avante!*, artigo de Jorge
Pires; “*O direito aos Serviços Públicos e às Funções
Sociais do Estado*”; 13 Dezembro 2014, Lisboa

Jardim de Infância João de Deus, Penafiel
Revista *Architécti* n°8, Janeiro de 1991

Álvaro Siza
Intervista – diálogo con Álvaro Siza; *Architettura*,
Cronache e Storia 32 (Milão) n°1 (Jan.) 71-74

Publicações Académicas

MOTA, Nelson; “*An Archaeology of the Ordinary -
Rethinking the Architecture of Dwelling from CIAM to
Siza*”; Delft University of Technology (2014)

HUERTA; Alejandro A.; “Richard Neutra’s active
Learning Schools, 1927-1939: from Open Air School
Precedents to Modernist Innovations”; Stanford

University, 2002

Programa televisivo

Entrevista ao prof. Carlos Neto
Conselho de Estádio – Carlos Neto; canal A Bola; 26
de Julho de 2024

Webgrafia

Carta das Cidades Educadoras (ACE, 2020)
[https://www.edcities.org/rede-portuguesa/wp-content/
uploads/sites/12/2023/02/Carta-das-cidades-
educadoras-pt.pdf](https://www.edcities.org/rede-portuguesa/wp-content/uploads/sites/12/2023/02/Carta-das-cidades-educadoras-pt.pdf)

Aprendizagens Essenciais em E.V e E.T, 2º Ciclo
_ [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/
Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/educacao_
visual_2c_ff.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/educacao_visual_2c_ff.pdf)
_ [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/
Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/2c_educacao_
tecnologica.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/2c_educacao_tecnologica.pdf)

Cidades-Educadoras
[https://www.cm-evora.pt/municipo/projetos-municipais/
evora-cidade-educadora/o-que-e-a-cidade-educadora/](https://www.cm-evora.pt/municipo/projetos-municipais/evora-cidade-educadora/o-que-e-a-cidade-educadora/)

Constituição da República Portuguesa
[https://www.parlamento.pt/Legislacao/PAGINAS/
CONSTITUICAOREPUBLICAPORTUGUESA.ASPX](https://www.parlamento.pt/Legislacao/PAGINAS/CONSTITUICAOREPUBLICAPORTUGUESA.ASPX)

Jardim de Infância João de Deus em Penafiel
<https://penafiel.escolasjoaodeus.pt/>
<https://www.biblartepac.gulbenkian.pt/>

Open Air School
arq. Dunker, Amesterdão:
<https://hiddenarchitecture.net/open-air-school/>

Pintura Bruegel
Journal of Historians of Netherlandish Art
[https://jhna.org/articles/homo-ludens-pieter-bruegels-
childrens-games-humanist-educators/](https://jhna.org/articles/homo-ludens-pieter-bruegels-childrens-games-humanist-educators/)

População e demografia
_ <https://www.ine.pt/xportal/ain?xpid=INE&xpgid=ine>
_ [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=i-
ne_dores&indOcorrCod=0008849&contexto=bd&sel-
Tab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_dores&indOcorrCod=0008849&contexto=bd&sel-Tab=tab2)
_ [https://www.pordata.pt/Municipios/Taxa+bruta+de+
natalidade-366](https://www.pordata.pt/Municipios/Taxa+bruta+de+natalidade-366)

Sistema de condução da vinha, “latada”
_ [https://www.infovini.com/classic/pagina.php?codPa-
gina=62®iao=1](https://www.infovini.com/classic/pagina.php?codPagina=62®iao=1)

Tezuka Architects; Fuji Kindergarten
[http://www.tezuka-arch.com/publication/img/files/Cele-
brating%20Childhood%20Final%20Version](http://www.tezuka-arch.com/publication/img/files/Celebrating%20Childhood%20Final%20Version)
[http://www.tezuka-arch.com/publication/img/files/
Celebrating%20Childhood%20Final%20Version](http://www.tezuka-arch.com/publication/img/files/Celebrating%20Childhood%20Final%20Version)

Cinematografia

Nuovo Cinema Paradiso (1988), realizador por
Giuseppe Tornatore;

As Operações SAAL (2007), realizado por João Dias.

Anexos à dissertação

. 1º Seminário interdisciplinar *Infâncias na cidade: Desafios para pesquisas e intervenções em tempos de incerteza*.

O seminário dividiu-se em 4 "mesas":

Mesa 1: *As crianças e as Cidades*;

Mesa 2: *Pesquisas com Crianças em Espaços públicos*;

Mesa 3: *Infância, Pandemia e Direito à Cidade*;

Mesa 4: *Intervenções Espaciais com Crianças*.

Evento realizado durante o período pandêmico, entre os dias 3 a 11 de Dezembro de 2020, organizado pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil - Universidade que o autor deste trabalho frequentou no ano de 2019, âmbito da Bolsa de Estudo Ibero-Americanas Santander).

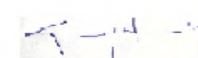
Verifique o código de autenticidade 4849361.2903542.6.5.047951276984258 em <https://www.even3.com.br/documentos>



Certificamos que **José Albuquerque**, participou do evento "1º seminário interdisciplinar *Infâncias na cidade: Desafios para a pesquisas e intervenções em tempos de incerteza* (Mesa1: *As Crianças e as Cidades*).". O evento é uma organização do Núcleo de Estudos de Pesquisas Sobre Infâncias e Educação Infantil da UFMG, juntamente com o Projeto Amigos da Rua. A atividade foi realizada no dia 03 de Dezembro de 2020, com Carga horária de 02 horas.

Belo Horizonte, 03 de Dezembro de 2020.


Levindo Diniz Carvãlho


Samy Lansky

Realização



Faculdade de Educação


Núcleo de Estudos de Pesquisas Sobre Infâncias e Educação Infantil


AMIGOS DA RUA


CAPES

Evento preparatório

UIA 2021 RIO
27ª Conferência Nacional de Assessoria



www.nepei.fae.ufmg.br



nepei@fae.ufmg.br

Verifique o código de autenticidade 4847451.2903542.6.5.043481276984258 em <https://www.even3.com.br/documentos>



Certificamos que José Albuquerque, participou do evento "1o seminário interdisciplinar Infâncias na cidade: Desafios para a pesquisas e intervenções em tempos de incerteza (Mesa2: Pesquisas com Crianças em Espaços públicos)." O evento é uma organização do Núcleo de Estudos de Pesquisas Sobre Infâncias e Educação Infantil da UFMG, juntamente com o Projeto Amigos da Rua. A atividade foi realizada no dia 04 de Dezembro de 2020, com Carga horária de 02 horas.

Belo Horizonte, 04 de Dezembro de 2020.


Levindo Diniz Carvãlho


Samy Lansky

Realização
UFMG

FaE
Faculdade de Educação

nepei


AMIGOS
DA RUA


CAPES

Evento preparatório


UIA 2021 RIO
21o Congresso Mundial
de Arquitetos

 www.nepei.fae.ufmg.br

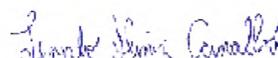
•  nepei@fae.ufmg.br

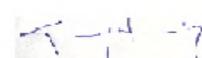
Verifique o código de autenticidade 4876817.2903542.6.5.035013276984258 em <https://www.even3.com.br/documentos>



Certificamos que José Albuquerque, participou do evento "1o seminário interdisciplinar Infâncias na cidade: Desafios para a pesquisas e intervenções em tempos de incerteza (Mesa 3: Infância, Pandemia e Direito à Cidade)." O evento é uma organização do Núcleo de Estudos de Pesquisas Sobre Infâncias e Educação Infantil da UFMG, juntamente com o Projeto Amigos da Rua. A atividade foi realizada no dia 10 de Dezembro de 2020, com Carga horária de 02 horas.

Belo Horizonte, 10 de Dezembro de 2020.


Levindo Diniz Carvãlho


Samy Lansky

Realização




Faculdade de Educação




AMIGOS
DA RUA


CAPES

Evento preparatório


UIA 2021 RIO
27o Congresso Nacional
de Análise

 www.nepei.fae.ufmg.br

 nepei@fae.ufmg.br

Verifique o código de autenticação 4876838.2903542.6.5.035090276984258 em <https://www.even3.com.br/documentos>



Certificamos que José Albuquerque, participou do evento "1o seminário interdisciplinar Infâncias na cidade: Desafios para a pesquisas e intervenções em tempos de incerteza (Mesa 4: Intervenções Espaciais com Crianças)." O evento é uma organização do Núcleo de Estudos de Pesquisas Sobre Infâncias e Educação Infantil da UFMG, juntamente com o Projeto Amigos da Rua. A atividade foi realizada no dia 11 de Dezembro de 2020, com Carga horária de 02 horas.

Belo Horizonte, 11 de Dezembro de 2020.


Levindo Diniz Carvvalho


Samy Lansky

Realização

UFMG

FaE
Faculdade de Educação

nepei

AMIGOS
DA RUA

CAPES

Evento preparatório

UIA2021RIO
21o Congresso Mundial
de Arquitetura



www.nepei.fae.ufmg.br



nepei@fae.ufmg.br

Anexos à dissertação

. Ciclo de conferências: *Arquitetura e Educação de Infância: construindo o presente... e o futuro.*

APEI, 4 de Novembro de 2023, realizado no auditório da FAUP.



CERTIFICADO • CICLO DE WEBCONFERÊNCIAS

Certifica-se que
José Miguel Albuquerque

participou no

CICLO DE WEBCONFERÊNCIAS
Arquitetura e Educação de Infância: construindo o presente... e o futuro

que decorreu em formato híbrido, no dia 4 de novembro de 2023, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e online (Zoom), com a duração de 3 horas, sendo formadora responsável a Professora Cristina Mesquita, doutorada em Estudos da Criança

A Diretora do Centro de Formação
Teresa Figueiredo
(Teresa Cândido de Figueiredo)
Lisboa, 8 de novembro de 2023

apei Associação de Profissionais de Educação de Infância
CENTRO DE FORMAÇÃO (CCPFC/INT-AP-0521/22)

Este Seminário foi reconhecido pela Comissão Pedagógica do Centro de Formação da APEI, como ação de curta duração, nos termos previstos no Despacho nº 5741/2015, de 29 de maio. Comissão Científica: Arnelia Marchão, Ana Isabel Santos, Clara Craveiro, Cristina Mesquita, Joana Freitas-Luis, Maria Helena Horta, Maria José Infante

Anexos à dissertação

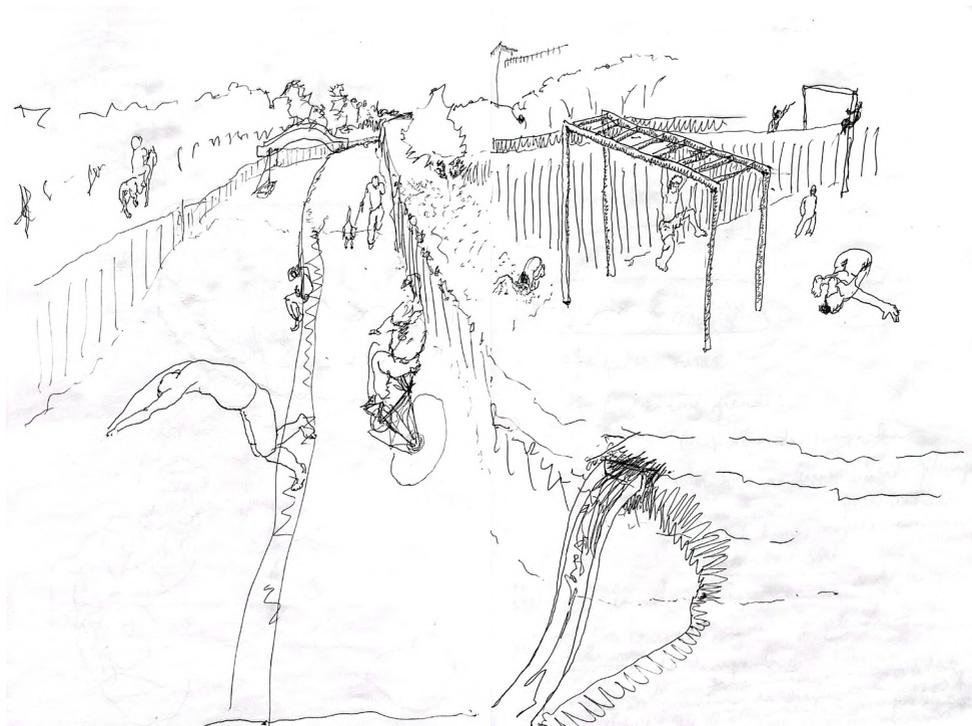
. Caderno entregue às crianças no dia do *Passeio (Cri)*
Ativo Pela Cidade

Passeio (Cri)Ativo pela Cidade

Escola Básica Conde Vilalva

até

Bairro da Malagueira



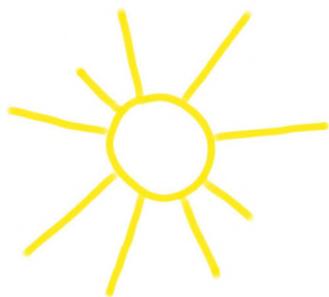
Nome _____

José Albuquerque, prof. E.V. e E.T.
Maio de 2024

O povo é quem mais ordena
dentro de ti
ó cidade

Grândola Vila Morena

José Afonso, 1971



Chegou o dia.

É num belo dia de primavera que vamos dar início a um novo capítulo das nossas aulas de Educação Visual e Educação Tecnológica. Hoje, irás participar numa aula-passeio chamada *Passeio (Cri)Ativo pela Cidade*, onde terás oportunidade de pensar a Cidade para ti e para os teus amigos. Terás de dar atenção a duas vertentes: o Património e as Estruturas.

Ao longo deste passeio terás este caderno que te irá acompanhar. Como um companheiro de viagem. Será o teu guia. Está dividido numa primeira parte, com um conjunto de imagens de referências para te inspirares, e uma segunda parte, onde tens um conjunto de tarefas para realizares, a respeito do nosso passeio (cri)ativo de hoje. Neste caderno irás encontrar um mapa que vós, estudantes, de forma autónoma terão de trilhar até ao último ponto assinalado.

Vai estando atenta ou atento a vários elementos que constituem e caracterizam o espaço público: os monumentos, os edifícios, as construções históricas, as ruas, as ciclovias, as passeadeiras, as árvores, a vegetação, os chafarizes, os candeeiros, os bancos, e muito mais. Não te esqueças dos teus sentidos: o tacto, a visão, o olfato, a audição e mesmo o paladar! Como também, das histórias que já lá viveste.

Sê ousada ou ousado e ambiciona **participar na transformação** positiva do nosso mundo, por mais pequeno que ele seja, está nas nossas mãos o seu cuidado - seja o quarto ou a casa, a sala de aula ou a escola, o chafariz ou o parque.

Bom passeio!



Children's Games, 1560
Pieter Bruegel

Esta pintura do período Renascentista retrata uma paisagem urbana repleta de crianças a brincar. Uma imagem secular que remete a nossa memória para os tempos idos, onde as ruas das Cidades eram vividas pelos seus moradores.



Girl's playground, Estados Unidos da América 1905

fonte: *Library of Congress Prints and Photographs Division, Washington*



African American girls playing games, Estados Unidos da América 1922

fonte: *New York Public Library Digital Collections*



Open Air-School, Escola de Scheveningen, Haia 1908

«Modernist architects were most concerned instead with larger windows and greater transparency, chiefly oriented to the world outside. Open-air schools were popular among architects (...) but they brought no change to the authoritarian proportions of time-honoured orthodox education. Clearly, architects however progressive were simply not concerned with renewal in teaching and learning.»

Herman Hertzberger 2008



Open Air-School, Escola Leiden, Katwijk 1921

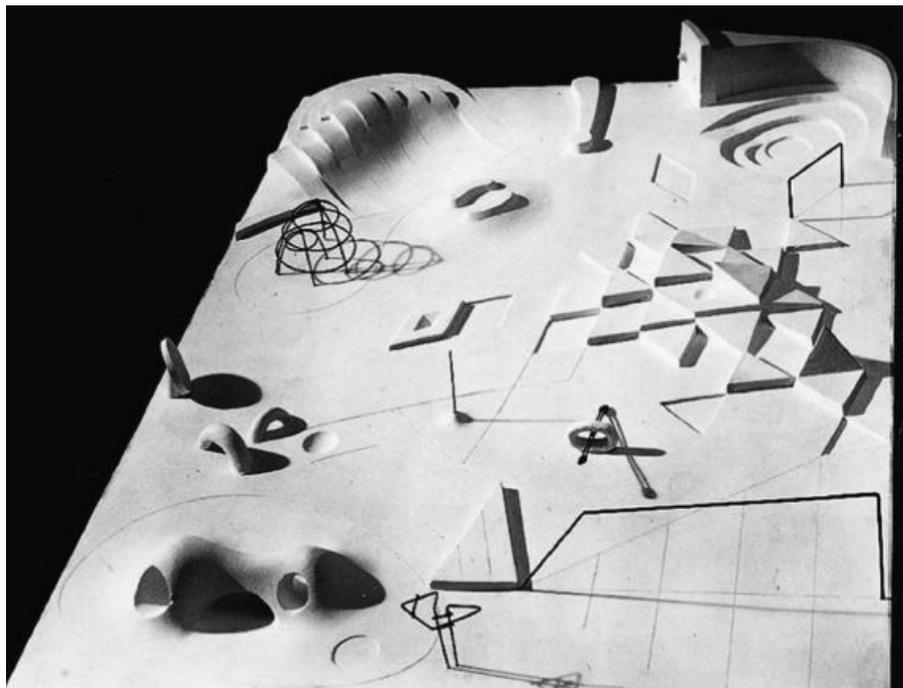


Esculturas praticáveis do Belvedere do Museu de Arte Trianon, São Paulo 1965
Lina Bo Bardi



Bubblescape, Ovar 2015
LIKEarchitects

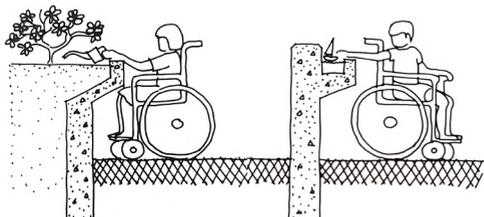
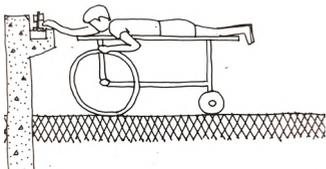
«invulgar e divertido espaço de estar, que deu prevalência, ainda que temporariamente, ao transeunte»



Playscapes, UN playground model 1952
Isamu Noguchi

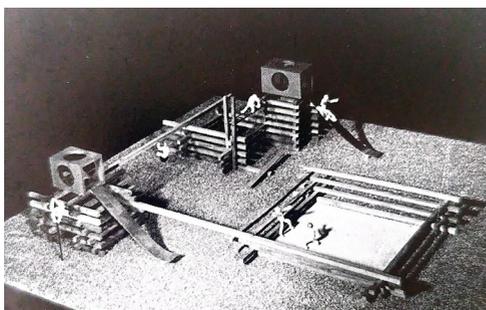
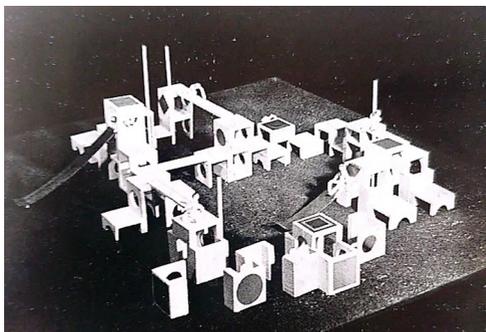


Playscapes, Riverside Playground 1964
Isamu Noguchi

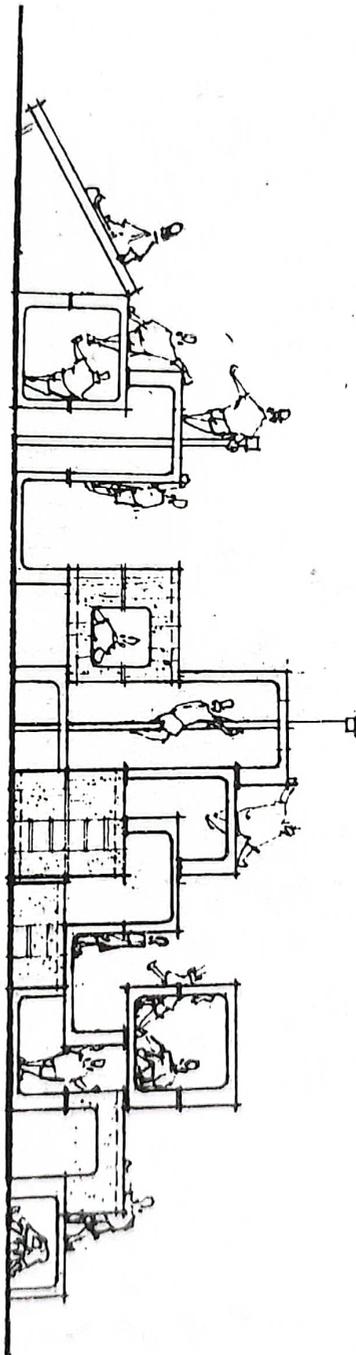


Parques infantis para crianças portadoras de incapacidade física.

Desenhos do *Playground Bird S. Coler Hospital Welfare Island*, Estados Unidos da América



Parques infantis a partir de sistemas modulares, Nova Iorque
M. Paul Friedberg & Associates





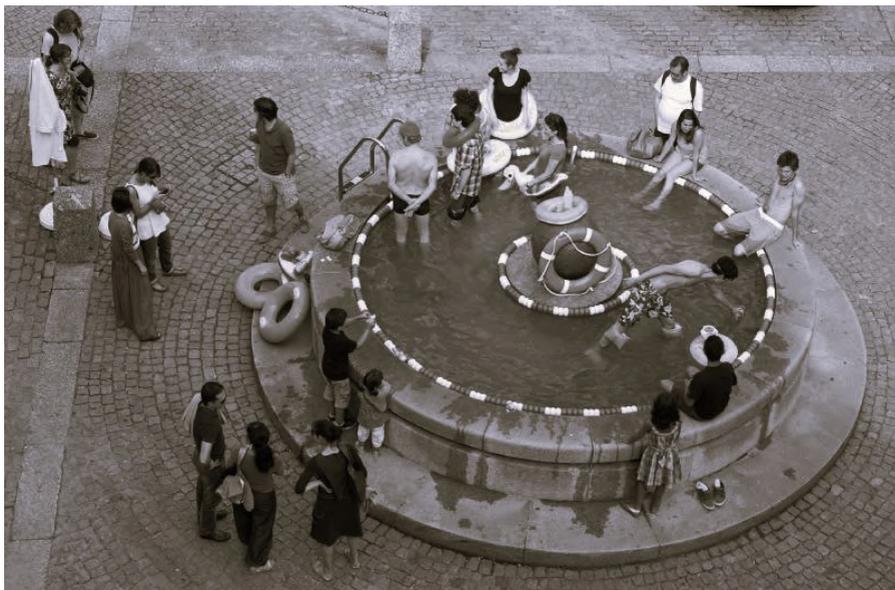
“Water has a great fascinaion for children: showers, paddling in dirty water, fountains and sprays arouse ever-fresh enthusiasm. That is why water should never be missing from any playground.”

A. Ledermann; A. Trachsel



Wasserspielplatz Düsseldorf, 1956

Ulrich Wolf



O projeto para a cidade de Guimarães passou por intervir nas várias fontes que a cidade possui, adaptando a «inusitadosos espaços balneares». Ao intervir diretamente nessas infraestruturas hídricas, criam-se novas oportunidades de uso aos elementos que compõem o espaço urbano «redefinido os limites físicos da cidade habitável».



Fonte Hacks, Guimarães 2012

LIKEarchitects



O Direito de Participação (na vida pública ou no urbanismo) está consagrado no nosso país, desde 1976 - realidade que não tem expressão na vida e crescimento das crianças.

A plenitude da democracia, passa por entregar mais poderes de planeamento e decisão às populações que serão auxiliadas pelos técnicos (como os arquitetos) antes, durante e depois dos trabalhos.

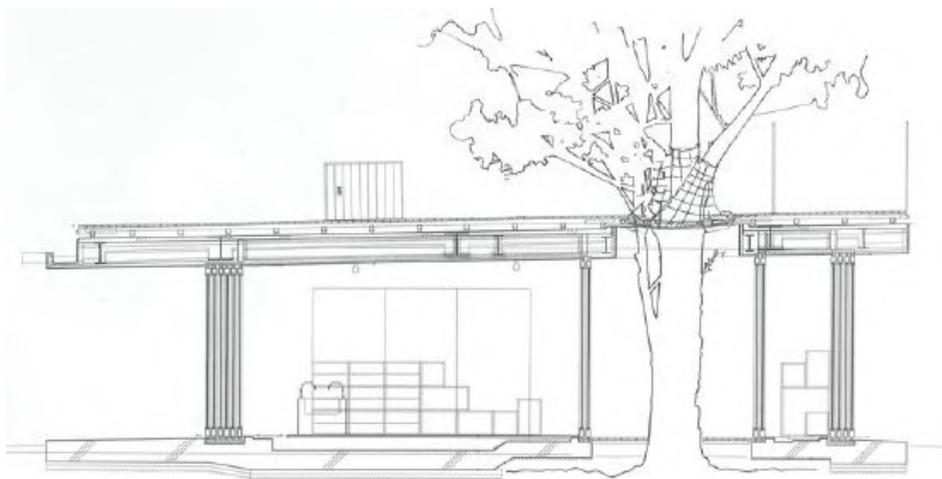


Filme «As Operações SAAL» de João Dias, 2007
O 25 de Abril e o Direito de Participação



Foi já em tempos de Liberdade que Elvira Leite desenvolve um projeto com as crianças do Bairro da Sé no Porto, em 1976. Naquele tempo as crianças trabalhavam, a pobreza e o analfabetismo eram comuns entre a população portuguesa. Elvira Leite veio propor o uso da cidade como espaço de trabalho para as crianças, espaço de estudo, das brincadeiras e da participação de todos.





Nesta escola que segue o Método Montessori, a sala de aula rompe com o modelo convencional. Os limites transparentes transformam a sala de aula na continuação do jardim.



Fuji Kindergarten, Tachikawa, Tóquio 2007
Takaharu + Yui Tezuka Architects

Bora lá?! 



Planta da Cidade de Évora com marcação, a linha laranja, do percurso
Escola - Bairro da Malagueira



0m 140m

1. Quantos metros, aproximadamente, percorremos no nosso passeio entre a escola e o último ponto assinalado no mapa?

2. No sentido do nosso passeio, dirigimo-nos para que ponto cardeal ?

Qual o nome e a função desta Estrutura?

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade?



Esta construção está classificada como Património?



Qual o nome e a função desta Estrutura?

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade?

Esta construção está classificada como Património?

Qual o nome e a função desta Estrutura?

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade?

Esta construção está classificada como Património?



Qual o nome e a função desta Estrutura?

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade?

Esta construção está classificada como Património?

Qual o nome e a função desta Estrutura?

Qual a data da sua fundação e qual a sua materialidade?



Esta construção está classificada como Património?

Regista um

son

Regista um
Cheiro

Regista um
elemento
maturo

Regista um
elemento
artificial

Encontraste
algo comestível
no nosso passeio



Que imagem re-
gistas do nosso
passado

Nome do grupo

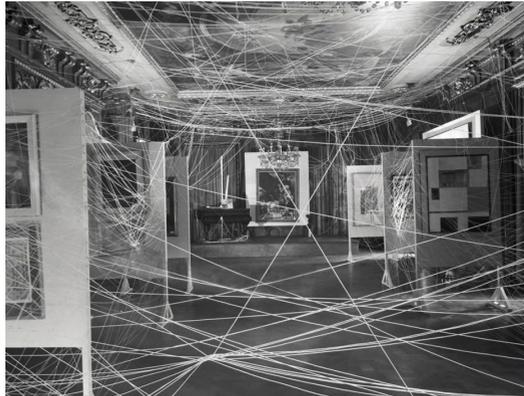
	Linha	Alcado	Planta
CCP (Fusca ou colar)			
que figerom			
Como figerom			
Rabisco			
Titulo			



Cobertura-jardim do Edifício Gustavo Capanema, Brasil 1938
Roberto Burle Marx



Sombras projetadas, Paris 1964
Lourdes Castro e René Bertholo



First Papers of Surrealism, Manhattan 1942
Marcel Duchamp

INQUÉRITO

1. Já tinhas vindo brincar para o Parque Infantil da Malagueira?
2. Consideras que este Parque Infantil tem condições para vires com os teus amigos? Porquê?
3. O que está em falta neste espaço para ser considerado um Parque Infantil?
4. Se fosses tu quem mandasse, o que proponhas para este espaço?
5. Costumas passear sozinho ou com amigos pela cidade? Onde mais gostas de ir na cidade?

Bibliografia

AGUIAR, Diogo; *O Lúdico, a Partir do Efémero*; Marco Ginou-Ihiac, Março 2017, Porto

HERTZBERGER, Herman; *Space and Learning - Lessons in Architecture* 3; 010 Publishers, Rotterdam 2008; pág. 11-15

LARRIVEE, Shaina D.; *Playscapes: Isamu Noguchi's Design for Play*; Public Art Dialogue, Vol. 1, Issue 1, March 2011, 53–80

LEITE, Elvira; **MATOS**, Lúcia Almeida; **VITORINO**, Sofia; **MARQUES**, Susana Lourenço; *Quem te ensinou?- Ninguém*; Fundação Cecília Zino, Pierrot le Fou, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; primeira edição, 2023

LEDERMANN, Alfred; **TRACHSEL**, Alfred; *Playground and Recreation Center*; The Architectural Press London, second edition, 1968

NETO, Achilles Costa; *As Collages de Lina Bo Bardi* in Revista *Pixo* n.27, v.7, Primavera 2023; pág.156-175

UNICEF Portugal, *Construir Cidades Amigas das Crianças, Um quadro para a ação*; Segunda edição; janeiro 2019

